

Dharma: a Base da Vida Humana

Swami Paratparananda

(*) Publicado na edição de Nov/Dez de 1984 da revista "Vedanta Kesari"

(Cedo ou tarde o homem descobre que os prazeres que os sentidos trazem a ele são extremamente transientes e até contra-produtivos. É o Dharma que o coloca em contato com o mundo supra-sensório da Realidade e o eleva da existência do bruto para a vida Divina. Swami Paratparananda, dirigente do Ramakrishna Ashrama, Argentina¹ e um ex-editor da "Vedanta Kesari"², explica como Sri Ramakrishna enfatiza que o principal ingrediente do Dharma ou disciplina religiosa é a renúncia – externa, se possível, mas interna, categoricamente).

Vários são os significados deste termo sânscrito, Dharma. Por exemplo, retidão, a natureza inata de algo, deveres devido ao nascimento e posição na vida, são alguns deles. Nós lidaremos aqui com o mencionado em primeiro lugar, isto é, retidão, retitude ou religião como é algumas vezes definido. É claro que na Índia a religião inclui deveres de acordo com *varna* e *âsrama* (nascimento e posição na vida) apesar de que estes são conceitos não tão rigidamente praticados hoje em dia. Religião ou Dharma é algo mais do que a mera conformidade com obrigações sociais, restrições ou regras; mais do que meros dogmas e credos. Regras sociais e códigos morais podem e realmente mudam de acordo com a época e lugar. Por exemplo, o que é considerado como imoral em alguns países pode ser aceito como totalmente normal ou natural em outros, etc. Mas mera moralidade não é a meta e finalidade do homem. É apenas o meio para atingir algo superior, algo eterno e este algo é o sujeito da religião ou Dharma. Pode-se chamar este sujeito como Deus ou Espírito ou por qualquer outro nome.

A questão que surge na mente do homem moderno é: que papel pode a religião desempenhar na atual era de ciência e tecnologia? Poderá ela sobreviver aos ataques destas forças? Devemos lembrar que a ciência e a tecnologia lidam com a matéria, coisas perecíveis e não eternas. A matéria, por mais que possa durar, um dia se destrói; ela não pode durar para sempre, não pode ser permanente. Tendo sido composta de elementos, deve retornar mais cedo ou mais tarde aos seus elementos; e aquilo que não é permanente não pode dar felicidade duradoura. O homem nunca consegue felicidade duradoura. O homem nunca se satisfaz com a riqueza. Quanto mais ele tem, mais ele deseja. Assim também é o

¹ O Swami foi dirigente espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina de 1973 a 1988.

² O Swami foi Editor da revista em inglês Vedanta Kesari de 1962 a 1967.

caso com os prazeres dos sentidos. O corpo pode ficar fraco, mas o desejo por eles não deixa o homem. Habilmente Bhartrihari disse no seu Vairagya Sataka: *bhogâ na bhuktâ vayam eva bhuktâh*, "Os prazeres mundanos não foram desfrutados por nós; pelo contrario nós mesmos temos sido devorados".³ E ele continua: *trsnâ na jirnâ vayam eva jirnâh*, "O desejo não é enfraquecido, apesar de que nós mesmos nos debilitamos".⁴ E mais: *valibhir mukham âkrântam pâlitena ankitam sirah, gâtrâni sithilâyante trsnaikâ tarunâyate*, "A face está coberta por rugas, a cabeça pintada de branco (por causa dos cabelos grisalhos), os membros se tornaram fracos, apesar de que apenas o desejo é sempre rejuvenescido".⁵ Esta é a condição do homem entregue à satisfação dos sentidos. A ciência e a tecnologia ainda não descobriram métodos de parar ou prevenir este declínio ou deterioração das forças físicas e mentais do homem nem trazer a ele a satisfação que pode durar mesmo sob circunstâncias adversas como enfermidade e senilidade, etc.

Contudo, nós não dizemos que não existam pessoas que ignorem as realidades da vida e tentem desfrutar dos prazeres. Como o avestruz, que quando caçado, se diz, corre tanto quanto pode e enfia sua cabeça na areia e acredita que não há mais perigo ou inimigos. Para estas pessoas este mundo é tudo quanto existe. No Kathopanishad, Yama diz: "O além nunca aparece diante das pessoas tolas, enganadas pela ilusão da riqueza. Aqueles que pensam: 'Este é o único mundo e não há nenhum outro', caem sob meu domínio inúmeras vezes".⁶ Swami Vivekananda diz: "Somente os tolos correm atrás dos gozos dos sentidos. É fácil viver nos sentidos. É mais fácil andar pelo velho caminho com o piso batido, comendo e bebendo, mas o que estes modernos filósofos querem dizer a você é que peguem estas idéias confortáveis e coloquem o selo da religião nelas. Tal doutrina é perigosa. A morte jaz nos sentidos. A vida no plano do Espírito é a única vida, a vida em qualquer outro plano é apenas a morte".⁷ Aqui nós encontramos a resposta também para aqueles que querem fazer da religião algo confortável, adaptada ao plano sensorio.

O homem busca a felicidade e acha que pode obtê-la nos objetos dos sentidos; mas, tristemente, ele descobre que a felicidade que estes objetos podem dar é de muito pouca duração e que ele tem que ganhá-la a um custo muito elevado. Ele começa com tremendo otimismo, mas quando fica velho, gradualmente torna-se um pessimista. Swami Vivekananda declara: "A felicidade real não está nos sentidos, mas acima dos sentidos e está em todos os homens. O tipo de otimismo que vemos no mundo é o que levará até a ruína através dos sentidos."⁸

³ Vairagya Sataka, 7.

⁴ Ibid.

⁵ IBID. 8.

⁶ Kathopanishad, II.6.

⁷ Complete Works of Swami Vivekananda, 5:267

⁸ Ibid., 283.

Novamente, por mais que o homem tenda a ignorar o fato de que o sofrimento, físico e mental é inevitável no plano sensório e mergulhe completamente nele, um dia chegará quando ele perguntará a si mesmo: “É isto tudo? Será a meta da vida viver como plantas e animais por alguns anos e morrer?” Isto é um imperativo, pois enquanto o homem retiver a faculdade do raciocínio, ele não pode deixar de colocar estas questões para si mesmo quando deparar com terríveis e insuperáveis circunstâncias. E este raciocínio deveria levá-lo a auto-análise e gradualmente à Religião, pois tendo sofrido no plano dos sentidos ele não tem outra alternativa além de tentar conseguir consolo de algo superior e não perecível.

Agora vamos ver o que a Religião realmente significa e o que ela pode fazer por nós. Religião é um sistema de disciplinas que traz uma penetração intuitiva na natureza real do mundo espiritual, pelo controle dos sentidos e a conquista da mente. Com esta penetração intuitiva, nós chegamos a conhecer o propósito real da vida humana, como também sobre a vacuidade do mundo sensual. Swami Vivekananda afirma: “Este nosso universo, o universo dos sentidos, racional, intelectual, está cercado de ambos os lados pelo ilimitado, o não-conhecível, o sempre desconhecido. Nisto está a busca, nisto estão as investigações, aqui estão os fatos; disto vem a luz que é conhecida para o mundo como religião. A Religião pertence ao Supra-sensório e não ao plano sensório. Está além de todo raciocínio e não está no plano do intelecto. É uma visão, uma inspiração, um mergulho no desconhecido e não-conhecível, fazendo o não-conhecível mais do que conhecido, pois ele jamais poderá ser conhecido.”⁹ Isto parece ser um paradoxo, à uma primeira leitura, mas se nós pararmos e refletirmos, poderemos ser capazes de compreender a verdade por detrás desta afirmação. A mente humana em sua forma impura pode conhecer apenas coisas apresentadas a ela pelos cinco sentidos e nada mais. É por isso que o Espírito é chamado de não-conhecível; mas quando esta mesma mente se livra de sua impureza, seu apego e desejos, ela é capaz de perceber o não-conhecível, fazendo-o mais do que conhecido. Pergunta Yajnavalkya: “Com o quê você conhecerá o Conhecedor”- *vijnataram are kena vijaniyat*. Este desconhecido pode ser percebido somente através de uma mente pura, afirma o Kathopanishad: *manasaivedam aptavyam*, “Somente pela mente isto será realizado.”¹⁰

O melhor testemunho com relação à vida interior é daqueles que mergulharam profundamente nela e eles são os homens capazes de falar sobre o assunto. Vamos ver o que Swami Vivekananda diz sobre a necessidade desta busca do que está além: “A vida será um deserto, a vida humana será em vão, se nós não pudermos conhecer o que está além. É muito bom dizer: Contente-se com as coisas do presente. As

⁹ Ibid., 3:1

¹⁰ Kathopanishad, IV.11

vacas e os cães estão e estão também todos os animais e isto é o que os faz animais. Portanto se o homem contenta-se com o presente e abandona toda busca do que está além, a humanidade terá que voltar ao plano animal de novo. É a religião, a investigação do que está além que faz a diferença entre um homem e um animal.”¹¹ Respondendo à uma pergunta sobre o que a religião pode fazer por nós, ele afirma: “A salvação não consiste na quantidade de dinheiro que está em seu bolso ou na roupa que você veste ou na casa em que você vive, mas na riqueza do pensamento espiritual em seu cérebro. Isto é o que promove o progresso humano, esta é a fonte de todo progresso material e intelectual, o poder motivador atrás do entusiasmo que empurra a humanidade para a frente.”¹²

Além disto, a Religião pode nos dar a vida eterna, trazer-nos a Luz que jamais falha e a paz e tranqüilidade constantes. Contudo a religião não deveria ser julgada do ponto de vista das posses ou coisas materiais. Swami Vivekananda comenta: “Várias vezes você escuta esta objeção levantada: ‘Pode ela retirar a pobreza dos pobres?’ Suponha que ela não possa, isto provaria a inverdade da religião? Suponha que uma criança se levante entre vocês quando você está tentando demonstrar um teorema astronômico e diz, ‘Isto vai me dar biscoitos de gengibre?’ ‘Não, isto não vai dar’, você responde. ‘Então’, diz a criança, ‘não serve para nada’. Crianças julgam o universo inteiro de seu ponto de vista, de produzir biscoitos de gengibre; e assim também fazem as crianças do mundo. Nós não devemos julgar as coisas superiores de um baixo ponto de vista... A Religião interpenetra toda a vida do homem, não apenas o presente, mas o passado, presente e futuro... É lógico medir seu valor por sua ação sobre cinco minutos da vida humana?”¹³ Ele continua: “A Religião fez do homem o que ele é e fará deste humano animal um Deus. Isto é o que a religião pode fazer. Tire a religião da sociedade humana e o que restará? Nada além de uma floresta de brutos.”¹⁴

Do que foi dito nós vemos como a religião está inerentemente absorvida na estrutura da existência humana, mais ainda, a própria existência do homem depende dela. E é por isso que o Senhor se encarna sempre que houver o declínio de Dharma e o crescimento de Adharma, como Ele mesmo diz no Bhagavad Gita. Agora nós veremos quais são as disciplinas que a religião recomenda para atingir o supremo estado da Eterna Bem-aventurança que ela promete. A primeira e mais importante destas disciplinas é a renúncia, sem ela o homem não pode avançar em direção à meta. Pode-se perguntar: são todas as pessoas capazes de renunciar ao mundo? Certamente que não. Então a salvação que a

¹¹ Complete Works of Swami Vivekananda, 3:3

¹² Ibid.

¹³ Ibid., 3-4

¹⁴ Ibid., 4

religião promete é para uns poucos? Se for assim, por que deveria a maioria da humanidade ter interesse nela? Sri Ramakrishna responde: "Não é possível adquirir a renúncia de forma repentina. O fator tempo deve ser levado em consideração. Mas também é verdade que um homem deveria escutar sobre ela. Quando a hora certa chegar, ele dirá a si mesmo: 'Ó, sim, eu escutei sobre isto.' Você deve também se lembrar de outra coisa. Constantemente ouvindo sobre a renúncia, o desejo pelos objetos do mundo gradualmente se desvanece".¹⁵ Sri Ramakrishna aconselha aos chefes de família a cultivarem a renúncia interna e amor por Deus, a serem desapegados pelas coisas do mundo e a buscarem a companhia de pessoas santas. Mas ele categoricamente diz que sem a renúncia, pelo menos a interna, não se pode atingir a Meta.

¹⁵ Gospel of Sri Ramakrishna (New York: Ramakrishna Vivekananda Center), p. 502

A GRAÇA DIVINA

26-09-1979

Por Swami Paratparananda

Poucas são as pessoas que tentam levar uma vida verdadeiramente espiritual, pois, como já vimos em ocasiões anteriores, esta não consiste em aceitar ou crer em alguns dogmas e credos, nem em fazer determinados exercícios físicos, nem em buscar e fazer milagres, nem tampouco no mero saber livresco das escrituras. Significa dedicação a Deus, seguir um caminho que culmine na aniquilação da ignorância e na realização do Ser Supremo, na percepção direta e íntima da Realidade. Isto não é uma tarefa fácil, se necessita infinita paciência, constância na prática da oração, domínio sobre os sentidos e sobre a mente e finalmente a graça divina. Ainda que mencionamos esta no final, nem por isso é de menor importância; pelo contrário, todos os outros fatores dependem dela. Sem a graça divina não se pode avançar nem um passo na vida espiritual.

Pode-se perguntar: Por acaso a graça divina não age no mundo? Afastou-se Deus do mundo? Se esta é Sua criação, como pode abandoná-la? Além disto, não dizem as escrituras que Deus mora em todos os seres, e que é onipresente? Então que significa dizer que só na vida espiritual age a graça divina? Por certo estas são perguntas sem respostas, ou melhor dito, não se pode responder de outra maneira senão admitindo que Deus nunca se afastou do mundo e que o cuida bem, que sua graça desce por igual sobre o malvado e piedoso, assim como o sol brilha sobre todo o universo sem fazer nenhuma distinção, ou como a chuva cai indistintamente sobre a terra fértil e a estéril, e isto em um sentido, é muito mais certo.

Estamos conscientes deste fato, mas há distintas maneiras de beneficiar-se com a graça divina. Alguns o fazem no mundo material, aproximando-se de Deus para conseguir coisas materiais. Quando Deus lhes responde á seus pedidos, por exemplo, de cura de enfermidades, pensam que lograram um alto nível de elevação espiritual, e assim envaidecidos, perdem de vista a meta da vida.

Deus é como uma mãe indulgente que nos perdoa tudo. Além disso, cumpre nossos pedidos por mais daninhos que sejam para nós, para que não nos sintamos enganados ou abandonados. Deixa que aprendamos, pelas amargas experiências de nossas ações, como são o mundo e seus objetos. Bendito é aquele que vê a graça divina em seus sofrimentos e tenta ver em que consiste a verdadeira felicidade, e depois se esforça para consegui-la. Mas, desgraçadamente, as pessoas sempre buscam coisas prazerosas mesmo depois de repetidos fracassos em suas tentativas para obtê-las. E espera que o mundo mude e lhes proporcione

algum dia e para sempre os objetos desejados e sem nenhuma amarga conseqüência. Essa gente é como os camelos que gostam de certos arbustos espinhosos, e enquanto os comem suas bocas sangram, mas ainda assim não deixam de comê-los. Essas pessoas continuarão pedindo a Deus os mesmos objetos sensórios; são como aqueles que foram ver a um rei generoso e lhe pediram coisas de pouco valor como abóboras ou batatas. Por certo, pensam que são objetos preciosos, porque são pessoas de visão curta, desejam só o que podem perceber por seus sentidos, sem indagar por seu valor nem nas conseqüências que isto pode trazer.

Também se pergunta: "Por que Deus não nos tira o apego pelos objetos do mundo?" As crianças gostam de brincar no quintal, com diferentes tipos de brinquedos, e eles não gostam que sua mãe os tire de lá enquanto eles se sentem entretidos. Vão chorar e gritar se isto acontece. Só quando se fartam ou se machucam, deixam de brincar e chamam a mãe; do mesmo modo Deus sabe que se de repente tira dos aspirantes o apego aos seus entretenimentos, estes se sentirão infelizes. Ensina-lhes pouco a pouco a vacuidade de tudo que os sentidos podem apreciar. Esta também é a graça divina: fazer-nos saber que o mundo com toda sua beleza panorâmica é uma ilusão. Sri Ramakrishna costumava dizer: "Só Deus é real, e toda outra coisa é irreal; só o mago é real e sua magia irreal, existe por um momento e depois desaparece". Mas, tal é nosso apego ao efêmero, que seguimos agarrados a ele ainda que nos doa. Na juventude, quando o sangue ferve, tudo parece formoso, cheio de alegria e encanto. Mas à medida que vão passando os dias, esse mesmo mundo muda seu aspecto e então o homem não somente vê a alegria como também o pesar e o sofrimento. Mais tarde vê que há muita tristeza e pouco prazer neste mesmo mundo que lhe havia parecido tão formoso antes. No entanto, os hábitos que cultivou e os deveres com que se comprometeu toda a vida não o deixam sair do casulo que ele mesmo construiu. Entre milhares talvez um se atreva a sair de lá pela graça divina. Outros, sem poder desfazer-se do apego e do encanto do mundo arrastam os dias que lhes sobram de um ou outro modo, muitas vezes jogando a culpa de sua desgraça no destino ou em Deus. Herói é aquele que mesmo neste momento pode ver que isto também é a graça divina, mas haverá muito poucos que possam sentir assim, pois sentindo esta condição, tentariam remediar as coisas ou pelo menos resolveriam mudar o rumo de suas vidas no mesmo momento, ou desejariam com todas suas forças não repetir os mesmos erros que fizeram durante esta vida. Só a pessoa que vê em tudo, não somente no agradável, a manifestação da graça divina, pode dizer que ela reina sempre no mundo.

Agora vamos ver porque postulamos que os outros fatores que nos levam até Deus também dependem de Sua graça. Como vimos, a rede da ilusão é vasta, e intrincada a maneira em que atua. Por isso Sri Krishna disse: "Esta Minha divina maia, constituída pelos gunas é difícil de transcender; só os que se refugiam em Mim (o Senhor) podem atravessá-la". Todos os seres sem exceção estão sujeitos à ilusão, pois tudo no

mundo está feito dos três gunas, os constituintes de maia. A força dos gunas é considerável; transcende-los é uma tarefa sumamente difícil, e pode conseguir-se unicamente pela graça de Deus. Para transcender a ilusão ou o feitiço que projeta o mundo, se necessita de desapego, o qual se chega a ter se houver discernimento entre o que é Real, eterno e o que é irreal, transitório e estritamente aderir-se ao Real ou Deus, descartando todo desejo de gozo mundano. Em seguida é necessário praticar o domínio sobre os sentidos e a mente. Sabemos quão vacilante é esta. Se não temos a convicção de que o mundo e seus objetos são de pouca duração, a mente continuará sua corrida atrás das coisas de seu gosto e nos envolverá na ilusão toda nossa vida. Portanto esta convicção deve ser apoiada por um forte desapego às coisas que dão prazer. Depois vem a prática das virtudes como a paciência, a fé nas palavras das escrituras e coisas semelhantes. Tudo o qual está sob a jurisdição de maia, a ilusão, para vencer a qual necessitamos, como já vimos, da graça divina.

Às vezes até os aspirantes se queixam de que Deus é parcial, que a alguns dá a oportunidade e lhes abre o caminho, enquanto a outros não mostra Sua graça. Sri Krishna responde a isto no Bhagavad Guita: "Eu trato por igual a todos os seres, não tenho preferências, nem desprezo a ninguém; mas os que adoram a Mim (ao Senhor) estão em Mim e Eu neles". Sri Shankaracharia comentando este verso disse: "O Senhor afirma que Ele é como o fogo: assim como o fogo não tira o frio dos que estão longe, mas o faz aos que se aproximam dele, do mesmo modo Deus mostra Sua graça a Seus devotos e não a outros. Os que adoram ao Senhor, por causa desta mesma adoração se tornam limpos de coração, um lugar apto para sua morada". Também, assim como a luz do sol, ainda que caia sobre todos os objetos, é refletida nitidamente em um espelho limpo, do mesmo modo, a mente pura do devoto reflete a luz de Deus mais que a das outras pessoas. Além disso, Ele olha o fundo do coração do aspirante. Uma pessoa que levou uma vida má durante um longo tempo, mas depois a transforma, não está perdida a seus olhos; também esta pessoa pode chegar a ser santa, como afirma Sri Krishna no verso seguinte: "Até se um malvado da pior categoria Me adora com sua mente por completo dedicada a Mim deve ser considerada boa pessoa, pois tomou uma determinação correta. Logo se tornará puro e logrará a paz eterna. Ó filho de Kunti, proclama ao mundo que Meu devoto jamais perece!" Vemos assim que para Deus ninguém é desprezível nem condenável pela eternidade.

Como atua a graça divina no campo espiritual? Sri Ramakrishna certa vez disse: "Se alguém se refugia em Deus e Lhe roga com grande anelo, Deus com toda segurança escuta; com certeza Lhe abrirá o caminho. Talvez o devoto não se case e assim poderá dedicar toda sua atenção a Deus. Ou talvez seus irmãos ganhem o suficiente para a subsistência da família, ou pode ser que um filho tome sobre si a responsabilidade da família. Então o aspirante não terá problemas com o mundo; poderá dar cem por cento de sua mente á Deus". Também costumava contar uma estória para ilustrar como tinha que rogar a Deus

e com que classe de anelo: "Certas pessoas me perguntam - dizia Sri Ramakrishna - Senhor, por que Deus criou este mundo em que quase tudo é sofrimento? Não há saída para nós? Eu lhes digo: Por que não há de haver uma saída? Tome refúgio em Deus e rogue-lhe com um coração anelante pedindo vento favorável para que as coisas se arrumem. Se O chamais com anelo certamente vos escutará". Depois contou a estória: "Havia uma vez um homem, cujo filho estava a ponto de morrer. Em seu desespero pediu remédios a varias pessoas. Uma delas lhe disse: 'Há um remédio; primeiro deve chover quando a estrela Svati esteja no ascendente; depois, um pouco dessa chuva deve cair em uma caveira; em seguida uma rã deve aproximar-se e beber esta água e uma serpente deve caçá-la; e quando a serpente esteja a ponto de picar a rã, esta deve dar um salto e o veneno deve cair na caveira. Em seguida, é preciso dar ao enfermo um pouco do veneno com a água da chuva que está na caveira.' O pai se apressou ansiosamente para encontrar a fórmula salvadora, no instante em que a estrela Svati estava no céu. Começou a chover. Fervorosamente o homem rogou a Deus: 'Ó Senhor, Te rogo, consegue-me uma caveira.' Buscando aqui e ali, finalmente encontrou uma caveira com água de chuva dentro. Novamente rogou á Deus: 'Ó Senhor, Te imploro, ajuda-me a encontrar a rã e a serpente.' Devido a seu grande anelo, conseguiu a rã e também a serpente. Em um abrir e fechar de olhos viu como a serpente caçava a rã, e quando se dispunha a picá-la, o veneno caiu na caveira". Se o rogo é fervoroso Deus não pode deixar de escutá-lo.

As pessoas sempre se queixam dizendo que não tempo para rezar ou fazer suas práticas diárias. O que acontece é que não sentem a necessidade de fazê-las. Se um homem tem que sair às quatro horas da madrugada para trabalhar, o faz sem titubear, porque a necessidade de ganhar a vida o impele, o obriga a fazê-lo. Quando sintamos a mesma urgência para chegar a Deus, então, só então, não teremos queixa alguma, faremos tudo com gosto. Até então é necessário obrigar a mente a fazer as disciplinas espirituais diárias e, com um pouco de insistência podemos persuadi-la. O fato é que o mundo ocupou demasiado a nossa mente, e pode ser retirado de lá unicamente pela graça divina. Mas é preciso fazer um pouco de esforço para que essa graça desça sobre nós. Sri Ramakrishna dizia: "O vento da graça divina sopra sempre, é preciso soltar as velas para recebê-lo". Um pouco de prática das disciplinas espirituais é como soltar as velas. Quando Deus vê que o aspirante está realmente ansioso para avançar até Ele, então Deus também o ajuda. Mais ainda, Sri Ramakrishna disse que Deus dá dez passos até nós se damos um passo até Ele.

Quais são os impedimentos mais fortes no caminho espiritual? Sri Ramakrishna adverte que são a luxúria e a cobiça. São as atrações que mantêm em seu poder ao ser humano. Preso na rede destas paixões o homem sofre incessantemente, mesmo assim acha quase impossível livrar-se de seus tentáculos. Isto é maia, ilusão. Uma pessoa resolve não cair na armadilha dessa ilusão, mas quando chega o momento não pode

manter-se firme, pois são tão fortes as paixões e aquele que nunca tentou controlá-las acha muito difícil resistir às tentações. É uma luta tremenda e para a maioria, até para os aspirantes, dura quase toda a vida. O êxito nesta luta depende da graça divina. Se Deus não nos faz ver claramente onde estamos indo submetidos às paixões, não há como resisti-las. O Senhor nos ensina isto de várias maneiras: apresenta diante de nós exemplos de vida desenfreada e suas conseqüências, nos traz enfermidades e calamidades, nos põe em contato com pessoas santas e assim por diante. Em nossa vida devemos ter passado por todas estas coisas alguma vez. Aprendemos a lição? Talvez uma ou outra pessoa a tenha aprendido. A maioria, mesmo entre os aspirantes, toma todas estas atribulações como castigo proveniente de Deus. Dizem: "Que fiz para merecer este sofrimento?" Em vez de reflexionar, "Qual será o propósito deste ensinamento do Divino Mestre? Pois Ele jamais nos faz o mal." Se aprofundamos desta maneira podemos descobrir que o Senhor nos está tirando as ligaduras que nos mantêm amarrados ao mundo.

Muitas vezes acontece que os laços mundanos são tão fortes que rompê-los é como arrancar o coração. No entanto, o que quer ter a paz duradoura ou felicidade eterna, não pode continuar atado ao mundo, pois estas coisas não existem aqui. Esta é a experiência de todo ser humano; ainda que uma pessoa que esteja em uma situação cômoda o negue momentaneamente, cedo ou tarde se dará conta disso. Aquele que aprende cedo na vida que o mundo, como a ameixa silvestre, é quase só caroço e casca, com muito pouca polpa, que está cheio de sofrimento e muito pouco prazer, e não se deixa enganar por seu feitiço, já ganhou meia batalha; logo, se ele se esforçar um pouco, chegará à meta da vida. Sri Ramakrishna, que conhecia as regras essenciais da vida espiritual, apreciava muito aos jovens que se haviam mantido puros de coração evitando as atrações da luxúria e da cobiça. Dizia que eles podem ter êxito na vida religiosa com muito pouco esforço, e que podiam compreender as verdades sutis por seu agudo intelecto não embaraçado com as preocupações mundanas, e por serem limpos e simples. Estas duas palavras usadas freqüentemente nos livros religiosos, talvez necessitem serem elucidadas. Limpos de coração significam os que não abrigam nenhuma malícia contra ninguém, que não estão afetados por pensamentos perversos, que não estão sujeitos às paixões e livres de todo ódio, medo e ira. Simples são aquelas pessoas que não sabem ocultar seus pensamentos, são verazes e falam o que pensam, não tem motivos de engano para os demais. São virtudes que contribuem para a fortaleza do homem, para sua viagem a Deus.

O terceiro obstáculo no caminho de um aspirante à vida mais elevada é o ego. Apresenta-se diante dele de várias maneiras: ego de erudição, ego de riqueza, de nascimento, de raça, de posição social, de poder, e assim por diante. E não se dá conta dele até que se enraíza bem profundamente. Uma pessoa pode parecer simples e humilde, no entanto pode abrigar um alto conceito de si mesma, de sua santidade ou erudição. Certa vez Sri Ramakrishna visitou Devendranath Tagor, o pai do

poeta Rabindranath, ao inteirar-se que pensava muito em Deus. Mas quando o viu observou que tinha vaidade, pois era respeitado como um homem de conhecimento espiritual, descendente de uma família aristocrática e líder de uma nova seita, o Brahma Samaja. Sri Ramakrishna foi vê-lo acompanhado de Mathuranath Biswas, o genro de Rani Rasmani, fundadora do templo de Kali de Dakshineswar. Mathur havia sido discípulo do líder brahma no colégio. Observando minuciosamente os rasgos físicos de Devendranath e dando-se conta de sua vaidade, perguntou a Mathur: “Bom, Mathur, a vaidade é o resultado do conhecimento ou da ignorância? Pode um conhecedor de Brahman ter sentimentos tais como: Sou um erudito, sou um jnani, sou rico?” A mera erudição, se não é acompanhada de renúncia e desapego, serve para obter renome, fama e talvez riqueza, mas jamais leva alguém a Deus. Sri Ramakrishna comparava aos meros eruditos com os abutres que voam alto nos céus, mas cujo olhar está sempre dirigido para baixo, para a carniça. Os meros eruditos ainda que falem altissonantemente sobre a filosofia e a religião mantêm fixo seu olhar nas coisas do mundo. A erudição que não nos ensina a discernir entre o que é Real e o que é ilusório, não serve no caminho espiritual. Mas a ignorância humana é tal que lendo alguns livros o homem pensa que já é competente para guiar aos demais.

É difícil entender o verdadeiro significado dos termos da vida espiritual. Certa vez o Mestre estava falando com Mahendranath Gupta, o compilador do Evangelho de Sri Ramakrishna, quando de repente lhe perguntou: “Sabe o que significa a renúncia?” O discípulo respondeu: “Significa não somente ter desapego pelo mundo, mas também desenvolver anelo por Deus”. Satisfeito pela resposta o Mestre disse: “Pela graça de Deus compreendeste isto. Sem Sua graça jamais se pode desfazer-se das dúvidas. O importante é, de um modo ou de outro cultivar amor e devoção por Deus. De que serve conhecer muitas coisas? Basta cultivar amor por Deus seguindo qualquer caminho”.

O fanatismo é o quarto obstáculo para o que quer chegar a Deus. Todos pensam que unicamente sua própria religião é verdadeira e outras não. Este conceito chega às vezes a tal ponto que pessoas pertencentes a duas seitas de uma mesma religião brigam entre si. Cada um crê que possui todo o conhecimento sobre Deus e que Deus não pode ser de outra maneira senão como ele o concebe. Por acaso pode compreender tudo de Deus um ser humano com seu pequeno intelecto? Infinitos são seus aspectos e infinitas são as maneiras em que se manifesta no universo. Além disso, ele não se esgota em sua manifestação senão que mantém também um aspecto não-manifestado. E as pessoas, que não podem compreender em sua totalidade nem um só planeta de Sua criação, se atrevem a declarar que sabem tudo sobre Ele! Que pode ser mais ridículo que isto? No entanto os fanáticos crêem que têm razão. Brigam pela posse da cesta enquanto as frutas vão caindo ao chão. Deus está longe da pessoa que somente faz demonstração de sua erudição e não faz nada para por os ensinamentos em prática e amá-lo.

O fanatismo cega ao homem; não lhe permite ver os pontos bons em outros, nem tampouco seus próprios defeitos. Em seguida destrói sua sensibilidade; torna-se desapiedado e cruel, como podemos ver através de toda a história do mundo. E esta gente fala em nome de Deus! São suas próprias ambições que as impulsionam a atuar desta maneira, e não o amor por Deus, nem pelo próximo. Claro, isto também acontece pela vontade de Deus, não há dúvida. Quando o compreendamos de coração, intimamente, e o aceitamos com calma, estaremos aproximando-nos do estado de equanimidade, o último degrau rumo à meta, a realização de Deus.

Mas este estado de nenhuma maneira pode comparar-se com a atitude de uma pessoa egotista, a quem a dor alheia não comove em nada, e quem para lograr seu próprio interesse não vacila em pisotear nos demais. Este estado não pode ser alcançado a menos que se tenha limpadado a mente de todo desejo de gozo aqui e no além e que se tenha sentido o tormento, a agitação, o desassossego e o desespero por combater os males que afetam a humanidade. Quando vemos que contudo não podemos mudar nada, então, pela graça divina, chega o entendimento de que “temos direito a atuar mas jamais aos resultados”, como disse Sri Krishna no Bhagavad Guita. Arjuna também buscou um arranjo cômodo quando quis abandonar o mundo em vez de uma guerra justa, sem possuir as requeridas qualidades de um ermitão. Para ensiná-lo e mediante ele, à toda humanidade, quem realmente pode e está capacitado a renunciar ao mundo, Sri Krishna pronunciou o grande discurso que agora conhecemos como o Bhagavad Guita.

Mencionamos apenas alguns dos obstáculos que um aspirante encontra no caminho espiritual; para atravessar os quais se requer imensa força de ânimo e perseverança. Os impedimentos são sutis e enganadores; aparecem em forma de amigos, como coisas favoráveis. Portanto deve-se ter um discernimento agudo para descobri-los e é preciso estar sempre alerta. Além disso, como já dissemos, a sutileza das verdades espirituais não se pode compreender desde o início, é preciso passar pelas disciplinas durante muito tempo. E à medida que se vai avançando nestas disciplinas encontra que os mesmos ensinamentos que pareciam simples de entender, levam um significado muito mais profundo. Cada dia se vai dando conta de que é pouco o que se pode saber sobre Deus pela leitura. Também sente que o que um aspirante necessita é desenvolver amor pelo Senhor. Sri Ramakrishna repetidas vezes expressou: “Bhakti (devoção) é a única coisa essencial. Quem pode conhecer a Deus pelo raciocínio? Eu quero amor por Ele. Que necessidade tenho de conhecer Suas infinitas glórias? Se com uma garrafa de vinho me embriaga, que necessidade tenho de saber quantos galões de vinho há na taverna? Um jarro de água é suficiente para apagar minha sede. Não necessito saber a quantidade de água que há na terra.”

Falando da importância da graça de Deus Sri Ramakrishna declarava: “Podes tentar milhares de vezes, mas não poderás conseguir nada sem a graça de Deus. Não se pode vê-Lo sem Sua graça. Por acaso

é fácil receber a graça divina? Deve-se renunciar totalmente ao egotismo; não se pode vê-Lo enquanto sinta que 'eu sou o fazedor'. Deus não aparece facilmente no coração do homem que sente que ele é seu próprio dono. Mas, pode-se vê-Lo no mesmo momento em que Sua graça descer. Ele é o sol do conhecimento. Um só raio Seu iluminou o mundo com a luz do conhecimento. Daí que podemos ver-nos um ao outro e adquirir variado conhecimento. Pode-se ver a Deus só se Ele voltar Sua luz para Seu próprio rosto."

A graça divina é imprescindível mesmo depois de ter sua visão, pois ainda assim existe o perigo de equivocar-se e estancar. Equivocar-se a respeito da natureza de Deus e crer que Ele é como Ihe apareceu e nada mais. Só por Sua graça pode-se ficar convencido de que não se pode sondar a profundidade de Suas glórias e que ter amor por Ele é suficiente para sua liberação.

Que o Senhor misericordioso nos conceda sua graça para que possamos vê-Lo nesta mesma vida e terminar com a ronda de nascimentos e mortes.

O HOMEM EM BUSCA DA FELICIDADE

Swami Paratparananda

Tradução do artigo em Inglês "The Man in Search of Happiness" publicado na revista "Vedanta for East and West" n°- 159.

O desejo pela felicidade é inato em todos os seres. O homem não é exceção a esta regra. Se analisarmos bem nossas ações descobriremos que, movidos por este desejo, adquirimos certos objetos e evitamos outros, nos tornamos íntimos de certas pessoas e evitamos a companhia de outras; em suma, evitamos coisas desagradáveis e buscamos as agradáveis com a idéia de atingir a felicidade. Esta busca pela felicidade tem sido o poder motivador detrás de todos os esforços do homem, quer seja no campo temporal como no espiritual. Todas as suas descobertas no domínio da ciência tiveram esta meta em vista. Se hoje, o homem está ansioso para conseguir a supremacia sobre as forças naturais e para subjugar-las visando servir as suas necessidades, é apenas para este propósito. Se, no passado ou mesmo no presente, alguns poucos abandonaram o caminho trilhado pela vasta maioria da humanidade e evitaram buscas mundanas e se retiraram para uma floresta ou para dentro de si mesmos, isto também é devido à sua busca pela felicidade eterna.

Mas a idéia de felicidade difere de acordo com o gosto e o desenvolvimento interno de cada indivíduo. A maioria da humanidade está satisfeita com a gratificação dos sentidos ou acha a felicidade nela. Este mundo, com seus objetos grosseiros, é tudo em que eles estão interessados. No Katha Upanishad, Yama descreve com muita capacidade a mentalidade dessas pessoas: "Vivendo em meio dos objetos transientes, estas pessoas ignorantes, considerando-se sábias e de resolução firme, dão voltas e voltas, da mesma forma que um cego conduzido por outro cego. O que está além desta vida é imperceptível para os extraviados e intoxicados com a riqueza; pensando que este mundo é tudo que existe, eles caem sob minha influência repetidas vezes".¹ Tais pessoas se cercam de objetos que dão prazer, mas são impermanentes; mesmo assim eles acreditam que essas coisas são eternas e imutáveis. E o fato de que eles têm sido capazes de possuí-las, engendram em suas mentes uma ótima opinião de si mesmos, como pessoas capazes e sábias. Assim, embriagados com o vinho da riqueza e do poder eles vagam por este mundo sem nenhuma meta mais elevada em vista. Para estas pessoas, que julgam tudo por suas percepções sensoriais, o além é um mito, pois não pode ser captado pelos sentidos. Portanto, acreditando que este é o único mundo que existe, eles mergulham nos prazeres, adquirem o que podem e, como resultado, são

atraídos repetidas vezes para ele.

Sri Ramakrishna divide os homens em quatro tipos: Os ligados, os buscadores de liberação, os liberados e os sempre-livres. Ele ilustra esta divisão com um exemplo: "Suponha que uma rede foi jogada em um lago para pescar peixes. Alguns peixes são tão espertos que jamais são presos pela rede. Estes são os sempre-livres. Mas a maioria dos peixes é presa pela rede. Alguns deles tentam se libertar dela, e eles são aqueles que buscam a liberação. Mas nem todos têm sucesso neste esforço. Alguns pulam para fora da rede, fazendo um grande ruído. Então o pescador grita: 'Veja, lá vai um grande!' Mas a maioria dos peixes presa na rede não pode escapar nem fazem qualquer esforço para sair. Pelo contrário, eles penetram na lama com a rede em suas bocas e ficam lá quietos, pensando: 'Nós não precisamos ter mais medo, estamos totalmente seguros aqui!' Mas estes pobres peixes não sabem que o pescador irá retirá-los com a rede. Estes são como os homens ligados ao mundo".² De novo, falando sobre felicidade, Sri Ramakrishna disse que existem três tipos: *Vishayananda*, prazer que se consegue na satisfação dos sentidos; *bhajananda*, felicidade que se obtém pelas práticas espirituais, e *Brahmananda*, a bem-aventurança que se atinge na realização de Deus. A última não pode ser medida ou comparada com qualquer outra felicidade, ela não pode ser nem mesmo imaginada. Os Upanishads tentaram dar uma indicação de sua vastidão de vários modos. Por exemplo, no Taittiriya, encontramos uma passagem onde a felicidade dos diferentes tipos de seres, começando com o homem e indo até Brahma, o criador é descrita e comparada. Então ela continua declarando que mesmo a bem-aventurança do Criador não é nada comparada com aquela que se obtém ao realizar à Brahman. Em outro Upanishad lemos que toda a criação está sustentada por uma infinitesimal fração desta bem-aventurança, *matrena upajivanti*. Agora surge a questão: Se isto é assim, por que o homem, um ser inteligente, um ser dotado com a capacidade de raciocinar e discernir, corre atrás das insignificantes e sem valor coisas do mundo, negligenciando tal mina de bem-aventurança que é seu direito de nascimento? Há duas respostas para esta questão: (1) muitos não conhecem sobre a existência de tal felicidade e por isso não a buscam; e (2) muitos apesar de que cientes de sua existência acham difícil vencer a influência dos sentidos dirigidos para o externo.

O Katha Upanishad descreve isto de forma bela: "O auto-existente Senhor, prejudicou os sentidos criando-os com a tendência de se dirigir para fora; por isso eles percebem apenas os objetos externos e não o Atman que mora dentro. Mas aquele de mente fixa e determinação firme percebe o Atman que mora dentro retirando os olhos com o objetivo de atingir a Imortalidade".³ Na frase, olhos representam todos os outros sentidos também. Apenas quando os sentidos são retirados de seus objetos é que a mente pode fixar-se no Ser. De outro modo acontece o que está declarado no verso seguinte do mesmo Upanishad. "Os homens de pouca inteligência, impelidos por seus desejos, caem nas armadilhas da muito difundida morte." Isto quer dizer, repetidamente tornam-se sujeitos ao nascimento, doença, velhice e morte. Portanto uma pessoa

com discernimento não vê nenhuma felicidade em contatos sensórios. Ele percebe quão passageiros todos eles são e a sede que eles criam nele por mais e mais gozos. Além disso, ele descobre que não há felicidade real neles. O sabor de um alimento delicioso não é mais sentido quando o mesmo não está mais sobre a língua, assim demonstrando a transitoriedade dos prazeres sensórios. Por isso, as pessoas de discernimento não oram por nada deste mundo de coisas passageiras. Mas que grandes dores e aflições deve-se suportar para adquirir até mesmo estas coisas perecíveis e mutáveis! Existe um verso sânscrito que descreve quão miserável torna-se a vida de uma pessoa entregue à paixão desenfreada pela riqueza: “É com grande sofrimento que se ganha dinheiro, mais doloroso ainda é a luta e a preocupação em preservar o que se conseguiu, e ainda mais sofrimento se sente quando tem que gastar o que se acumulou. Desprezo tal riqueza que é a fonte de sofrimento”. Pode-se perguntar: “Como podemos viver se não ganharmos dinheiro?” O que é depreciado aqui não é o dinheiro em si mesmo, mas sim um apego desordenado por ele, que faz do homem seu escravo. A tentação da riqueza é tal que o homem se perde em sua busca e quanto mais a possui, mais a deseja; e para adquiri-la se submete a quaisquer meios resultando na perda de todos os sentimentos humanos em sua louca busca.

Agora, desfrutamos realmente dos prazeres? Bhartrihari em seu *Vairagyashatakam* diz: “Nós não desfrutamos dos prazeres, pelo contrário, nós mesmos somos devorados neste processo”.⁴ Quer dizer, na ansiedade infinita em buscar estes prazeres, nossa energia se esvai e ficamos com apenas o ardente desejo por eles, sem a força para gozá-los. Assim enganados, por assim dizer, nós sofremos mais do que podemos gozar na busca dos prazeres dos sentidos. Sri Krishna diz no *Bhagavad Gita*: “Qualquer gozo que é produzido pelo contato com o mundo externo é apenas uma fonte de sofrimento. Ele tem um início e um fim, por isso um homem sábio, ó filho de Kunti, não se entrega a eles.”⁵ Mas tal é o poder que cobre a realidade, da Grande Ilusão, que as pessoas esquecem suas dificuldades e sofrimentos e correm atrás dos mesmos prazeres que eles comprovaram cem vezes serem sem substância, dolorosos e enganadores. Sri Ramakrishna descreveu a condição deles com grande pathos: “As criaturas ligadas, enredadas na mundanidade, não voltarão aos seus sentidos de modo algum. Eles sofrem tanta miséria e agonia, eles enfrentam tantos perigos, e mesmo assim não despertarão. O camelo adora comer arbustos espinhosos. Quanto mais ele come os espinhos, mais o sangue jorra de sua boca. Mesmo assim ele deve comer plantas espinhosas e jamais as abandonará. O homem de natureza mundana passa por tanto sofrimento e aflição, mas ele esquece tudo em alguns dias e começa sua velha vida novamente”.⁶

Nós vimos como, para uma pessoa de discernimento, os prazeres mundanos são apenas um show vazio, incerteza e impermanência sendo todo o seu valor. O mesmo é também verdadeiro com relação à nome e fama, erudição e habilidade de expor as Escrituras. Estes não podem dar ao homem felicidade eterna, apesar de que ele pode encontrar alguma

satisfação neles por algum tempo. Isto fica claro no diálogo entre Narada e Sanatkumara que ocorre no Chandogya Upanishad. Uma vez Narada aproximou-se de Sanatkumara e pediu ao sábio para ensiná-lo. Sanatkumara pediu a ele que narrasse o que já sabia. Narada então deu uma longa lista de assuntos que ele tinha estudado, começando do Rig Veda à Astronomia e Artes, e acrescentou: "Reverendo senhor, eu sou apenas um conhecedor de palavras e rituais, mas não um conhecedor do Atman. Eu tenho escutado de preceptores como o senhor que um conhecedor do Atman vai além deste oceano de sofrimento, mas como eu não obtive o conhecimento do Atman eu estou em um estado de aflição. Seja misericordioso e leve-me através deste oceano".⁷

Se apenas a erudição fosse suficiente para atingir a felicidade eterna, então Narada, com todo o seu vasto conhecimento deveria ser muito feliz, mas ele não era. Ele sentia que faltava algo que era a essência da felicidade. Onde então se encontra esta felicidade, verdadeira e imutável? No conhecimento do Atman, na realização de Deus ou Brahman. Não é ao mero conhecimento teórico ou livresco à que Narada se refere, quando ele diz: *Shrutam heya me bhagavaddrishebhyah, tarati shokamatmavit iti*, "Eu tenho escutado realmente de preceptores como o senhor que o conhecedor do Atman vai além de toda aflição", mas à experiência direta de Brahman ou Atman. Os Rishis dos tempos antigos, que buscavam aquela infinita Bem-aventurança, atingiram-na após intensos esforços; e sua vida era de um tipo diferente, de rígida *brahmacharia*,⁸ e controle dos sentidos. Contudo, eles não disseram que eram os únicos capazes de atingir este estado. Pelo contrário, eles convocaram a todos, até aqueles que residiam nas regiões celestiais à tentar e obter seu direito de nascimento, a Imortalidade. Por exemplo, no Shvetashvatara Upanishad o Rishi declara: "Escutem todos vocês, os filhos da Imortalidade, e mesmo vocês que habitam as regiões celestiais, eu conheço o Eterno Purusha, que está além da escuridão e brilha como o brilhante sol. Somente conhecendo a Ele se vai além da morte. Não há outro modo de cruzar este oceano de transmigração."⁹

Os Upanishads estão cheios de passagens que indicam a profundidade e vastidão da bem-aventurança de Brahman: uma bem-aventurança que é imaculada, que pode ser experimentada mesmo aqui, neste mundo, com a condição de que a pessoa que a busca, viva sua vida de acordo com o padrão estabelecido pelos Rishis, que atingiram Brahman.

Sri Shankara em seu *Vivekachudamani* nos alerta: "Aquele que faz da gratificação do corpo o principal objetivo de sua vida e ainda assim aspira realizar o Atman, é como o idiota ignorante que erroneamente, se segurando em um crocodilo pensando ser um tronco de madeira, tenta cruzar o rio".¹⁰ Ou seja, aquele que quer realizar a Deus ou Atman, tem que abster-se da indulgência sensual. O conhecimento de Brahman e os prazeres dos sentidos, sendo pólos afastados, não podem ser experimentados ao mesmo tempo. O *Bhagavata* diz: "Qual aquisição ou gozo pode agradar a um homem enquanto a morte está próxima? Certamente eles não são agradáveis para ele. É como oferecer grama a

um animal que está sendo arrastado ao matadouro".¹¹ Em outro lugar ele recomenda: "Tendo, após muitos nascimentos, obtido este corpo humano extremamente raro, que apesar de frágil, serve como um veículo para o supremo bem-estar do homem, uma pessoa de discernimento deve esforçar-se seriamente pela Liberação, antes que o corpo, que está sempre sujeito à morte, decaia; pois os gozos dos sentidos podem ser experimentados em qualquer corpo".¹² Somente o homem, equipado com a faculdade do discernimento, está equipado para vencer a atração dos sentidos. No ser humano comum esta faculdade está adormecida, portanto ele é atraído pelos ganhos tangíveis que pode ter e pelos objetos palpáveis e agradáveis que pode agarrar e desfrutar. Como o *Katha Upanishad* diz: "O bom e o agradável se aproximam do homem. O homem de inteligência, os tendo analisado, separa os dois e escolhe o bom em lugar do agradável, enquanto o homem de pouca inteligência opta pelo que dá prazer visando o crescimento e proteção (do corpo, etc.)."¹³ A diferença entre estes dois tipos de objetos é discernível somente para um homem sábio que tem a paciência de considerar a importância ou insignificância deles como também os frutos que eles geram; enquanto a pessoa comum mau inspirada pelos ganhos imediatos, perde de vista a meta da vida.

Mas tão grande deve ser a imensidão da Bem-aventurança que se obtêm ao atingir à Deus, ou realizar o seu próprio Ser, que muito poucos que a experimentaram, retornaram para dizer ao mundo sobre isto. Sri Ramakrishna ilustra este ponto por meio de uma parábola: "Uma vez, quatro amigos, no meio de uma caminhada viram um lugar por um muro alto. Todos eles ficaram ansiosos de conhecer o que havia dentro. Três deles, um após o outro, escalaram a parede, viram o lugar, deram uma grande gargalhada e pularam para o outro lado. Estes três não puderam dar nenhuma informação sobre o que havia dentro. Somente o quarto homem retornou e contou às pessoas sobre ele. Ele é como aqueles que retêm seus corpos, mesmo após atingir Bramajnana, para ensinar os outros."¹⁴ Tal é a atração daquele estado que quando uma pessoa o atinge esquece todo o resto e o mundo, com todas as suas figuras caleidoscópicas aparece para ele como mera cinzas do crematório. Quaisquer dúvidas que possam ter existido em sua mente sobre a eternidade da Realidade e sobre a transitoriedade deste mundo desaparecem para sempre. Mas nós temos que trabalhar muito para retê-lo, de outro modo, mesmo se por acaso nós o atingirmos, não seremos capazes de suportar seu impacto.

Um incidente que ocorreu na vida de Sri Ramakrishna explicará este fato. Mathuranath Biswas, um genro de Rani Rasmani, uma vez pediu ao Mestre fazê-lo experimentar *bhava samadhi*. Sri Ramakrishna tentou dissuadi-lo, mas ele não o escutou. Pelo contrário, ele insistiu para que o Mestre o abençoasse com aquele estado. Por fim, quando todos os argumentos para convencer à Mathur falharam, Sri Ramakrishna disse: "Bem, eu direi à Mãe e Ela fará o que Lhe agradar." Em alguns dias teve seu desejo satisfeito, mas ele descobriu ser impossível pensar em algo exceto Deus; ele não podia voltar sua mente em direção de seus deveres

mundanos. Isto assustou Mathur tanto que ele chamou Sri Ramakrishna e quando o Mestre chegou, ele narrou sua experiência, a difícil situação em que ele se encontrava, e implorou ao Mestre para tirar este estado. Assim nós vemos que a menos que uma pessoa se equipe corretamente, purificando sua mente, controlando seus sentidos, etc., não será capaz de conter esta bem-aventurança ilimitada, que chega com a realização do Divino.

Nós mencionamos anteriormente que a bem-aventurança imortal é nosso direito de nascimento e que a totalidade da criação existe devido à uma fração desta bem-aventurança de Brahman; também que uma das razões porque os homens não lutam para atingi-la é devido à sua ignorância sobre sua existência. Coisas similares algumas vezes acontecem neste mundo: por exemplo, devido aos caprichos do destino filhos de pais ricos podem se perder e podem nunca chegar a conhecer seu parentesco ou hereditariedade; ou alguém pode enterrar seu tesouro quando em grande perigo de perder sua vida e fugir do lugar apressadamente e quando o perigo passa retorna ao lugar para desenterrá-lo, mas sendo incapaz de localizar o exato lugar, anda sobre o tesouro uma e outra vez. O Chandogya Upanishad dá uma analogia similar: "Da mesma forma como as pessoas que não conhecem a região, andam repetidas vezes sobre o tesouro escondido no subsolo e não o encontram, assim também, todas estas criaturas aqui, apesar de que entrem diariamente no mundo de Brahman, não O descobrem, pois elas são deixadas levar pelo falso".¹⁵ Seus desejos por objetos passageiros as conduzem erroneamente. O mundo de Brahman falado aqui é aquele de nossa natureza real, no qual nós entramos quando em sono profundo; quando nem as distrações do estado de vigília nem aquelas do mundo dos sonhos se apresentam. Contudo, permanece a ignorância devido aos desejos inerentes pelas coisas mundanas. Somente se poderá ter a verdadeira felicidade quando estes desejos, juntamente com suas raízes forem removidos da mente. O homem iludiu-se a si mesmo por seu apego ao corpo considerando-o como sendo a sua verdadeira natureza. Contudo, se analisar claramente descobrirá que ele não é nem o corpo nem os sentidos, nem mesmo a mente, mas algo mais. Veremos como se pode chegar à esta conclusão. Se o homem fosse apenas o corpo, então no sono, quando não se é consciente dele, ele deixaria de existir. Mas isto não acontece; é o mesmo homem que foi dormir, que retorna dele. Se ele fosse apenas a mente, então no sono profundo ele deixaria de existir, pois mesmo a mente não funciona então, mas isto também não acontece. Portanto nós somos forçados a concluir que o homem não é apenas um ser psicofísico, porém algo mais. A consciência que este ser psicofísico reflete, que dá a ele sua identidade, não é sua própria, mas do Espírito Interno, que é chamado Atman em sânscrito. As escrituras Hindus dizem que Ele é da natureza de *Sat, Chit e Ananda*, isto é, Existência, Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta. Quando este Ser é realizado em sua forma mais pura ele é idêntico com Brahman, de quem toda a criação emanou, em quem ela existe e a quem retornará. Os Upanishads são enfáticos e sem ambigüidade em sua proclamação: "Aquilo que é

infinito é apenas bem-aventurança; não há felicidade no limitado; no infinito apenas está a bem-aventurança, portanto deve-se indagar sobre o infinito apenas".¹⁶ Nesta palavra 'limitado' usada pelo Upanishad está incluído tudo que não é Brahman, mesmo os elevados céus. Estes céus são lugares de gozo e sujeitos à destruição como tudo mais que é criado; além disso, os prazeres que se gozam nestas regiões engendram novos desejos. E desejo significa miséria, e jamais a miséria foi vista gerando felicidade neste mundo.

Portanto o Kathopanishad declara: "A eterna bem-aventurança pertence à aqueles sábios que vêem que aquele Único Senhor, - que permeia tudo, é independente, e que se manifesta em diferentes formas, - residindo em seus corações, e à ninguém mais. Somente à aqueles sábios pertence a paz eterna que percebe o Senhor - que é o eterno em meio ao efêmero, que é o único dispensador dos frutos das ações dos muitos - como residindo dentro de seus próprios corações e à ninguém mais."¹⁷

Quem pode realizar este Atman, ou que estado nós nos tornamos completamente bem aventurados? Este estado é realizado naquele estado quando não se vê um segundo ser, não se ouve um segundo som, não se conhece uma segunda coisa, ou seja, quando tudo neste mundo que existe como nome e forma mergulha dentro Daquele. Em outras palavras quando se realiza a identidade com Brahman; quando des-identifica-se do corpo, dos sentidos e da mente, ou como Swami Vivekananda costumava dizer, quando nos des-hipnotizamos.

Como pode o Atman ser realizado? As Escrituras dizem: "Ele deve ser ouvido, cogitado, e então meditado".¹⁸

Deve-se ouvir Dele de uma pessoa competente, o acharya, porque somente ele pode expor o significado dos textos das Escrituras autenticamente; somente ele pode nos mostrar o caminho correto. O próprio Shruti declara: "Quando uma pessoa inferior fala do Ser, Ele não pode ser adequadamente conhecido, pois é pensado de vários modos. Mas quando é ensinado por aquele que se identificou com Ele, não restará nenhuma dúvida com relação à Ele." Após ouvir de uma pessoa competente deve-se tentar pensar sobre o que escutou e então meditar sobre o Atman como ensinado pelo mestre.

O que se consegue quando se realiza o Atman, o Ser Eterno? Uma vez que esta realização seja nossa, as escrituras dizem que nós veremos aquele Ser Eterno, nosso próprio Atman, manifestado em toda parte e toda a ilusão e todo sofrimento desaparecerão. O Bhagavad Gita diz: "Atingindo o qual, não se considera que haja nada mais elevado à ser atingido e estabelecido no qual, não se é abalado nem mesmo pelo maior dos sofrimentos."¹⁹

Contudo, deve ficar claro que esta bem-aventurança não é alcançada apenas por aqueles que trilham o caminho do conhecimento, mas pode ser experimentada também por aqueles que seguem o caminho de bhakti. Eles também experimentam aquela bem-aventurança sem limites na proximidade de seu Ideal Escolhido. Um devoto da Divina Mãe, como Ramprasad, sempre imerso na bem-aventurança, cantou e dançou

em Seu nome e permaneceu sempre livre. Na totalidade de seu coração ele cantou: “Uma pessoa que tem como sua Mãe, a Bem-aventurada, não pode viver no sofrimento! A Divina Mãe o mantém feliz neste mundo e no próximo”. Santos em toda a Índia, que adoraram a Deus com formas alcançaram este bendito estado. Ele não é propriedade exclusiva de nenhuma seita ou classe da sociedade. Todos, onde quer que estejam colocados, podem lutar por ele. A este respeito, a afirmação dada por Sri Krishna é muito encorajadora: “Se mesmo a mais malvada pessoa me adora com devoção única, ele deve ser considerado como piedoso, porque tomou uma resolução correta. Breve ele se tornará virtuoso e atingirá a paz eterna; saiba com certeza, ó filho de Kunti, que Meu devoto jamais é destruído”.²⁰

Referências

¹ Katha Upanishad, I.ii.5&6

² Gospel of Sri Ramakrishna, Traduzido por Swami Nikhilananda, publicado pelo Ramakrishna Vivekananda Centre of New York, edição de 1942, pgs. 86-87.

³ Katha Upanishad, II.i.1

⁴ Vairagyashatakam 7

⁵ Bhagavad Gita, V.22

⁶ Gospel of Sri Ramakrishna, pg.165

⁷ Chandogya Upanishad, VII.i. 1-3

⁸ Castidade, continência.

⁹ Shevetashvatara Upanishad II.5 & III.8

¹⁰ Vivekachudamani 86

¹¹ Bhagavata XI.v.20

¹² Ibid.XI.iv.29

¹³ Katha Up.I.ii.2

¹⁴ Gospel of Sri Ramakrishna, p.268

¹⁵ Ch.Up. VIII.iii.2

¹⁶ Ibid.VII, xxivi.1

¹⁷ Katha Up.II.ii.12&13

¹⁸ Br.Up.II.iv.5.

¹⁹ Bhagavad Gita VI.22

²⁰ Ibid IX, 30, 31

O Livre Arbítrio e a Vontade Divina

(1979)

Swami Paratparananda

É comum o conceito de que o homem tem livre arbítrio ou vontade livre, que possui a faculdade de agir por reflexão e escolha. Se bem que não podemos negar este conceito tampouco podemos aceitá-lo em sua totalidade como verdade. Por que não podemos assegurar de um modo ou de outro? Por que vacilamos entre aceitá-lo ou rechaçá-lo? Primeiro vamos estudar a definição de livre arbítrio. Significa a faculdade de agir por reflexão e escolha, independente de outros fatores, como por exemplo, a inclinação natural. Os filósofos hindus chamam a esta “faculdade de discernir e decidir”, em sânscrito, buddhi. Segundo eles esta é uma das partes, por assim dizer, do antahkarana, sentido interno do homem, cujas outras partes são: manas (mente), chitta (substância mental), e ahankara (ego). Talvez seja necessário aqui explicar as funções ou poderes destas partes do instrumento interno para compreendê-lo melhor. Manas é que recebe todas as impressões dos objetos que os sentidos lhe apresentam, mas não decide se deve perseguir, aceitar ou rechaçar tais objetos. Neste momento intervém o buddhi (intelecto), a faculdade de discernir, e decide o que vai fazer. Chitta é o depósito das tendências inatas e das impressões que o homem vai recebendo através desta vida. Qualquer experiência ou impressão que o intelecto recebe, ao reflexionar, compara com as que já estão armazenadas no chitta e vê qual foi o resultado desta experiência no passado, antes de decidir. O ahankara (ego) é o que pensa que é o agente. Este é o significado literal da palavra ahankara: “aquele que diz: ‘sou o agente’”. Todos estes são apenas instrumentos, pois não têm poder algum se a consciência do homem não está unida à eles.

A primeira objeção que se pode formular contra esta teoria do livre arbítrio é: Como pode um instrumento ser livre? Se isto fosse certo, então a pena do escritor, o pincel do pintor, o formão do carpinteiro, o cinzel do escultor, a marreta do ferreiro e outras ferramentas semelhantes teriam trabalhado por si sós. A isso se pode responder: não é ao próprio instrumento que nos referimos aqui, senão a faculdade ativada pela consciência. Então respondemos: neste caso não é que o arbítrio ou vontade sejam livres, senão a pessoa que os possui. Neste conceito também há uma trava, pois para a maioria da humanidade sua personalidade significa no máximo a identificação com o ego, o “eu”. Surge então a pergunta: O ego é livre? O “ego”, segundo o monista, é uma falsa identificação do Ser ou Atman com a mente, corpo ou sentidos segundo as circunstâncias ou momentos, devido à ignorância da realidade. Como pode ser livre o que está sob o encanto da ignorância? No entanto isto é exatamente o que acontece: quando estamos vendo magia vemos somente as

coisas que o mago quer que vejamos ainda que não existam, e pensamos que são reais. Neste momento não nos damos conta de que são irreais ou ilusórias. Assim mesmo, os que estão a favor desta idéia de livre arbítrio não vão discutir ou raciocinar deste modo; eles gostam da idéia e a aceitam. Mas uma coisa é aceitar uma teoria e outra totalmente diferente é colocá-la em prática na vida diária. Um homem que realmente possua este livre arbítrio não teria que desanimar-se pelas circunstâncias adversas. Teria que cumprir com todas suas resoluções e não deveria preocupar-se nem perturbar-se pelos resultados. Mais ainda, deveria manter-se calmo até mesmo quando o resultado fosse desfavorável. Por acaso o homem que aceita esta teoria do livre arbítrio pode enfrentar todas as circunstâncias com calma, pode levar a cabo todas suas resoluções? Isto é muito importante; isto é o que realmente vale: pois a meta final do homem é chegar a ter a tranquilidade, a paz duradoura. Todos seus esforços e lutas são para alcançar este estado de equanimidade, de bem-aventurança. O conceito de livre arbítrio também se originou daí, ter a liberdade de atuar e desfrutar. Pergunte-se se duvidam disto: Por que quero a liberdade? Porque só nela está a paz e a felicidade. Na prisão, na limitação, na sujeição, existem muitas obrigações que nos impelem a atuar e a nos comportar contra nosso desejo e vontade, apesar de nós mesmos. Além disso, estamos inibidos pelas circunstâncias e induzidos a atuar por nossas tendências inatas.

Quando a situação é assim, ou seja, tendo tantos impedimentos e limitações, como pode alguém pensar que é livre? Realmente não podemos. Para verificar isso não necessitamos indagar muito; tratemos de desfazer-nos de um mau hábito e cultivar outro bom, então veremos se realmente temos o livre arbítrio.

Fazemos boas resoluções pela manhã, mas à tarde todas elas, na maioria de nossos casos, são varridas pela corrente dos hábitos e não fica nenhuma; e isto acontece dia após dia, mês após mês, ano após ano. Passam os anos e as boas resoluções ficam sem cumprir-se, sem podê-las levar a cabo. É essa a indicação do livre arbítrio? Vemos assim que o arbítrio não é tão livre quanto acreditamos.

Na definição do livre arbítrio que já citamos encontramos duas palavras: reflexão e escolha. Reflexão significa, segundo o dicionário, exame cuidadoso de algo. Se o homem fosse guiado pela reflexão, como poderia atuar mal, como poderia, conscientemente, convidar a desgraça e os sofrimentos, produto de suas obras? Por isso temos que admitir que as tendências herdadas das vidas passadas têm muito a ver com o comportamento de cada indivíduo. Não obstante, existe essa idéia no homem e Deus a permitiu para que atue como um incentivo à ação. Se tudo fosse automático, se não existisse este impulso, não haveria nenhuma evolução no homem, talvez o ser humano fosse ainda hoje tão primitivo em seus hábitos, costumes e moralidade como era na época paleolítica, vivendo nas cavernas e movido somente pelas paixões e instintos como os animais. O homem é homem porque pode lutar contra a natureza externa e interna. Tem essa liberdade. Sri Ramakrishna falando do livre arbítrio certa vez disse: “Foi Deus quem plantou na mente do homem o que o ‘inglês’

chama de livre arbítrio. As pessoas que não alcançaram Deus se meteriam em atos ainda mais daninhos se Ele não houvesse semeado esta noção do livre arbítrio neles. O pecado haveria aumentado se Deus não houvesse feito sentir ao malvado que só ele é o responsável por seus atos pecaminosos. Os que alcançaram à Deus estão conscientes de que o livre arbítrio é uma mera aparência e que na realidade o homem é a máquina e Deus o Maquinista, o homem é a carruagem e Deus o condutor.”

Também podemos ver que as leis não teriam sentido se cada um não fosse feito responsável por suas ações e tudo seria, nesse caso, um caos, um pandemônio. Como exemplo desta atitude de irresponsabilidade podemos ver o que ocorre com as pessoas que interpretam erroneamente a teoria do karma. Se alguém lhes pergunta que significa esta teoria não podem dar uma resposta convincente, só vão dizer que é o resultado das ações de vidas anteriores. Não se detêm a pensar quem foram os que fizeram estas ações no passado cujo resultado estão agora desfrutando ou sofrendo. Cada um colhe o que semeou ou semeia, ou seja, o fruto de suas próprias ações e não as de outro. Na terra pode administrar-se equivocadamente a justiça, pois o juiz tem que depender das provas e testemunhos diante ele. Mas Deus, estando presente no coração de todos e sendo Ele mesmo a Testemunha de todas nossas ações, inclusive a mais oculta que o homem possa fazer, jamais se equivoca. Só os débeis, ociosos e ignorantes não querem perseguir esta linha de raciocínio, pois então se encontrarão com a seguinte questão: se as ações das vidas anteriores produziram estes frutos, por que não esforçar-me para mudar o modo de minha vida atual e moldá-la melhor para o futuro? O homem tem certa liberdade, é por isso que não podemos negar totalmente o conceito do livre arbítrio.

Mas devemos repetir que o homem não tem uma liberdade total. Vamos narrar aqui uma estória que se encontra no Kena Upanishad: Certa vez Brahman conseguiu que os devas, seres celestiais, vencessem aos demônios. Os devas se orgulharam disso e acreditaram que foi por seus próprios esforços que haviam logrado esta vitória. Brahman, dando-se conta disto, apareceu diante dos devas na forma de um Espírito. Curiosos para saber quem era este Espírito, os devas enviaram a Agni, a divindade do fogo. Quando este se lhe acercou, o Espírito lhe perguntou: “Quem és?” “Sou a divindade do fogo,” respondeu o deva. “Que poder tens?” perguntou o Espírito. “Ah, eu posso queimar tudo quanto existe na terra,” respondeu Agni. O Espírito então colocou diante de Agni uma simples palha e lhe pediu que a queimasse. A divindade do fogo tentou fazê-lo com toda a sua força, mas não conseguiu. Humilhada, voltou para os devas. Depois enviaram Vayu, a divindade do vento, com o mesmo resultado. Por mais que tenha se esforçado para levar a palha soprando não pôde nem movê-la. Desta maneira, um por um, os devas se apresentaram diante do Espírito, fracassaram em comprovar suas respectivas forças e voltaram humilhados. Ao final quando Indra, o rei dos devas, se adiantou, o Espírito desapareceu e em seu lugar apareceu uma mulher belamente adornada. Era Uma, a Força Cósmica. Indra se aproximou e lhe perguntou: “Quem é este Magno Espírito?” Respondeu Ela: “É Brahman. Foi por Sua força

que vocês tiveram a glória.” Aqui vemos que toda a força, até a dos seres celestiais, depende da força de Deus e que os vários devas ou deuses são apenas Seus instrumentos. Lemos nos Upanishads: “Por Sua força o fogo queima, o vento sopra, a água molha e a morte cumpre sua função.”

Certa vez Swami Saradananda, um discípulo direto de Sri Ramakrishna, relatou este incidente de sua própria vida falando sobre o problema do livre arbítrio. Em sua juventude era um estudante de medicina e como outros jovens daqueles dias, ao final do século dezenove, era cético, não acreditava na existência do Ser ou Deus. Certo dia este jovem foi visitar Sri Ramakrishna e lhe falou do livre arbítrio, dizendo: “Senhor, onde intervém a vontade de Deus? Eu posso fazer tudo que quero. Estou fazendo ensaios e qualquer coisa que quero fazer, consigo.” Sri Ramakrishna lhe aconselhou que seguisse esta mesma linha de pensamento durante um tempo e observasse o que ocorresse. Mais ou menos um mês depois o jovem voltou a visitar o Mestre e lhe disse: “Senhor, descobri algo; estive observando-me estes dias e vejo que agora não posso fazer nada por minha própria vontade, nem sequer a coisa mais insignificante; antes podia fazer grandes obras. Não compreendo, estou confuso.” Sri Ramakrishna lhe disse que escutasse com atenção a canção que ia cantar, a aprendesse de memória e meditasse sobre seu significado todos os dias. Em seguida cantou:

Tu és meu Tudo em Tudo, oh Senhor – a Vida de minha vida, meu ser mais recôndito;

Não tenho a ninguém nos três mundos senão a Ti, a quem chamar meu.

Tu és minha paz, minha alegria, minha esperança; Tu, meu sustém, minha riqueza, minha glória;

Tu és minha sabedoria e minha força.

Tu, meu lar, meu lugar de descanso; meu amigo mais íntimo, meu parente mais próximo;

Meu presente e meu futuro Tu és; meu céu e minha salvação.

Tu és minhas escrituras, meus mandamentos; Tu meu sempre bondoso Guru;

Tu és a Fonte de minha bem-aventurança sem limite.

Tu és o Caminho; Tu, a Meta, Tu, oh adorável Senhor!

Tu és a Mãe de terno coração, Tu, o Pai que castiga,

Tu, o Criador e Protetor; Tu, o Timoneiro que guia

Minha barca através do mar da vida.

Swami Saradananda seguiu as instruções de seu Mestre e como conseqüência pode resolver todas suas dúvidas. Vemos nesse relato que o ser humano tem certa liberdade de atuar, mas não é total. O homem tem que depender da vontade divina para lograr êxito na vida, especialmente na vida espiritual.

Agora vejamos, de onde surgiu esta idéia de liberdade, ou seja, a idéia do livre arbítrio? Sabemos que existem algumas noções fundamentais no homem, por exemplo, a vida eterna, a felicidade absoluta e a liberdade total. O monista diz que esta é a natureza do Atman, a essência do homem. Portanto não é possível para ele esquecer sua natureza, por mais que esteja submetido à

ignorância, por mais que esteja impedido pelos upadhis, as limitações, como corpo, sentidos e mente. Assim como um homem que teve um pesadelo continua assustado por um tempo mais, mesmo depois de despertar-se, da mesma forma a natureza interna do homem, ainda que coberta por pesadas incrustações, persiste em afirmar-se de alguma maneira. E a idéia do livre arbítrio é uma delas.

A questão que agora se apresenta é: Por que não chamar de livre o que já é? Não vamos confundir uma coisa com outra. É certo que o Ser é livre; mas no estado em que esse Ser se identifica com o corpo. O Ser não tem nenhuma ação que empreender, nada para alcançar; o que falta para alcançar aquele que já é eterno, imaculado, iluminado e livre por natureza? Nada. E toda ação se faz com um propósito, quer seja satisfazer uma necessidade ou cumprir um desejo. É claro que um ser que alcançou a Deus, que O viu cara a cara é uma exceção a esta regra, como é o caso das Encarnações Divinas. Estes seres vêm a terra para redimir a humanidade, para mostrar-lhe o caminho; não têm nenhum motivo pessoal. Sri Krishna declara no Bhagavad Gita: “Oh Arjuna, não tenho nos três mundos nenhum dever que cumprir, nem falta nada para alcançar que não tenha alcançado; no entanto Me ocupo na ação.” Todos os outros, salvo estes seres excepcionais, são movidos por algum motivo pessoal, seja elevado ou baixo. Os motivos elevados tais como alcançar a Deus, lograr bhakti (devoção) são bons e não prendem os homem a este mundo, não os fazem continuar na ronda de nascimentos e mortes. Pelo contrário, os ajudam a ser mais e mais livres, à medida que se vão fortalecendo. Os motivos baixos, que são na sua maioria egoístas e que consistem na satisfação dos desejos de gozo mundano, não nos liberam, pelo contrário, adicionam um elo a mais na corrente das nossas amarras. Vemos assim que o próprio fato de estar ocupado na ação, repetimos, salvo nos casos excepcionais já mencionados, implica imperfeição. Como pode haver perfeição em um estado imperfeito? Todos nós viemos aqui a terra porque somos imperfeitos, porque temos vários desejos insatisfeitos. Em tal estado não existe um arbítrio totalmente livre. Um homem pode satisfazer seus desejos e como consequência dos transtornos e sofrimentos que padece, é possível que se dê conta da vacuidade de todo gozo mundano e lute para escapar das garras mortíferas do desejo e alcançar a perfeição. Mas não devemos confundir a pouca liberdade de vontade que gozamos com a perfeição, ou plena liberdade. Na maioria das vezes isto é o que acontece: consideramos que como Ser somos livres e ao mesmo tempo o confundimos com o corpo, sentidos ou mente, querendo ver perfeição no imperfeito, melhor dizendo, vendo o imperfeito como perfeito.

Pela graça divina esta confusão não dura para sempre, as dificuldades e o sofrimento que sofremos nos ensinam algo cada dia e gradualmente chegamos a conhecer que o que havíamos considerado como nosso Ser não o era e chamá-lo livre foi um erro. Mas este firme conhecimento vem quando se alcança a Deus; até então, ainda que de vez em quando se tenha um vislumbre dele, se perde em seguida e volta a cometer o erro anterior. Por isso devemos ter esta firme convicção de que o arbítrio não é totalmente livre ainda que tenha

uma aparência de liberdade. Sri Ramakrishna explica isto com um exemplo muito simples: Uma vaca está amarrada a um poste em uma grande pradaria com uma corda longa. A pradaria é infinita e cheia de pasto verde. A vaca pode mover-se livremente dentro da área representada pelo círculo com a extensão da corda como raio e nem um pouco mais. Se agradar ao dono, ele pode aumentar a corda e permitir que a vaca possa pastar sobre um espaço maior. A vaca pode pensar que é livre, mas se dará conta de que não é, quando queira ir além do que a corda amarrada ao seu pescoço lhe permita, pois sentirá o puxão. A vontade do homem também é exatamente igual, lhe foi outorgada certa liberdade, mas não mais.

A impotência humana ante suas debilidades é óbvia na pergunta que um herói como Arjuna faz: “Então, movido por qual força comete um homem más ações, ainda que não queira, como se fosse obrigado?” Sri Krishna responde: “É este desejo, esta ira, originado de rajas, é voraz e malvado; conhece-o como teu inimigo aqui.” Sri Krishna não distingue o desejo e a ira como sentimentos separados, pois o segundo é o efeito do desejo obstruído, por esta razão usa o verbo no singular. Onde está o livre arbítrio quando se move constantemente com tanta facilidade ao ser atacado pelos desejos e paixões? Damos-nos conta de nossas limitações só quando as tormentas dos fracassos agitam nossa barca neste mar da vida. Um jovem, são, rico e poderoso não o sente, pensa que é supremo. Inclusive as pessoas avançadas na idade que não padeceram nenhuma grande calamidade custa a entender isso. Mas chega o momento na vida de cada um em que tem que encarar a vida com é e não como um sonho prazeroso. Só existe uma vontade que é livre e essa é a do Altíssimo. Aquele que se submete à vontade de Deus atravessa sem muito dano as tormentas e dificuldades.

Conta-se uma estória na Índia: Havia um yogui, que certa vez estava parado na praia, quando se levantou um vendaval. Ele viu um barco que ia sendo levado pelos fortes ventos. O yogui havia adquirido alguns poderes sobrenaturais, podia controlar até os elementos da natureza. Movido pela compaixão pelos passageiros deste barco, exclamou: “Que se acalme a tormenta” e suas palavras se cumpriram. Mas como o vento se acalmou de repente, o barco afundou causando a morte de todos a bordo. Sem dúvida o yogui tinha boa intenção, mas sua visão era limitada, não podia ver além das aparências. Assim são os juízos do homem, propensos à equivocação. Portanto é necessário que tratemos de conformarmos com a vontade de Deus. Sri Ramakrishna ensinou uma parábola sobre a vontade de Rama, que ilustra esta idéia de submissão à vontade divina. Havia um tecelão, um grande devoto, que cumpria com todo o dever que lhe correspondia e ao mesmo tempo recordava a Deus. Até em seus negócios via a vontade de Rama, seu Ideal escolhido. Era honesto e por conseguinte as pessoas tinham confiança nele. Aos que iam comprar tecidos lhes dizia: “Pela vontade de Rama o valor do fio é tanto; pela vontade de Rama o custo do trabalho é tanto e pela vontade de Rama o ganho é tanto.” As pessoas da aldeia lhe queriam. Certa noite, quando não podendo dormir estava sentado no oratório de sua casa pensando no Senhor, alguns

ladrões, que necessitavam de um homem para carregar o que iam roubar, o levaram a força. Depois cometeram um roubo em uma casa e puseram a carga roubada sobre a cabeça do tecelão. Nesse momento chegou a polícia, os ladrões fugiram, mas o tecelão foi capturado e levado para a cadeia. No dia seguinte foi levado diante do juiz para ser julgado. Os aldeões se inteiraram do que havia acontecido e foram ao tribunal. Disseram ao juiz: “Sua Senhoria, este homem jamais pode cometer um roubo.” O juiz pediu ao tecelão que fizesse sua declaração. O homem disse: “Sua Senhoria, pela vontade de Rama acabara de jantar a noite. Depois, pela vontade de Rama estava sentado no oratório. Era noite avançada, pela vontade de Rama. Pela vontade de Rama estava pensando em Deus e cantando Seu Nome e Suas Glórias, quando pela vontade de Rama, passou por ali um bando de ladrões. Pela vontade de Rama me levaram a força com eles. Pela vontade de Rama cometeram roubo em uma casa e pela vontade de Rama chegou a polícia e pela vontade de Rama fui preso. Depois, pela vontade de Rama a polícia me prendeu durante a noite e esta manhã, pela vontade de Rama, fui trazido diante de Sua Senhoria.” O juiz se deu conta de que o tecelão era um homem piedoso e ordenou sua liberdade. Em seu caminho de regresso à casa, o tecelão disse aos seus amigos: “Pela vontade de Rama, fui posto em liberdade.”

Mas este tipo de submissão à vontade divina não se obtém de repente, mas pela longa prática de disciplinas espirituais e levando uma vida de pureza e abnegação. Também tem que haver conformidade entre o que se diz, faz e pensa. Esta pessoa é chamada de grande alma. Se pudermos seguir este princípio, gradualmente poderemos nos desfazer de nosso ego e submeter-nos à vontade de Deus.

Qual é a utilidade desta submissão? Não se parece com escravidão? Falamos menosprezando as pessoas que se submetem à vontade divina ou nos sentimos rebaixados ao mero pensar que temos que aprender a submeter-nos a ela, mas não nos sentimos humilhados quando temos que adaptar-nos à vontade de pessoas de quem esperamos benefício material. E neste caso, o que ganhamos? Intranquilidade e sede, desejo de ter mais e mais bens, enquanto que a submissão à Deus tira a agitação e traz a paz. Nada perturba a pessoa que se submeteu à vontade de Deus, como vimos no caso do tecelão da parábola. Se pode argumentar que isto é apenas uma estória e que não há certeza de que tal acontecimento aconteceu alguma vez. No entanto, têm existido pessoas em todo o mundo cuja vida está bem refletida nesta parábola; mas eles não fazem demonstração de sua santidade ou de suas nobres qualidades. Essas pessoas se entregam por completo à vontade divina, não porque esta seja inevitável, mas porque sentem alegria em fazê-lo, sabendo que a bem-aventurança depende desta entrega. Sri Ramakrishna costumava dizer: “Assim como uma pessoa que confia seu negócio à um bom homem pode estar tranqüilo, do mesmo modo aquele que se entrega totalmente à Deus pode estar seguro de que não vai lhe acontecer nenhum mal, que o Senhor lhe vai cuidar bem.”

Enquanto acreditamos que somos entidades separadas com distintas vontades, estaremos pensando cada um em nosso próprio interesse: os deveres,

desejos e ambições. E enquanto existam estes variados interesses haverá conflito e brigas. E as vontades que levam ambições não podem ser livres, já que uma vai limitar a outra. E a menos que todos os pensamentos fluam em uma só direção, para Deus, não pode haver união da [nossa] vontade com a [vontade] de Deus. E sem conseguir que essa união seja estabelecida não haverá término á insegurança e às paixões.

Tratemos de cultivar confiança em Deus, sem afrouxar nossos esforços para chegar a Ele; pois todos os grandes mestres espirituais afirmaram que a graça de Deus é imprescindível para o progresso espiritual do homem.

Que o Senhor nos outorgue confiança Nele para que possamos alcançá-Lo e terminar com este círculo de nascimentos e mortes!

ONDE BUSCAR CONSOLAÇÃO ¹

Swami Paratparananda

Abril de 1978

É um fato bem conhecido que este mundo é um mistura de bem e mal, de prazer e dor, de concordância e discordância, de carinho e medo, de união e separação, de criação e destruição. Onde está um desses pares de opostos, está também o outro. Não se pode separar um do outro nem se pode achar em uma pessoa comum um só deles isoladamente. Até o ladrão ou assaltante que rouba e mata sem piedade tem em seu coração carinho por sua família ou por uma pessoa em particular, roubando ou matando talvez para mantê-los. Vemos em todos, não somente entre os seres humanos, estes dois sentimentos. Até os pássaros que se comportam como inimigos dos vermes, o fazem com o propósito de alimentar aos seus filhotes. Em outras palavras, podemos dizer que é evidente que o mundo inteiro é um conjunto desses pares de opostos. O que está sob a influência de um, também está sob o domínio do outro. E nenhum dos dois nos permite sair de suas garras e liberar-nos. Todo esforço humano é precisamente ir além destes pares de opostos e alcançar a bem-aventurança plena e eterna. O ser humano tenta lograr este estado de várias maneiras: alguns adquirindo riquezas, outros tendo filhos, estes mediante logros intelectuais, aqueles adquirindo poderes, quer sejam terrenos ou ocultos, no entanto nenhum deles chega a alcançá-lo. Em vez da paz e consolação que buscam através destes meios, se encontram em meio de um labirinto de inquietude, provocada pela sede de possuir mais e mais dessas coisas ou na conservação do já adquirido.

O mundo que criamos desta maneira absorve a mente em sua totalidade e quanto mais nos apegamos aos objetos, tanto mais nos identificamos com eles. O resultado é que a angústia que se sente ao afastar-se deles se faz mais aguda. O homem sabe tudo isto, no entanto não pode desfazer-se do apego pelos objetos e o triste do caso é que a maioria da humanidade nem o tenta. Sri Ramakrishna costumava dizer: "O camelo come arbustos espinhosos e enquanto o faz sua boca sangra abundantemente, não obstante, não cessará de comê-los". É assim também a vida do ser humano. Sabe que tem que passar por incontáveis sofrimentos neste mundo uma vez que se enreda nele, no entanto não pode evitar envolver-se. O que é que o compele a fazê-lo? Arjuna, o grande herói do Mahabharata, faz uma pergunta idêntica a Sri Krishna: "Então o que, por assim dizer, obriga ao homem a levar uma vida cheia de erro, ainda que não queira?" Sri Krishna lhe responde: "É este desejo, é esta ira, produto de rajas, que o obriga. É voraz e malvado. Conhece-o, com certeza, como teu pior inimigo aqui". Vemos aqui que se usou o verbo no singular, ainda que

¹ Traduzido do original em espanhol "Donde Buscar Solaz".

aparentemente existam dois sujeitos, 'desejo e ira'. Shankaracharia comentando este verso diz que a ira é outro aspecto do desejo; quando se impede o cumprimento do desejo este se converte em ira, portanto no texto o verbo está no singular. Em realidade, a base de toda atadura deste mundo é o desejo. E enquanto se tenha ainda que seja um vestígio de desejo, não pode ir além dos pares de opostos.

Por que acontece isto? Por que não é possível desfazer-se do desejo? Não é que todos não possam fazê-lo. Pelo contrário, sabe-se que alguns se liberaram rompendo a corrente do desejo. Mas muito poucas são as pessoas que pertencem a esta classe. A maioria da humanidade vem à terra devido ao impulso desse desejo, que eles haviam abrigado durante vidas anteriores. Geralmente buscamos felicidade e consolação no externo, fora de nós, por estarmos sujeitos às nossas paixões e desejos.

Os sankhias, psicólogos hindus de épocas anteriores, dizem que a criação ou o universo é o produto do desequilíbrio dos três elementos constituintes da Prakriti ou Natureza. Eles os chamam gunas. Estes três gunas existem em toda a criação, tanto no ser humano como em qualquer outra coisa vivente; mas são perceptíveis, pelas qualidades que eles engendram, de uma maneira mais clara no homem. Cada um destes gunas tem suas peculiaridades; cada um produz no ser vivo certas inclinações. O Bhagavad Gita em seu décimo-quarto capítulo descreve detalhadamente a influência de cada um deles: "Sattva, rajas e tamas são os três gunas que se originam da Prakriti. Atam ao ser imutável que mora no corpo. Sattva, sendo sem mácula, é brilhante e tranqüilo, no entanto ata ao ser por seu apego à felicidade e ao conhecimento". A felicidade e o conhecimento à que se refere aqui não são os mais elevados, mas os relativos a este mundo objetivo, por exemplo, a felicidade que se sente contemplando um panorama natural de paisagens ouvindo musica, etc, e o conhecimento do múltiplo. Esta felicidade e esse conhecimento não levam alguém a Deus, ainda que estejam em um nível mais alto que os das pessoas comuns. O apego a esta classe de felicidade e conhecimento, a pesar de ser mais fino, prende o homem ao mundo.

O Bhagavad Gita continua: "Sabe que rajas é da natureza da paixão, a fonte da sede e do apego, prende fortemente ao ser encarnado pelo apego à ação." Aqui 'sede' se refere ao desejo por coisas não adquiridas. Sabemos que não há saciedade para esta sede. Pensamos que logrando tal ou qual objeto estaríamos satisfeitos. Com este motivo trabalhamos duramente, mas tão logo o logramos a mente sugere outro objeto mais brilhante, mais atrativo como meta. Por acaso obtendo-o o homem fica satisfeito? Não. Sua busca segue sem parar. É assim como rajas impele ao ser humano a meter-se em um turbilhão de atividade.

"Tamas, - diz Sri Krishna, - é produto da ignorância, que ilude todos os seres e submetendo-os ao erro, preguiça e sono os prendem fortemente". O que está sob a influência deste guna, vê tudo ao contrário: toma o transitório pelo eterno, o mal pelo bem e assim por diante.

Sri Ramakrishna compara a esses gunas com ladrões, por que todos eles privam ao homem de sua faculdade de discernir e lhe ocultam a Verdade. Para

explicar isto, o Mestre relata uma estória: “Certa vez um homem passava por um bosque quando três ladrões lhe assaltaram e lhe roubaram tudo o que tinha. Um deles dizendo: ‘De que serve deixá-lo com vida?’ estava por matá-lo com sua espada quando o segundo ladrão lhe deteve dizendo: ‘Oh não! De que serve matá-lo? Ata-lhe os pés e as mãos e deixe-o aqui.’ Em seguida os ladrões fizeram isto e se foram. Depois de um tempo, o terceiro ladrão voltou e disse ao homem: ‘Ah, sinto muito. Você está ferido? Vou te soltar as cordas.’ Depois de libertá-lo o ladrão lhe disse: ‘Venha comigo. Vou levá-lo até a estrada.’ Depois de um longo tempo chegaram ao cominho principal. Então o ladrão disse ao homem: ‘Siga por este caminho. Lá está sua casa.’ A isto o homem respondeu: ‘Senhor, Tu foste muito bom comigo. Venha à minha casa’. ‘Oh não! – disse o ladrão. Não posso ir lá, a policia saberá.’”

Sri Ramakrishna explicou: “Este mundo mesmo é o bosque. Os três ladrões que andam aqui são sattva, rajas e tamas. São eles os que roubam ao homem o Conhecimento da Verdade. Tamas quer destruí-lo. Rajas o ata ao mundo. Mas o sattva lhe salva das garras de rajas e tamas. Sob a proteção de sattva o homem se salva da ira, luxúria e outros maus efeitos de tamas. Além disso sattva solta as amarras do mundo. Mas sattva também é um ladrão. Não pode dar ao homem o Conhecimento final da Verdade, ainda que lhe mostre o caminho que conduz à Suprema morada de Deus. Ao mostrar-lhe o caminho, sattva diz: ‘Olhe lá, sua casa está daquele lado.’ Mesmo sattva está muito longe do Conhecimento de Brahman.”

Já dissemos que estes três gunas existem em todo ser vivo; em alguns predomina um dos gunas e em outros outro deles, e segundo qual deles predomina em um ser humano, este manifesta tranqüilidade, atividade ou preguiça. Rajas inquieta ao homem, o faz correr atrás de todo tipo de atividades e prazeres. Impulsionado pelos desejos, o ser humano comete erros e como consequência colhe seus frutos amargos. Então se sente miserável. Tamas, devido à letargia que engendra no homem e pelas idéias equivocadas que planta nele, é muito mais perigoso. Estando preso na rede da ignorância, sob o domínio de tamas, o pobre ser humano crê que é um sábio. Este tipo de crença não o libera do sofrimento que vem como resultado de suas ações errôneas. É então quando trata de jogar a culpa de seu sofrimento em alguém, ignorando que está colhendo o fruto de suas próprias ações. Só então o homem busca consolação. A questão é saber onde deve buscá-lo.

Um agnóstico ou cético que não crê em um Ser Supremo ou Deus, depende da matéria, das comodidades materiais para reconfortar-se. Mas por acaso o logra? Não. Então tenta esquecer seu sofrimento talvez com bebidas alcoólicas ou drogas. Mas o efeito de todas estas coisas é momentâneo. Quando o efeito passa, o sofrimento o ataca, como se com vigor redobrado. Além disso, a mente que este pobre homem quer adormecer ingerindo estes tóxicos, é tão ingrata que não somente não lhe deixa esquecer os danos causados pelos demais ou os erros cometidos por ele mesmo, senão que lhe lembra tão constantemente que não o deixa em paz. Talvez se possa escapar da observação das pessoas, mas de nenhum modo de sua própria mente. Esta o acompanha

por todas as partes e em todos os momentos como uma sombra. Sua censura é mais aguda, quando não se vê uma saída para seu sofrimento.

Vejam, talvez exista o sofrimento no mundo como um corretivo para a humanidade que erra. Se pode perguntar: “Bem, por acaso não sofrem aqueles que crêem em Deus ou levam uma vida espiritual? Vemos que eles sofrem mais do que os que não crêem em nada.” Certamente eles também sofrem. O mundo, como dissemos ao início desta conversa, é uma mistura de prazer e dor. Nenhum deles é permanente. Felicidade e sofrimento se alternam na vida do homem. O corpo é de matéria e tudo que é material é mutável e mutante. Portanto todos os seres encarnados estão sujeitos a estas mudanças da matéria. Além disso, como Swami Vivekananda disse: “A vida está e deve estar acompanhada pelo mal. Um pouquinho de mal é a fonte da vida.” Que quer dizer ele com esta última frase? Um ser perfeito não necessita encarnar-se, salvo nos poucos casos dos que vêm à terra para ensinar a humanidade. Um ser nasce porque é imperfeito, tem desejos e até que não consiga a perfeição terá que vir a este mundo uma e outra vez. Isto é o que afirmam os Upanishads quando declaram: “Pelas ações meritórias se alcançam os mundos superiores e pelas más ações se alcançam os mundos inferiores e com um equilíbrio entre estes dois tipos de ações se volta ao mundo do ser humano.” Ou seja, nasce como homem.

Aquele que crê em Deus e segue o caminho da retidão e do espírito sabe, ou melhor dito, deve saber que sua crença em Deus, sua intenção e seus esforços para seguir este caminho não o liberam de seus sofrimentos físicos nem das preocupações. O verdadeiro amante de Deus não busca milagres, nem reza pela cura de suas enfermidades ou por seu bem-estar. Ama a Deus por amor a Ele. Tenta desenvolver o gosto por levar esta vida, sem ostentação. Não espera nem sequer o reconhecimento das pessoas. Sabe que o amor por Deus que ele busca é em si mesmo a recompensa de suas duras práticas e austeridades. Luta com suas paixões e sentidos, os quais querem arrastá-lo para o caminho da escuridão. E ao final chega a ter uma paz que mesmo a duras penas só alguns poucos alcançam. Sente a proximidade do Senhor e não se sente abandonado em nenhum momento ainda que o mundo inteiro esteja contra ele. Sri Krishna disse sobre isto: “A Suprema Bem-Aventura com certeza vem a este yogui, cuja mente se tranqüilizou, cuja paixão se aquietou e que se tornou Brahman, havendo-O realizado e que não tem mancha.”

Vejam, a verdadeira habilidade consiste em poder ir além do bem e do mal, porque só então se pode alcançar a paz e a consolação. Como podemos fazê-lo? Confiando em Deus e submetendo-nos à Sua vontade. Como podemos saber qual é Sua vontade? Tudo o que acontece, acontece por Sua vontade. Neste caso por que não deve pensar alguém que o que está fazendo também é por Sua vontade? Verdade, não há argumento contra isto. Mas está certo que é Sua vontade que está trabalhando por meio dele? Sendo assim não se sentirá exaltado com o êxito e nem se sentirá deprimido pelo fracasso. Caso contrário, ainda que sinta só um pouquinho de exaltação ou orgulho por haver alcançado algo ou pensa que é ele o agente da ação, então esta pessoa não crê no que diz. É hipocrisia o que a faz dizer que a vontade de Deus trabalha por meio dela.

Surge outra pergunta: “Devemos submeter-nos, sem fazer esforço algum, a todo tipo de calamidades?” Ninguém aconselha isto. Enquanto uma pessoa seja consciente de que ela é o agente de suas ações deve resistir a tudo que considera como maldade. O ensinamento “não resista ao mal” é para as almas muito evoluídas. Não significa somente a resistência física senão também a mental. Na pessoa que segue este ensinamento não deve surgir nem sequer uma idéia contrária, ou um sentimento de ódio por quem lhe prejudica. Só se pode falar de cumprir com este preceito na sua totalidade quando se alcança o estado em que a mente se mantém equânime sob todas as circunstâncias. Mas para as pessoas comuns que são movidas ainda pelas menores mudanças no comportamento dos demais em relação a elas, o caminho consiste em resistir ao mal, não somente o que se origina de fora, senão também o que está dentro delas mesmos.

Pode chegar a consolação e a paz a alguém que crê que é a vontade de Deus a que atua no mundo? Vamos ser explícitos: se por consolação e paz se entende de que não vai sofrer mais, que não vai ter mais preocupações, então ninguém no mundo a terá. Mesmo para aquele que toma refúgio em Deus chega o sofrimento físico e não se suaviza o golpe que cai sobre ele; acontecerão as calamidades se tem que passar por elas, mas junto com as mesmas virá também a força para enfrentar o perigo e as tribulações. Não se desesperará quando se encontre em situações difíceis, sabendo que é a vontade de Deus que age aqui e que Ele irá fazer o que é bom para ele.

Tem um crente comum esta confiança, essa força? Isto depende da intensidade da fé de cada um. Diz-se que a fé pode mover montanhas, mas ela tem que ser inamovível como uma montanha. Há uma estória que Sri Ramakrishna costumava contar à seus discípulos que explica sobre os diferentes tipos de fé: “Em certa aldeia vivia um brahmin, a quem uma pastora que vivia no outro lado do rio, dava leite todos os dias. As vezes ela demorava em levar o leite. Um dia o brahmin se zangou e lhe perguntou porque demorava. Ela lhe explicou que tinha que esperar o bote que às vezes se encontrava do outro lado e que o barqueiro também aguardava os passageiros e tudo isto era a causa se sua demora. No mesmo instante o brahmin lhe disse: “Mulher, as pessoas cruzam este oceano do mundo repetindo o nome de Deus, e tu não podes cruzar este pequeno rio fazendo o mesmo?” A mulher, simples como era, aceitou esta reprimenda e acreditou nas palavras do brahmin. A partir do dia seguinte ela levava o leite sem demoras. Observando isto, o brahmin lhe perguntou: “Por que não demoras mais em vir aqui?” A mulher respondeu: “Repetindo o nome de Deus, como o senhor me indicou, cruzo o rio e não preciso esperar mais o barco.” Assombrado e não podendo acreditar nisto, o brahmin lhe pediu que lhe mostrasse como o fazia. Ambos desceram ao rio e a mulher com toda a facilidade caminhava sobre as águas repetindo o nome de Deus. Mas voltando-se notou que o brahmin, ainda que repetisse o nome de Deus, levantava suas roupas para que não se molhassem. Então a pastora lhe disse: “Senhor, repetes o nome de Deus e ao mesmo tempo levantas suas roupas. Tu não crês no que dizes.” Aqui estão os dois tipos de fé. E a maioria das pessoas é como este brahmin, fala da fé mas não a tem. Mas é claro,

a fé inquebrantável vem com a visão de Deus ou sendo simples como esta pastora ou como uma criança.

Como se desenvolve esta fé? Sendo simples e cândido como um menino. Quando alguém é cândido confia nas palavras das escrituras e dos grandes mestres espirituais. Em seguida põe em prática seus ensinamentos sem vacilação nem dúvida. Esta prática fortalece sua fé em Deus, pois nela encontra uma força que não é deste mundo.

Vejam agora, o que acontece com os que não são francos e simples? Se eles querem ter consolação e paz também têm que lutar duramente para vencer seus defeitos. Têm que rezar ao Senhor com todo o coração para que os coloquem no bom caminho e possam corrigir-se. Pode surgir a dúvida: E se as orações não forem respondidas? A própria dúvida demonstra que não tomamos o caminho a sério, que não temos o verdadeiro anelo. Porque esta dúvida não tem base. Por acaso não nos asseguram os grandes mestres da humanidade, que realizaram a meta da vida, que viram à Deus, que Ele é nosso guia interno e escuta nossas orações quando são sinceras? Por exemplo, o Senhor Jesus Cristo afirma: “Peçam e lhe darão; busquem e acharão; chamem e lhe abrirão. Porque qualquer um que peça, recebe e o que busca, acha e ao que chama, lhe será aberta [a porta]. Que homem entre vós, a quem se o filho pedir pão, lhe dará uma pedra? E se lhe pedisse um peixe, lhe dará uma serpente? Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedem.” Portanto, se rezando uma vez não conseguimos resposta, não devemos pensar que Deus não escuta nossa oração. Swami Vivekananda disse: “Quantas tempestades e ondas é preciso enfrentar antes de chegar ao porto de Paz! Quanto maior foi o homem, mais terríveis foram as provas pelas quais teve que passar.” Assim, se queremos uma coisa valiosa, devemos estar preparados para pagar seu preço. E a paciência e a perseverança são o preço da paz eterna. Não devemos fraquejar nem afrouxar nossos esforços, mas continuar com a luta, não importa o que aconteça. Porque não há consolação em nenhum outro lugar senão em Deus. Se O deixamos, a que outro lugar podemos recorrer em busca de paz? Em que podemos confiar? Em riquezas, em filhos, em parentes ou amigos? Até quando podem eles ajudar-nos e como podem dissipar nossos sofrimentos que estão além da ajuda humana? Sabendo que não temos a ninguém senão ao Senhor neste mundo a quem podemos chamar propriamente nosso, devemos tomar refúgio n’Ele. Swami Vivekananda aconselha: “Renuncie a todo ‘eu e meu’, pois o Senhor chega àquele que não tem nada neste mundo.” Estas palavras surgiram de sua própria experiência, não é mero palavreado. É por isso que ainda encham ao leitor com estremecimento e lhe infundem confiança em si mesmo. As palavras daquelas pessoas que tocaram e apalparam o infinito levam uma força própria. Estas palavras consomem, por assim dizer, como o fogo, toda dúvida, todo temor e vacilação dos que as ouvem ou lêem.

Por que então se queixam e gemem até os crentes quando estão em circunstâncias difíceis? Porque ainda não aceitaram ao Senhor como seu no sentido mais pleno. Além disso, entregar-se à Deus não é tão fácil como parece enquanto exista tão sequer um pequeníssimo vestígio do desejo de gozar,

enquanto haja imperfeição no homem. Porque aquele que se entrega totalmente à Deus não tem nada que temer, pois Sri Krishna nos assegura: “Eu (o Senhor) Me encarrego daqueles que sempre pensam em Mim unicamente, Me servem e Me adoram, e lhes provejo do que lhes faz falta e cuido do que já têm.”

Ouvindo isto se pode atribuir parcialidade a Deus e dizer que em tal caso Ele também, como qualquer ser humano, está sujeito a todas as debilidades, como ódio, parcialidade e coisas assim. Esta acusação não tem fundamento como veremos do que disse Sri Krishna: “Eu me manifesto igualmente em todos os seres. Ninguém é odioso nem mui querido para Mim. No entanto, Eu estou naqueles devotos que Me adoram com devoção e eles estão em Mim.” O Senhor está em todos os seres como seu guia interno, como seu Ser mais recôndito. Como podemos então odiar alguém? O significado é que o devoto por sua intimidade com Deus perde a noção de diferenciação e distância que um homem comum sente entre ele mesmo e Deus. Para o devoto, o Senhor é muito seu, muito íntimo e as coisas do mundo não tem muito valor para ele. Sua vida se centra em Deus. Pelo contrário, para o homem mundano Deus é uma palavra e os objetos sensórios são como se fossem sua própria vida. Sri Ramakrishna costumava dizer: “Deus está em todas as partes, mas se manifesta de uma maneira especial no coração do devoto.” Eis aqui um canto que expressa a atitude do devoto por Deus:

**Ó Senhor, Tu és meu Tudo em tudo, a Vida de minha vida, a
Essência da essência;
Nos três mundos não tenho a ninguém senão a Ti a quem possa
chamar meu.**

**Tu és minha paz, minha alegria, minha esperança;
Tu, meu apoio, minha riqueza, minha glória,
Tu, minha sabedoria e minha força.
Tu és meu lar, meu lugar de descanso, meu amigo íntimo, meu
parente mais querido.**

**Meu presente e meu futuro Tu és; meu céu e minha salvação;
Tu és minhas escrituras, meus mandamentos, Tu, meu sempre
bondoso Gurú.
Tu és a fonte de minha bem-aventurança sem limite.**

**Tu és o caminho; Tu, a meta; Tu, ó Adorável, ó Senhor.
Tu és a mãe de coração terno; Tu, o pai que castiga.
Tu és o Criador e o Protetor. Tu, o Timoneiro que guia minha barca
através do mar da vida.**

Aqui vemos como desaparece da vista do devoto a barreira do resplendor e glória que interferem na relação de um ser individual com o Ser Supremo. Para o devoto, Deus não é um estranho, por conseguinte, sente Sua

proximidade. Em troca, o homem comum, devido a sua ignorância, constrói barreira sobre barreira entre ele e Deus; barreiras do ego, riqueza, renome, fama, orgulho e assim por diante. São estas que nos impedem de ver a Deus, que mora em nosso coração.

O que acontecerá com aqueles que levam uma vida imoral e má, aqueles que cometem erros? Não há saída para eles? O Bhagavad Gita promete a salvação para eles também: “Ainda que um homem seja o pior dos malvados, se Me adora com a devoção de todo coração, deve ser considerado como uma alma nobre, pois tomou uma boa determinação.” O significado é este: O ser humano comete erros, por vários motivos, mas por esta razão não deve ser condenado por toda vida. Se ele se arrepende e toma refúgio em Deus existe a possibilidade de que suas tendências viciosas desapareçam e caiam dele, como as folhas secas de uma árvore no outono. Sri Krishna agrega: “Em pouco tempo este homem se converte em um santo e alcança a paz imortal. Ó filho de Kunti, proclama ao mundo que Meu devoto jamais perece.” Temos aqui a promessa inequívoca do Senhor.

Qual é a atitude que melhor convém ao devoto, está explicado por Sri Ramakrishna. Cita o exemplo do gatinho: “O gatinho só sabe chamar a sua mãe, dizendo ‘miau, miau’. Fica contente aonde quer que a mãe o ponha. A gata o põe às vezes na cozinha, às vezes no solo e outras vezes sobre a cama. Quando o gatinho sofre, grita, ‘miau, miau’, não sabe fazer outra coisa. Mas tão logo a mãe gata ouve este grito, aonde quer que esteja, vem até ele. Clama por Deus, — conclui Sri Ramakrishna — desta maneira, com um coração anelante, então com toda certeza poderás vê-Lo.”

Surge outra vez a velha dúvida, que já foi respondida, de outra forma: “Por que Deus não outorga a todos fé n’Ele? Por que só dá à alguns e não à outros? E por que, mesmo à estes poucos, dá a fé de diferentes graus? O Bhagavad Gita o aclara: “O Senhor não obriga ninguém à atuar, não cria para as pessoas nem os objetos nem a união com os frutos das ações. É a natureza que atua. O Senhor não recebe nem o mal nem o bem de ninguém. O conhecimento está coberto pela ignorância, por conseguinte, os seres ficam iludidos.” A natureza ou Prakriti, por seus poderes de ocultar a realidade e projetar a irrealidade, rouba do ser individual sua faculdade de discernimento e ele identificando-se com a natureza toma o irreal pelo Real, o transitório pelo Eterno e permanece apegado ao mundo. O dia em que cessar de fazê-lo se dará conta de sua verdadeira natureza e se liberará para sempre.

Vejamos agora, como podem aqueles que já estão presos no mundo, chegar à Deus, a morada da consolação? Não podem de repente romper sua relação com aqueles com quem convive, nem desfazer-se de seus deveres. A eles Sri Ramakrishna aconselha: “Cumpra com todos os deveres, mas mantenha vossa mente em Deus. Viva com todos, com esposa e filhos, pai e mãe, e sirva-os. Trate-os como se fossem seus mui queridos, mas saiba no mais íntimo de vosso coração que eles não lhe pertencem; que Deus é vosso amigo, parente e morada.”

Que possamos alcançar à Deus, a morada da consolação, nesta mesma vida, por Sua misericórdia!

O LUGAR DO GURU NA VIDA ESPIRITUAL (*)

Por Swami Paratparananda

* *Editorial da revista The Vedanta Kesari – Fevereiro de 1965; Vol. 51; pág. 487*

UMA INTERESSANTE pergunta colocada por pensadores, que de algum modo tem um vago conhecimento de que a divindade é a verdadeira natureza dos seres humanos é: 'Se nós todos somos fagulhas do mesmo divino Espírito, que necessidade existe de um homem ajudar outro a realizá-la?' É uma colocação sincera e inteligente. Podemos sentir que aquele que questiona é sincero. Talvez um pouco de tudo tenha perturbado tal mente — e existem tantas novas filosofias surgindo, o suficiente para confundir qualquer homem comum.

Qual é a resposta para tal questionamento? Vamos colocar em prova aquele que questiona. Como ele sabe que é uma fagulha da divindade? Ele sabe por sua própria experiência ou de livros, literatura ou de outras pessoas? Bem, se ele conheceu isto de outras pessoas ou livros, ele foi derrotado por sua própria pergunta. Pois se ele pode acreditar em certas coisas ditas em algum lugar e por algumas pessoas que o impede de acreditar na necessidade de confiar na eficácia e na utilidade de um guia espiritual, uma pessoa, talvez, mais regular em suas orações e meditações, sincera até o âmago em sua vida espiritual e de caráter puro e imaculado? Isto, é claro, o questionador não pode responder exceto concordando que sua premissa estava errada. Ainda assim ele pode sentir que sua pergunta permanece sem resposta. Portanto vamos nos voltar para o lado prático da questão. Vamos tomar o exemplo de um filho ocupado com seu jogo. O jogo o absorveu e ele esquece seus estudos. Não é necessário que a mãe o lembre de seus estudos? No mundo espiritual nós somos todos crianças até que tenhamos atingido os mais altos estágios da realização. Precisamos de um guia, o Guru, para lembrar-nos, mais ainda, ajudar-nos realmente a vencer os obstáculos em nosso caminho.

Por que nós não podemos fazê-lo por nossos próprios esforços? Talvez isto seja possível em casos muito raros onde o anelo por Deus é intenso, onde a renúncia é como um fogo flamejante, mas para os aspirantes comuns um guia espiritual é essencial. É verdade que nossa natureza é divina, que somos filhos da Imortalidade. Mas somos conscientes deste fato? Quantos dias em um ano somos conscientes disto, quantos minutos em um dia? Temos que confessar que muito raramente somos conscientes disto. A idéia das práticas espirituais é a de tornar-nos conscientes desta divindade mais e mais. Agora, os caminhos espirituais são numerosos, qual deveria um determinado aspirante escolher? Todas

estas questões intrincadas são resolvidas por um verdadeiro mestre por sua percepção profunda da vida do discípulo. De outra forma os aspirantes serão tentados a seguir quaisquer caminhos que se apresentem a eles como atrativos, como fáceis. Será como cavar em busca de água em determinado local agora e em seguida em outro, mas não suficientemente fundo para atingir o veio da água. É preciso ser perseverante e persistente se desejar qualquer resultado na vida espiritual. Apenas flutuar nas águas não nos levará às gemas que repousam no leito do oceano. Deve-se mergulhar fundo, diz Sri Ramakrishna.

O *Kathopanishad* adverte os futuros aspirantes à vida espiritual de forma rígida: 'Não é para muitos nem mesmo escutar sobre isto. E mesmo entre aqueles que escutam sobre Ele, muitos não compreendem. Maravilhoso é o mestre e afortunado o que obtém este ensinamento. Ainda mais maravilhoso é aquele que O compreende quando ensinado por um sábio.¹ Muitas vidas têm sucumbido nos mares desta existência. Um sábio piloto é necessário. Se mesmo depois de repetidas instruções nós não somos capazes de compreender o Supremo Espírito, então como podemos por nossos próprios esforços atingi-lo!

Tomando como certo que algum dia a fagulha em nós se acenderá se as condições se tornarem propícias, como nós podemos saber que outras circunstâncias permitirão a ela brilhar? Se, por exemplo, uma grande carga de lenha molhada é jogada sobre brasas, estas serão capazes de consumir a lenha? Nunca. O fogo diminuirá e se apagará em breve. Mas supondo que se conheça como acender o fogo com esta fagulha, irá manuseá-la com sabedoria e o fará crescer e brilhar mais adicionando folhas secas, não seria este mesmo fogo capaz de queimar até mesmo uma floresta? A condição do homem é quase idêntica. Uma grande quantidade de tendências está abafando a divina fagulha e tornando impossível uma melhor visão daquele brilho divino. A luxúria e a cobiça são as duas principais dificuldades que oprimem sua mente tornando impossível para ele estar consciente de sua divindade.

A parábola de Sri Ramakrishna do tigre comedor de ervas descreve corretamente a condição do homem. Um tigre recém-nascido que foi deixado no meio das ovelhas, mesmo antes de ter bebido o leite de sua mãe, seguiu os modos das ovelhas — comia grama e balia quando ameaçada por um perigo. Um dia outro tigre atacou o rebanho e quando viu um tigre balindo e fugindo, ficou surpreso. Contudo ele agarrou o tigre comedor de ervas e perguntou, 'Por que você está fugindo? Você é um tigre como eu.' Mas o tigre comedor de ervas não podia acreditar nisto. Então o outro tigre o arrastou até um lago; mostrou á ele seus reflexos na água e empurrou um pouco de carne em sua boca e rugiu. O tigre comedor de ervas, assim convencido de sua natureza e tendo provado a carne, rugiu em resposta. Aqui é como o verdadeiro mestre ajuda um aspirante. Nós nos esquecemos de nossa verdadeira natureza e presos nas redes do mundo acreditamos ser ovelhas. Portanto dúvidas surgem em nossa mente mesmo quando nos dizem que somos a própria

divindade. O outro tigre é o Guru que nos torna consciente de quem somos.

Agora vamos analisar outra ilustração. Swami Vivekananda deu o exemplo sobre plantar uma semente. 'Você faz crescer uma planta?' ele perguntou. Não. A vitalidade para germinar está na própria semente. Você não pode infundir esta vitalidade nela. 'O que você pode fazer é colocá-la em um solo adequado, aguá-la e assim ajudá-la a crescer. Você apenas remove os impedimentos e obstáculos no seu caminho permitindo que ela cresça por si só'. Da mesma forma a divina fagulha no homem é para ser sentida e não simplesmente conhecida teoricamente. O trabalho do Guru é ajudar o discípulo a senti-La, realizá-La, descobrindo e removendo os impedimentos que bloqueiam seu caminho.

Nós temos apenas que verificar a maneira com a qual Sri Ramakrishna treinou seus discípulos para compreender esta relação entre o Guru e o *sisya*. Primeiro houve sua seleção dos discípulos apropriados e então seu treino deles. Ele conhecia o passado, presente e futuro daqueles que ele tomou em suas mãos para moldar como seus discípulos. Não foi apenas Sri Ramakrishna que possuía tais poderes. Jesus também os teve diante dele. Não escolheu Jesus alguns de seus discípulos entre pescadores? As Encarnações podiam com um olhar conhecer a natureza de qualquer homem que tivessem contato.

Conhecendo assim seus mais íntimos pensamentos as Encarnações podiam corrigir seus discípulos sempre que agissem errado. Jesus previu para seu rebanho apenas um dia ou dois antes da crucificação: Um entre vocês me trairá. E eles ficaram tristes, pois o Senhor não acreditava neles. Mas esta profecia não foi cumprida? Pois ele disse a Pedro, 'Você me negará três vezes antes do galo cantar' e não foi isto cumprido? E Pedro não negou firmemente que tal coisa fosse possível para ele? E ainda assim como isto veio a acontecer? Isto mostra que Jesus podia ver não apenas o que iria acontecer com si mesmo, mas também que pensamentos surgiriam nas mentes daqueles próximos a ele. Isto prova que as Encarnações de Deus tem o poder de conhecer tudo que querem saber. Nada fica escondido ao seu olhar. Por isso eles têm o mais alto lugar como Gurus, como mestres de humanidade, em todas as épocas.

O ministério espiritual de Sri Ramakrishna foi um fenômeno maravilhoso. É como uma paisagem de tonalidades em constante mudança, sempre atrativas e nunca cansativas, o jogo espectral de cores, contudo apontando para a mesma meta, que é Deus. Algumas vezes ele costumava fazer seus jovens discípulos rolares no solo de tanto rir por seu humor; em outros momentos ele cantava canções para eles sobre o divino e os transportava a uma região exaltada. Em outros momentos haviam discussões sobre as filosofias de diferentes seitas em diferentes épocas. E então ele os exortava a uma vida austera e de meditação. Uma vez quando um discípulo disse a ele que tentava meditar, mas sua

meditação não era muito profunda e nem sem perturbações, Sri Ramakrishna escreveu algo sobre a língua do discípulo e o mandou para o retirado Panchavati em Dakshineswar. O discípulo, mesmo enquanto ia para o citado lugar foi perdendo sua consciência externa e a perdeu totalmente tão logo chegou ao lugar e se sentou sob aquela árvore. Ele voltou a si, para usar uma expressão mundana, somente quando Sri Ramakrishna massageou seu corpo, do peito para baixo. Numerosos são os exemplos na vida do Mestre e seus discípulos em que ele acentuou o potencial espiritual de seus discípulos.

Uma pergunta pode ser feita: Por que você diz que existe a divindade em todos os seres humanos, se deve ser atingida por duros esforços e a ajuda de um mestre? Pela simples e óbvia razão de que um objeto não pode mudar sua natureza e permanecer o mesmo. Nós nunca escutamos falar de fogo gelado e gelo quente, exceto como uma forma de expressão. Se o fogo não fosse quente, de que serviria? Um objeto pode manifestar apenas o que é inerente nele. Se um homem não fosse divino ele jamais poderia se tornar assim. Mas a nossa experiência é totalmente oposta. Nós vemos personagens divinos manifestando-se e seres humanos se tornarem divinos. Assim a proposição de que o homem não é divino mais atinge a divindade não é também verdadeira. O que acontece pelos esforços é que eles descobrem a si mesmos, se descartam das incrustações que os envolvem uma por uma. Portanto a única solução aceitável e racional é que o homem é divino, chame-o de fagulha da divindade ou um filho de Deus ou do que você quiser.

Agora veremos a assistência que o Guru realmente presta ao discípulo. A vida espiritual tem alguns assuntos que devem ser considerados como reais, assuntos que você não pode desvendar pelo raciocínio. Mas não é fato que a vida religiosa é desprovida de todo raciocínio. É dada grande importância para a razão na religião e filosofia Hindu. Você é livre para questionar e inquirir, mas quando se torna um caso de mera argumentação, aí os sábios antigos colocam um limite.

A razão seria cega quando não existir comparações a fazer. O raciocínio é possível e benéfico enquanto se referir ao mundo fenomenal. Se você tem que inferir, você deve tecer um paralelo e o que existe que possa se comparar com a vida transcendental? Se o transcendental pode ser reduzido ao fenomenal, ele não mais permaneceria transcendental; em outras palavras o transcendental jamais poderia se tornar fenomenal. As leis do mundo fenomenal jamais poderão, portanto, ser aplicadas ao transcendental. O Atman, por exemplo, não pode ser visto pelos olhos, nem mesmo o mais poderoso microscópio pode revelá-lo. Mas ele é o ser mais recôndito do homem. Quando o homem morre algo se retira dele. Ele não pode ser impedido, pois ele não é visível. Mas que algo, que estava movendo o corpo e o fazia vivo mesmo antes do momento da morte, estava no corpo não pode ser negado. A vida espiritual lida com aquele ser, o Atman. Portanto, da mesma forma que você busca aprender música de um músico e não de um professor de lógica, temos que aprender a ciência da alma somente de um mestre espiritual. Ele conhece

ou descobrirá quais as nossas atitudes e inclinações e nos guiará de modo adequado.

Os seres humanos não são todos iguais; eles têm diferentes gostos e várias naturezas. Talvez todos concordamos com esta declaração. Agora, o que é melhor — deixar o homem crescer em seu próprio modo natural, que é fácil para ele ou forçá-lo a seguir um padrão de disciplina rígido, fixo e intolerante, que certamente lhe causará dano e destruirá sua natureza? Os sábios Hindus pensaram ser melhor deixar o homem crescer em seu próprio modo rumo a Deus; eles não tentaram modificar sua natureza inerente.

Por isso existem tantos caminhos para se aproximar de Deus descritos nas escrituras Hindus. Assim também sobre a forma ou ausência de forma de Deus que o aspirante gosta de adorar. Uma forma particular de Deus apela mais para um homem e assim ele é capaz de concentrar seus pensamentos em Deus mais facilmente, mesmo que haja outras formas que, apesar de ser do mesmo Divino Espírito, não provocam o mesmo nele. É o Guru que descobre qual forma da Divindade é mais adequada para cada discípulo, seleciona um mantra ou uma fórmula sagrada pela qual ele pode invocá-Lo e o instrui como deve prosseguir em seu caminho. Tudo isto o Guru faz sem qualquer motivo. O único desejo do Guru é que o discípulo possa realizar a Deus, possa se libertar das redes de *Maya*, do mundo. Isto é compaixão sem motivo, amor inegoísta que impele o Guru a tomar para si a tarefa de despertar o potencial espiritual do discípulo. Assim nós vemos que alta posição o verdadeiro Guru ocupa no plano do Espírito. Ele é considerado como um pai, mãe, amigo, filósofo e guia. Como um pai o Guru nos pune quando erramos, como uma mãe amorosa nos ajuda quando hesitamos, como amigo fica conosco em nossas dificuldades e como um filósofo ele nos aconselha quando não sabemos como prosseguir.

Por tudo isto fica claro que o Guru ocupa uma posição suprema na vida do aspirante espiritual. Muitos hinos foram escritos sobre o Guru, entre os quais o *Guru-Gita* é famoso.

O Mundakopanishad dá a descrição do verdadeiro mestre: *srotriya*, bem versado nas escrituras – e *brahmanistha*, estabelecido em Brahman². Sri Sankara em seu *Vivekachudāmani* ampliando este conceito e em concordância com as passagens da *Sruti* diz que aquele que está possuído de profundo espírito investigativo e de renúncia deve se aproximar de um Guru, 'que é versado nos Vedas, imaculado, intocado pelo desejo e um conhecedor de Brahman *par excellence*, que retirou-se em Brahman, que é calmo como o fogo que consumiu seu combustível, que é um oceano de compaixão sem nenhuma razão e um amigo de todas as pessoas boas que se prosternam à ele'.³ Este é o verdadeiro mestre de quem se nos aproximarmos estaremos certos de encontrar nosso caminho e a paz duradoura.

¹ Kathopanishad 2.7.

² 1.2.12.

³ Vivekachudamani, 33. 33.

SRI RAMAKRISHNA, O TYAGI ¹

Por Swami Paratparananda

(Sri Ramakrishna jamais se cansou de repetir que a essência da disciplina espiritual é a renúncia de Kama-kanchana, luxúria e cobiça. Swami Paratparananda, dirigente do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina² e anteriormente Editor da revista The Vedanta Kesari³, explica como a liberdade dos desejos carnis e da avareza ajuda na realização de Deus e como Sri Ramakrishna, o cientista demonstrou por sua própria vida que isto pode ser alcançado.)

O exemplo é melhor que o preceito, diz o velho adágio. Isto é aplicável em um sentido mais forte na vida espiritual. Todas as religiões têm suas escrituras e são sublimes seus ensinamentos, mas de maneira geral a humanidade não pode compreendê-las corretamente se não ver diante dela pessoas nas quais tais princípios estão encarnados em ações. Os Upanishads, que formam a parte final dos Vedas, a suprema autoridade entre as escrituras hindus, diz: "Nem pelo trabalho, nem pela procriação, nem pela riqueza, mas pela *Tyaga* (Renúncia) apenas eles atingiram a imortalidade"⁴. O propósito de todas as religiões é ensinar e equipar o homem a atingir a imortalidade, a liberdade de todos os tipos de escravidão, escravidão criada pelo apêgo às coisas mundanas, às pessoas, ao seu próprio corpo, etc. Como a passagem acima claramente expressa, a imortalidade não é possível sem *tyāga*, renúncia. A passagem acima não é um exemplo solitário. No Brihadarnyaka Upanishad está claramente declarado que a imortalidade não pode ser atingida pela riqueza⁵. No Kathopanishad Yama oferece à Nashiketa donzelas celestiais, carruagem, riqueza ilimitada, vida longa, etc., em lugar do Conhecimento sobre a vida após a morte. Nashiketa rejeita-as totalmente como transitórias e evanescentes e insiste em ser ensinado sobre aquele Conhecimento, adquirindo o qual torna-se imortal⁶. As escrituras

¹ O texto original em inglês foi publicado na revista "The Vedanta Kesari"; Sri Ramakrishna Post-Centenary Golden Jubilee Number Nov-Dec 1985, Vol. LXXII No. 11 & 12.

² O Swami foi dirigente espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina de 1973 a 1988.

³ O Swami Editor da revista em inglês Vedanta Kesari de 1962 a 1967.

⁴ Kaivalya Up. 2; também Mahanarayana Up. 12-14.

⁵ Brihadaranyaka Up. 2.4.2

⁶ I. 25-26

classificaram os desejos que impedem o homem de realizar à Deus em desejo pela procriação, pela riqueza e desejo de desfrutar no céu ou em outros mundos⁷. O abandono destes desejos é renúncia. Todos estes ensinamentos das escrituras não teriam nenhum significado a menos que houvesse pessoas que os praticassem e atingissem aquele bem-aventurado estado que é prometido. Esta ausência foi preenchida pela vida de Sri Ramakrishna.

O advento de Sri Ramakrishna ocorreu em um tempo quando bhoga, gôzo acompanhado do materialismo, reinava, quando a religião era considerada o ópio dos pobres e o Hinduísmo uma massa de superstições. Apesar de que haviam surgido algumas organizações, tais como o Brahma Samaj, para reviver a vida religiosa da Índia, elas se preocupavam com reformas sociais, que tocavam apenas a periferia e não o coração do problema. Elas estavam apenas tentando adaptar a religião à atmosfera existente. O tema central da religião, *tyāga*, renúncia, estava tão longe de sua visão quanto daquela dos materialistas. E apesar de que à Índia não faltavam renunciantes, Sannyasins, eles em sua maioria viviam nas regiões dos Himalayas, longe da maioria da humanidade, desconhecidos por ela. Agora era a vida nas cidades que determinava o padrão e aqui, sob a influência do pensamento ocidental as pessoas, especialmente os jovens, estavam começando a duvidar da veracidade dos ensinamentos das escrituras Hindus. Por isso, não pode ser negado que o advento de Sri Ramakrishna neste momento crítico foi um efetivo e sólido remédio para os males que estavam atingindo a sociedade. Isto será amplamente verificado se nós olharmos através de alguns dos maiores eventos de sua vida.

Uma das práticas essenciais para se levar uma vida espiritual é o discernimento entre o real e o transitório. Desde sua infância Gadadhar, como Sri Ramakrishna era então chamado, possuía esta virtude em um grande grau. Ele era também um agudo observador. A piedade, dedicação e dependência de Deus de seu pai não deixou nenhuma dúvida na mente do menino sobre o real propósito da vida humana. Os menestréis que costumavam ir às aldeias recitando histórias mitológicas dos épicos e Puranas costumavam inspirar os habitantes à executar peças teatrais sobre elas. Gadadhar nunca perdia estas funções e sendo possuidor de uma maravilhosa memória repetia estes dramas diante de seus amigos. Assim “ele dirigia todas suas energias ao estudo das vidas e caráter dos heróis espirituais”⁸. A morte de seu pai quando o menino tinha sete anos de idade o fez buscar a solidão e passava longas horas absorvido em seu pensamento. Além disso a companhia de monges errantes que passavam alguns dias na casa de repouso da aldeia em seu caminho à sagrada cidade de Puri, fortaleceu nele o sentimento da transitoriedade deste mundo, algo que estava começando a se manifestar nele. A constante

7 Brihadaranyaka Up. 3.5.1.

8 Life of Sri Ramakrishna, (Advaita Ashrama, Calcutta. 1977) p.13 (daqui para frente 'Life')

companhia destes monges, escutando seus discursos e leituras das escrituras deu ao menino um incentivo para a meditação. A investidura com o cordão sagrado que deu a ele a oportunidade de adorar a divindade familiar Raghuvir lhe grande felicidade e elevou sua mente a um nível sublime, no qual ele teve extraordinárias visões.

Assim estava o grande renunciante se preparando para o ato final, tanto que na época que ele tinha dezessete anos, sua decisão de abandonar a educação que o proveria apenas com prosperidade material, já tinha sido tomada. Por isso, quando seu irmão Ramkumar o repreendeu por negligenciar sua educação, prontamente veio a resposta: "Irmão, o que farei com uma educação para se ganhar o pão apenas? Ao invés disso quero adquirir aquela sabedoria que iluminará meu coração e conseguindo a qual torna-se satisfeito para sempre"⁹.

O mesmo espírito de independência e desejo por liberdade o fez fugir de todas as propostas de um emprego no templo de Kali apesar de que ele vivia lá com seu irmão Ramkumar. Por trás desta atitude havia também a intensa convicção que o principal objetivo da vida era atingir a consciência de Deus pela conquista da carne e a renúncia da riqueza. A morte de Ramkumar, sobre quem ele tinha derramado toda sua afeição filial após o falecimento de seu pai, foi um tremendo choque para ele, pois aconteceu quando sua mente estava buscando por algo que era real e imperecível neste mundo transitório. Ele estava convencido de que o homem poderia ir além de todo sofrimento e atingir a imortalidade apenas realizando à Deus, a fonte da eterna bem-aventurança. Sua designação como o sacerdote do templo de Kali o ajudou a dirigir toda a energia para ter Sua visão e derramar sua devoção sobre a Mãe sempre afetuosa. Esta devoção uni-dirigida e a ansiedade para sentir a presença da Divina Mãe devorou, por assim dizer, todo pensamento sobre o conforto corpóreo, mais ainda, mesmo suas necessidades básicas. Assim a difícil luta para conquistar a carne se tornou fácil e não havia lugar em sua mente para pensamentos sobre a riqueza. E assim que ele teve a visão da Divina Mãe sua mente jamais se dirigiu aos objetos dos sentidos, pelo contrário sua ânsia de sentir a perpétua presença da Mãe aumentou de forma extraordinária.

Contudo ele não estava a salvo de passar por algumas provas. O estado intoxicado por Deus pelo qual Sri Ramakrishna passou, fez com que ele algumas vezes agisse aparentemente de forma estranha. Rani Rasmani e Mathur suspeitando que isto fosse devido à algum problema nervoso, inicialmente arranjaram para seu tratamento por um médico experiente, mas como isto não trouxe nenhum alívio, eles acharam que um pequeno desvio da rígida prática da continência lhe faria bem. "Assim eles contrataram duas mulheres de má reputação para que entrassem no quarto em Dakshineswar e tentassem este filho da Divina Mãe"¹⁰. Ao vê-

⁹ Ibid., p. 34.

¹⁰ Ibid., p. 68.

las Sri Ramakrishna tomou refúgio aos pés da Mãe, repetindo Seu nome em voz alta. Diz-se que em outra ocasião Mathur levou Sri Ramakrishna à Calcutta e parou em uma casa onde havia muitas jovens bonitas esperando e retirou-se o deixando só no meio delas. Imediatamente Sri Ramakrishna perdeu toda consciência exterior repetindo o nome da Mãe. Vendo-o naquele estado as jovens ficaram temerosas das conseqüências de se tentar um santo e começaram a implorar seu perdão. Mathur ouvindo o ruído entrou no quarto e ficou espantado com esta maravilhosa prova do total controle de Sri Ramakrishna sobre suas paixões.

Isto foi novamente demonstrado quando ele experimentou as práticas Tântricas sob a direção da Bhairavi Brahmani. Muitas destas práticas foram realmente provas supremas mas ele passou por elas permanecendo intocado. Ele podia ver a Mãe do Universo manifesta em todas as mulheres, mesmo na mulher da rua. Portanto sua renúncia da luxúria, *tyāga*, foi totalmente perfeita.

A culminação destes testes veio de Sri Ramakrishna mesmo. Quando a santa Mãe veio pela primeira à Dakshineswar, ele permitiu que ela compartilhasse seu leito e "um dia vendo sua esposa adormecida ao seu lado, Sri Ramakrishna disse à si mesmo: 'Aqui está um corpo de mulher que o mundo considera tão querido. Mas aquele que encontra prazer nele está confinado ao corpo e não pode realizar à Deus. Diga-me francamente se você quer isto ou Deus. Se quer o primeiro então aqui está.'¹¹" Sua mente pura respondeu à esta questão íntima entrando em um Samadhi tão profundo que durou a noite inteira. Mesmo no dia seguinte foi com grande dificuldade que ele foi trazido de volta à consciência do mundo pela repetição do nome do Senhor em seu ouvido. Nem este foi um exemplo solitário. Meses se passaram deste modo e ainda assim nunca, nem mesmo por um momento, sua mente desceu ao plano sensório.

Agora nos voltaremos ao segundo obstáculo no caminho espiritual, ou seja, a riqueza e veremos como ele encontrou este impedimento. Nós já mostramos quão categoricamente ele recusou adquirir o que denominou de "educação para ganhar o pão", ou seja uma educação que dará riqueza, nome e fama. Ele nunca deu um só pensamento a estas coisas. Não apenas isto, quando a riqueza era oferecida a ele, se sentia extremamente desconfortável, pois ele tinha banido de sua mente todo pensamento sobre a riqueza, descartando-a como não tendo mais valor do que um punhado de terra: "Pelo raciocínio ele chegou a certa conclusão de que uma pessoa que fez da realização de Deus a única meta de sua vida não conseguiria mais ajuda do ouro do que de um punhado de terra. Por isso, repetindo várias vezes 'Rúpia é terra e terra é Rúpia', ele atirou ambos no Ganges"¹². Seguindo esta disciplina, esta idéia ficou tão firmemente gravada em sua mente que qualquer idéia de posse levantaria, por assim dizer, uma tempestade em sua mente.

11 Ibid., p. 192.

12 Sri Ramakrishna, The Great Master, (Sri Ramakrishna Math, Madras, 1963)pp. 166-167.

Uma vez Mathur quis fazer uma provisão para a manutenção do Mestre. Ao fazer tal proposta Sri Ramakrishna contestou: "Você quer me fazer um homem mundano?"¹³ "Entre as muitas pessoas que vieram visitar Sri Ramakrishna havia um rico senhor Marwari chamado Lakshimi Narayan, que tinha o Mestre em grande estima".¹⁴ Nós narraremos aqui as circunstâncias como encontramos na biografia: "Um dia Lakshimi Narayan notou uma colcha manchada sobre a cama do Mestre e imediatamente ofereceu-se para depositar no banco em seu nome uma soma de dez mil rúpias, para que suas necessidades fossem sempre satisfeitas. Esta proposta foi tão dolorosa para Sri Ramakrishna que ele implorou com as mãos juntas que este assunto nunca fosse mencionado de novo. Vendo seus pedidos inúteis, o Marwari em seguida se aproximou de Hriday e o pressionou para que aceitasse o dinheiro em nome da Santa Mãe, que assim seria capaz de cuidar do conforto do Mestre. Quando isto chegou ao conhecimento do Mestre, ele de novo objetou, dizendo que mesmo neste caso o dinheiro seria praticamente seu e ele não poderia suportar a idéia de possuir qualquer coisa. O homem generoso ainda insistiu. Vendo que seus argumentos não eram aceitos o Mestre gritou angustiado: "Ó Mãe, por que Tu trazes tais pessoas aqui, que querem afastar-me de Ti?" Ao ouvir este apelo patético, aquele senhor desistiu. Referindo-se à este incidente o Mestre mais tarde declarou: "Com as ofertas de Mathur e Lakshimi Narayan eu me senti como se alguém estivesse enfiando agulhas através de meu crânio".¹⁵ A renúncia de Sri Ramakrishna era completa e total. Ele não podia abrigar a idéia de posse mesmo por coisas triviais. Seu sistema nervoso se contraía apenas com a idéia de acumular. Nós podemos entender isto melhor se dermos aqui um exemplo. "O Mestre gostava de mascar certas especiarias de vez em quando, especialmente após as refeições. Um dia, depois de ter tido sua refeição no quarto em que Sri Sarada Devi a Santa Mãe ficava em Dakshineswar, ela deu a ele algumas especiarias em um pequeno saquinho de papel e pediu à ele que as levasse para o seu quarto. O Mestre saiu em direção do seu quarto mas se sentiu confuso. Ele se dirigiu em linha reta a murada e estava para cair dentro do rio. Sarada Devi não sabia o que fazer. Ela era muito tímida para sair no meio das pessoas e segura-lo. Subitamente ela viu o sacerdote do templo e pediu à ele que chamasse Hriday, que salvou o Mestre da iminente catástrofe. Evidentemente, para Sri Ramakrishna, carregar um pequeno pacote de especiarias era um ato de acumular"¹⁶.

O próprio toque de metal que simboliza o dinheiro causava intensa dor à ele. Um dia, após sua última doença ter começado, um grande

13 Ibid., p. 435

14 'Life', pp. 225-226.

15 Ibid.

16 Swami Nikhilananda, Holy Mother, (Ramakrishna-Vivekananda Center, New York, 1962) p. 69 (daqui em diante 'Holy Mother')

médico chamado Bhagavan Rudra foi chamado. Contaram ao médico tudo sobre a doença do Mestre. Sri Ramakrishna então começou a conversar com o doutor. “Bem, o que você acha disso? Quando eu toco uma moeda minhas mãos ficam contorcidas, minha respiração para. Mais ainda, se eu faço um nó no canto da minha roupa, eu não posso respirar. Minha respiração pára até que o nó seja desatado”, disse o Mestre. “Ele pediu à um devoto para trazer uma rúpia. Quando Sri Ramakrishna segurou-a em sua mão, a mão começou a contorcer com dor. A respiração do Mestre também parou. Depois que a moeda foi retirada, ele respirou profundamente três vezes e suas mãos relaxaram.”¹⁷ Mesmo um toque inconsciente de dinheiro produzia o mesmo resultado como nós vemos no seguinte incidente de sua vida. “Um dia quando o Mestre estava ausente em Calcutta, Narendra veio à Dakshineswar. Vendo que não havia ninguém em seu quarto, um desejo surgiu em sua mente de testar a renúncia do Mestre à riqueza. Assim ele secretamente colocou uma rúpia sob a cama e foi ao panchavati para meditar. Depois de um tempo Sri Ramakrishna retornou. Tão logo ele tocou a cama ele recuou com grande dor. Espantado ele olhou ao redor quando Narendra entrou e observou-o silenciosamente. Um atendente examinou a cama e a presença da rúpia foi descoberta.”¹⁸ Tendo assim observado o Mestre por muitos anos como ele praticou a renúncia, não apenas no plano consciente mas mesmo no inconsciente, Swami Vivekananda em seu hino em Bengali sobre o Mestre descreve a ele como *Tyāgisvara*, supremo entre os renunciantes.

Nós concluiremos com o que a Santa Mãe disse desta característica única da vida de Sri Ramakrishna. “Um dia um discípulo perguntou à ela sobre a especial mensagem de Sri Ramakrishna. Não foi a harmonia das religiões que ele experimentou e ensinou? A Mãe respondeu: 'Meu filho, o que você diz sobre a harmonia das religiões é verdadeiro. Mas nunca me ocorreu que ele tivesse praticado as disciplinas de diferentes fés com a idéia definida de pregar esta harmonia. Dia e noite o Mestre permanecia submerso no divino êxtase. Ele desfrutou do jogo de Deus seguindo os caminhos dos Vaishnavas, Cristãos, Muçulmanos, etc. Mas parece para mim, meu filho, que a principal característica da sādhana do Mestre foi sua renúncia. Alguém já viu alguma vez tal renúncia natural? A renúncia é seu grande ornamento.”¹⁹ ”

17 Gospel of Sri Ramakrishna, (Ramakrishna Vivekananda Center, New York) p. 845.

18 Life' p. 267.

19 'Holy Mother', p. 216.

A VIDA ESPIRITUAL E O DESAPEGO

JUNHO 1978

SWAMI PARATPARANANDA

A vida espiritual ou religiosa consiste primeiro em desenvolver em si mesmo o anelo por conhecer o Desconhecido, ou Deus, ou como quer que O chame, em seguida sentir sua presença intimamente, pois a religião, em essência, pertence ao plano interno, supra-sensório e não ao plano dos sentidos. “A religião – diz Swami Vivekananda, - está além de todo raciocínio e do plano intelectual. É uma visão, uma inspiração, um mergulho no desconhecido e incognoscível; que faz ao incognoscível mais que conhecido, já que a Ele jamais se pode ‘conhecer’. Esta busca tem estado na mente humana, creio eu, - continua Swami Vivekananda, - desde o princípio da humanidade. O raciocínio e o intelecto humanos não podem haver permanecido, em nenhum período da história do mundo, sem esta luta, sem esta busca do além.” Aqui pode parecer que Swami Vivekananda está falando em termos contraditórios quando diz que a religião ‘faz ao incognoscível mais que conhecido, já que a Ele jamais se pode conhecer’. Deus ou o que está além, não pode ser conhecido por estes nossos sentidos como qualquer outro objeto do mundo, no entanto, pode ser percebido por uma mente pura, despojada de todo tipo de desejo mundano, e quando o percebe é muito mais real que os objetos do mundo apalpadados pelos sentidos. É por isso que fala nestes termos.

Mas na época atual a maior das questões é: Supondo que o conhecível e o conhecido estão circunscritos pelo incognoscível e eternamente desconhecido, por que devemos lutar para conhecer o incognoscível? Por que não devemos ficar satisfeitos com o conhecido? Porque isto não satisfaz ao ser humano, sendo uma das razões que o conhecido, esta manifestação, é uma parte do não-manifestado; o universo sensório é, por assim dizer, tão só uma projeção de uma partícula desse infinito universo espiritual, ao plano da consciência dos sentidos. Como se pode explicar ou entender esta partícula, sem conhecer o que está além, ou seja, a fonte e origem? Diz-se que um dia, quando Sócrates estava falando em Atenas se encontrou com um brahmin, que havia viajado à Grécia. Sócrates disse ao brahmin que a maior indagação da humanidade é o homem. No mesmo instante o brahmin lhe disse: “Como pode o senhor saber sobre o homem a menos que conheça a Deus?” Swami Vivekananda comenta: “Este Deus, este eternamente Incognoscível, Absoluto, Infinito ou como quer que O chames, é a única explicação das razões em que se

baseiam o conhecido e o conhecível ou esta vida atual.” Ou seja, o universo sensório não tem existência separada do Absoluto, de Deus.

Como podemos saber que é assim? Vamos responder com as palavras de um Upanishad. O Kena Upanishad começa com esta indagação: “Movida por qual vontade, a mente se dirige ao objeto? Ordenado por quem, o prana principal (a força vital) cumpre com suas funções? Por qual vontade se move a fala do homem? Quem é o deus que dirige os olhos e os ouvidos?” Daqui podemos concluir que o discípulo que faz estas perguntas já sabe que a mente e os sentidos não são independentes, é algum outro que os maneja, ainda que a crença comum é que a mente pensa por si só. Se isto fosse certo, então um homem inteligente não pensaria em coisas más; no entanto é sabido que mesmo dando-se conta de que vai colher frutos amargos, a mente abriga às vezes pensamentos viciosos. E a pesar de ser advertido por outros, se é impelido a agir mal e sofrer suas conseqüências desagradáveis. Por conseguinte é correto supor que a mente não está totalmente livre em suas atividades. É uma crença comum que o corpo, que consta dos sentidos e membros, comanda uma pessoa a atuar e que a mente também está sob o controle do corpo. Mas um homem inteligente se dá conta que o corpo, os sentidos e a mente, na realidade todas as coisas em uma pessoa encarnada salvo o Ser mais recôndito, são mutáveis, impermanentes e materiais. A mente e todo o restante cumprem suas funções pela mera vontade do Atman.

O discípulo pergunta ao preceptor sobre este Atman imutável e eterno. O mestre responde: “Ele é o Ouvido do ouvido, a Mente da mente, a Fala da fala, o Prana do prana e o Olho do olho. Tendo se desligado dos sentidos e renunciado ao mundo, os sábios alcançam a imortalidade.”

Sri Shankaracharia comentando este verso, diz: “Ao discípulo que era qualificado ou apto para o conhecimento, o preceptor explica quem é aquele que dirige a mente e todos os outros instrumentos no corpo.” A segunda palavra ‘ouvido’ se refere ao instrumento de ouvir, que é o órgão sutil por meio do qual se ouve o som. No entanto, segundo o Upanishad, não é o próprio órgão que ouve; funciona desta maneira por causa da presença do Atman, que é luminoso, todo-penetrante e a inteligência eterna. Não é que o mestre esteja se referindo a outro ouvido, mas ao Atman cuja presença dá ao instrumento ou órgão, sua sensibilidade de ouvir, pensar e ver respectivamente. Como não há outra maneira de referir-se, ou melhor dito, de conhecer ao Atman senão mediante as funções de cada um dos instrumentos, o preceptor ensina que este Atman é aquele que está por trás de todas as funções dos órgãos. O que é certo no microcosmo também o é no macrocosmo, o que se vê em um individuo também pode dizer-se do universo. Daí a conclusão a que chegamos antes.

Lemos também no Chandoguia Upanishad que assim como conhecendo um torrão de argila se conhece a natureza de todas as coisas feitas de argila, conhecendo um pedaço de ouro se conhece a natureza de todos os adornos feitos de ouro e conhecendo uma navalha feita de aço se conhece a natureza de todos os objetos de aço, do mesmo modo, conhecendo o Absoluto se pode conhecer todo o universo, já que as diferentes formas e nomes são só superficiais, sendo a substância principal o Absoluto. É por isso que não se encontra paz nem felicidade duradouras no externo, quando se esquece do principal.

Swami Vivekananda diz: “A vida será um deserto, a vida humana será em vão, se não podemos conhecer ao além (o desconhecido). É muito fácil dizer ‘estejam contentes com as coisas do mundo’. As vacas e os outros animais estão e é isto que os tornam animais. Assim, se o homem permanece satisfeito com o presente e abandona toda a busca do além, a humanidade terá que voltar ao plano animal. É a religião, esta indagação sobre o além, que faz a diferença entre o homem e um animal. Bem se disse que o homem é o único animal que por natureza olha para cima; todo outro ser vivo, por índole, olha para baixo. Este olhar para cima e elevar-se e chegar a ser perfeito é o que se chama salvação e quanto mais cedo um homem começa a elevar-se tanto mais cedo compreenderá esta idéia da verdade como salvação. Esta não consiste na quantidade de dinheiro que se tem em seu bolso, ou no traje que se veste, ou na casa em que se vive, mas na riqueza do pensamento espiritual que tem em seu cérebro. Isto é o que contribui ao progresso humano; essa é a fonte de todo progresso material e intelectual, a força motriz e o entusiasmo que empurra para frente a humanidade.”

Em outra oportunidade Swami Vivekananda comentou: “Não se deve julgar a religião segundo as normas materiais, de utilidade material. Se pergunta: ‘Que bem pode fazer a religião? Pode tirar a pobreza dos pobres? Suponhamos que não possa, provará isto a falsidade da religião? Suponhamos que um menino se ponha de pé diante de vós, quando estais tentando demonstrar uma teoria de astronomia e lhes pergunte: ‘Isto me dará guloseimas?’ ‘Não, não dará,’ respondereis. ‘Então, - dirá o menino, não serve.’ Os meninos julgam ao universo inteiro desde seu ponto de vista, de dar-lhes guloseimas e desta maneira fazem os meninos do mundo espiritual. Não devemos julgar as coisas elevadas desde o nosso baixo ponto de vista. Se devem julgar todas as coisas pela norma que lhe corresponde e o infinito deve ser julgado pela norma da infinitude. A religião interpenetra toda a vida do homem, não somente o presente, mas o passado, o presente e o futuro. É a relação eterna entre o Ser eterno e Deus eterno. Por acaso será lógico medir seu valor pela sua ação sobre cinco minutos da vida humana? É certo que não.”

A contribuição da religião ao homem é muito mais sólida, duradoura e enobrecedora. Fez do homem o que é, e poderá transformá-lo em um Deus. Isto é o

que a religião pode fazer. Este é o propósito da religião: converter ao homem animal primeiro em humano e depois em divino. Fazer-lhe sentir a presença divina que está em seu interior. Para alcançar este estado a religião ensina vários métodos, entre os quais os mais proeminentes são: de devoção, de ação desinteressada, de conhecimento e controle psíquico. Se pode dizer que há tantas religiões, tantas seitas; cada uma pretende ser o único caminho para Deus; qual delas nós devemos seguir? Todas as religiões são verdadeiras e no fundamental não estão em desacordo. Mas as diferenças que vemos ou encontramos às vezes são devido ao clima, temperamento das pessoas e o ambiente em que as religiões foram espargidas ou divulgadas primeiro. Podem haver diferenças entre os ritos e rituais que duas religiões seguem mas nos princípios não se encontra muita diferença.

Se estudarmos cuidadosamente as disciplinas que recomendam as diferentes religiões, ou os diferentes caminhos de qualquer religião, chegaremos a conclusão de que há certas práticas que são comuns em todas elas, por exemplo, a renúncia. Os Vedas declaram: “Não pela ação (recomendada pelos Vedas) nem tendo filhos nem riquezas, mas unicamente pela renúncia, alguns alcançaram a Imortalidade.” Jesus disse ao jovem rico que tinha se aproximado e perguntado: “Bom Mestre, que bem farei para ter a vida eterna?” – Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, ou seja, Deus; e se queres entrar na vida, guarda os mandamentos. ‘Disse-lhe: ‘Quais?’ E Jesus disse: ‘Não matarás, não adulterarás, não dirás falso testemunho. Honra à teu pai e tua mãe, e amarás o próximo como a ti mesmo.’ Disse o mancebo: ‘Tudo isto guardei desde a minha juventude. Que mais me falta?’ Disse-lhe Jesus: “Se queres ser perfeito, anda, vende o que tens e dá aos pobres e terás tesouro no céu; e vem, siga-me.” Aqueles que querem se aprofundar mais podem estudar os ensinamentos das diferentes religiões por eles mesmos e encontrarão que as divergências estão nas coisas superficiais, enquanto que no fundamental não existe diferença alguma em seus ensinamentos.

Entre as disciplinas que ensinam os diferentes yogas e os requisitos que exigem existem algumas práticas imprescindíveis para seguir qualquer um deles, por exemplo, o discernimento entre o Real e o transitório, o desapego pelas coisas do mundo e um anelo forte para alcançar a liberação, ou chegar à Deus. A religião não é somente para os poucos que renunciam ao mundo formal e mentalmente, mas para todos aqueles que aspiram a uma vida mais elevada, uma vida do Espírito; por conseguinte, deve ser factível para os que estão vivendo uma vida doméstica, com seus pais, esposa e filhos. Sri Krishna disse no Bhagavad Gita: “Cumprindo com os próprios deveres torna-se perfeito; e ouve como se pode chegar a ter a perfeição dedicando-se aos deveres. Aquele de quem se originou todos os seres, por quem tudo isto está interpenetrado, adorando a Ele por meio do cumprimento dos próprios deveres o homem alcança a perfeição.” No mundo ninguém pode estar

ocioso, sem trabalhar, já que todos têm seus deveres a cumprir. Mas na maioria dos casos se trabalha pelo apego ao trabalho, por interesse pessoal, ou outro objetivo, ou seja, sempre por algum motivo pessoal. O resultado é que se apega cada vez mais ou à ação ou ao motivo e assim se enreda cada vez mais fortemente. Além disso, toda ação tem uma reação ou resultado que tem que colher aquele que a faz. É um labirinto em que damos voltas e voltas sem poder sair dele. Os resultados das ações das vidas anteriores nos fazem renascer e com as ações que estamos fazendo nesta vida acumulamos mais resultados para um futuro nascimento e deste modo segue o ciclo sem cessar. Não há modo de salvar-nos deste ciclo de nascimento e morte? Na passagem já citada do Bhagavad Gita, Sri Krishna nos brinda com um dos métodos mediante o qual o homem pode pelos próprios atos de sua vida diária liberar-se de seus efeitos. Não necessitamos fazer nada especial nem descuidar de nossos deveres; pelo contrario, temos que cumprir com eles com sumo cuidado e ao mesmo tempo dedicá-los ao Senhor. Em outro lugar do mesmo livro Sri Krishna diz à Arjuna: “Qualquer coisa que faças, qualquer alimento que comas, qualquer sacrifício que ofereças, qualquer coisa que dê, qualquer austeridade que pratiques, faça tudo como uma oferenda a Mim. Desta maneira te libertarás das amarras das ações que são fonte de bons e maus resultados e com o coração firme na yoga da renúncia e liberado virás à Mim.”

Sem dúvida custa-nos muito oferecer tudo à Deus com sinceridade, pois neste caso não poderemos desfrutar de nosso êxito, nem sentir exaltação com as boas obras que fazemos. Um homem que sempre esteve levando um tipo de vida distinto não pode fazê-lo em seguida, no entanto, se quiser ir além das limitações e amarras, deve tentar dedicar as ações ao Senhor, deve aprender a desapegar-se dos resultados de seu trabalho.

O desapego às coisas transitórias desempenha um grande papel em todos os yoga e não apenas no caminho da ação abnegada ou karma yoga. Por que um devoto que segue o caminho da devoção não pode desde o princípio dedicar as ações à Deus, a quem ele quer amar? Por causa do apego aos resultados. Também porque os objetos do mundo são tão tangíveis e tão atrativos que não podemos de repente desapegar-nos deles. E a menos que possamos fazê-lo estaremos longe da vida espiritual e ainda mais distantes de Deus. Temos apegos incontáveis, apego à riqueza, às coisas adquiridas, aos parentes, aos amigos, ao renome, fama e muitos outros. Estes apegos nos cegam. Sri Krishna afirma: “O homem que pensa continuamente nos objetos dos sentidos desenvolve apego por eles, em seguida surge o desejo e quando este é obstruído produz a ira. Esta ofusca a mente e por conseguinte perde a faculdade de recordar as coisas em sua própria perspectiva e portanto o discernimento e ao final causa sua morte espiritual.” Pelo contrário,

aquele que está livre do apego e aversão, ainda que esteja atuando entre os objetos sensórios, controlando sua mente, logra a paz.

Há uma estória no Mahabhárata, uma das maiores epopéias da Índia, que nos demonstra com clareza quão perigoso é este apego: Havia um rei chamado Bhárata, quem durante muitos anos reinou sobre seu império e quando envelheceu, colocou ao seu filho sobre o trono, como era o costume então, e se retirou aos bosques nos Himalayas, para dedicar o resto de sua vida ao pensamento de Deus. Construiu com suas próprias mãos uma choça perto de um riacho e viveu ali se alimentando com as frutas e as raízes que ele mesmo recolhia e meditando no Senhor. Passaram-se dias, meses e anos, um dia uma cervata foi ao riacho para beber água. Neste momento ouviu o rugido de um leão que se encontrava a certa distância. A cervata, muito assustada, deixou de beber a água e tentou cruzar o riacho de um salto. Estava prenha e por causa do susto repentino e demasiado esforço, dando a luz a um cervinho, caiu morta. O cervinho por sua vez caiu na água do riacho e estava sendo levado rapidamente pela corrente. O rei que estava meditando, observou isto e lançando-se ao rio, salvou o cervinho, o levou a sua cabana e aquecendo-o perto da fogueira, restaurou-lhe a vida. Vendo a condição desamparada do animal, o rei o criou alimentando-o com pasto tenro e frutas, até que se convertesse em um cervo. Mas aquele que tinha tido a força mental para cortar o apego de toda a vida, o poder, a posição e família, ficou preso na rede do carinho pelo pequeno cervo que ele havia salvado de uma morte iminente. Sentiu uma forte atração pelo animal e quanto mais aumentava seu carinho pelo cervo menos podia concentrar sua mente em Deus. Se o animal ia ao bosque para pastar e se demorava em voltar, a mente do rei se punha inquieta, ansiosa e preocupada. Pensava: “Talvez meu pequeno tenha sido atacado por um tigre ou esteja correndo algum outro perigo, se não por que a demora?”

Passaram-se alguns anos mais desta maneira e a morte se aproximava do rei. Este em vez de pensar no Senhor, a razão pela qual havia renunciado ao seu reino, família e todas as outras comodidades, ficava preocupado pelo cervo. Ao final, quando chegou o momento, olhando aos olhos tristes de seu animal favorito, o rei deixou seu corpo. E por conseguinte renasceu como um cervo. Mas jamais se perde algum karma bom e todas as boas ações que o rei havia feito quando governava seu reino e depois como sábio, deram seu fruto. Este cervo nasceu yatismara, isto é, com a memória do que ocorreu em sua vida anterior. Ainda que não pudesse falar e vivia em um corpo de animal, se afastava de seus companheiros e instintivamente buscava pastar na proximidade das ermidas, onde se faziam oferendas ao fogo e predicavam sobre os Upanishads.

Depois de viver os anos que correspondem a um cervo, morreu e nasceu de novo, desta vez como o filho mais novo de um rico brahmin. Neste nascimento também recordou suas vidas anteriores. Como conseqüência, desde sua infância

estava decidido a não envolver-se mais no bem nem no mal da vida. O menino era forte e são, mas se comportava como um mudo. Vivia como uma coisa inanimada ou como um louco, por medo de prender-se nos assuntos do mundo. Seus pensamentos eram sempre do infinito e levava a vida para esgotar seu prárabdha karma, ou seja, os resultados das ações das vidas passadas que causaram este corpo. Com o passar do tempo o pai do menino morreu e os irmãos dividiram a propriedade entre eles mesmos e pensando que o menor era mudo e imbecil, se apoderaram de sua parte também. No entanto tiveram a piedade de dar-lhe alimento e roupa. As esposas de seus irmãos não o tratavam com simpatia, o faziam trabalhar duramente; se o rapaz não podia fazer tudo o que elas mandavam, brigavam com ele. Mesmo assim o rapaz não mostrava raiva ou medo, tampouco pronunciava palavra alguma. Quando lhe tratavam muito mal, saía da casa e ia sentar-se embaixo de uma árvore durante horas, até que as cunhadas se acalmassem. Depois retornava a casa.

Um dia em que elas o trataram com maior severidade que o normal, Bhárata saiu da casa como era seu costume e se sentou a sombra de uma árvore para descansar. Neste momento passava por ali o rei do país em um palanquim levado sobre os ombros de carregadores. Como um deles se enfermara repentinamente, os servidores do rei buscavam a uma pessoa para substituí-lo. Vendo à Bhárata sentado sob a árvore, lhe perguntaram se queria tomar o lugar do enfermo para levar o palanquim. Não recebendo resposta alguma e observando que ele era um homem forte e são, o levaram pela força e colocaram a base do palanquim sobre seu ombro. Mesmo assim Bhárata não pronunciou nem uma palavra, e seguiu o caminho. Logo o rei observou que o palanquim não se movia como deveria e isto lhe causava incômodo; por conseguinte olhando para fora, se dirigiu ao novo carregador: “Tonto, descansa um pouco, se lhe doem os ombros.” Bhárata, baixando a base do palanquim, falou pela primeira vez: “A quem, ó rei, chamas tonto? A quem está ordenando que baixe o palanquim? A quem dizes que está cansado? A quem se diriges como ‘tu’? Se queres dizer, ó rei, pela palavra ‘tu’ esta massa de carne, então está composta do mesmo material que a tua; é inconsciente e não conhece o cansaço, não conhece a dor. Se queres significar por esta palavra a mente, esta é a mesma que a tua, é universal. Mas se a palavra ‘tu’ está aplicada a algo que está mais além, então é o Ser, a realidade em mim que é a mesma que está em ti e é o Único no universo. Queres dizer, ó rei, que o Ser pode, por acaso, estar cansado, que pode machucar-se? Eu não quis, ó rei, - este corpo não quis, - pisotear os vermes que se arrastavam no caminho e por isso como estava tentando evitá-los, o palanquim se movia erratically. Mas o Ser jamais esteve cansado, nunca esteve débil; nunca levou o palanquim, pois é onipotente e onipresente.” Desta maneira falou eloqüentemente sobre a natureza do Ser e sobre o conhecimento mais elevado. O rei, quem estava orgulhoso de sua erudição, conhecimento e filosofia, desceu do palanquim e se

prosternou diante de Bhárata dizendo: “Te peço perdão, ó grande alma, eu não sabia que tu eras um sábio quando te pedi que me levasses.” Bhárata o abençoou e se despediu. Logo retomou o mesmo ritmo de vida de antes até que esgotou seu karma e quando deixou seu corpo ficou liberado para sempre das amarras do nascimento.

Assim podemos ver quão perigoso é o apego pelas coisas efêmeras. Um rei que tinha tudo, desfrutava dos prazeres do palácio e governava sobre milhões, abandonou tudo com a finalidade de dedicar-se ao pensamento de Deus, mas este laço de apego pelo pequeno cervo o arrastou duas vezes à este mundo. É por isso que se dá muita importância a essa prática de desapego.

Agora se pode perguntar: isto está bem para os que renunciaram ao mundo, mas para nós que vivemos nele como podemos deixar de nos prendermos aos nossos parentes, amigos, casa, propriedade e riqueza? Como podemos ser cruéis com nossos filhos? A religião não nos ensina a sermos cruéis, pelo contrário, aquele que segue realmente um caminho espiritual jamais abandona suas obrigações no mundo. Sri Ramakrishna aconselha aos que levam uma vida doméstica: “Viva no mundo como a criada da casa de um homem rico. Ela cuida de todos os afazeres da casa, mas os seus pensamentos estão em seu próprio lar em sua aldeia natal. Cria aos filhos de seu patrão como se fossem seus próprios filhos e até chega a dizer, ‘Meu Harí’ ao filho do patrão. Mostra a casa e diz; ‘Esta é a nossa casa.’ Ela diz tudo isto, mas no mais íntimo de seu coração sabe que nem a casa, nem Harí lhe pertence. Do mesmo modo faça todos os seus deveres, mas mantenha sua mente em Deus. Viva com todos, esposa e filhos, pai e mãe, e sirva-os. Trate-os como se fossem vossos muito queridos, mas saiba no íntimo de vosso coração que não lhes pertencem.” É necessário imprimir esta idéia em nossa mente até que chegue à recebê-la e assimilá-la, pois a mente é caprichosa e rechaça qualquer nova idéia ou novo pensamento.

Pode surgir uma dúvida: Praticando o desapego, não vamos perder nosso afeto aos que dependem de nós? Se realmente buscamos à Deus não há possibilidade de perdermos as virtudes como simpatia, carinho, compreensão e outras semelhantes. E aquele que chega a alcançar à Deus se enche dessas virtudes como vemos em todos os grandes mestres espirituais. Além disso, o afeto humano é sempre motivado por interesse egoísta, quer seja uma recompensa imediata ou futura; e até os que dependem de nós deixam de ser queridos uma vez que se comportem contra nossa vontade ou desejo. O carinho nesse caso desaparece e a indiferença ou aversão toma seu lugar. Em troca, uma pessoa que continua avançando no caminho espiritual não espera nenhum resultado de suas ações e tampouco diminui sua atenção aos seus deveres. Sri Ramakrishna é muito claro sobre isto: “Um chefe de família tem seus deveres para cumprir, dívidas a pagar: sua dívida aos deuses, aos antepassados, aos rishis e à sua esposa e filhos. Se uma esposa é fiel, o marido deve sustentá-la; também deve criar seus filhos até que sejam

maiores.” Também repreendeu severamente a um de seus discípulos por ter se afastado de seus pais, dizendo: “Por acaso pai e mãe são pouca coisa? Nenhuma prática espiritual produzira fruto a menos que eles estejam satisfeitos. Chaitanya estava embriagado de amor por Deus, mesmo assim, antes de tomar o voto de monge, tentou persuadir a sua mãe para que lhe outorgasse sua permissão para renunciar ao mundo, durante muitos dias. Teus pais te criaram. Você mesmo é pai de vários filhos. No entanto deixaste o lar com tua esposa. Enganaste a teus pais. Saíste do lar com tua esposa e filhos e sentes que converteste em um santo. Um homem não pode avançar nada sem pagar as dívidas que deve aos seus pais.” Aqui vemos claramente a posição verdadeira de uma pessoa que quer seguir o caminho espiritual; não pode fugir de seus deveres senão cumpri-los com perfeição e ao mesmo tempo não esperar nenhum tipo de recompensa. É só esta forma de desapego que pode nos levar à perfeição, conduzir-nos à Deus. Sem este desapego ninguém jamais pode, pode ou poderá alcançar à Deus.

Que o misericordioso Senhor nos outorgue este desapego e nos dê refúgio à Seus Pés!

OS REQUISITOS PARA A VIDA ESPIRITUAL

Swami Paratparananda¹

13-6-1972

É conhecimento comum que todos os homens do mundo, qualquer que tenha sido a esfera de sua ação, obtiveram êxito e chegaram ao cume de suas carreiras mediante perseverança, dedicação e métodos sistemáticos. Tomemos por exemplo os pintores e músicos renomados que apreciamos muito; os que têm aptidão para estas artes e querem brilhar como eles devem estudar seus métodos e segui-los. Não há atalho para a grandeza. É o trabalho árduo e persistente que lhes permitem alcançá-la. Igual é na vida espiritual. Mais vale algumas gramas de prática que toneladas de teoria, como dizia Swami Vivekananda. Aquele que aspira levar esta vida deve seguir as rotas dos grandes seres espirituais, ou seja, praticar as disciplinas com que eles mesmos se exercitaram. “Não existe outro caminho para chegar ao Altíssimo”, disse um dos Upanishads.

Estando claro a importância e a necessidade da prática, agora vamos falar das disciplinas. A **veracidade** ocupa o primeiro lugar entre elas, pois Deus é a Verdade, declaram os Upanishads. Como se pode alcançar a Verdade seguindo um caminho oposto? Além disso, a veracidade é indispensável mesmo em nosso trato cotidiano com as pessoas. O homem confia em uma pessoa veraz mui facilmente. Pelo contrário, ainda que seja atraído por outra com suas promessas fascinantes, perde a fé nela quando descobre que não é honesta, que não cumpre com suas promessas. Há um ditado sânscrito: “Unicamente triunfa a Verdade, nunca a mentira.” Esta, a primeira vista, pareceria uma declaração tonta porque percebemos que no mundo só prosperam os que seguem o caminho da astúcia e da mentira. Mas se temos a paciência de observar os chamados êxitos dessa gente, veremos que tudo o que é logrado pelo mau caminho não dura muito tempo, nem tampouco lhes proporciona a felicidade e paz que buscavam. Pois têm medo de serem descobertos, medo de confiar em alguém, incluindo seus parentes mais próximos. Podemos qualificar então essa sua existência como feliz? Distinta é a situação de um seguidor da verdade. Se um homem fala como pensa, atua segundo suas palavras e aceita tudo o que resulta de suas ações com calma, então não tem medo de nada. Porque pensa bem

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988).

e corretamente antes de falar e atuar; não deixa nada oculto. Só quando se oculta algo ou se faz alguma ação má ou contra as leis sociais ou do país e as escondidas, é que se teme ser descoberto e castigado e para encobrir uma mentira se recorre a mil outras; no entanto não se pode esconder a verdade. Esta, como o sol do meio-dia não deixa nada de escuridão, mostra a luz, revela toda mentira. É por isso que todos os preceptores espirituais, desde os tempos remotos, deram uma posição proeminente à verdade entre as disciplinas espirituais. Dizem os Upanishads: "Não deveis desviar-vos da verdade." "O caminho do céu está feito da verdade". Entre as qualidades piedosas ou divinas que Sri Krishna enumera no Bhagawad Gita também encontramos a veracidade. Sri Ramakrishna, a quem milhões na Índia e fora dela aceitam como a Encarnação Divina desta época, declara: "A veracidade constitui a maior disciplina espiritual para a era atual." E continua: "Se um homem adere-se com tenacidade à verdade, ao final realiza a Deus. Sem este respeito por ela [a verdade], gradualmente perde-se tudo. Depois que tive a visão da Divina Mãe, lhe roguei, com uma flor em minha mão: 'Mãe, aqui está Teu Conhecimento, e aqui está Tua ignorância. Tome ambos e brinde-me solo com o amor puro. Aqui está Tua santidade e aqui está Tua corrupção. Tome ambas, Mãe, e dá-me o amor puro. Aqui está Tua bondade e aqui está Tua maldade. Tome ambas, Mãe, e proporcione-me o amor puro. Aqui está Tua correção e aqui está Tua injustiça. Tome ambas e brinde-me com o amor puro.' Mencionei tudo isto, mas não pude dizer, 'Mãe, aqui está Tua verdade e aqui está Tua falsidade. Tome ambas.' Submeti tudo aos Seus pés mas não pude decidir em abandonar a verdade."

Nesta citação encontramos uma frase mui reveladora: "Se um homem adere-se com tenacidade à verdade, ao final realiza a Deus." Talvez se pergunte: 'Mesmo um homem que não é religioso chega a ter a visão de Deus se é veraz?' Mui possivelmente, se esse homem não se afastar da verdade por nada, em todas as circunstâncias e durante toda sua vida, por mais adversas que elas sejam, então os véus de ilusão diante dos olhos de sua mente desaparecerão pouco a pouco. Deus o conduzirá a um verdadeiro santo e, estando em sua companhia, recobrará sua consciência espiritual, e logo dedicará seu tempo em pensar em Deus, até que alcance Sua visão.

Todos vocês conhecem o significado da palavra 'verdade'. Não obstante citaremos algumas acepções [desta palavra] dadas pelo dicionário, para aclarar a que nos referimos quando a utilizamos: "A verdade é a qualidade do que é certo. Conformidade do que se diz com o que existe. Sinceridade." Devemos agregar, "Conformidade do que se diz com o que se faz." Isto é, se digo algo devo fazê-lo, custe o que custar. Assim pois, quando nos referimos a esta palavra incluímos em seu significado todas estas acepções. Se o homem cultiva a verdade em todo este sentido, sem dúvida alguma alcançará à Deus, a Suprema Realidade, a seu devido tempo.

Passaremos agora a outra disciplina muito importante na vida espiritual: a **repetição do nome de Deus**. Para muitos isto parece pouca coisa. Perguntam: 'Que há nisto? Como pode ajudar-nos?' tentaremos responder-lhes. Suponhamos que uma pessoa está caminhando na rua em uma parte da cidade onde não é conhecida por ninguém; de repente ouve alguém gritar seu nome. Que faz? Imediatamente se detém e olha até a direção de onde veio a voz. Mas logo se dá conta de que o chamado não era para ela, pois não vê a ninguém que reconheça, mas sim a outra pessoa que certamente tem o seu nome, falando com uma terceira e sem prestar nenhuma atenção a outros. Mesmo sabendo que era estranha naquele bairro, a primeira não pode deixar de verificar se o chamado era para ela. Vemos assim que o nome tem sua potência.

Esta repetição do sagrado nome de Deus se chama "Japam" em sânscrito. Patanjali, o grande mestre, que escreveu os aforismos sobre a Yoga, disse: "Japam consiste em pensar no significado do mantram, ou fórmula sagrada, enquanto se lhe repete." Nossa mente está cheia de tendências boas e más, impressões das ações das vidas anteriores e também desta vida. A maioria delas se encontra latente e cada uma se manifesta no momento oportuno quando vem um estímulo particular do que [mundo] externo. Repetir o nome de Deus e pensar Nele é despertar as boas tendências. E a medida que se vai repetindo esta prática, suas inclinações viciosas gradualmente vão sendo vencidas. Deus é amor puro, existência e bem-aventurança eterna. Pensando sempre Nele a mente também se torna pura e desenvolve amor por todos e sente algo da bem-aventurança eterna. Cremos que com esta explicação respondemos às perguntas sobre a utilidade desta prática.

A terceira disciplina constitui **a companhia dos santos**. Sri Ramakrishna deu muita importância a esta. Há um ditado: "Diga-me com quem andas e te direi quem és". Que significa isso? Que a companhia influi em alto grau no caráter das pessoas. Estando na companhia dos santos ou devotos piedosos assimilam-se suas boas qualidades. Além disso, devido a que os santos sempre falam de Deus, engendram naqueles que os acompanham sede por vê-Lo. Sri Ramakrishna costumava dizer: 'A companhia dos devotos é como a água de arroz [que lavou o arroz] para aquele que vive no mundo, pois tira a embriaguez mundana'. Um provérbio sânscrito diz: "Um momento da companhia dos piedosos ajuda ao homem a cruzar este oceano da vida". Vamos narrar um incidente da vida de Swami Vivekananda. Certa vez, quando ainda não havia se tornado famoso, estava viajando pelo norte da Índia. Viajava só, dependendo totalmente de Deus, se alimentava com o que davam as pessoas, e não aceitava dinheiro algum. Mas às vezes os devotos o forçavam a viajar por trem proporcionando-lhe o bilhete para seu próximo destino. Em uma dessas ocasiões desceu do trem em certa estação e se sentou em um canto de sua plataforma. Depois que o trem partiu, o chefe da estação, que estava para ir para sua casa, o viu sentado no solo. Ao vê-lo ficou atraído pela aura de espiritualidade que rodeava o jovem

monge e se aproximou para oferecer-lhe seus serviços. Depois de saudá-lo, Sarat Chandra Gupta, o chefe da estação, lhe perguntou: "Swamiji, está com fome?" O monge respondeu: "Sim". "Então me faça o favor de vir comigo a minha casa". O monge respondeu com a simplicidade de um menino: "Mas o que você me dará para comer?" Citando um verso de um poema persa, o chefe lhe disse: "Ó querido, tu vieste ao meu lar. Prepararei o prato mais delicioso para ti com a carne de meu coração". O Swami aceitou o convite. Mais tarde, Sarat ouviu ao Swami cantar uma canção em bengali que dizia: "Meu querido deve visitar-me com cinzas em sua testa". O jovem devoto desapareceu para aparecer de novo despojado de seu uniforme oficial e com cinzas em sua testa. Uns dias mais tarde o Swami decidiu deixar o lugar. Em seguida o Chefe conseguiu um substituto para que ficasse a cargo de seus deveres e acompanhou ao Swami como discípulo. Nunca mais voltou a sua vida anterior. Ingressou na Ordem e se fez monge e foi conhecido pelo nome de Swami Sadananda. Este homem, antes de seu encontro com Swami Vivekananda, ainda que levasse uma vida honesta e correta, não sabia muito da religião. Mas ao conhecer a um gigante espiritual, despertaram nele todas suas inclinações mais elevadas adormecidas, e todo o pensamento sobre o amanhã que assalta a um homem do mundo se desvaneceu para sempre de sua mente. Isto ilustra bem claramente o provérbio já citado.

Este não é de modo algum o único exemplo na vida espiritual do mundo. Todos vocês conhecem a transformação que aconteceu nos pescadores Simão e André, seu irmão, quando Jesus os viu e lhes disse: "Venham a mim, e eu os farei pescadores de homens". Então eles, deixando no mesmo instante as redes, o seguiram. Vemos assim que a companhia dos santos e Encarnações Divinas é um fator muito potente na vida espiritual.

A **castidade** forma um dos fundamentos imprescindíveis da vida espiritual. Os jovens que querem levar esta vida devem aderir-se a ela estritamente, e os casados devem viver uma vida bem moderada se anelam ver a Deus. Ninguém na história da religião chegou a ter a visão de Deus sem praticar esta virtude.

Na Índia, os que seguem o caminho do conhecimento, dão primazia ao **discernimento entre o Real e o irreal**. Só Deus é Real, todas as outras coisas do mundo são irrealis, impermanentes, transitórias. Enquanto se considere ao mundo e seus objetos como reais não se pode afastar-se deles, mais ainda, aferra-se a eles intensamente, ansia gozos neste mundo e anela prazeres no além, nos céus. Não se dá conta que todo prazer mundano é fugaz, momentâneo. Quando descobre isto por sua própria experiência nesta vida ou em vidas passada, então, só então, não se envolve nas coisas mundanas. Começa a discernir e a perguntar-se: "Quem sou? Por que vim aqui, a este mundo? Qual é a meta, o objetivo da vida humana?" Com esta reflexão começa a vida espiritual.

Os grandes Mestres deste caminho prescrevem a **prática das seis virtudes** seguintes: Primeira, shama, domínio sobre a mente; segunda, dama, domínio dos órgãos dos sentidos; terceira, uparati, não deixar a mente identificar-se com as modificações dos objetos apresentados pelo externo; quarta, titiksha, suportar todas as dores e pesares sem queixas nem angústias; quinta: shraddha, fé sem reserva, ou plena, nos ensinamentos das escrituras e do Guru, preceptor espiritual; sexta, samádhana, estabelecer sempre e firmemente o intelecto ou a mente em Deus. Por último, eles insistem em que se deve ter um **desejo ardente pela liberação**.

O que significa shama, ou domínio sobre a mente? Sabemos que a mente sempre vaga pelos objetos apresentados pelos sentidos, e pensa neles ainda que não estejam presentes. Não permitir que a mente ande buscando os prazeres, mas que se dirija à sua própria morada, ou seja Deus, constitui seu domínio.

Dama consiste em controlar e estabelecer os órgãos dos sentidos, tanto os externos como os internos, nos lugares que lhe correspondem. Existe um quadro japonês de três monos, em que um cobre seus olhos com as mãos; outro, os ouvidos e outro a boca, que representa simbolicamente o conceito de que não se devem ver coisas sujas ou imorais; nem ouvir palavras frívolas e inúteis; nem tampouco falar ou dizer coisas não corretas, triviais e fúteis. Há uma oração nos Upanishads que diz: "Que escutemos tudo o que é bom, vejamos o que é auspicioso, executemos com nossos membros ações que agradem à Deus, toda nossa vida". Esse é o significado de dama.

Retirar a mente dos objetos se chama uparati. À medida que se vai praticando as duas disciplinas anteriores logra-se a força para desapegar-se das coisas externas e estabelecer-se em pensamentos de Deus.

Falamos em uma de nossas conversas anteriores sobre titiksha, mais amplamente. Por tanto não o repetimos aqui.

A fé ou shraddha na palavra do Guru é indispensável para um aspirante espiritual. Mesmo no mundo não se pode lograr nada se não se confia em alguém. Sri Ramakrishna costumava dizer que um devoto deve ter uma fé como a de uma criança. Se a mãe diz ao menino que tal ou qual pessoa é seu irmão, ele o crê sem reserva. Narraremos uma estória para mostrar quão certa é esta declaração do Mestre.

Havia uma pobre viúva em certa aldeia que tinha um filho. Para educá-lo o enviava a uma escola longe de sua casa. O caminho até ela atravessava um bosque. Um dia o menino disse a sua mãe: "Mãe, sinto medo quando passo pelo bosque". A mãe, como era pobre, não podia dar-lhe um acompanhante para protegê-lo das feras e do medo dos fantasmas. Pensou um pouco e como era devota de Sri Krishna, entregando-lhe mentalmente o cuidado de seu filho, disse a ele: "Olhe filho, tu tens um irmão mais velho que se chama Madhusudana (um nome de Sri Krishna) que vive no bosque. Quando sintas medo chame-O e Ele aparecerá diante de ti e te acompanhará". O menino confiou na palavra

de sua mãe e enquanto atravessava o bosque no dia seguinte gritou: "Ó irmão Madhusudana, vem logo, tenho medo!" De imediato ouviu uma voz que dizia: "Já vou, irmão, não te assustes," e apareceu um jovem de brilhante aspecto que o acompanhou até o final do bosque. Assim o menino teve um acompanhante todos os dias que ia à escola. E brincavam enquanto cruzavam o bosque. O menino contou a mãe tudo o que acontecia. Um dia houve uma festa na casa do mestre e se pediu a todos os alunos que levassem presentes. Este menino também pediu a sua mãe que lhe desse algo para levar ao preceptor. A mãe que apenas podia sustentar-se a si mesma e à seu filho, lhe disse: "Peça a teu irmão e ele te proporcionará o melhor presente que possas levar." O menino seguiu a instrução da mãe e quando seu irmão apareceu no dia seguinte, ele lhe pediu o presente. O jovem trouxe um pequeno pote de leite e o entregou ao menino ao sair do bosque. O preceptor, que recebia presentes valiosos, não prestou nenhuma atenção a este menino. Ao final da cerimônia o mestre lhe perguntou: "Que trouxeste para mim?" O menino presenteou seu pote de leite, o qual ele recebeu com desprezo, dizendo a um de seus alunos que derramasse o conteúdo em uma vasilha. Mas aconteceu algo assombroso. O pequeno pote de leite não somente encheu todas as vasilhas que o mestre possuía, mas ainda assim permanecia cheio. Maravilhado o mestre perguntou ao menino: "Bom, meu filho, onde conseguiste este pote?" O menino relatou todo o ocorrido. De novo o preceptor lhe disse: "Queres apresentar-me a esse teu irmão? Anelo muito vê-lo." O menino consentiu logo com alegria, e ambos foram ao bosque. O menino chamou em alta voz a seu irmão por seu nome. Mas desta vez não aconteceu nada. O irmão não apareceu. Então muito aflito, o menino chorando, disse: "Irmão, se não aparecer meu mestre me considerará um mentiroso, por favor revela-te diante de nós." Como resposta a este rogo, só ouviram uma voz dizendo: "Irmão, eu estou sempre disposto a aparecer diante de ti, mas teu mestre ainda não é digno de ver-me, ele terá que esperar muito." Ouvindo estas palavras o mestre ficou muito envergonhado, pediu perdão ao menino por tê-lo tratado com desprezo e o abençoou com todo coração.

Vemos assim, que a mera erudição sem as práticas espirituais, muitas vezes forma uma barreira entre nós e Deus. Pelo contrário, a plena fé nos ajuda a alcançá-lo. Não temos que considerar esta estória como um conto para entreter as crianças. Tudo isto aconteceu na Índia não muito antiga. Tampouco é um incidente único. Há casos similares que lemos na história das religiões, em todas as partes do mundo. Vamos citar outro exemplo.

Havia um Brahmin piedoso que sempre fazia o culto a seu Ideal. Um dia, na hora de oferecer a comida ao Senhor, teve que sair por alguma causa. Antes de partir disse ao seu filho de tenra idade que fizesse a oferenda ao Ideal. O menino levou os pratos e os colocou no altar e pediu ao Senhor que se servisse da comida. Quando viu que o Senhor, a Imagem, não mostrava nenhum sinal de movimento, começou

a chorar, dizendo: "Ó Senhor, meu pai teve que ir a outro lugar, ele me encarregou de te oferecer este serviço. Parece que Tu estás zangado comigo. Desculpe-me se cometi algum erro; por favor sirva-se, senão meu pai brigará comigo". Ouvindo estas palavras simples do simples menino, o Senhor apareceu diante dele e comeu todas as oferendas nos pratos. Depois de alguns minutos as pessoas da casa chamaram ao menino para que trouxesse a oferenda, mas o menino disse que o Senhor já havia comido toda a comida. Assombrados, eles foram ao templo e viram que os pratos estavam limpos. E quando o pai voltou e ouviu sobre o acontecido, ficou alegre e triste ao mesmo tempo, pois seu filho com sua fé infinita e intensa havia visto a Deus; triste, porque ele mesmo depois de todos os seus esforços e cultos para ver a Deus, não havia chegado a ter Sua visão.

Observamos assim que a fé é indispensável na vida de um aspirante espiritual, qualquer que seja seu caminho para Deus. Mas desgraçadamente a debilidade de nossa época consiste em não crer em nada, especialmente na vida religiosa, enquanto não tenhamos provas tangíveis sobre ela. Praticamente já afastamos o Espírito do nosso terreno de pensamento e ação. Fechamos a porta de nosso coração para Ele. Devemos remediar esta situação. Devemos converter ao coração em templo de Deus e, como disse Jesus, expulsar a todos aqueles que vendem e compram, ou seja, as inclinações que nos dirigem ao prazer mundano e afirmar como Ele que 'minha casa, casa de oração será chamada'. Devemos abrir nosso coração para que entre a fé nele. Sri Krishna disse no Bhagawad Gita: 'Assim como é a fé de um homem, de igual modo é a formação de seu caráter'. O homem sátvico adora a Deus, naquele que tem fé nos seres celestiais predomina as qualidades rajásicas; e aqueles que têm inclinações ou propensões tamásicas, adoram aos fantasmas ou ao mundo material. Sejamos adoradores de Deus, afastando-nos do puro materialismo.

Agora iremos discutir sobre o samádhana ou tranqüilidade mental. Todos sabem como a mente é inconstante; quietá-la é um esforço de toda a vida, para a maioria da humanidade. No entanto, sem dirigi-la à Deus não se consegue a tranqüilidade, a paz eterna. Só quando se praticam todas as disciplinas já mencionadas ou outras semelhantes, é possível alcançar este estado. Se não, é difícil, mais ainda, impossível que logremos tê-la, pois a tranqüilidade não está na felicidade material. A sede do homem pelas coisas materiais não se apaga nunca, senão que aumenta cada vez mais. E com todas estas preocupações, como se pode ter a tranqüilidade mental? É ao contrário o que acontece. Tudo isto agita a mente em lugar de acalmá-la. Além disso, o que busca a maior parte da humanidade não é a tranqüilidade, senão a felicidade e isto o fazem mesmo sabendo que é passageira, que traz consigo inumeráveis dificuldades e pesares e que também debilita a pessoa física e mentalmente. Sri Krishna disse no Bhagawad Gita: "Está ausente a faculdade de discernir naquele que se ocupa dos prazeres. Aquele que a

perdeu [a faculdade de discernir] não é capaz de pensar em coisas mais elevadas. Aquele que não pensa no Ser ou Deus não tem paz, então, como pode lograr a felicidade ou bem-aventurança eterna? Em troca, aquele que está livre dos pares de opostos, tais como o afeto e a repulsão, ainda que viva no mundo, os subjuga por sua vontade e alcança a equanimidade. Uma vez lograda a serenidade se desvanecem todos os pesares para este homem”.

Os hindus crêem que um ser humano renasce repetidas vezes até que alcance a liberação. Liberação de quê? Liberação destes nascimentos e mortes, liberação de todas as correntes que nos prendem ao mundo. Também crêem, que é o próprio ser humano que fabrica seus renascimentos nesta terra, mediante suas ações. Cada um tem que passar pelas experiências do mundo antes que chegue a ter desapego aos prazeres. Só então se dispõe a valorizar as coisas pertencentes ao reino do Espírito. Se não, por mais que se lhe aconselhe ou ensine, não é capaz de crer na necessidade de levar uma vida espiritual. Portanto, um anelo ardente é imprescindível para lograr a visão de Deus ou conseguir a liberação.

Na vida espiritual a guia de um mestre é necessária, mas devemos ter extremo cuidado antes de escolher ou submeter-nos a um Guru. Sri Shankara em seu livro Viveka Chudamani dá alguns signos pelos quais se pode reconhecer ao verdadeiro mestre espiritual. Diz: “Aquele que estudou as Escrituras Sagradas, aquele que é sem mácula, a quem os desejos não movem, quem conhece a Brahman, a Suprema Realidade, cujo descanso está em Brahman, que realizou a Brahman, cuja personalidade é como o fogo sem fumaça, que é como um oceano de compaixão por todos os que se aproximam com o desejo de liberar-se, é um verdadeiro Guru”. Nele não existe o desejo de ganhar dinheiro, fama ou renome. Tudo o que lhe dá o impulso para ensinar aos demais é sua compaixão pelos aflitos do mundo. Mas é difícil encontrar a alguém que realizou e viu a Deus. Isto não quer dizer que o mundo carece de pessoas que levam uma vida completamente entregue a Deus, que nunca pensam em seu próprio bem estar material quando tentam compartilhar suas experiências espirituais com os demais. Esse deve ser o critério com que se deve escolher um Guru. Hoje em dia é moda mudar de mestre espiritual tão frequentemente quanto seja possível. Por que as pessoas não sabem o que querem. Seu ideal é muito nebuloso; às vezes crê que anela a Deus, mas no instante seguinte dirige sua mente para seus bens, sua saúde ou como sair de algum apuro. Se observar-se, se achará que a maior parte destas pessoas busca somente estas coisas e não à Deus. É por isso que andam visitando a um Guru e a outro, sem ter uma ideia fixa do que querem. Mas isto é justamente o que não deve fazer um aspirante espiritual, porque mostra sua falta de fé no mestre que se aproximou e por conseguinte, não logra nada neste mundo nem no além. Deve-se observar ao mestre durante um longo tempo antes de submeter-se ao seu cuidado. Uma vez aceito, nunca deve mudar senão seguir suas

instruções ao pé da letra e em seu espírito, até a morte, sem vacilar. Porque só Guru pode mostrar o caminho adequado a um discípulo particular, segundo suas inclinações. O resto depende dele mesmo. Só em casos muito especiais em que o Guru é a Encarnação Divina ou um santo de muito alta categoria e o discípulo possui algumas boas qualidades bem proeminentes, é que o mestre tira os obstáculos do caminho espiritual do discípulo por seu mero toque. Tampouco um preceptor espiritual aceita a um discípulo muito facilmente. O observa durante um longo período. O submete a muitas provas e só quando se assegura que o discípulo o seguirá sem reservas e não se afastará do caminho espiritual, lhe concede sua graça.

O caminho da devoção não exige muitas das disciplinas do caminho do conhecimento, no entanto, insiste na fé, tanto nas Escrituras como no Guru; também na repetição do santo nome de Deus. Mas isto não significa que permite a ausência das virtudes enumeradas anteriormente. Neste caminho, o aspirante, pela intensidade de sua devoção, desenvolve nele todas as boas qualidades, como por exemplo, compaixão, natureza suave, domínio sobre a mente, tranqüilidade e outras semelhantes, e até que não as alcance não consegue a visão de Deus.

Resumindo, os requisitos para a vida espiritual consistem em praticar disciplinas tais como a veracidade, a castidade, a companhia dos santos, a repetição do santo nome de Deus, o domínio sobre a mente e os órgãos dos sentidos, a intensa fé nas palavras dos textos sagrados e no Guru, e por último, se bem não menos importante, a guia do Preceptor espiritual. Além disso é necessária uma intensa ansiedade para liberar-se dos nascimentos e mortes. Bem-aventurados serão aqueles que encontram um verdadeiro Guru e seguem praticando intensa e firmemente as disciplinas que ele aconselha.

A DEVOÇÃO QUE NOS LEVA A DEUS

21-11-1979

Por Swami Paratparananda

Muitos aspirantes à vida espiritual de todas as partes do mundo se queixam que Deus não escuta às suas orações, e que apesar de tê-Lo suplicado durante anos Ele não Se revelou. Há algo verdadeiro nesta queixa que se ouve frequentemente? Todas as Encarnações Divinas afirmam que Deus outorga tudo que se Lhe pede; por exemplo, Sri Krishna disse, no Bhagavad Gita: "Fixa tua mente em Mim (no Senhor), sê Meu devoto, oferece-Me todo teu sacrifício e saúda-Me; dessa forma, tendo a Mim como tua Meta Suprema, chegarás a Mim." O Senhor Jesus afirma: "Pedi e vos será dado; buscai e achareis; chamai e abrir-se-vos-á. Porque qualquer que peça, recebe; e o que busca, achará; e ao que chama, se abrirá." Ele também assegura: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei"¹. Quando perguntaram a Sri Ramakrishna se Deus escuta nossas preces, ele respondeu: "Deus é o *Kalpatarú*, a Árvore que realiza os desejos. Seguramente você receberá o que pede a Ele. Mas você deve pedir de pé perto dessa Árvore. Somente então se cumprirá seu pedido. Você deve recordar de outra coisa: Deus conhece nossos sentimentos íntimos. Um homem consegue satisfazer o desejo que abriga durante as suas práticas espirituais. Recebe-se de acordo com o que se pensa."

Estes grandes mestres não tinham nenhum motivo para falar assim se não fosse certo, se não fosse verdade. Além disso, ensinavam por amor à humanidade e falavam a partir da própria experiência. Estou certo de que os aspirantes aos quais nos referimos no princípio dessa palestra conhecem estas afirmações; então, o que nos impede de alcançar Deus? Que tipo de devoção pode nos levar a Deus? Nas palavras já citadas de Sri Ramakrishna encontramos um indício de como devemos rezar a Deus. Em sua maioria, os aspirantes que tentam praticar suas disciplinas espirituais o fazem com suas mentes vagando por toda parte, sem fixar o pensamento no Senhor, mas nas coisas deste mundo. O apego que se desenvolveu pelas coisas daqui é tão forte que ocupa quase toda a mente. Para explicar isto, Sri Ramakrishna relatou uma parábola: "Um mago estava fazendo demonstração de seus truques a um rei. De vez em quando ele exclamava 'Vem confusão! Vem ilusão! Oh Rei, dá-me dinheiro, dá-me roupa!' De repente sua língua deu uma volta e se pregou no céu da boca. O mago experimentou *kumbhaka* (retenção da respiração). Não pôde articular nem uma palavra ou som e ficou sentado, imóvel. Acreditando que havia morrido, construíram uma cripta de ladrilhos e o enterraram nessa postura. Depois de mil anos, quando

¹ Mt 11:28

alguém abriu a cripta, deram-se com um homem sentado em *samadhi*. Pensaram que fosse um santo e o adoraram. Quando o moveram, sua língua se despregou do céu da boca e voltou à posição normal. O mago, ao tornar-se consciente do mundo exterior, gritou como fez mil anos atrás: 'Vem confusão! Vem ilusão! Oh Rei, dá-me dinheiro, dá-me roupa!'. Tal é a força do apego às coisas do mundo que, mesmo depois de anos tentando nos afastar delas, elas nos mantêm presos e sempre voltam a interferir em nossas orações. Nosso pensamento retorna uma e outra vez impetuosamente ao mundo material, até durante as orações, por causa desse apego.

Podemos dividir os aspirantes em quatro tipos, de acordo com o motivo porque se aproximam de Deus: os aflitos, os que buscam conhecimento, os que desejam riqueza ou outro prazer e os sábios. Sri Krishna disse que todos eles são pessoas de bons méritos, mas que o sábio, sempre firme e dedicado ao Senhor, é quem se sobressai: "pois", acrescenta Sri Krishna, "Eu sou supremamente querido por ele e ele é querido por Mim."

Porque o sábio não adora ao Senhor para conseguir algo d'Ele, mas o faz porque sabe que o Senhor é seu próprio Ser interno e que todas as outras coisas são transitórias, fugazes, e somente traz transtornos e perturbações. A maioria dos aspirantes pertence às primeiras três categorias acima mencionadas: rezam a Deus para que cure suas enfermidades, lhes dê boa saúde, filhos compreensivos, riqueza em abundância e coisas desse tipo.

Existem outros que querem conhecer a natureza de Deus. Em qualquer desses casos, quando não se consegue o que buscam (uma recompensa imediata), então começam a se queixar ou abandonam o caminho. Com que entusiasmo começam! Dizem que não querem nada além de chegar a Deus, que não lhes interessa nenhuma outra coisa. Sem dúvida, quando não encontram formas de avançar, pois suas próprias mentes se tornam um grande obstáculo no caminho, exigindo a satisfação de seus desejos até então ocultos, abandonam completamente seus esforços e voltam às suas vidas anteriores e talvez mergulhem mais fundo no mundo material.

As escrituras hindus sobre *bhakti* (devoção) falam de dois tipos de devoção, a *vaidhī bhakti*, ou a prática da devoção segundo os mandamentos, e o prema *bhakti*, o amor espontâneo e extático por Deus. O principiante desse caminho deve seguir os mandamentos: repetir certo número de vezes o *mantram*, ou fórmula sagrada do nome de Deus, jejuar algumas vezes por mês, cantar as glórias do Senhor e praticar outras disciplinas espirituais para tentar manter sua mente n'Ele. À medida que segue o caminho, sua atração pelo Senhor vai aumentando, se estiver cumprindo os mandamentos da maneira devida. Sem dúvida, isto não acontece se o aspirante tem um forte apego ao mundo material e é movido facilmente pelas paixões. Estas são como o lastro para o globo; se há muitos lastros o globo não pode ser remontado no céu, pois ficará

flutuando numa determinada altura. É isto que acontece com muitos seguidores do caminho espiritual: quando decai o entusiasmo que sentiam no início, diminui a concentração e também os esforços para chegar à meta. De outro lado, surgem desejos de renome, fama e comodidades como recompensa pelas poucas austeridades ou dedicação que fizeram.

Sri Ramakrishna disse repetidas vezes aos seus ouvintes: "Acaso vocês podem conseguir as pérolas que se encontram no fundo do mar, flutuando simplesmente sobre a superfície das águas?". Também costumava entoar uma canção que expressa esse sentimento. A citaremos aqui:

*Mergulhe fundo, ó mente, levando o nome de Kali,
Nas águas do oceano do coração,
Onde estão escondidas muitas pedras preciosas.
Jamais acredite que o fundo do oceano carece das gemas
Se seus primeiros mergulhos forem infrutíferos;
Com firme determinação e autodomínio
Mergulhe e abra caminho para o reino da Mãe Kali.
Ali embaixo, nas profundezas do oceano de Sabedoria Celestial,
Estão as pérolas maravilhosas da Paz, ó mente;
E você mesma pode recolhê-las,
Se tiver somente amor puro e obedecer às escrituras.
Nas águas profundas do oceano, também
Espreitam seis crocodilos - luxúria, a ira e as outras paixões -
Movendo-se sempre em busca de sua presa.*

*Unte-se com a cúrcuma do discernimento
Seu simples odor lhe resguardará de suas mandíbulas.
No leito do oceano estão espalhadas
Incontáveis pérolas e pedras preciosas;
Mergulhe, disse Ramprasad, e recolha-as a mãos cheias.*

Nessa canção estão descritos os requisitos para se chegar a Deus: primeiro ensina que devemos retirar a mente dos objetos exteriores e dirigi-la para dentro, levando o nome de Deus. Porque tudo que buscamos no exterior – felicidade, paz e tranquilidade - está dentro e não do lado de fora. No exterior tudo é torvelinho, redemoinho, conflitos, querelas e mal-entendidos. Como podemos esperar que o mundo se modifique?

Portanto, os sábios espirituais ensinam que devemos ir para dentro. A segunda lição é que nunca devemos esperar resultados imediatos, nem nos desesperar por causa dos primeiros fracassos em nossas tentativas de alcançar um estado de estabilidade ou concentração, mas que com firme determinação, e controlando todos os sentidos, devemos persistir

nos esforços até chegar à meta, a Deus. A Paz não pode ser alcançada no exterior, mas em si mesmo. Ninguém pode consegui-la para nós senão nós mesmos, ao cumprir os mandamentos das escrituras e obter o amor puro pelo Senhor. O poeta está consciente da existência das paixões, as quais compara com os crocodilos famintos, e para enfrentá-las recomenda cultivar o discernimento. Sem discernimento, mesmo uma pessoa que segue o caminho da devoção não pode avançar, porque o discernimento atua como um vigilante que impede que as paixões lhe causem prejuízo. As pérolas maravilhosas que alguém pode recolher são a bem-aventurada visão de Deus e resultantes paz, tranqüilidade e equanimidade. Esta é a devoção que pode nos levar a Deus: uma devoção firme, guiada pelo discernimento e pela renúncia. Não devemos nos assustar ao ouvir a palavra "renúncia". Sabemos que a renúncia total não é possível para todos, mas para se alcançar Deus é preciso renunciar pelo menos internamente, quer dizer, desapegar-se de todas as coisas materiais. Porque como disse o Senhor Jesus Cristo, não podemos servir a dois senhores, a Deus e a Mammón.

Como dissemos no início desta palestra, os objetos do mundo têm uma atração irresistível para o ser humano, e quem cai em sua rede raríssimas vezes consegue sair dela, e a menos que escape dali, não será possível chegar a Deus. Na canção que acabamos de citar é mencionado o amor puro. O que significa isso? No mundo, ou o amor quase sempre é egoísta ou está sujeito à reciprocidade. O amor motivado, seja qual for, é condicionado pelas circunstâncias, situações e coisas do tipo. Bem raras vezes se encontra pessoas cujo amor pelos outros não tenha algum interesse pessoal. O amor puro é aquele que não exige nenhuma retribuição, mais ainda, não espera nenhuma recompensa, e flui sempre da mesma forma para o objeto do amor sob quaisquer condições. Não se dirige esse amor para Deus com a esperança de coisa alguma. A pessoa que o possui ama a Deus porque sente que o Senhor é seu único parente e amigo íntimo. Está disposta a servi-Lo de todas as maneiras possíveis, e sente-se feliz ao fazê-lo.

Sri Ramakrishna certa vez disse: "Pode-se falar das escrituras, da filosofia, da Vedanta; mas não se encontrará Deus em nenhum deles. Jamais será possível alcançar a Deus, a menos que sua alma se inquiete por Ele. Deve-se estar ansioso por Deus, e praticar disciplinas espirituais com intensidade. Acaso é possível obter a visão de Deus de repente, sem nenhum preparativo?" O preparativo consiste em levar a cabo as indicações das escrituras, pôr em prática o que elas ensinam e tentar desenvolver o anelo por Deus. Sem esse anelo, ninguém pode alcançá-Lo.

As escrituras hindus também mencionam cinco graus de devoção ou atitudes com as quais o aspirante pode se aproximar de Deus; a saber, *shanta*, pacífica, na qual o devoto segue suas práticas firmemente, considerando a Deus como Pai ou Mãe, mas não com muita ansiedade por alcançá-Lo. A maioria dos verdadeiros buscadores é dessa classe. Depois vem *dasia*, a atitude do servidor; é muito mais forte que a anterior; o

devoto tenta agradar ao Senhor de toda maneira, e está sempre alerta para praticar os ensinamentos das escrituras. Depois vem a atitude de *sakhia*, de amizade, o amor de um amigo por outro; nesta e nas seguintes formas de devoção o devoto não presta muita atenção às glórias de Deus, pois estas não têm importância para ele, já que não busca nada do Senhor, anela somente vê-Lo e estar em comunhão íntima com Ele. O próximo grau mais elevado é o da atitude de *vátsalia*, a de uma mãe para com seu filho; esse devoto considera a Deus como um filho, que necessita de seu cuidado; muitas mulheres na Índia têm esta atitude para seu Ideal.

Finalmente está a atitude de *madhur*, a de uma amante para seu amado; esta atitude abarca todas as anteriores, e o devoto nunca pensa em seu próprio conforto, mas está sempre disposto a servir ao Ideal durante todo tempo. Mas esta última é muito difícil de praticar e não é para todos ou qualquer um. Somente as Encarnações Divinas podem suportar a angústia da separação de Deus que é sentida quando se pratica esta atitude. Além disso, a pessoa que quer praticá-la deve ter uma mente despojada de todas as paixões, não deve ter nenhum vestígio de desejos mundanos. Todas estas atitudes levam o buscador a Deus quando são cumpridas sem nenhum desejo de gozar aqui ou no além.

Lamentavelmente a maioria dos que recorrem à vida religiosa se restringe à letra das escrituras e não se esforça para seguir o seu espírito; celebram as festas, frequentam os templos com regularidade, fazem um pouco de caridade e talvez uma ou outra, entre elas, procure dedicar alguns momentos de sua vida diária à oração. Também pode ser que levem uma vida moral e bem disciplinada, mas pensam que não há mais nada a se fazer para chegar ao Senhor. Deus não pode ser alcançado através deste tipo de devoção. Às vezes as pessoas, estando equivocadas acerca dos valores das coisas, usam o impedimento na vida espiritual como ajuda. Há uma história sobre Guru Govinda Singh, um dos grandes líderes espirituais dos *Sikhs* da Índia, e um rico discípulo seu, que ilustra isso. "Certa vez Guru Govinda Singh estava sentado rezando à margem do Yamuná. Era à hora do crepúsculo, quando chegou Raghunath, um rico discípulo, que o saudou prostrando-se e disse: 'Senhor, peço-lhe que aceite este pequeno presente como uma lembrança do meu carinho.' Feito isso, colocou perto dos pés do mestre dois braceletes de ouro incrustados com pedras preciosas. O Guru aceitou as joias e para poder mostrar sua alegria, começou a brincar com um dos braceletes, atirando-o ao ar e apanhando-o nas palmas de suas mãos. De repente ele deixou que deslizasse de sua mão e caísse no rio.

"O discípulo encarou isso como um acidente lamentável, e saltou no rio para recuperá-lo. Continuou buscando-o até que o mestre, sem mostrar mais interesse pelo assunto, absorveu-se em meditação. Várias horas depois, Raghunath retornou frustrado de sua busca, com uma face triste. Disse: 'Mestre, lamento muito, não tive êxito até agora para encontrar a joia, mas no entanto, talvez eu possa encontrá-la se o senhor

me indicar o lugar exato onde ela caiu caiu.’

“Sabendo exatamente o que se passava na mente do discípulo, o Guru pegou o outro bracelete e o atirou ao rio dizendo: ‘Raghunath, foi exatamente ali.’

“O discípulo ficou estupefato e confuso ao ver essa ação deliberada do mestre. Não conseguia entender o que o Guru queria ensinar ao atirar também essa segunda joia. Depois de alguns instantes o mestre se levantou de seu assento e abraçando o discípulo disse: ‘Raghunath, eu me livrei dos braceletes de propósito. Percebi como sua mente estava apegada a eles e isto gerava uma barreira entre você e eu. Abandone sua vaidade de riqueza.’

“O discípulo reconheceu o seu erro, prostrou-se diante dos pés do mestre e desde aquele momento mudou completamente.”

Da mesma maneira, mantemos com muita tenacidade barreiras como esta entre nós e Deus, e depois nos queixamos de que Ele é quem não Se revela. São muitas as barreiras: vaidade de riqueza, de posição, de religiosidade, de santidade, das paixões, apegos e coisas desse tipo. Cada uma é como uma montanha muito difícil de cruzar se não anelamos por Deus. Esse anelo nos fortalece a tal ponto que podemos fazer o impossível. Ao contrário, se nos contentamos com um pouco de oração diária, nossa recompensa também será da mesma equivalência: teremos nome e fama de homens piedosos, bons ou simpáticos aqui na terra, mas não alcançaremos Deus. Sri Ramakrishna costumava aconselhar aos seus discípulos: “Diz-se que é possível ver a Deus dirigindo a Ele a intensidade reunida dessas três atrações: a atração que uma mãe sente por seu filho, a que uma fiel esposa sente por seu esposo e a que tem um homem mundano por seus bens materiais.” Perguntemo-nos se possuímos este anelo por Deus, se não o possuímos não temos direito de nos queixar. Mas essas lágrimas não devem ser derramadas para ganhar o reconhecimento das pessoas; devem surgir espontaneamente, não para demonstração, nem para fazer uma exibição de santidade, mas pela agonia que se sente pela separação de Deus. A ansiedade que devemos sentir para alcançar a Deus é ilustrada na seguinte parábola: “Um discípulo visitava seu mestre e lhe pedia que lhe dissesse como ele poderia ver a Deus. O mestre não lhe respondeu nada no primeiro dia. Mas o discípulo não desistiu e visitou o mestre no dia seguinte, e novamente fez a mesma pergunta. Outra vez o Guru não deu nenhuma resposta. Depois que o discípulo o visitou várias vezes e repetiu a pergunta, um dia o Guru fez com que ele o acompanhasse até um lago. Quando ambos estavam na água, o mestre de repente mergulhou a cabeça do discípulo e a sustentou assim por um instante. Quando soltou sua cabeça, esperou que se recobrasse de seu susto e perguntou: ‘O que você sentiu?’ ‘Senti como se fosse morrer e anelava por um pouco de ar.’ Deve-se desenvolver esse tipo de amor por Deus, então Ele não pode deixar de se revelar ao devoto.

Há um canto de um santo de Bengala que expressa esse

sentimento.

*Clama por tua Mãe Shyama com verdadeiro clamor, ó mente!
E como pode Ela esquivar-Se de ti?
Como pode Shyama não aparecer?
Como pode tua mãe Kali Se manter afastada?*

*Oh, minha mente! Se tens fervor, leva a Ela uma oferenda
de folhas de bel e flores de hibisco;
Põe a Seus pés a tua oferenda
E misture com ela a fragrante pasta de sândalo do Amor.*

Estas não são meras palavras, mas a expressão da experiência que esse santo teve, por isso é tão categórico em sua declaração. Se temos a firme fé de que Deus é nosso Pai ou Mãe, não podemos duvidar que Ele escuta nosso chamado quando somos sinceros, e nos dá o que pedimos. Porque como disse Jesus: "Que homem há entre vós, a quem se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? E se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Pois se vós, sendo maus, podeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quão mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que Lhe pedem?" Mas primeiramente temos que sentir essa relação íntima com Deus, se não a sentimos nem tampouco temos essa fé n'Ele, então fica difícil entregarmo-nos totalmente à Sua vontade, mesmo que milhões de vezes repitamos a oração: "Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu."

Somos gente de pouca fé, dirigimo-nos a Deus como nosso Pai ou Mãe, mas não acreditamos nisso completamente; se o fizéssemos, como poderíamos nos queixar de que Deus não escuta as nossas orações? O que acontece é que todo nosso amor e apego ficam distribuídos entre os parentes – esposa e filhos –, amigos e objetos do mundo. Não sobra quase nada para dar a Deus, e o pouco que queremos oferecer parece muito para nós. Vamos reiterar a palavra "queremos", pois realmente não Lhe damos, porque o pouco tempo que dedicamos às orações passamos pensando em coisas deste mundo e tentando solucionar não somente os problemas pessoais mas também os alheios. Com essa mente, com esse tipo de devoção, como poderemos esperar alcançar Deus? Como poderemos vê-Lo? Ao Senhor temos que dar todo o nosso amor, porque não existe ninguém no universo mais querido e mais próximo que Ele. É nosso Ser mais íntimo, Alma de nossa alma. Temos que gravar essa idéia em nossa mente para que possamos verdadeiramente amá-Lo, fundir nosso mais terno sentimento n'Ele. Somente quando pudermos querê-Lo assim, poderemos dizer que estamos clamando por Ele verdadeiramente.

Nos Vedas se diz: "Oh, Senhor, clamamos a Ti como a vaca que muge pelo bezerro." Os que presenciaram essa atração da vaca pelo bezerro, perceberam sua força. A devoção que não desperta esse tipo de

amor não nos leva a Deus, ainda que aqui tenhamos título de pessoa espiritual ou religiosa.

Mas como desenvolver esse tipo de devoção? Sri Ramakrishna sugere que se deve viver na solidão de vez em quando, afastado dos familiares e de suas preocupações, e praticar as disciplinas espirituais. Aconselha também viver na companhia dos seres avançados espiritualmente, pois é difícil seguir um caminho se não se encontra um exemplo vivo. A mera teoria não pode satisfazer ao homem. Vendo a vida de abnegação em sua frente, lhe é possível compreender que Deus não é um mito e que os que dedicam sua vida para tentar chegar até Ele não são tontos ou loucos. Porque na companhia de um verdadeiro santo se sente uma paz que não é deste mundo. Desvanecem-se, pelo menos nesses momentos, as dúvidas sobre a vida espiritual, da existência de Deus e coisas semelhantes. Cantar o nome e glórias de Deus é a terceira ajuda neste caminho. Supostamente todas estas ajudas nos são de grande valor se possuímos desapego e discernimento, se podemos discernir entre o que é Real, Eterno e o que é irreal, perecível e transitório. Quando se está capacitado em distinguir o que é bom do que é mal para sua vida espiritual, adquire-se o desapego.

Agora sim, pode-se perguntar “Por que alguns conseguem êxito na vida espiritual em pouco tempo, enquanto outros nunca o conseguem nesta vida?” Os hindus acreditam que esta não é a única vida do ser humano, que passam várias vezes pelo nascimento e que cada vez que vem à terra os seres tentam se elevar mas nem sempre conseguem. Sem dúvida, tanto o bom como o mal que se praticou deixa um respectivo selo na mente e este forma as tendências inatas, quando voltam a nascer. Quem se esforça para chegar à meta, mas devido a fraquezas resvala de seu estado elevado, quando volta a nascer, traz consigo todos os méritos adquiridos e começa dali; conseqüentemente, ao que faltava pouco para chegar à meta, consegue êxito em pouco tempo nesta vida. Sri Ramakrishna ilustra isto com um exemplo bem familiar: “A verdade é que um homem consegue bastante êxito por causa das tendências herdadas das vidas anteriores. A gente pensa que ele o alcançou de repente. Um homem bebeu uma garrafa de vinho até o amanhecer, com a qual ficou completamente embriagado. Começou a se comportar indevidamente. As pessoas se assustaram ao ver que ele ficou embriagado a tal ponto tomando somente um copo de vinho. Mas outro homem lhe diz: ‘Por que você está assombrado? Ele esteve bebendo durante toda a noite.’”

Nenhum esforço para o bem é em vão, tudo se acumula e nos ajuda em nossa vida. Portanto, vamos continuar nos esforçando, mesmo que às vezes deslizemos no caminho. Com perseverança e pela graça de Deus chegaremos à meta.

Que o Senhor misericordioso nos abençoe para que possamos desenvolver o amor puro aos Seus pés e para que tenhamos a visão d’Ele antes de nos despedirmos deste mundo!

A SÍNTESE DOS YOGAS EM SWAMI VIVEKANANDA

Swami Paratparananda¹

Outubro de 1976

Hoje em dia o nome de Swami Vivekananda é amplamente conhecido em quase todas as partes do mundo pela mensagem da Eterna Religião que ele fez conhecer a toda humanidade, sem fazer discriminação de raça, credo ou cor: uma mensagem cheia de esperança ao pisoteado, ao caído, ao menosprezado e ao infeliz, uma mensagem de harmonia e paz. Quando pela primeira vez a grande assembléia do Parlamento das Religiões, que teve lugar no ano de 1893 na Exposição Mundial em Chicago, escutou esta mensagem do hinduísmo, de tolerância e aceitação de todas as religiões como verdadeiras, a mensagem de que todas elas são outros tantos caminhos até a mesma Realidade, citando estes dois belos versos dos livros sagrados: *"Assim como os diferentes rios, ainda que tenham sua origem em distintos lugares, vertem suas águas e se misturam nas do oceano, da mesma forma, ó Senhor, os diferentes caminhos que os homens seguem, devido as suas distintas tendências, ainda que pareçam como diferentes, por tortuosos ou retos que sejam, todos levam a Ti", "Qualquer um que se acerque a Mim (o Senhor), de qualquer maneira, Eu vou a ele, por todos os homens lutam por distintos caminhos, os quais ao final conduzem a Mim"*, aquela assembléia ficou, por dizer assim, enfeitiçada e ao final do discurso ovacionou ao orador, mostrando assim sua total aprovação destes sentimentos. Neste mesmo Parlamento expressou o seguinte na seção final: *"Se o Parlamento das Religiões demonstrou algo ao mundo é isto: Provou que a santidade, a pureza e a caridade, não são posses exclusivas de nenhuma igreja do mundo, e que todos os sistemas produziram homens e mulheres do mais sublime caráter. Se alguém, contra esta evidência, sonha com a sobrevivência exclusiva de sua própria religião e a destruição das demais, lhe compadeço de todo meu coração e lhe indicarei que sobre a bandeira de cada religião logo será escrito, apesar da oposição: 'Ajuda mútua e não luta', penetração mútua e não destruição', 'Harmonia e Paz e não dissensão'"*.

Desde aquele dia durante três anos seguidos, espargiu esta e outras mensagens da Vedanta nos Estados Unidos sem descanso algum. Uma grande parte dessas conferências e práticas se perdeu para

¹ Swami Paratparananda, um monge da Ordem Ramakrishna, foi editor da revista em inglês Vedanta Kesari (1962-1967) e líder espiritual do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988).

sempre e o que se pode reunir chegou a formar oito tomos no idioma inglês².

Agora vejamos, qualquer um pode falar ou escrever sobre religião, mas muito poucos podem levar sua convicção ao ouvinte ou leitor, porque como Sri Ramakrishna costumava dizer, "*Quem lhe vai escutar ou fazer caso se não tens o mandato de Deus?*"; porque a religião é algo que se transmite diretamente e se alguém não realizou a Deus, como pode falar Dele com certeza e autoridade? Podemos passar horas em discussões sobre Deus e os meios para chegar a Ele, mas isto não nos capacitará para dar um só passo até Ele, pelo contrário, é possível que nos confunda ainda mais.

Swami Vivekananda, além de haver realizado o mais elevado estado espiritual, recebeu o mandato de seu Mestre para ensinar a humanidade. Teve que fazê-lo mesmo contra sua vontade. Toda vez que ele quis retirar-se para um lugar solitário e viver totalmente absorto em Deus, um ou outro de seus condiscípulos, a quem o Mestre havia deixado ao seu cuidado, adoecia ou ele mesmo padecia de alguma doença muito grave, a qual o obrigava a abandonar seu projeto, até que a poderosa vontade de Sri Ramakrishna, que sempre estava por trás dele, lhe impeliu a lançar-se ao campo da intensa atividade, para levar a mensagem de seu Mestre ao Ocidente e a todas as partes da Índia. E isto significava não somente a prédica, senão também o treinamento de seus condiscípulos e discípulos e o socorro ao ser humano faminto tanto espiritual quanto fisicamente. A sede das pessoas pelas águas vivificantes da espiritualidade, que ele possuía em abundância, fez com que ele se oferecesse sem reservas, mediante conferências, práticas íntimas, entrevistas e treinamento. O motivo de sua viagem ao Ocidente foi o de despertar o interesse do povo americano pelo bem-estar dos pobres da Índia, a Índia que havia sido apresentada diante deste povo como um país habitado por gente selvagem e inculta, que jogava as crianças recém-nascidas aos crocodilos e estórias semelhantes. Ele mesmo foi a aquele país como resposta direta aos caluniadores. Sua sabedoria e a mensagem deslumbrante da religião hindu que ele apresentou diante daquele povo fez pensar a imprensa norte-americana e a comentar: "Ao escutar-lhe, sentimos o absurdo de enviar missionários a esta sábia nação." Não havia motivo pessoal algum, nem por renome, nem pela fama, nem muito menos pela riqueza, por trás de seus esforços para fazer conhecer a humanidade em que consistia a verdadeira religião. Queria somente o bem do ser humano.

Só quando um mestre espiritual assim, que realizou, que viu a Deus e que não se sente motivado por nenhum interesse pessoal, fala de Deus, as pessoas lhe escutam com toda a atenção e aprendem dele o modo de acercar-se a Divindade e viver nela. E este mestre, mesmo

² Atualmente são nove tomos.

depois de seu desaparecimento físico, infunde coragem mesmo às pessoas mais débeis. Swami Vivekananda era um desses mestres espirituais, a leitura de cujas obras, mesmo agora, produz em uma pessoa deprimida algo assim como uma corrente elétrica de ânimo e vitalidade, fazendo-a descartar toda pusilaminidade e erguer-se e enfrentar tudo o que lhe possa sobrevir, com calma e intrepidez. A força com que esses mestres pronunciaram suas mensagens não se perde nunca, pelo contrário, ajuda sempre a todos aqueles que buscam socorro espiritual.

Dissemos que os grandes mestres espirituais nunca ensinam o que eles mesmos não experimentaram e que por esta razão o método que aplicam é seguro, inequívoco. Swami Vivekananda sobre cada um dos quatro yogas principais e ensinou a alguns a maneira de meditar segundo o raja yoga. Tendo em conta o perigoso que é praticar este yoga sem um guia adequado e para não deixar nenhuma ambiguidade sobre o procedimento, tomou a precaução de escrever em detalhe e com clareza um tratado sobre ele. Tudo isto pode fazer porque tinha a experiência direta. Agora vamos ver como estes yogas se manifestam nele.

Se as vidas das grandes personalidades espirituais são estudadas com um pouco de penetração, se achará que a grandeza do adulto surge através de comportamento espontâneo na infância, que a semente da futura gigantesca árvore espiritual já estava nelas e que desde a infância ia crescendo. Afortunadamente, no caso de Swami Vivekananda temos amplos dados desde sua infância. Mesmo quando era um menino brincava de meditação e esta brincadeira despertava nele emoções espirituais muito profundas. Os meninos da vizinhança às vezes se uniam a ele nesta brincadeira. Certo dia quando estava meditando junto com seus companheiros apareceu ali uma cobra, vendo a qual os outros meninos se assustaram e advertindo com gritos o perigo a Narén³, saíram correndo dali. Mas ele, que já havia perdido completamente a consciência externa, não os ouviu e, por conseguinte não se moveu do lugar. A serpente permaneceu algum tempo e depois suavemente se arrastou e desapareceu. Houve outro incidente similar. Certa vez o menino que tinha só cinco anos, escutou a estória de Rama e atraído por Sua vida comprou uma imagem de Sita e Rama e a instalou em um dos quartos sobre o terraço de sua casa. Depois, junto com um amigo de sua idade se fechou no aposento e os dois começaram a meditar. Ao não encontrarem a Narén, começaram a buscá-lo por todas as partes e ao final chegaram ao aposento fechado, mas mesmo depois de chamá-lo várias vezes, ao ver que não se abria a porta, tiveram que forçá-la. Uma vez aberta, encontraram aos dois meninos sentados imóveis diante da imagem de Sita e Rama.

³ Seu nome de infância e juventude (de Narendranath).

Havia outro fenômeno peculiar que era natural em Narén. Cada noite lhe trazia alguma visão estranha. Singular era a maneira em que adormecia. Tão logo se deitava e fechava os olhos, aparecia entre suas sobrancelhas uma maravilhosa luz que mudava de cor e que se expandia até estourar, banhando todo seu corpo com seu brilho e enquanto a mente se ocupava em contemplar este fenômeno, ele adormecia. Narén pensou que isto era natural em todos os seres humanos e um dia perguntou a um amigo seu se ele também tinha este tipo de experiência. Quando o amigo lhe respondeu que não a tinha, lhe aconselhou que observasse bem antes de adormecer. Este fenômeno ficou com ele até o fim de sua vida, se bem que ao final não era tão frequente nem tão intenso. Tudo isto mostra a profundidade do estado de meditação a que havia chegado sua alma e o natural que se havia tornado para ele. Mais tarde, quando Narén se aproximou de Sri Ramakrishna em sua busca de um homem que tivesse visto a Deus, o Mestre certa vez lhe perguntou: "*Vês uma luz antes de adormecer?*" e quando o jovem respondeu que sim, exclamou: "*Ah, isto é verdade. Este rapaz é um dhyana siddha, consumado na meditação desde seu nascimento*". A meditação forma uma parte importante da vida espiritual e consiste em dirigir a mente exclusivamente a um só objeto, a uma só ideia, assim como se verte o azeite de uma vasilha a outra ininterruptamente, até ficar absorvida neste pensamento. Um homem comum passa quase toda sua vida tentando conseguir um pouco de concentração e raras vezes chega a alcançar a meditação, em seu verdadeiro sentido. É o penúltimo degrau, segundo o raja yoga, sendo o próximo o samadhi. E sem ter este poder de meditar, retirando a mente de todos os outros objetos e pensamentos, não se pode progredir no caminho espiritual. E como se sabe, yoga significa a união do ser individual com o Ser Supremo e por extensão o caminho que nos leva a obter esta união também é chamado yoga. Em Swami Vivekananda vemos como desde sua infância todos os elementos necessários para essa união com Deus já estavam presentes, só faltava o toque final da mão mestra para que chegasse a culminação, ao cume. Voltaremos ao tema do raja yoga mais adiante.

Sri Ramakrishna descreve assim a primeira visita de seu discípulo: "*Narendra entrou no quarto pela porta a oeste. Pareceu ser indiferente por seu corpo e sua vestimenta e ao contrário dos demais, não prestava atenção ao mundo externo. Seus olhos assinalavam que tinha uma mente introspectiva, como se uma parte dela estivesse sempre concentrada em algo interno. Fiquei assombrado ao descobrir que uma alma tão espiritual viesse da atmosfera, do ambiente materialista de Calcutta. Cantou a meu pedido alguns cantos bengalis. Um deles era um canto comum do Brahmo Samaj⁴, que começa com estas palavras: 'Ó minha mente, vá a tua própria morada; neste mundo*

⁴ Organização social e religiosa hindu.

estranho, porque vagas inutilmente como um forasteiro?’ Mas o cantou com todo seu coração e infundiu tanto sentimento nele que eu não pude conter-me mais e entrei em um estado de êxtase.” Aqui temos dois aspectos proeminentes de Swami Vivekananda: a introspecção unida à indiferença pelo corpo e a ternura ou sentimento que derramava por Deus. Como se sabe, antes de chegar a ter contato com Sri Ramakrishna, Narendra, em sua busca por Deus, recorreu a muitas pessoas destacadas e reconhecidas como líderes espirituais e até se tornou membro do Brahma Samaj, onde se adorava a Deus sem forma, mas com atributos. Pelo contrário, Sri Ramakrishna adorava a deus com forma, como a Divina Mãe, Kali. Havia praticado também as disciplinas do monismo e alcançado o Nirvikalpa Samadhi, onde não existe a diferença entre o adorador e o adorado, melhor dizendo, onde tudo é o Único, sem segundo, em que o adorador se submerge no absoluto. Experimentando esse estado, Sri Ramakrishna havia se unido com a mente cósmica e, por conseguinte podia medir a profundidade das almas dos seres com quem ele entrava em contacto. Quando viu a Narendra pela primeira vez, logo o reconheceu; no entanto durante sua segunda e terceira visita quis comprovar os antecedentes do discípulo, fazendo-o mergulhar nas regiões mais recônditas de sua alma. Ao ter a confirmação de suas visões sobre Narendra, começou a treiná-lo de uma maneira muito diferente dos demais discípulos. Durante suas visitas frequentemente lhe pedia que lesse para ele o Ashtavakra Samhita ou outro tratado sobre Advaita ou monismo, com a intenção de familiarizar a Narendra com essa filosofia. Mas estes tratados pareciam a Narendra, um firme aderente do Brahma Samaj, heréticos e dizia abertamente: *“É uma blasfêmia, porque não há nenhuma diferença entre tal filosofia e o ateísmo. Não existe pecado maior no mundo que crer-se idêntico ao Criador. Eu sou Deus, Tu és Deus, estas coisas criadas são Deus – que pode ser mais absurdo do que isto! Os sábios que escreveram estas coisas devem ter sido loucos.”* Sri Ramakrishna se divertia com seu modo brusco e lhe dizia: *“Não é necessário que tu aceites as opiniões destes sábios. Mas como pode insultá-los ou limitar a infinitude de Deus? Continue rezando ao Deus da Verdade e creia em qualquer de Seus aspectos que Ele revele a Ti.”* Mas Narendra não se submeteu facilmente. Qualquer conceito que não concordava com a razão o considerava como falso e era sua natureza opor-se à falsidade. Por conseguinte não deixou passar nenhuma oportunidade de ridicularizar a filosofia Advaita, monista. Não obstante, Sri Ramakrishna, que sabia melhor que o discípulo que seu caminho era o do Conhecimento, insistiu em falar-lhe sobre esta filosofia. Certo dia o Mestre tratou de convencê-lo sobre a ideia de que o ser individual é idêntico com Brahman, mas sem sucesso. Narendra saiu do quarto e começou a ridicularizar e rir-se disto com outra pessoa que vivia naquele tempo no Templo de Dakshineswar. Sri Ramakrishna, ouvindo a risada de Narendra, também saiu de seu quarto em um estado semi-

consciente e sorrindo perguntou: *"Olá, de que estás falando?"* Dizendo isso tocou à Narendra e entrou em samadhi. O efeito do toque foi estupendo.

Narendra mesmo o descreve assim: *"O toque mágico do Mestre naquele dia, de imediato produziu uma maravilhosa mudança em minha mente. Fiquei estupefato ao ver que na verdade não havia nada no universo que não fosse Deus! Vi claramente isso, mas guardei silêncio, para ver se a ideia durava. A impressão não diminuiu este dia. Voltei a minha casa, mas ali também tudo o que via parecia ser Brahman. Sentei-me para comer e encontrei que tudo – o alimento, o prato, a pessoa que me servia e até eu mesmo – não era nada mais que Aquele, o Absoluto."* Essa experiência, relata o Swami, durou alguns dias sem interrupção. *"Depois – continua Swami Vivekananda – quando me normalizei, me dei conta que devo ter tido um vislumbre do estado de Advaita. Então me ocorreu que as palavras das Escrituras Sagradas não eram falsas. Desde então não pude negar as conclusões da filosofia Advaita, monista."* Assim, pouco a pouco, saiu de todo conceito objetivo da Divindade até chegar a ter a gloriosa consciência da natureza subjetiva do Verdadeiro Ser, além da forma, do pensamento, dos sentidos, além de todo bem e mal relativos. Tudo isto não aconteceu em um dia. Teve que descartar os conceitos anteriores e modo de meditar; o trabalho era duro, no entanto não desanimou. Tendo a capacidade de isolar sua mente de todos os pensamentos que não fossem do modo particular de rezar, começou a orar de uma maneira nova e se submergia durante as noites na profundidade de seu interior a tal ponto que ficava como embriagado. Não sentia desejo de levantar-se do assento da meditação. Sri Ramakrishna também lhe ensinava os diferentes modos de meditar.

Apesar de ter respeito e reverência por Sri Ramakrishna como uma pessoa de total renúncia e pureza, Narendra não podia aceitar a Deus com forma, um conceito fundamental no caminho da devoção, Bhakti. O Mestre certa vez observando minuciosamente as características físicas de seu discípulo, lhe havia dito: *"Teus olhos mostram que não és um gñani seco; em ti estão unidos harmoniosamente a terna devoção e o profundo conhecimento."* Havendo conhecido este fato, Sri Ramakrishna não ia deixar que o desenvolvimento espiritual de seu querido discípulo fosse parcial e em pouco tempo a oportunidade se apresentou. O pai de Narendra morreu e a família se encontrou desprevenida e apesar de todos os esforços o jovem não conseguiu nenhum trabalho para manter a sua mãe e irmãos. Quando esgotou todos os meios que lhe podiam ajudar a aliviar o sofrimento de sua família, Narendra se aproximou de Sri Ramakrishna e lhe disse que pedisse à Mãe que tirasse a penúria da família. O Mestre respondeu: *"Meu filho, eu não posso pedir estas coisas. Por que não vai você mesmo e pede para a Mãe? Todo seu sofrimento é devido à teu desprezo por Ela."* Narendra respondeu: *"Eu não conheço a Mãe, por*

favor, fale o senhor por mim." Sri Ramakrishna respondeu com grande ternura: *"Querido, já te disse várias vezes, mas como tu não A aceitas, Ela não me faz caso. Bom, hoje é terça-feira, - um dia auspicioso para os adoradores da Mãe - vá esta noite ao templo de Kali, prosterna-te diante da Mãe e peça a Ela qualquer dom que queiras e o conseguirás. Ela é o Conhecimento Absoluto, o Poder Inescrutável de Brahman. Por Sua mera vontade deu a luz ao mundo. Pode dar o que quiser"*. Relata o próprio Swami Vivekananda o que ocorreu depois: *"Acreditei em cada uma dessas palavras e esperei ansiosamente que anoitecesse. Às nove da noite o Mestre me mandou ao Templo. Quando ia senti uma divina embriaguez, tremiam minhas pernas, meu coração batia fortemente com a esperada alegria da visão da vivente Mãe e o desejo de ouvir Suas palavras. Estava preenchido por esta ideia. Quando cheguei ao Templo e dirigi meu olhar à imagem, realmente vi que a Divina Mãe era viva e consciente, a Fonte Perene do Divino Amor e Beleza. Fiquei preso em uma onda de devoção e amor. Em um êxtase de alegria, me prosternei várias vezes diante da Mãe e rezei: "Mãe, dá-me discernimento, dá-me renúncia, dá-me conhecimento e devoção! Bendiga-me para que eu possa ter Tua visão ininterrupta"*. Esqueceu tudo da família e da penúria, reinava em seu interior uma paz indescritível e ainda que se lembrou, ao voltar a habitação de Sri Ramakrishna, o propósito com que havia ido ao templo, não pode pedir nada das coisas do mundo em sua segunda e terceira visita a Ela nesta noite. Disse ele: *"Ao entrar no templo pela terceira vez, uma terrível vergonha se apoderou de mim. Pensei: 'Que coisa tão insignificante eu vim pedir a Mãe! É como pedir algumas verduras a um rei bondoso!'"* Mas indo de volta ao quarto de Sri Ramakrishna insistiu que ele devia abençoá-lo para que sua família não sofresse de aguda pobreza. O Mestre finalmente cedeu e lhe assegurou que as pessoas de sua casa não mais sofreriam por falta de comida e roupa. Depois lhe ensinou um canto à Divina Mãe, o qual ele contou durante toda a noite com um coração transbordante de amor por Ela. Assim foi iniciado no caminho de Bhakti, devoção e abençoado com a visão da Divina Mãe. É por isso que ele pode ensinar as pessoas que a devoção não consiste em amar a Deus para conseguir coisas do mundo, chamava esta forma de querer a Deus como negócio.

Mais tarde, quando Sri Ramakrishna se enfermou de câncer e o levaram a Calcutta para dar-lhe uma melhor atenção médica, os jovens reunidos ao redor dele, ficaram na casa de Casipur para servi-lo. Quando Narén se deu conta que a enfermidade do Mestre era grave e que possivelmente ele logo deixaria seu corpo, seu desejo de realizar a Deus aumentou cada dia mais. Reunia aos seus jovens discípulos e os incentivava a praticar disciplinas espirituais advertindo-os de quão grave era a enfermidade do Mestre e que com toda intensidade tratassem de ter a visão de Deus, antes que Sri Ramakrishna partisse. Certa vez o Mestre lhe iniciou com o mantram de Rama, dizendo que

ele mesmo o havia recebido de seu Guru. Como consequência surgiram ondas de emoção em Narendra a tal ponto que a tarde deste dia começou a dar voltas ao redor da casa repetindo o nome do Senhor com voz excitada. Havia perdido totalmente a consciência externa e estava inundado de êxtase. Deste modo, Sri Ramakrishna treinava e preenchia seus discípulos com o amor por Deus, enquanto permaneceu na casa-quinta de Casipur, em que jazia gravemente enfermo. Não se pode descrever com que intensidade Narendra amava a Deus. Certa vez estando em casa, foi repreendido pelos familiares por haver se descuidado de seus estudos, mas quando tentou fazê-lo se apoderou dele um grande susto, como se estudar fosse uma coisa horrível. Vamos narrar o que aconteceu com suas próprias palavras: *"Começo uma grande luta em meu coração. Nunca em minha vida chorei tanto! Em seguida deixando meus livros e o resto, vim correndo sem parar até chegar aqui (Casipur). Meus chinelos saíram de meus pés e se perderam não sei onde."* Referindo-se a este estado de Narendra, Sri Ramakrishna, ainda que não pudesse falar devido a sua enfermidade, indicou esta noite através de sinais o maravilhoso estado em que se encontrava Narendra. *"Houve um tempo – disse em voz baixa – em que ele não acreditava no aspecto Pessoal de Deus. Vejam agora como deseja com ânsia a Realização!"*

Na casa-quinta de Casipur cada um dos discípulos de Sri Ramakrishna havia sido abençoado com uma ou outra experiência espiritual. Narendra, ainda que tivesse as experiências já mencionadas, se sentia privado deste privilégio. Um dia se queixou diante do Mestre: *"Todos foram abençoados com algum tipo de realização. Que eu também tenha algo. Quando todos o tiveram, serei eu somente o excluído?"* Sri Ramakrishna respondeu: *"Organize os seus assuntos familiares e em seguida terás tudo. Que queres?"* Narendra expressou seu desejo de permanecer submerso em Samadhi durante três ou quatro dias seguidos e em seguida baixar ao plano normal só para alimentar-se. Respondeu o Mestre: *"Que tonto que tu és! Há um estado ainda mais elevado do que esse. Não és tu que cantas: 'Tudo o que existe és Tu'? Venha depois de prover a tua família, logo realizarás um estado mais elevado que o Samadhi."*

Passaram-se os dias. Narendra, atraído pela vida de Buddha, foi ao lugar de Sua Iluminação e meditando sob a árvore bodhi veio a ter uma experiência muito elevada. A renúncia de Buddha agora ardia sempre na mente de Narendra. Ele queria realizar o mais elevado estado espiritual, em que se perde o ego por completo e a Consciência brilha em sua prístina glória. Certa tarde esse anelo seu se cumpriu inesperadamente. Estava meditando, quando de repente sentiu uma luz atrás de sua cabeça, como se uma lanterna houvesse sido colocada ali. Em seguida essa luz aumentou de intensidade e cresceu e ao final parecia estourar. Sua mente se submergiu nela; o que aconteceu depois não pode ser descrito com palavras, pois esse estado Absoluto

está além da palavra e da mente, afirmam os Upanishads. Nesse momento, só Narendra e outro discípulo de Sri Ramakrishna, Gopal, o mais velho, estavam nesse quarto meditando, tudo estava silencioso. Subitamente o condiscípulo ouviu Narendra gritar: "*Irmão, onde está meu corpo?*" Baixando parcialmente a consciência normal, Narendra sentia só sua cabeça. O outro surpreendido respondeu: "*Está aqui, está aqui!*" e em seguida vendo o corpo rígido de Narendra, foi depressa pedir ajuda a Sri Ramakrishna, a quem encontrou intensamente calmo, mas cujo rosto emanava uma seriedade profunda, como se soubesse o que estava acontecendo no quarto adjacente. Em resposta ao pedido de ajuda, disse o Mestre: "*Deixe que fique neste estado por um tempo. Atormentou-me tanto tempo por isto!*"

Quando Narendra recobrou completamente sua consciência normal, viu que estava rodeado por seus ansiosos condiscípulos. Sentia como se estivesse submerso em uma paz inefável. Seu coração transbordava de êxtase. Mais tarde, ao apresentar-se diante de Sri Ramakrishna, o Mestre olhando profundamente em seus olhos lhe disse: "*Bem, a Mãe te mostrou tudo. Assim como se guarda em uma caixa com chave a um tesouro, do mesmo modo a realização que acabas de ter será guardada e a chave ficará comigo. Tu tens trabalho para fazer. Quando terminares meu trabalho a caixa se abrirá e saberás tudo, como sabes agora.*" Depois o advertiu que cuidasse de seu corpo por um tempo e que tivesse muito cuidado em relação à comida e com a escolha de companheiros e aceitasse só aos mais puros. Vemos assim como a tendência natural de introversão de Narendra era como se fosse a precursora da mais elevada realização espiritual, a do Nirvikalpa Samadhi, o objetivo do caminho do Conhecimento. A menos que se transcenda a ideia de que se é o corpo, não se pode avançar neste yoga. Sri Shânkara explica claramente: "*Aquele que seguindo uma vida de prazeres sensórios, quer alcançar o Absoluto, perecerá como aquele que tomando equivocadamente ao crocodilo por um tronco de madeira, quer cruzar ao rio.*" A des-identificação com o corpo é a condição essencial neste yoga e Swami Vivekananda, como vimos, a possuía desde a infância enormemente; por isso lhe foi possível realizar a meta deste caminho em tão pouco tempo.

Ao começo desta conversa nos referimos à facilidade com que Narendra se perdia na meditação e como esta forma também uma prática importante do raja yoga. Os dias de Casipur, como já dissemos, foram para os discípulos jovens de Sri Ramakrishna, um período de intensas práticas espirituais, de serviço dedicado ao Mestre e de diferentes e elevadas experiências. Uns meses antes do acontecimento que acabamos de mencionar, Narendra teve outra experiência. Um dia estava meditando. De repente sentiu uma sensação peculiar em seu peito. O senhor "M" a quem relatava isto disse: "*Foi o despertar da Kundalini (a energia espiritual que jaz na base da coluna dorsal)*". "*Talvez fosse – disse Narendra. Percebi claramente os nervos Ida e*

Pingala. Pedi a Hazra que colocasse sua mão sobre meu peito. Ontem contei isto ao Mestre." Deste modo Narendra avançava rapidamente pelo caminho do raja yoga também. O compêndio que ele escreveu sobre este yoga não deixa dúvida alguma de que este texto foi uma anotação de sua própria experiência.

Nos falta agora dizer como está manifesto em Swami Vivekananda o karma yoga. Se recordarão das palavras de Sri Ramakrishna à Narendra depois que este obteve o Nirvikalpa Samadhi, em Casipur: *"Já conhecestes tudo, agora esta realização, como um tesouro, será guardada fechada com chave. Tu tens que fazer meu trabalho e quando o termines se abrirá a caixa, não antes."* O primeiro trabalho foi o cuidado dos jovens discípulos do Mestre. Ele o encarregou expressamente que cuidasse dos rapazes para que não retornassem aos seus lares, mas que se tornassem monges para levar adiante sua mensagem. Espargir esta mensagem no ocidente foi a segunda tarefa e a terceira foi infundir vitalidade à nação debilitada e prostrada. Cumpriu tudo isto enfrentando muitas resistências, calúnias e outros fatores adversos, mas sem motivo pessoal algum, sem querer renome ou fama. As tarefas eram enormes e os anos que lhe restavam eram poucos, portanto se impacientava quando o trabalho não se adiantava como queria. Por conseguinte, às vezes é visto repreender severamente inclusive a seus condiscípulos, por quem tinha carinho e respeito; era só para prepará-los a fim de encarar a obra quando ele partisse. Era um karma yogui sem igual, trabalhou até o último dia de sua vida e em meio ao trabalho intenso, se sentia profundamente calmo. Vemos assim que a vida de Swami Vivekananda é uma síntese de todos os yogas.

Mais se pensa na vida de Swami Vivekananda, mais se fica maravilhado. Toda pequenez desaparece da mente. É maravilhoso ler como essa pessoa, espiritualmente gigantesca, se punha ao nível do estudante para que este se sentisse livre de temor reverente e esquecendo a grandeza do Swami, pudesse sentir uma relação íntima com ele.

Que Deus nos dê a capacidade de seguir pelo menos um dos yogas com constância e afinco!

LIBERAÇÃO

Swami Paratparananda¹

Editorial da revista Vedanta Kesari – Agosto, 1966 - vol. 53- pg. 179

AS escrituras Hindus falam de quatro Purushārthas (metas da existência do homem) que são, *dharma* (retidão), *artha* (aquisição de riqueza), *kāma* (gratificação do desejo), *mokṣa* (emancipação final). Aquele que vive no mundo, que leva a vida em um lar, deve buscar todos estes. Ele não pode afirmar que vive sua vida de acordo com os requisitos dos Śāstras, se ele segue os três primeiros e negligencia o quarto. Seus desejos não deveriam estar em conflito com a retidão nem sua riqueza ser adquirida da mesma forma. Apesar das quatro metas serem colocadas como metas da existência humana, na realidade a real e suprema meta é a emancipação ou liberação. Pois somente esta é eterna enquanto as outras três são passageiras². O Bhāgavata informa, 'Aquele que deseja ir além da escuridão de *samsāra*, da transmigração, não deve ter apego por nada que contrarie as quatro metas da existência. E entre estas, *mokṣa* apenas deve ser sempre desejada. Pois as outras três são sujeitas à regra do tempo (transientes)³.

Por que elas são mencionadas como metas da existência? Os sábios estavam conscientes de que não era possível para todos buscar a meta final de imediato. A maioria das pessoas nasce com muitos desejos e impressões. Algumas vezes as impressões são tão fortes, os desejos tão turbulentos que os seres humanos até quebram todos os códigos de conduta para conseguir satisfazê-los. Para vencer estado tão deplorável os sábios Hindus determinaram um sistema de vida que ao final leva o homem à emancipação. Ele teria que esgotar seus *samskāras*, tendências e ainda assim estar consciente de seus próprios defeitos. É por isso que os Śāstras aconselham certas regras e aceitam até mesmo a aquisição de riqueza e a satisfação de desejos dentro dos limites da retidão como metas da existência. Contudo, sempre eles nos recordam que apenas *mokṣa*, liberação, é a meta final. Não há felicidade nas coisas sem valor deste mundo, no Grande apenas existe a bem-aventurança⁴. Mas se deveria ter a experiência por si mesmo, de que realmente não existe nada digno de ser

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

2 Vedanta Paribhasha.

3 Bhagavata, IV, 22.34-35.

4 Chandogya Up., 7.23.1.

adquirido ou desfrutado neste mundo, de que a vida no mundo é uma pílula coberta de açúcar. No *Bhāgavata* encontramos um diálogo entre o Rishi Maitreya e Vidura em que Vidura pede ao sábio para ensiná-lo como viver no mundo. ‘As pessoas fazem ações’, diz ele, ‘para gozar [das coisas do mundo], mas não conseguem nem felicidade, descanso ou paz de nenhum tipo. Pelo contrário, têm sofrimentos repetidas vezes⁵’. Isto se torna óbvio para todos em algum momento. Talvez esta ideia permaneça por um período curto em alguns e em outros ela pode persistir. Quando ela se torna uma obsessão para uma pessoa, então ela se recusa a perseguir o desejo e a riqueza. Sua vida segue um novo rumo. Por não achar a paz em nenhuma parte dá meia volta e retorna ao Senhor. Sri Ramakrishna ilustra este fato com uma parábola: “Um pássaro está sentado distraído no mastro de um barco ancorado no Ganges. Vagarosamente o barco parte para o oceano. Quando o pássaro se dá conta, ele não vê terra em nenhuma direção. Ele voa para o norte esperando atingir a terra; vai muito longe e fica muito cansado e não encontra nenhuma terra. O que poderia fazer? Ele retorna ao barco e se senta no mastro. Depois de um longo tempo ele voa de novo, desta vez para o leste. Ele não consegue encontrar terra naquela direção também; para todo lado só vê o oceano ilimitado. Muito cansado, de novo retorna ao barco e se senta no mastro. Depois de descansar muito tempo, o pássaro vai em direção ao sul e depois ao oeste. Quando não encontra nenhum sinal de terra em qualquer direção ele volta e se acomoda no mastro. Ele não deixa o mastro novamente, mas permanece lá sem fazer mais esforços. Ele não se sente mais preocupado ou ansioso. Estando livre da preocupação, não faz mais esforços”.

Continuando o Mestre disse, ‘As pessoas mundanas vagam pelos quatro cantos da terra por causa da felicidade. Eles não a encontram em nenhum lugar; apenas se cansam e se desgastam. Quando, devido ao seu apego a luxúria e riqueza, apenas tiverem sofrimentos, sentirão um desejo pelo desapego e renúncia. A maioria das pessoas não pode renunciar à luxúria e riqueza sem primeiro desfrutá-las’. Qual a saída? O *Bhāgavata* declara, ‘Enquanto as pessoas não se refugiarem aos Seus pés [do Senhor], que concede destemor, sentirão medo, sofrimento, desejo, frustração e enorme sede por riqueza, pelas posses e parentes. Além disso, a falsa noção de posse, de “meu”, que é a raiz de todas as aflições também persistirão⁶.’ Sridhara comentando este sloka⁷ diz, ‘medo de perder, sofrimento ao perder, desejo por mais [objetos do mundo], frustração ao fracassar em obter os objetos e a enorme sede devido a esta frustração ocorrerão com aqueles que não se refugiarem em Deus’.

⁵ Bhagavata, III.v.2.

⁶ Ibid., III.ix.6.

⁷ Verso de uma escritura sagrada (nota do tradutor).

Sri Ramakrishna pergunta, 'O que existe para se desfrutar no mundo? Luxúria e riqueza?' Então ele mesmo responde esta questão, 'Isto é apenas um prazer momentâneo. Num momento ele existe e no seguinte ele desaparece'. Mas que profundo apego ele tem! Como é difícil se livrar deste apego! Mesmo quando os objetos estão ausentes, as impressões não dão descanso, como o odor da flor elas persistem e o corpo sutil as experimenta através da mente nos sonhos⁸. O que falar então dos objetos que estão perceptivelmente presentes? Eles subjagam aqueles que com intensidade os buscam e os fazem seus escravos. Portanto deve-se repetidamente transmitir à mente que todas as coisas deste mundo são passageiras. Talvez quando pela milésima vez a mente for instruída assim, poderá pela graça de Deus, ser capaz de compreender e tentar pôr esta ideia em prática. Assim que a mente absorver esta ideia, meia batalha estará ganha.

II

Qual o significado de liberação? O que é este estado? Existem diferentes conceitos de liberação nas diferentes escolas de pensamento, mesmo entre os Hindus. Por exemplo, o Advaitin⁹ dirá que se tornando um com Brahman, ou seja, realizando sua identidade com o Supremo é liberação. O Viśistādvaitin¹⁰ dirá 'viver na proximidade de Deus e ser bem-aventurado é a meta suprema'. Nós não necessitamos entrar nos detalhes destes conceitos aqui. O que um aspirante espiritual deve saber é que existe um estado a ser atingido que é o mais bem-aventurado, atingindo o qual não há mais retorno a este mundo de tensões e sofrimentos. E o modo de atingir tal estado está dentro do alcance de todos os seres humanos se tentar com sinceridade. Este estado deve ser atingido aqui e agora. Os Upanisads afirmam isto. 'Se o homem falha em conhecer (o Ser) aqui, antes da queda deste corpo, ele estará sujeito ao renascimento em diferentes corpos, nesta criação¹¹'.

Uma noção que é aceita por todos os filósofos indianos é a teoria do renascimento e sua concomitante teoria do Karma. Pois a menos que estas duas ideias sejam aceitas parece não haver nenhuma fundação para qualquer esforço pela retidão. Se este mundo é tudo que existe então não há necessidade para ninguém esforçar-se pela liberação, pois tão logo o corpo caísse, a alma, se houvesse no conceito de tais filósofos, automaticamente se livraria da escravidão. Supondo que eles aceitem o

⁸ Ibid., IV.29.35.

⁹ Seguidor da Advaita Vedanta ou monismo. (nota do tradutor).

¹⁰ Seguidor do monismo qualificado. (nota do tradutor).

¹¹ Kathopanisad, 6.4.

nascimento em uma nova esfera, céu ou qualquer outro nome que possam chamar, isto também é um renascimento. Este corpo terrestre não irá para lá. E uma vez que um fenômeno é aceito como possível seria ilógico recusar admitir a possibilidade de sua repetição, pois em toda a nossa experiência aqui neste mundo, nós encontramos a recorrência de todos os fenômenos, em um tempo próximo ou distante. A manhã é seguida pela tarde e a tarde é seguida pela noite e a noite é seguida pela manhã e assim por diante. Eternamente isto tem acontecido. Que razão especial podemos encontrar para afirmar que o que aconteceu uma vez não acontecerá de novo? Apenas se uma razão satisfatória surgir não podemos desprezar esta teoria de renascimento de forma caprichosa ou irracional.

Vemos que, a teoria do Karma, que citamos frequentemente, caindo nas mãos dos ignorantes adquiriu, para um estudante superficial, um significado ridicularizado. Ele pensa que esta teoria tem tornado as pessoas imbecis e fracas, levando tudo à inércia. Mas a crença na teoria do Karma não é fatalismo, senão um lembrete de que as ações que você está fazendo agora formarão o seu futuro. Swami Vivekananda afirma, 'Cada pensamento que você pensa, cada ação que você faz, após certo tempo torna-se sutil, em uma forma de semente, por assim dizer, e vive no corpo sutil em uma forma potencial, e após um tempo emerge de novo e dá seus resultados. Estes resultados condicionam a vida do homem. Assim ele molda sua própria vida. O homem não está sujeito por quaisquer outras leis exceto aquelas que ele fez para si mesmo... Uma vez que nós colocamos em movimento um certo poder, teremos que ter todas as consequências dele. Isto é a lei do Karma'.

É a lei da causa e efeito, dada uma causa o efeito é certo de acontecer; portanto sejamos cuidadosos, diz o sábio indiano. Se você é descuidado com seu comportamento agora, terá que colher as consequências mais tarde. Não apenas os maus pensamentos e ações são refletidos nos resultados que levam alguém ao sofrimento, mas os bons pensamentos e ações manifestam seu poder para nosso socorro. Swamiji afirma que 'assim como os maus pensamentos e ações estão prontos para pular sobre você como tigres, da mesma forma existe a inspiradora esperança de que os bons pensamentos e ações estão prontos com o poder de cem mil anjos para defendê-lo sempre e eternamente'. Portanto vamos lembrar que se alguém atingir um estado superior de evolução de mente e caráter, ele trabalhou para isso e assim também nós podemos, se tivermos a vontade e força para lutar por isso.

Se *moksha* é um estado tão elevado, tão cobiçado, por que as pessoas não anelam intensamente por ele, será a próxima questão que enfrentaremos. A palavra *moksha* literalmente significa libertação. Libertação da prisão deste mundo, das correntes de escravidão à roda de nascimento e morte. Como pode a libertação ser alcançada? Descobrimo

sua causa. A causa do nascimento são os desejos insatisfeitos. Como os desejos surgem? Devido à falsa identificação de nosso ser real com o corpo e a mente. A mente, alimentada com o panorama deste mundo através dos diferentes sentidos anseia pelos objetos dos sentidos e daí surgem os desejos. Esta falsa identificação é devida à ignorância de nosso Ser. Os desejos obrigam o homem a agir. A ação de novo produz resultados bons e maus, para colher estes resultados temos que nascer repetidas vezes. Portanto vemos que isto é um círculo vicioso. É uma roda colocada em movimento por nós mesmos e, portanto temos a capacidade de escapar dela se tentarmos. Este também é um exemplo da lei do Karma. Como então podemos condená-la?

Nós estamos embriagados pela mundanidade, pelos desejos infinitos, aparentemente saudáveis, mas obviamente perniciosos e por isso convidamos apenas a inquietude. Agora a questão é como livrar-nos disto. Aqui não estamos falando daqueles que não querem ser curados desta doença, mas daqueles que às vezes querem, mas são incapazes de fazê-lo devido ao hábito de longo tempo. Sri Ramakrishna disse, 'Assim como se dá a água em que se lava o arroz para os habituais embriagados por bebidas alcoólicas, para acabar com sua embriaguez, assim também os homens devem ficar na companhia de homens santos para terminar com a mundanidade'. Ouvir sobre Deus ou sobre nossa verdadeira natureza solta nossas amarras, nossos apegos às coisas do mundo.

As pessoas esqueceram sua verdadeira natureza e estão correndo atrás da gratificação dos desejos, do corpo e da mente, como em uma caçada a um ganso selvagem. Portanto eles devem ser lembrados quem eles são. Eles não sabem disso? Sim, eles sabem, mas da maneira errada; esta é a causa de todo o problema. 'Este Ser deve ser visto; (para isto deve) ser escutado sobre Ele, pensado sobre Ele e meditado sobre Ele¹²'. Realizando a Ele apenas, o homem se libera. 'Atingindo o qual, as pessoas não retornam a este mundo; esta é Minha Suprema Morada¹³', declara Sri Krishna no Gita.

III

É um terreno longo e difícil que devemos atravessar antes de atingir a Deus. E principalmente é nossa própria mente que permanece como uma grande barreira para nossa realização da Divindade, como o Dvaitin¹⁴ dirá, ou descobrir nossa identidade com Brahman como o Advaitin colocará. Sri Krishna pede a nós que sigamos cuidadosamente no manuseio da mente que está muito envolvida nas coisas mundanas.

¹² Brihadaranyaka Up., II.iv.5.

¹³ Gita, XV.6.

¹⁴ Seguidor do caminho dualista. (nota do tradutor).

Primeiro, devemos obter a convicção intelectual do que é realmente bom para nós. Ao resolver este problema, outras coisas se juntam a você vagarosamente. 'Buscai primeiro o Reino dos Céus, e todas as coisas vos serão acrescentadas', assegura Jesus Cristo. 'Gradualmente e lentamente a mente deve ser acalmada pelo intelecto com discernimento, e colocada para permanecer no Atman¹⁵; não se deve pensar em nada mais. E quando esta mente instável vagar para cá e para lá, deve ser controlada e unida ao Ser¹⁶', diz Sri Krishna. É conhecido por todos aqueles que tentaram, quão rebelde é a mente. Apenas a prática contínua e constante, junto com intenso desapego por tudo além de Deus pode dar-nos a emancipação. Não existe um atalho para a liberação, pois se nada do mundo que tenha algum valor pode ser conseguido sem muito sacrifício, o que dizer então de atingir a suprema consumação da vida! Se alguém afirmar a você o contrário, que um caminho fácil é possível, tome cuidado com esta pessoa. Pois o Rishi não afirmou categoricamente, 'Eu conheço aquele grande Purusa, que tem o esplendor do sol e está além da escuridão. Apenas conhecendo a Ele se vai além da morte. *Não há nenhum outro caminho para atingir o Supremo*'¹⁷?

Por fim a questão é: Tudo isto acontecerá em alguma outra vida ou alguém já atingiu a liberação aqui? Se isto é apenas uma hipótese que não pode ser verificada aqui, você poderia dizer que, 'É inútil para nós'. Se for algo alcançável aqui, como saber sobre isto? Santos e sábios são os exemplos de pessoas que atingiram a liberação enquanto viviam. O teste para tal realização é a vida do santo. As escrituras nos dão descrições deste tipo de pessoas de forma extensa. 'Por elas a transmigração foi vencida aqui e agora, cuja mente está em equilíbrio. Brahman é imaculado e constante, por isso aqueles que têm a mente equilibrada estão estabelecidos em Brahman¹⁸'. Vendo o Senhor manifestar-se constantemente e em toda parte, não se prejudica o Ser pelo ser e por isso atinge o estado Supremo¹⁹. 'O homem cuja mente está absorvida (no Atman) através do Yoga e que vê o mesmo (Brahman) em toda parte, percebe o Ser em todos os seres e todos os seres no Ser²⁰'. 'Ao Yogi cuja mente se tornou calma, cuja atividade extinguiu-se, que é sem pecado e identificado com Brahman, chega a Suprema Bem-aventurança²¹'. Estes são alguns dos signos e indicações pelas quais se pode conhecer o conhecedor de Brahman, uma alma realizada, uma alma liberada.

• • •

¹⁵ O Ser Supremo que mora em todos os seres. (nota do tradutor).

¹⁶ Bhagavad Gita, VI.25. Também VI.26

¹⁷ Svetasvataropanisad, 3.8.

¹⁸ Gita, V.19.

¹⁹ Ibid., XIII,28.

²⁰ Ibid., VI.29.

²¹ Ibid., VI,31.

OS OBSTÁCULOS NO CAMINHO ESPIRITUAL

Swami Paratparananda¹

11-4-1979

O primeiro obstáculo no caminho espiritual é a incerteza sobre o que desejamos na vida. Antes que nada devemos reflexionar bem se queremos levar uma vida espiritual com a esperança de livrar-nos de nossas dificuldades do mundo, tais como as enfermidades, problemas familiares ou financeiros. Se chegarmos à conclusão de que nenhum desses motivos nos impele a seguir este caminho, devemos indagar se estamos tentando fazer algo impossível, sem significado para a vida, algo quimérico, sem substância alguma, mas que pode nos brindar certa satisfação, passar momentos de ócio sem preocupações mundanas, ou como dizem alguns, servir como ópio. Se a resposta for afirmativa, então por mais que nos esforcemos, não teremos os resultados devidos. A indecisão ou falta de fé no que está seguindo é prejudicial, porque não permite dar os passos com segurança, por assim dizer. Se pelo contrário, consideramos que é algo importante, que é a parte real de nossa vida, a mais significativa, a mais duradoura, e até eterna, como afirmaram milhares de santos, sábios e outros mestres espirituais através de toda a história da humanidade, então devemos indagar os motivos, as causas que nos fazem desviar sem que nos demos conta disso e enfraquecer nosso entusiasmo, inclusive o interesse e deixar crescer em nós sentimentos mundanos disfarçados de espiritualidade.

A vida espiritual consiste em esforçar-se para chegar ao Espírito, ou à Realidade, ou à Deus, como quer que O chamemos. Este Espírito está em nós, é nossa verdadeira essência, nossa natureza real. Todos os grandes mestres espirituais declararam isto. Por exemplo, Sri Krishna disse no Bhagavad Gita: "Ó Arjuna, o Senhor, morando na região do coração de todos os seres, os move, por Seu poder, como se estivessem montados sobre uma máquina". O Senhor Jesus Cristo declara: "O Reino de Deus está dentro de vocês". Os Upanishads da antiguidade também dizem: "Este Atman, sendo menor do que o que há de menor e maior do que há de maior, reside na caverna do coração de todos os seres". "Aquele está longe, e está muito próximo do mais íntimo de todos, mas também está fora de tudo isto."

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

Proclamações como estas, que asseguram a proximidade de Deus, encontramos nas escrituras de todas as religiões. Podem ser estas apenas formas de expressão para animar ao aspirante para que siga adiante? Ou é um fato verificável? É algo que pode deixar-nos confusos. Não parece isto um paradoxo, dizer que este Ser, Deus, está mais próximo do que o mais próximo e ao mesmo tempo não ser capaz de experimentar sua presença?

Assim que, a situação parece tragicômica, no entanto não é assunto para risos. É um fato como qualquer outro. Por exemplo, o que está mais próximo dos olhos do que a face? Mas podemos vê-la sem a ajuda de um espelho ou uma superfície refletora? Não podemos. No entanto não consideramos este fato como estranho. Aceitamos como um fato bem conhecido. Além disso, uma pergunta semelhante seria considerada como uma estupidez. Da mesma forma, o Senhor, ainda que more em nosso interior, permanece desconhecido para nós, pela maioria das pessoas.

Por que acontece isso? São várias as causas. Primeiro veremos o que serve como refletor, ou seja, o que toma conhecimento dos objetos apresentados diante de nós. É a mente. Podemos compará-la com um espelho. Como sabemos o espelho tem dois lados, um é a superfície que reflete e o outro é opaco, às vezes protegido por madeira ou outro material. Este espelho da mente, para a maioria da humanidade, podemos dizer, está com sua face refletora voltada para fora e a face opaca voltada para dentro. Por conseguinte, a mente recebe impressões do mundo exterior e não do Senhor [Deus] que mora no nosso interior, ou seja, estamos alertas ou despertos em quanto ao mundo e adormecidos com relação ao Senhor; estamos bem conscientes do mundo exterior e inconscientes quase por completo de Deus. De que serve então queixar-nos de que não podemos ver ao Espírito ainda que esteja muito próximo? Devemos girar a face refletora do espelho da mente para dentro para que possamos vê-LO. Isto é o que o Upanishad diz quando afirma: “O Senhor auto manifestado criou os sentidos com a tendência de ir para fora e, portanto eles percebem apenas o externo e não ao Senhor que mora no interior. No entanto uma ou outra pessoa com firme resolução e determinação, anelando a liberação e retirando os sentidos dos objetos, percebe esse Ser interno”.

Como podemos dirigir nossa mente ao interior? Quais são os impedimentos que aparecem no caminho? São os apegos que têm sido gerados durante milhares de vidas devido à beleza dos objetos exteriores. Estes apegos formaram algo como uma crosta de ferrugem ao redor das dobradiças do espelho da mente, impedindo-o de mover-se completamente. Junto com estes apegos surgiram outras debilidades, como a ira, cobiça, luxúria, soberba, malícia, vaidade e assim por diante. São muitas, mas podemos resumi-las em duas, como disse Sri Ramakrishna, “luxúria e cobiça”; ou como disse Sri Krishna [no Bhagavad

Gita], “desejo” – desejo por riqueza, gozos sensuais, poder, e outras semelhantes. Os Upanishads as qualificam de buscas e as dividem em três, de ter filhos, riqueza e chegar aos céus, que são outros tantos mundos de gozo.

Vamos analisar esta questão: Qual é o motivo subjacente nesses desejos, buscas ou cobiças? Não é a felicidade este motivo? Devemos admitir que sim. Mas há felicidade nas coisas do mundo? Podemos encontrá-la nos objetos sensórios? Se presumirmos que a felicidade está nos objetos, deve existir sempre neles. Pois nesse caso a felicidade será uma qualidade inerente do objeto, assim como o calor e a luz são qualidades inerentes do fogo. Mas vemos que este não é o caso nos objetos. Notamos que o mesmo objeto nos dá algumas vezes felicidade e em outras, sofrimento ou incômodo. O calor do fogo em uma noite fria é agradável e desejável, mas o mesmo fogo em um dia de sol sufocante se torna insuportável. Se as coisas são assim, como podemos supor que a felicidade está no objeto? O objeto neste caso não mudou sua qualidade e manteve sua natureza; o que mudou foi nossa atitude em relação a ele. Pode-se dizer que a felicidade do objeto depende do lugar e do tempo. Suponhamos que uma pessoa esteja favorecida por muitas dessas coisas prazerosas, mas que sofreu uma calamidade, a morte de um ser querido, por exemplo. Terá felicidade ainda que esteja rodeada de todas as atrações do mundo? Não. Daí podemos concluir que a felicidade não está no objeto, mas que é uma condição da mente. Os objetos são apenas os instrumentos que estimulam a alegria ou o sofrimento. O papel principal é desempenhado pela mente.

Também sobre a pressão das circunstâncias a mente muda seus gostos e aversões. Uma pessoa que em certo tempo era querida cessa de sê-lo quando se alteram as circunstâncias. Isto mostra que a mente não segue um curso rígido nem regras determinadas. Então por que não fazê-la ter interesse no próprio Ser? É possível, já foi feito antes e pode-se fazer de novo, apenas deve-se liberar a mente de suas amarras. Ela se submergiu desesperadamente no mundo. Deixamos durante muito tempo o mundo entrar em nossa mente. É como permitir que a água entre no bote; o bote pode entrar na água, mas a água não pode entrar no bote, pois o afundaria se não fosse retirada e fechados os furos e trincas pelos quais entra. Só então este pode seguir seu curso sem perigo. Do mesmo modo se deixamos que os sentidos nos levem para onde eles querem, então nosso destino será como desse bote. Se pode perguntar: Por que não satisfazer os desejos e terminar com eles de uma vez por todas? Esta seria uma solução simples se pudéssemos esgotar os desejos apenas dando curso e desfrutando deles. Mas a experiência humana tem sido oposta até agora, ou seja, quanto mais se satisfazem os desejos, mais eles aumentam. E mais ainda, cada um desses desejos satisfeitos faz surgir outras centenas, não

vendo-se seu fim. Também se pode comparar a mente com um deserto sedento, não há água que o satisfaça. Buddha descobriu que essa sede é a causa primária de todo o sofrimento. Esta corrida atrás dos objetos do mundo – quantas coisas desagradáveis trás como seu séquito! Ira, inveja, ódio, e outros, são seus companheiros inseparáveis e quando entram na mente a tornam um caldeirão de desgosto e insatisfação.

Sri Ramakrishna dizia: “A enfermidade mundanal é como a febre tifoide. E no quarto do paciente há uma jarra de água e pickles de tamarindo. Se quiser curar o paciente da enfermidade tem que afastá-lo do quarto. O homem mundano é como este enfermo de febre tifoide. Os diferentes objetos de gozo são como a jarra de água e os pickles, e seu desejo de gozar é como a sede. O mero pensar em pickles dá água na boca; não há necessidade que os tragam para perto e o homem está rodeado deles. Tem que ir a solidão por alguns dias e pensar em Deus; e uma vez fortalecido em sua vida espiritual pode voltar ao mundo”.

Os sábios aconselham que retiremos a mente dos objetos de gozo. Como podemos fazê-lo? Controlando os sentidos que continuamente estão alimentando-a com as sensações dos objetos. O olho vê coisas lindas e tenta a mente; os ouvidos lhe levam sons prazerosos e a enfeitiçam; do mesmo modo os outros órgãos do tato, gosto e olfato a encantam levando-lhe as impressões de seus próprios objetos. Apenas evitando os objetos sensórios e dirigindo a mente à Deus, se pode gradualmente dominá-la, e não dando rédea solta aos sentidos ou desejos. O Kathopanishad com uma formosa alegoria explica este ponto: “Saiba que o corpo é como uma carruagem, o ser é como o dono, o intelecto é como o condutor, a mente é como as rédeas, os sentidos são como os cavalos, e os objetos são os caminhos. Os sábios chamam ao ser que está identificado com o corpo, os sentidos e a mente, como aquele que desfruta ou goza. Aquele que não é hábil e tem a mente inconstante e volúvel, encontra seus sentidos como os cavalos indômitos fora do controle do condutor. Pelo contrário, aquele que tem discernimento e uma mente unida, acha a seus sentidos como os cavalos bem treinados, que se submetem facilmente ao condutor”. Sri Shankaracharya comentando este verso explica: “Se o intelecto, que é como o condutor, é ignorante, adormecido, sem o discernimento do que deve fazer e do que evitar, e permite a mente, que é como as rédeas, atuar como queira ou vagar, então os sentidos, como cavalos indômitos e viciosos, serão impossíveis de dominar”. E o resultado será que a carruagem, junto com o dono, logo estará em dificuldades.

Mas o trabalho de retirar a mente dos objetos sensórios é difícil, duro e leva muito tempo. Não há método fácil, tenhamos isto bem claro. Não se encontrou nunca nenhum tesouro pelo mero fato de ter o conhecimento de sua localização. Nunca se obteve êxito em nenhum campo da vida sem esforço. Quão pueril o homem crer que poderá

alcançar o Altíssimo sem trabalhar, sem sentir inquietude por Ele, sem sentir angústia a tal grau que o faça perder o sono e esquecer-se da fome, sede e outras necessidades físicas! Crer nisto será bom em momentos de ócio, mas não beneficiará ao ser humano que quer verdadeiramente sentir a presença do Senhor, que quer vê-LO. Shankaracharya no Vivekachudamani² (Joa Suprema do Discernimento) ilustra isto bem graficamente, “Sem vencer os inimigos, e conquistar todo o território, se uma pessoa proclama ‘Sou o imperador’, não será considerado como tal. Do mesmo modo, sem desfazer-se dos apegos aos objetos do mundo e conhecer diretamente ao Ser, pelo mero pronunciar as palavras ‘sou Brahman’, não se atinge a liberação”. Goethe, o poeta alemão, comenta: “Feliz é o homem que aprende cedo na vida a grande diferença que existe entre seus desejos e suas forças”. Tudo isto nos mostra que não se pode obter nada somente por abrigar o desejo, mas que se devem fazer os esforços devidos.

Agora vejamos, existem dois métodos pelos quais se pode chegar a ter o gosto por uma vida mais elevada. O primeiro consiste em permitir a mente que adquira a experiência dos frutos doces e amargos da vida, os que ela tanto deseja, até que um fruto³ muito amargo a faça deter-se e perguntar-se: “Depois de tudo, é isto o que significa o gozo?” Para a maioria da humanidade esta experiência é necessária para poder apreciar o gosto da vida mais elevada. A menos que se tenha saboreado os frutos amargos da vida, não ficará convencido de que este mundo não é um mar de rosas, mas também de espinhos. Nem o maior dos mestres espirituais pode remediar isto. Sri Ramakrishna certa vez falando destes disse: “Há três classes de preceptores, assim como há de médicos. Alguns dos médicos examinam ao paciente, receitam os remédios e se vão e não se preocupam mais se o enfermo seguiu suas instruções ou não; estes são os da classe inferior. Depois estão os medianos, que tentam convencer ao paciente argumentando com ele, persuadindo-o a tomar os medicamentos que ele mesmo preparou. Depois estão os da classe superior, que usam a força se necessário para obrigar ao enfermo a engolir o remédio. Do mesmo modo, alguns mestres só dão a instrução ao discípulo e não se preocupam em saber se este a seguiu ou não. São os da classe inferior. Há outros que tentam persuadir a seus discípulos de várias maneiras, para que sigam sua instrução, mas se os discípulos não lhe fazem caso não se preocupam mais. Mas os preceptores da classe superior não somente instruem aos discípulos, senão que vigiam o cumprimento de sua instrução, usando a força se necessário”. Nesta ocasião também agregou: ‘Mas se deve levar em conta o fator tempo’. Ouvindo isto um pandit⁴ que

² Sua mais conhecida e estudada obra (nota do tradutor).

³ Experiência da vida ou resultado da ação (nota do tradutor).

⁴ Erudito, conhecedor do texto das escrituras sagradas (nota do tradutor).

havia ido visitar o Mestre lhe perguntou: ‘Senhor, se há mestres espirituais como os que acabou de citar, então porque disse que se deve levar em conta o fator tempo?’ Sri Ramakrishna respondeu: “Sim, isto é verdade, mas que pode fazer até o melhor médico se o medicamento que coloca na boca do enfermo cai para fora e não chega ao estômago? Do mesmo modo, se a mente do discípulo não quer aceitar e seguir a instrução do mestre, devido aos fortes apegos e desejos que abriga pelas coisas do mundo, que pode fazer o melhor dos Gurus?”

O segundo método consiste no discernimento entre o Real e o irreal, o Eterno e o transitório. Os que já passaram pelas experiências referidas, seja nesta vida ou nas anteriores e se convenceram que não existe felicidade eterna nas coisas do mundo, ao ouvir falar de uma vida mais elevada tentam compreender e seguir este caminho. Mas a mente que já estava imersa há muito tempo na vida do mundo não pode ser retirada de repente. A mente que se acostumou a pensar de certa maneira não pode de repente mudar para um modo totalmente oposto. Primeiro deve-se afirmar a ideia de que o mundo é transitório, logo virá o desejo de avaliar as coisas em suas próprias perspectivas, sem preconceitos ou danos; com isto virá o desapego. Para que este se estabeleça fortemente na mente devemos usar o discernimento, aquele que ensina: Só Deus é Real e todas as outras coisas são irreais, só o mago é real, mas sua magia é irreal, existe por alguns momentos. Devemos repetir esta ideia constantemente até que a mente a aceite e a ponha em prática. Ao princípio, em alguns casos, também durante muito tempo, a mente resistirá com toda sua força; cairá uma e outra vez nos sulcos já formados, os hábitos já cultivados. No entanto se queremos alcançar a paz duradoura, teremos que persistir em nossas tentativas e evitar cair nas armadilhas que a natureza colocou em toda parte. É uma vigília de toda a vida; um aspirante espiritual nunca pode dar-se ao luxo de permitir-se afrouxar sua vigilância de si mesmo, sem risco de perder o adquirido. Sri Ramakrishna costumava dizer: “A capacidade de renunciar ao apego à luxúria e cobiça vem da prática constante da disciplina espiritual. Pela prática se adquire poderes extraordinários da mente. Então não acha difícil dominar os sentidos e as paixões como a ira, luxúria e outras semelhantes”. Sri Krishna também disse o mesmo no Bhagavad Gita: “Ó filho de Kunti, se pode controlar esta mente inconstante pela prática e pelo desapego”. Sri Ramakrishna adverte inclusive aos que avançaram no caminho espiritual sobre as tentações. Devemos tomar nota disto e ter muito cuidado em não afrouxar nossos esforços no cuidado com os encantos do mundo.

A vida espiritual, como dissemos no início desta conversa, não é somente um modo de vida, seguir alguns dogmas ou credos, senão um esforço para chegar à Deus, para realizar, sentir intimamente nossa verdadeira natureza. Sem ter este fim em vista, a vida espiritual se tornará

árida, pois a mente não pode estar vazia, necessita de um apoio, algo para pensar, um objetivo para alcançar. Portanto, junto com o desapego, que é um sentimento negativo, ou seja, o que nega aceitar as coisas prazerosas, devemos cultivar o gosto pelo positivo, o bom, como disse o Kathopanishad: “O ser humano é rodeado pelo bom e pelo prazeroso; aquele que é sábio, discernindo escolhe o bom e descarta o prazeroso enquanto que o ignorante, pensando no bem-estar, persegue o prazeroso”. Se a mente está convencida de que não está perdendo nada, senão que será dona de uma paz duradoura quando alcance a meta, então podemos preveni-la para que não escorregue e caia em seus defeitos anteriores. Sri Ramakrishna afirmava: “Quanto mais se vai para o Leste, mais se afasta do Oeste; do mesmo modo quanto mais se aproxime de Deus, tanto mais longe deixa os apegos aos objetos do mundo”. Estes perdem seu poder sobre a mente daquele homem que se deleita pensando em Deus, em ouvir falar sobre Ele e escutar Suas glórias. Sri Ramakrishna dizia: “Por acaso um refresco feito de melão atrai a uma pessoa que saboreou açúcar cande? Assim também aquele que saboreou ainda que uma só vez a bem-aventurança de Deus não será atraído pela felicidade que os objetos do mundo podem dar-lhe. Não terá nenhum sabor”. Mas para chegar a ter este gosto devemos trabalhar duro, fazer muitos sacrifícios no sentido em que o homem comum os compreende.

O homem, contudo, nasce neste mundo com várias tendências, algumas boas, outras viciosas. Estas lhe obrigam, por assim dizer, a fundir-se em um molde particular. São muito poderosas no homem comum e o torna seu escravo. Mas são criações próprias de suas vidas anteriores como homem, dizem as escrituras hindus. Porque elas declaram que as ações feitas pelos outros seres como os animais, não têm resultados acumulativos, não criam karma; só o homem, dotado da faculdade do discernimento, quando não a utiliza para distinguir entre o que é bom e o que é mal, e age egoisticamente, cria as tendências viciosas, as que permanecem na mente. A mente não morre quando se deixa o corpo, senão que acompanha ao ser e o conduz a diferentes regiões segundo seus méritos, e em seguida o faz nascer como homem [ser humano] ou outro ser, dependendo do resultado de suas ações; quando estas foram muito más, nasce como inseto ou outro animal. Só quando há um equilíbrio entre as ações boas e más, ele volta a nascer como homem. Mas recordemos que todas estas tendências são criações nossas.

Swami Vivekananda disse que já que o homem criou estas inclinações, pode, se o desejar, criar novas e melhores para combater as anteriores. Fazendo o bem aos demais e pensando bons pensamentos se criam bons *samskaras*⁵. Os pensamentos, devemos dar-nos conta disso, são

⁵ Tendências ou impressões mentais

tão poderosos quanto as ações para criar as tendências; porque é o pensamento constante em alguma ideia o que nos impele a atuar dessa maneira. Além disso, o pensamento deixa seu selo na mente para sempre, que atua como uma semente pronta a germinar quando as circunstâncias forem propícias. Isto foi explicado com clareza por Sri Krishna no Bhagavad Gita: “No homem que pensa constantemente nas coisas do mundo surge o apego a elas, com o apego vem o desejo, do desejo [obstruído] surge a ira, a ira ofusca a mente, com a ofuscação a mente perde a faculdade de recordar os valores das coisas, em seguida perde a faculdade do discernimento e como consequência sofre a morte espiritual”. Esta é a maneira em que atua o pensamento, mas não estamos conscientes disto. Como podemos neutralizar estas forças? Discutimos em detalhe nas nossas conversas anteriores, portanto aqui só mencionaremos algumas das práticas que nos podem ajudar. Primeira, é a repetição do Nome de Deus. O que há no Nome de Deus? Não são mais que quatro letras, de que serve repeti-LO como um papagaio, dizem alguns cétricos. Mas se perguntaram alguma vez quando estão pensando intensamente em um ser querido que resida em um lugar distante, de que serve pensar nele? Deus é mais íntimo que qualquer parente ou amigo, repetir Seu Nome é pensar Nele; é como não poder imaginar a uma pessoa sem trazer à sua mente seu nome e forma. Em outra ocasião citamos os ditos dos grandes mestres espirituais, tanto antigos quanto recentes, nos quais eles afirmam que Deus e Seu Nome são idênticos, e que este é tão potente quanto Deus mesmo.

Outra ajuda é a companhia de seres avançados na vida espiritual, os que sempre recordam à Deus, falam Dele e cantam Seu Nome e glórias; retirar-se à solidão pelo menos alguns dias e dedicar todo este tempo ao pensamento de Deus; ter uma disposição carinhosa com todas as pessoas com que se tenha contato; a prática do discernimento. São algumas outras disciplinas que nos ajudam no caminho espiritual. Há também o caminho de Karma Yoga, executar ações benéficas para outros na maneira ensinada pelo Bhagavad Gita. Swami Vivekananda diz a respeito, “Devemos trabalhar por amor ao trabalho, sem nos importarmos com o renome, a fama ou ir ao céu. Trabalhar só porque disso resultará o bem”. Agrega Swami Vivekananda: “Há outros que fazem bem aos pobres e ajudam a humanidade tendo motivos ainda mais elevados, porque creem em fazer o bem e amam o bem”. Depois continua, “Amor, verdade e abnegação não são simplesmente figuras retóricas da moral, mas formam nosso ideal mais elevado, pois neles reside uma manifestação muito grande de poder. Um homem que pode trabalhar durante cinco dias, ou até cinco minutos sem nenhum motivo egoísta, sem pensar no futuro, no céu, castigo ou qualquer coisa deste tipo, possui nele a capacidade de tornar-se um poderoso gigante moral”. Este método pode ser utilizado pelas pessoas de

qualquer parte do mundo e em qualquer etapa da vida, para purificar-se moralmente, e até para alcançar o Altíssimo.

Como podemos trabalhar abnegadamente? Swami Vivekananda nos ensina: “Devemos começar do princípio, aceitar os trabalhos à medida que nos vão chegando e, pouco a pouco, tornar-nos mais abnegados a cada dia. Devemos fazer o trabalho e indagar qual a força motriz que nos impele a atuar e quase sempre, sem exceção nos primeiros anos, descobriremos que nossos motivos são egoístas; mas gradualmente este egoísmo se desvanecerá pela persistência, até que ao final chegará o dia em que poderemos fazer trabalho realmente abnegado”.

Um dos muitos conselhos são que Sri Ramakrishna dá a respeito de como se pode afastar a mente turbulenta de sua preocupação mundana será de imensa ajuda a todos os aspirantes. Diz ele, “Não se pode conseguir nada sem discernimento e renúncia. Mas não é possível adquirir esta renúncia de repente. O fator tempo deve ser levado em consideração. No entanto, também é certo que um homem deve ouvir sobre a renúncia. Assim quando chega o momento oportuno, esse homem dirá a si mesmo, ‘Oh, já ouvi sobre isso’. Também debes recordar de outra coisa: ao ouvir falar constantemente sobre a renúncia vossos desejos pelos objetos do mundo diminuirão pouco a pouco. Deve-se tomar água de arroz [água onde se lavou o arroz] em pequenas doses para curar a embriaguez produzida pela bebida alcóolica. Então gradualmente vai se recuperando”. A mundanalidade é como a embriaguez e o ouvir falar da renúncia é como tomar a água de arroz para curar esta embriaguez. Mas Sri Ramakrishna não insiste na renúncia externa para os vivem em família, mas lhes recomenda que renunciem internamente as coisas, que desenvolvam desapego por elas.

Que possamos superar os obstáculos em nosso caminho e chegar a Deus, sentir Sua presença vividamente em nós antes de nos despedirmos deste mundo.

• • •

Este texto foi traduzido do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

O QUE É YOGA

Swami Paratparananda¹

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari em Inglês – Maio 1962; Vol. 49

Yoga é um dos largamente reconhecidos caminhos para Deus, para a Paz e Beatitude. Mas esta palavra Yoga tem sido tão livremente usada que devido ao uso e tradição veio a apresentar uma grande variedade de significados, frequentemente totalmente contrários a aqueles implícitos por seu uso na literatura religiosa – tanto isto ocorreu que hoje a expressão da palavra projeta nas mentes dos homens comuns imagens totalmente inconsistentes com a vida religiosa. Por outro lado, para aquelas mentes que estão familiarizadas com o conhecimento filosófico da Índia, a palavra Yoga invariavelmente traz a mente o nome de Patanjali. Pois foi ele que coletou os pensamentos então existentes e os arranjou em uma ciência. Ele claramente definiu o que yoga significava; codificou as instruções de como praticá-la; enfatizou sobre os sucessivos estágios em sua prática e por fim a meta que se atingia ao recorrer a ela. Mas ele não foi de maneira nenhuma o originador desta ciência ou filosofia. Ele apenas sistematizou os pensamentos. Os pensamentos e instruções já existiam desde a era dos Upanishads. O primeiro tratamento regular deste sistema de filosofia e sua prática vemos no *Svetasvataropnishad*. Ainda assim, a despeito de claras indicações, a despeito de toda filosofia e de todas as escrituras que declaram em termos inequívocos o que significa Yoga, a mente humana tem associado yoga com algo que não é religião, que não é Yoga. Por quê?

Antes de tudo devemos lembrar que o homem normalmente tenta seguir o caminho da menor resistência. E o que é mais natural no homem do que a vida dos sentidos, a vida no grosseiro mundo material? O que é tão sedutor e cativante como os fenômenos da natureza; a beleza do amanhecer, a grandeza do sol do meio dia quando ele queima de forma ardente e faz que todos se abriguem em habitações e lugares frescos? O que é tão refrescante como a brisa fresca do anoitecer quando o sol não tem mais aquele poder? O que é mais natural que as diversões que facilmente se apresentam? Em resumo, o que é mais natural que a vida dos sentidos? A maior parte da espécie humana está satisfeita com estas

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

coisas e se eles se esforçam é apenas para aumentar estes prazeres e prolongar sua duração. Todas as ciências externas tratam somente com esta parte do problema. O cientista quer superar a inquietação acumulando riqueza, adquirindo comida e vestimenta em quantidades sempre crescentes sujeitando a natureza a entregar seus segredos a ele. O homem, por sua natural inclinação mental, desta forma tenta pensar em tudo em termos de utilidade. Se a yoga pode fazê-lo viver cem anos gozando de boa saúde, é bem-vinda. Se puder dar a ele o poder de governar os outros, ajudá-lo a adquirir nome, fama e riqueza, não será descartada, do contrário ele a rejeitará. Para ele é inútil coisas que não têm utilidade material.

Mas a ciência da Yoga trata da perfeição do homem, capacitá-lo a ter uma comunhão com o Divino, fazê-lo perfeito como “o Pai que está no Céu é perfeito”. Aqui o objeto de sua experimentação não está em seu exterior. É com a mente, sempre fugaz e nunca controlada que deve lidar. Aqui, os instrumentos gigantescos ou microscópicos que o homem usa nas ciências físicas, não podem atingir. Aqui os sentidos não podem ajudá-lo, pelo contrário, quanto mais turbulentos os sentidos, mais estupendos impedimentos serão em seu caminho. Yoga é um caminho interior, um mergulho profundo em nossas próprias mentes, descobrir as aberturas pelas quais ela busca matéria estranha, fechar estas aberturas, descartar, por assim dizer, matéria em decomposição e limpar o recipiente da mente para receber o néctar da Divina graça e iluminação. É um processo longo que requer imensa paciência não apenas em uma, mas em várias vidas e esta é a razão pela qual se teme adotá-lo. Mesmo um guerreiro como Arjuna² lamenta-se aflito de que a mente é turbulenta e incontrolável. Daí não é estranho que a maior parte das pessoas evite este caminho.

A palavra yoga em Sânscrito tem sido usada normalmente em dois sentidos, como concentração (*yuj samadhau*) e como unir, conectar (*yujir yoge*). Patanjali e os Upanishads que o precederam o usam principalmente no primeiro sentido. O Bhagavad Gita, contudo, faz uso dela em ambos os sentidos.

Patanjali, logo no início [dos Yoga Sutras] define o que é Yoga. Ele diz: “[Yoga] é restringir as modificações da substância mental.” A questão agora é: Por que se deve restringir os processos ou ações da mente? Para obter a paz, para retornar a sua forma original que é a Bem-aventurança. O que faz alguém se quer retirar-se para descansar? Busca o mercado agitado ou um canto quieto de uma humilde cabana? Óbvio que o último. Por quê? Porque a atmosfera no mercado não é favorável ao descanso. Ele fervilha com atividade e ruído, nenhum descanso é possível lá.

² Herói do Mahabharata, discípulo de Sri Krishna (nota do tradutor).

Similarmente se a substância mental fervilha como um caldeirão tomando formas a cada segundo, como se pode ter paz? Pode um barco navegar suavemente em um mar agitado? Quando uma tempestade rugir, ondas enormes se levantam no oceano, só o caos prevalece então. Na mente perturbada pela tempestade das paixões, perturbada pelos sons, cheiros, gostos, vistas e toques apresentados a ela pelos vários sentidos, pode haver serenidade, pode haver paz? O Kathopanishad de forma reveladora enfatiza esta ideia:

“Aquele que não cessou com as más ações, que não é calmo e controlado, cuja mente não está tranquilizada, não pode atingir este Atman³ pelo mero conhecimento [livresco] de Brahman”.⁴

A mente é como um cavalo selvagem, indomado. Se o cavaleiro de tal cavalo não sabe como domá-lo e não é forte para controlá-lo, com certeza será jogado com o conseqüente risco para sua vida. Swami Vivekananda faz a analogia de um macaco: “Como é difícil controlar a mente! Bem ela foi comparada com um macaco enlouquecido. Havia um macaco, inquieto por sua própria natureza, como todos os macacos são. Como se isto não bastasse alguém o fez beber bebida alcoólica, o que o fez ficar ainda mais inquieto. Então um escorpião o picou. Quando um homem é picado por um escorpião pula de dor por um dia inteiro; portanto o pobre macaco teve sua condição pior que nunca. Para completar seu sofrimento um demônio entrou nele. Quais palavras podem descrever a incontrolável inquietude daquele macaco? A mente humana é como este macaco, incessantemente ativa por sua própria natureza; então se torna embriagada pelo vinho do desejo, assim aumentando sua turbulência. Depois do desejo a possessão, vem a picada do escorpião do ciúme pelo sucesso de outros, e por fim de tudo o demônio do orgulho entra na mente, fazendo pensar de si mesmo como muito importante”⁵. A Yoga ensina a controlar tal mente por um processo gradual, melhor dito, se seguirmos o processo da yoga seremos capazes de controlar a mente, diz o yogin⁶.

Qual é o processo? Patanjali diz que *yama*, *niyama*, *asana*, *pranayama*, *pratyahara*, *dharana*, *dhyana* e *samadhi* são como os oito membros da yoga. *Yama* e *niyama* são como suas pernas. Eles são os primeiros a serem praticados: as disciplinas morais como não matar, veracidade, não roubar, continência e não receber dádivas, são chamados de *yama*⁷; cultivar pureza interna e externa, contentamento, austeridade, estudo e

³ O Ser Supremo presente em todos os seres. (nota do tradutor).

⁴ II.24.

⁵ Complete Works of Swami Vivekananda, Vol. 1, p.174, Seventh Edition.

⁶ Praticante da Yoga ou aquele que atingiu a meta da yoga, mesmo que yogi. (nota do tradutor).

⁷ Yoga sutras.

adoração de Deus, são chamados de *niyama*⁸. Todos estes esforços são para subjugar a mente que sempre corre sem restrições. Sri Ramakrishna diz, “A conclusão de tudo é que, não importa qual caminho você siga, a yoga é impossível a menos que a mente torne-se quieta. A mente de um yogi está sob seu controle, ele não está sob o controle da mente”. Sri Krishna exorta: “Apenas pela constante prática e renúncia pode a mente ser controlada”⁹. Adiante Sri Krishna é muito claro ao declarar que para um homem com os sentidos descontrolados e de mente dissipada a yoga é uma impossibilidade.¹⁰

Vemos pelo declarado acima que o próprio alicerce da espiritualidade é uma vida moral e pura na qual não há nenhum pensamento de auto engrandecimento, aquisição ou para si mesmo. A eficácia de se praticar cada uma das disciplinas mencionadas acima foi descrita longamente por Patanjali em seus *Yoga Sutras* e tem sido demonstrada na vida de muitos santos e sábios, mas isto não é intenção deste artigo. Elas apenas provam que Yoga é uma ciência que pode ser demonstrada. Mas o propósito da Yoga não é provar que é uma ciência, mas que é uma ciência que deve ser utilizada para atingir o Mais Elevado, o Supremo.

Simultaneamente com a prática destas disciplinas morais, yama e niyama, devem-se cultivar os outros degraus como pranayama e pratyahara. Uma pessoa que avança neste caminho encontra com maravilhosas experiências após algum tempo. Concentrando a mente no nariz ele sentiria maravilhosas fragrâncias, concentrando entre as sobrancelhas, ele veria muitas visões maravilhosas. Isto, diz Swami Vivekananda, é uma indicação de que o aspirante apenas começou sua jornada. Mas deve-se descartar tudo isso e prosseguir no caminho. Se tornando mais e mais competente para concentrar, sua capacidade para dharana e dhyana (meditação) se desenvolve. Uma completa metamorfose, por assim dizer, acontece na constituição do aspirante. Ele começa a ver extraordinárias visões, e ouvir vozes de planos mais elevados. Todo seu organismo torna-se bem afinado para receber manifestações mais sutis.

Mais além ele começa a obter poderes maravilhosos. Mas estes mais tarde são as armadilhas em que aspirantes mal guiados caem. Eles ficam enamorados destes poderes. Eles pensam que obtendo poderes sobrenaturais ou super-humanos atingiram a meta. Eles caem do caminho. Sua atenção é desviada por isso. Mas isso é um mau presságio. Um alpinista é advertido para ser cuidadoso em seus passos. É um caminho estreito que trilha. As paisagens que aparecem diante dele são

⁸ Ibid.

⁹ Gita, VI.35.

¹⁰ Gita, VI.36.

maravilhosas e encantadoras, mas se ele não prestar atenção aos avisos e prosseguir em seu caminho com seus olhos desviados para aquelas vistas maravilhosas e a mente absorvida na contemplação da beleza é certo que escorregará e cairá no abismo abaixo. Ainda mais cuidadoso deveria ser neste caminho espiritual que é afiado como o fio de uma navalha.

Os aspirantes enamorados destes poderes esquecem o propósito pelo qual abandonaram tudo, o propósito pelo qual fizeram uma fogueira de seus desejos. Ou ainda havia algum desejo espreitando em algum imperceptível canto de seu coração? Enfeitiçados com estes poderes se esquecem de Deus e desejam gozos materiais, nome e fama, as mesmas coisas que eles tinham descartado como inúteis, escorregam do caminho e desperdiçam suas vidas.

Mas uma pessoa assim está perdida completamente? Serão em vão todos seus esforços como uma nuvem dispersa? O que acontece com a pessoa que cai do caminho mesmo após buscar sinceramente no início? Uma pergunta similar foi feita por Arjuna a Sri Krishna. Sri Krishna responde: “Nunca, um homem de ação benevolente terá aflição eterna. Ele, por seus bons méritos, viverá nas esferas superiores por um longo tempo e então nascerá em uma pura e próspera família ou em uma família de almas avançadas espiritualmente. Lá, entrando em contato com o conhecimento que adquiriu no nascimento anterior, se esforça ainda mais do que antes pela perfeição”. Apesar de que nenhum esforço é perdido, uma queda do caminho retarda muito o progresso rumo à meta.

Praticando samyama ou concentração sobre qualquer objeto um yogi pode conhecer seu segredo. Toda a natureza é um livro aberto diante dele. Mas Patanjali diz que isto não ajuda no propósito principal do yogi. As tentações de testar estes poderes chegam. Elas são os obstáculos em seu caminho. Aquele que é capaz de resistir e vencer as tentações e perseverar em sua busca, somente este pode ter sucesso e ninguém mais.

No Bhagavad Gita a palavra Yoga é também usada algumas vezes no sentido de Karma Yoga. Todo o Gita é descrito como um tratado sobre Brahma Vidya e também como um Yoga Shastra: uma escritura que tem como objetivo unir o Jivatman com o Paramatman ou ensina a identidade de Atman e Brahman; e como tal qualquer caminho que é descrito nele é um caminho para Deus, é uma Yoga. Não há nada impróprio em chamar estes caminhos como Yoga. Além disso, apesar de que em teoria possamos criar compartimentos entre Jnana¹¹, Bhakti¹², Karma¹³ e Yoga¹⁴, na prática uma mescla sensata de todos estes contribui para o crescimento saudável da natureza e progresso do aspirante.

¹¹ Jnana Yoga, o caminho do Conhecimento (nota do tradutor).

¹² Bhakti Yoga, o caminho da Devoção (nota do tradutor).

¹³ Karma Yoga, o caminho da Ação abnegada (nota do tradutor).

¹⁴ Raja Yoga, o caminho da Meditação e controle psíquico (nota do tradutor).

Tendo visto o que é Yoga, temos que examinar as credenciais do que se faz passar por Yoga no mundo hoje. Um fisiculturista diz que ensina yoga. Quais são as credenciais desta yoga? Ela pode torná-lo forte; torná-lo imune a doenças sem tomar remédios. Pode fazê-lo ter uma vida longa. Ele pode realmente desfrutar dos prazeres materiais. Em resumo ela pode fazê-lo concentrar toda sua energia no corpo. Mas é este o propósito da Yoga real? É claro que a saúde é um imperativo para uma intensa sadhana¹⁵ espiritual, mas o corpo é apenas um instrumento e não um fim em si mesmo. Aquele que dá toda sua atenção e tempo ao corpo, quando pensará em Deus? Por isso a mera cultura física não pode ser a Yoga que um aspirante religioso deseja praticar.

Agora vamos considerar a pretensão de que a posse de poderes miraculosos – viajar pelo ar, ficar invisível, andar sobre a água, etc. – é um critério da Yoga. Se um yogi não pode ou não faz estas acrobacias, ele não impressiona os homens comuns. Uma conversa que alguns devotos tiveram com Sri Ramakrishna expressa a atitude típica de uma pessoa de mente mundana e o modo que julgam a eminência de uma personalidade espiritual. Um dia o Mestre estava conversando com uma pessoa que tinha retornado de uma peregrinação à Benares. A pessoa tinha encontrado o grande sadhu¹⁶ Trilinga Swami. Sri Ramakrishna, que também o tinha encontrado, dava a ele um lugar muito elevado entre os santos, mas no entendimento das pessoas mundanas ele tinha perdido seu estado exaltado, pois não fazia mais milagres. A pergunta pertinente de um verdadeiro buscador deveria ser: Os poderes de fazer milagres nos levam mais próximos de Deus? Vamos ter o testemunho de Sri Ramakrishna. Uma vez Sri Ramakrishna perguntou a Narendranath (Swami Vivekananda): “Meu filho, como resultado das práticas de austeridades eu consegui todos os poderes sobrenaturais, tais como assumir a dimensão de um átomo, etc. Mas eu não tenho nenhuma utilidade para eles. Estou pensando agora em pedir à Mãe¹⁷ para transferir todos estes para você. Pois Ela me disse que você terá que fazer muito do Seu trabalho. Se todos estes poderes forem dados à você, será capaz de usá-los quando necessário. O que você diz?” Narendra em seguida perguntou ao Mestre, “Senhor, eles me ajudarão a realizar a Deus?” O Mestre respondeu, “Eles não seriam de ajuda a esse respeito, mas ajudariam você quando se engajassem no trabalho de Deus, após realizá-LO”. Mesmo assim a resposta de Narendra foi, “Senhor, eu não necessito destas coisas. Que eu realize a Deus primeiro e então eu decidirei se os aceito ou não”. O Mestre estava testando Narendra tentando-o, mas quando o discípulo suportou o teste, o Mestre ficou

¹⁵ Prática (nota do tradutor).

¹⁶ Monge renunciado (nota do tradutor).

¹⁷ A Divina Mãe do Universo (nota do tradutor).

profundamente satisfeito. Aqui, na categórica declaração do Mestre não há lugar para qualquer dúvida da inutilidade destes poderes para realizar a Deus. A tendência natural do poder é corromper o homem, degradá-lo, portanto um buscador real de Deus não se aproximará destes poderes sobrenaturais. Se um dia possui-los, os usará na elevação espiritual da humanidade e não para se promover nem para ganhos pessoais. Para ele o ganho supremo é a realização de Deus, ganhando a qual, não considera nada mais desejável e estabelecido no qual, não é abalado pela maior das calamidades.¹⁸

Outro equívoco é que o poder de comunicar-se com espíritos de pessoas falecidas é um estado muito avançado na Yoga. Verifiquemos com cuidado o progresso para Deus e o que encontramos? Descobriremos que estamos à milhas do caminho da verdadeira espiritualidade, no escuro das florestas, sem um caminho e sem luz. Por isso deveria ser o dever de um verdadeiro buscador de Deus, cuidadosa e escrupulosamente evitar estas assim chamadas 'yogas' e cultivar real amor e anelo por Deus sem ser seduzido por magia ou pelo tráfico das coisas misteriosas.

Com relação à prática da Raja Yoga existe o perigo, diz Swami Vivekananda, da pessoa tornar-se mentalmente desequilibrada ou fisicamente inválida se aplicar-se sem a guia de um Guru competente. O aspirante deve ficar praticamente sobre a observação e supervisão do mestre até que atinja a meta ou até que o mestre considere que pode deixar o aspirante seguir o caminho com seu próprio esforço. Tais mestres são poucos e distantes entre si, as disciplinas requeridas são rigorosas e o período longo e indefinido. Temos nós esta infinita paciência? Se não, evitemos tal caminho. Pois o que se ganha através dessa Yoga pode ser alcançado com menos perigo por bhakti¹⁹ também. Sri Ramakrishna inequivocamente nos assegura, não por ouvir falar, mas por sua real experiência que, "Pode-se ter o mesmo kumbhaka²⁰ através de bhakti yoga também. O prana²¹ para de funcionar através do amor a Deus também. No Kirtan²² o músico canta, '*Nitai amar mata hati*'²³. Repetindo isto ele entra em um estado espiritual e não pode cantar a sentença inteira. Ele simplesmente canta, '*Hati! Hati!*' Quando este estado se aprofunda ele canta apenas, '*Ha! Ha!*' Então seu prana para com o êxtase e vem o kumbhaka."

Resumindo temos: Yoga no sentido religioso não é cultura física,

¹⁸ Gita, VI, 22.

¹⁹ Amor por Deus (nota do tradutor).

²⁰ Suspensão da respiração no êxtase da realização de Deus (nota do tradutor).

²¹ Energia vital (nota do tradutor).

²² Canto em coro (nota do tradutor).

²³ Meu Nitai dança como um elefante louco.

não está nas sessões espíritas, não é a manifestação de poderes sobrenaturais, não é o tráfico das coisas misteriosas, senão o caminho que leva a Deus. Têm sido comprovado pelas escrituras, pelos santos, pelos sábios e Encarnações [de Deus] repetidas vezes que nenhum destes nos aproxima de Deus. Aquilo que nos une com Deus somente é Yoga, todas as outras coisas não tem nenhum valor digno de ser mencionado. Existem quatro caminhos que nos levam a Deus, Jnana, Bhakti, Karma e Yoga²⁴ e cada um pode escolher aquele mais adequado a sua disposição ou que o mestre, por seu conhecimento intuitivo considera apto e adequado ao temperamento do aspirante. O primeiro e último teste da Yoga por isso é: se nos leva em direção a Deus. Se não leva, não é Yoga, mas *bhoga* (gozo das coisas do mundo), ou então até *roga* (doença) e deve ser descartada.

• • •

Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

²⁴ Raja Yoga

ALGUMAS REVELAÇÕES DA DIVINDADE DA SANTA MÃE

Swami Paratparananda¹

Tradução do Editorial da revista *Vedanta Kesari* em Inglês - Dezembro 1964; Vol. 51

Ser simples parece ser uma característica natural nas almas avançadas. Mais ainda, - como disse Cristo, "A menos que vocês sejam como crianças, não poderão entrar no Reino do Céu", - esta infantilidade é um precursor obrigatório para a visão de Deus, Realização da Verdade. Pois a Verdade é simples e a menos que se seja simples não se pode vê-LO. Mas esta simplicidade, esta sinceridade, confunde as pessoas. Pois elas buscam frequentemente as grandes e deslumbrantes coisas que são mais e mais complexas. Uma vida simples de um vilarejo é descartada por uma vida mais complexa e complicada das cidades, pela variedade de entretenimentos que oferece, as atrações e tentações que apresenta. De um modo similar a vida do mundo, com suas doces e sutis mudanças surpreende o homem de surpresa e vagarosamente, porém efetivamente o captura e o atrai para si e então o sufoca aí. Por causa da variedade e mudanças o homem persegue a novidade e esquece o Simples, a Verdade e falha até em reconhecer os precursores da paz e realizadores da Verdade. Eles seguem sem serem notados.

Por um longo tempo as pessoas de Calcutta² consideraram Sri Ramakrishna como um louco, pois ele nunca reconheceu o valor de nada exceto em e através de Deus; pois por um longo tempo esteve completamente alheio de tudo ao seu redor em sua contemplação, ou seja, porque não seguia as normas da vida mundana. Até os assim chamados homens esclarecidos e cultos que costumavam visitá-lo diziam que não tinha capacidade para organização e era uma pessoa sem esperteza. Hoje vemos como eram pedantes e iludidos. Seus nomes e tudo que fizeram foram esquecidos enquanto que Sri Ramakrishna veio a viver nos corações de milhões para sempre. Mas tal é a ilusão que esta complexidade do mundo espalha sobre nós, que consideramos o que é transitório como eterno.

Sri Sarada Devi, a consorte de Sri Ramakrishna, melhor conhecida entre seus devotos como a Santa Mãe, era da mesma forma desconhecida como uma Mestra da humanidade por seu próprio mérito, por um considerável longo tempo. Mesmo alguns dos discípulos de Sri

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, *Vedanta Kesari*, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

² Então capital da Índia, hoje chamada Kolkata (nota do tradutor).

Ramakrishna não puderam conhecer sobre sua elevada estatura espiritual até após alguns anos do falecimento do Mestre. No início eles a respeitavam como a consorte de seu Guru. Mas breve chegaram a conhecer que ela não era uma mortal comum.

Sri Ramakrishna mostrou por ela o mais elevado respeito adorando-a um dia em Dakshineswar, como a encarnação da Divina Mãe, na culminação de suas práticas espirituais. Ele mostrou grande consideração por seus desejos e lhe mostrava grande veneração. Apenas o Mestre sabia quem ela era. Narraremos aqui alguns exemplos para mostrar como ele a considerava. Hriday, que foi o atendente do Mestre por vários anos, em seus últimos dias com o Mestre estava se tornando egoísta e ansiava por dinheiro. Quando seus desejos foram frustrados pela recusa de Sri Ramakrishna em ser um instrumento em suas mãos para seus fins mundanos, ele ficou com raiva, tornou-se abusivo e se comportava mal. Vendo esta tendência aumentando em Hriday, Sri Ramakrishna o advertiu, “Você pode estar a salvo se a pessoa que reside aqui (mostrando seu próprio corpo) se zangar, mas tome cuidado se ela (a Santa Mãe) ficar aborrecida. Nem mesmo Brahma, Vishnu ou Maheswara³ poderá salvá-lo então de sua ira”. Em outras ocasiões Sri Ramakrishna se referia a ela como a Deusa da sabedoria, Sarada⁴, que veio para transmitir conhecimento. Mas a despeito de repetidas declarações deste tipo, vindo de bons autores, o homem frequentemente falha em reconhecer personagens divinos. Isto é o que Bhagavan Sri Krishna também opina no *Gita*: “O ignorante Me ignora, que Me encarnei em forma humana, não conhecendo Minha natureza superior como o Grande Senhor dos seres”.⁵ Como poucos O reconheceram como o Senhor! Mesmo Arjuna, seu mais íntimo companheiro não conhecia este fato até que o próprio Sri Krishna revelou este segredo a ele.

Por que isto acontece? O Senhor quando se encarna se comporta como qualquer outro ser humano. Tem fome e sede, Seu corpo adoece e declina. Como então se pode distinguir a Ele a menos que se tenham olhos divinos e penetrantes (*divya caksus*)? Porém, pessoas simples e sem sofisticação O reconhecem mais facilmente que os outros. Por exemplo, em Krishnavatara⁶ os simples pastores e pastoras de Vrindavana foram abençoados com aquela maravilhosa compreensão para se aprofundar nos mistérios do Divino. Que maravilhosa oração é esta com a qual as Gopis se dirigem ao Senhor – o Gopigita do *Bhagavata*! O fazedor de guirlandas de Mathura e Kubja e a servente do palácio de Kamsa puderam descobri-LO porque eram simples e tinham fé. Em Ramavatara⁷, Shabari, a mulher

³ Shiva (nota do tradutor).

⁴ Outro nome para Saraswati (nota do Tradutor).

⁵ Gita, IX, 11.

⁶ Encarnação de Krishna (nota do tradutor).

⁷ Encarnação de Rama (nota do tradutor).

da floresta, pode encontrá-LO.

Este é o segredo das divinas personalidades. Eles vêem. Porém muito poucos podem descobri-los a menos que eles revelem suas verdadeiras naturezas. Em Sri Ramakrishna, as pessoas de acordo com sua própria evolução na vida espiritual, viam um homem bom, um intocado filho da natureza, um grande santo ou uma Encarnação [de Deus]. As pessoas entravam em contato com ele frequentemente, observavam seus êxtases, portanto era fácil para eles chegar a qualquer destas conclusões acima. Mas a Santa Mãe era quase uma reclusa. Ela era tão modesta que nunca se mudou do Nahabat, onde permaneceu enquanto vivia em Dakshineswar, tanto que se diz que quando alguém perguntava a um funcionário do templo se a Mãe vivia lá, ele respondia, 'Sim, nós escutamos que ela vive aqui, mas nunca a vimos'; tão desconhecida ela vivia. Suas orações, suas práticas, eram todas em segredo. Seus êxtases e *samadhis* eram desconhecidos aos outros exceto a algumas de suas íntimas devotas mulheres. Como então poderia alguém conhecer sua verdadeira natureza?

Apesar de que a Mãe costumava ter seus estados de absorção em êxtase, talvez ela mesma não fosse consciente deles. Assim um dia ela pediu a Yogin-Ma, "Minha querida, por favor, fale ao Mestre que por sua graça eu possa experimentar o *samadhi*. Por causa da presença constante dos devotos, não consigo ter uma oportunidade de falar a ele sobre isto eu mesma."

Yogin-Ma declara, "Eu pensei que isto era totalmente correto e que deveria levar seu pedido a ele. Assim na manhã seguinte quando Sri Ramakrishna estava só em seu quarto eu entrei e após saudá-lo do modo costumeiro comuniquei o pedido da Mãe para ele. Ele escutou e de repente ficou sério." Quando o Mestre ficava neste estado ninguém ousava dizer uma palavra, assim após ficar sentada por um tempo a devota deixou o quarto. Quando retornou ao Nahabat ela encontrou a Mãe sentada em sua adoração diária. Ela abriu a porta um pouco e a viu em um estado estranho, ora chorando, ora rindo em silêncio. Yogin-Ma diz, "Lágrimas rolavam por sua face sem parar. Gradualmente ela se absorveu profundamente em si mesma. Eu sabia que ela estava em *samadhi*. Então fechei a porta e saí." Este não foi, contudo, um exemplo solitário; assim como o Mestre, ela entrava naturalmente em um estado exaltado em qualquer incidente que fosse de algum significado espiritual. Após o falecimento de Sri Ramakrishna estes estados se tornaram mais frequentes nela. Em Vrindavana ela teve a experiência também do supremo estado do *samadhi*.

Já vimos que a Santa Mãe teve as supremas realizações espirituais e permanecia inúmeras vezes absorvida em estados divinos. Mas isto não nos impede de perguntar se ela era consciente de sua Divindade. Existem

exemplos em sua vida que mostram que a despeito de todos os seus esforços de ocultar-se, às vezes inconscientemente, algumas palavras escapavam de seus lábios que sugeriram que era perfeitamente consciente de sua Divindade. Em tais momentos 'ela comparava a si mesma a Lakshmi, a divina consorte de Narayana, falava de si mesma como a Mãe de todos os seres ou admitia sua capacidade de dar a liberação a qualquer um'. Mas, com frequência no instante seguinte, talvez pensando que estava revelando um segredo que as pessoas não compreenderiam, costumava mudar de assunto para fazer a afirmação parecer como sem consequência. Cabia ao discípulo com discernimento ter a correta compreensão de suas palavras. Aos discípulos era dada a oportunidade de conhecer qual era sua real natureza. E se eles tivessem a boa fortuna de possuir suficiente sabedoria, a reconheceriam, a despeito de seus protestos a respeito disto.

Aqui, nós daremos alguns exemplos da vida da Mãe que ilustram este fato: Uma vez uma discípula da Mãe foi a sua residência em Calcutta. Ela estava descansando após o almoço. A discípula se sentou ao seu lado e começou a abaná-la. Subitamente ela escutou a Mãe dizer, com relação a alguém em particular, 'Bem, vocês todos vieram aqui. Mas onde está Sri Ramakrishna?' A discípula em suas memórias escreve, "Eu respondi, 'Nós não pudemos vê-lo nesta vida. Quem sabe em qual nascimento futuro seremos capazes de vê-lo? Mas é nossa maior sorte, que somos capazes de tocar seus pés [da Mãe].' 'Sim, isto é verdade', foi a breve declaração da Mãe." Esta foi uma rara revelação da Mãe, que gostava de passar-se por um mortal comum.

Mas sempre que ansiosos devotos queriam conhecer quem ela era, sem titubear revelava sua Divindade. "Uma vez um devoto adorou seus pés e colocou-os sobre sua cabeça. A Mãe protestou com ele e disse, 'O próprio Mestre permanece na cabeça, Deus Mesmo senta-se sobre o lótus de mil pétalas lá.' O discípulo então perguntou, 'Mãe, se o Mestre é Deus Mesmo, quem é você então?' Sem hesitar a Mãe respondeu, 'Quem mais eu seria? Eu sou a Divina Mãe também.'"

Em outra ocasião ela instalou e adorou seu próprio retrato junto com o retrato do Mestre no Ashrama em Koalpara, um lugar não muito longe de Jayrambati.

Para outro devoto discípulo, que ouviu sobre ela ser a Energia Primária, a Mãe Universal, etc., e que estava ansioso de saber isto de seus próprios lábios, não escondeu o segredo. 'Sim, assim é', foi sua resposta.

Há um interessante episódio na vida da Mãe que ocorreu após o falecimento do Mestre. Uma vez a Mãe estava indo a Jayrambati vindo de Kamarpukur. Seu sobrinho pequeno, Shivaram, estava seguindo-a com um pacote de roupas. Quando chegaram próximos e já viam a aldeia de Jayrambati um pensamento cruzou a mente de menino. Ele então ficou

para trás. A Mãe não pareceu notar e continuou. Mas de repente olhou para trás e o viu imóvel parado a uma distância. Com surpresa perguntou, 'O que aconteceu, Shivu? Venha.' Shivu não se moveu; ao invés disso ele gritou, 'Se você me disser quem és, eu irei.' A Mãe queria dissuadi-lo, portanto disse, 'Quem mais eu seria, sou sua tia.' Insatisfeito ele disse, 'Então vá, você está perto de sua casa. Eu não seguirei mais.' Era crepúsculo e a Mãe ficou preocupada com o que fazer com o menino. Não havia tempo para o menino chegar a Kamarpukur antes da noite, nem queria ir a sua casa. Nesta situação ela não podia deixá-lo sozinho. Ainda assim ela disse, 'Olhe para isto, quem poderia eu ser, meu querido? Eu sou uma mulher, sua tia.' Shivaram, contudo, estava insistente, 'Bem, então você pode ir,' disse ele. Ao final a Mãe teve que ceder. Ela disse, 'As pessoas dizem que eu sou Kali'. 'E isto é verdade?', perguntou Shivaram. 'Sim.', respondeu a Mãe. Deleitado com isto Shivaram disse, 'Agora vamos.' Somente então ele a seguiu até o vilarejo.

Outra vez um devoto estava se despedindo da Mãe em sua casa em Jayrambati. Despedindo-se ela disse, 'Chame por mim', mas no instante seguinte disse, 'Chame pelo Mestre. Ele é tudo.' Lakshmi Devi, a sobrinha do Mestre, que estava presente nesta ocasião disse a ela, 'Mãe, por que você nos confunde assim?' A Mãe respondeu, 'Por quê? O que eu fiz?' Lakshmi Devi disse, 'Bem, Mãe, você não disse, "Chame por mim" e então o confundiu dizendo, "Chame pelo Mestre"? 'Por quê?, argumentou a Mãe, 'Chamar pelo Mestre é chamar por todos.' Lakshmi Devi contudo não estava distraída. Ela disse ao devoto que o que ele tinha ouvido da Mãe era muito valioso, que foi uma declaração, assim como uma instrução dada pela própria Mãe, de que ele deveria chamar por ela.'

Um incidente que ocorreu em Rameswar⁸ quando a Mãe visitou o templo de Shiva deste lugar pode ser lembrado aqui. Quando a Mãe viu o descoberto emblema de Shiva no templo, disse para si mesma, 'Ah, Ele está como eu O deixei.' Os devotos que estavam ao redor dela perguntaram, 'O que disse, Mãe?' A Mãe imediatamente, por assim dizer, se recolheu em si mesma e disse, 'Oh, algo sem significado escapou de meus lábios.' Uma revelação foi feita aos devotos e eles acreditam que aquela que veio como Sita, a fiel consorte de Sri Ramachandra, e adorou o emblema de Shiva no litoral de Rameswara, tinha de novo nascido como a Santa Mãe.

Girish Chandra Ghosh, um discípulo chefe de família do Mestre e um gênio de primeiro grau, teve uma experiência mística única sobre a Mãe. Ele era um daqueles discípulos do Mestre que no início não tinham uma ideia elevada da grandeza espiritual da Mãe; por isso chama muito nossa atenção. Alguns anos após o falecimento do Mestre, Girish junto com alguns dos discípulos monásticos de Sri Ramakrishna, foram a

⁸ Rameswaram, cidade de um famoso templo de Shiva (nota do tradutor).

Jayrambati. Esta foi a primeira vez que Girish foi levado à presença da Santa Mãe. Girish se prosternou diante dela, levantou-se, olhou para ela uma vez e imediatamente deixou o quarto. Ele sentou-se fora da casa refletindo e com a face séria. Outros que estavam com ele se espantaram com seu comportamento. Então um deles, Swami Niranjanananda⁹, perguntou a razão de tal mudança. Ele pediu ao Swami para perguntar a Mãe se ela era a pessoa que tinha aparecido a ele em um sonho quando tinha dezenove anos de idade. A Mãe deu sua resposta de que foi ela mesma. Então Girish narrou sua experiência: como ele estava seriamente doente aos dezenove anos; como o caso foi dado como perdido pelos médicos que o atendiam; como uma noite naquela condição ele sonhou que todo o firmamento estava iluminado com uma luz divina; como esta luz veio até ele e tomou a forma de uma Deusa; e como a Deusa pôs algo em sua boca, parecendo ser a comida consagrada do Senhor de Puri [Vishnu], dizendo palavras suaves e em seguida desapareceu. Ele disse que se lembrou da Deusa novamente tão logo viu a Santa Mãe.

É necessário dizer aqui que a Mãe era totalmente modesta por toda sua vida mesmo sabendo quem era realmente. Não havia o menor traço de egoísmo nela, nem havia nela qualquer tendência de conquistar uma posição na sociedade. Por isso não aceitava aqueles que a chamavam de Divina Mãe, sem estarem convencidos de sua divindade e por mera imitação. Ela os silenciava e apontando para o retrato do Mestre dizia, 'Ele é tudo. Por sua graça ele me deu refúgio a seus pés.' Apenas aqueles que mereciam tiveram uma oportunidade de ter um vislumbre de sua personalidade. Para outros ela se comportava como um mortal comum sempre ocupada com os afazeres domésticos - cortando vegetais, lavando a louça, cozinhando, etc. Sri Ramakrishna referindo-se a esta qualidade da modéstia costumava dizer, 'Ela é como um gato coberto de cinzas, escondendo sua verdadeira cor.'

Até o centenário de seu nascimento, em 1953, poucas pessoas fora do âmbito dos devotos de Sri Ramakrishna conheciam sobre a Santa Mãe. Ela tornou-se conhecida ao mundo durante as celebrações. Hoje pessoas de distantes lugares do mundo vão em peregrinação ao lugar de seu nascimento, Jayrambati, e pensando sobre ela sentem-se abençoados. Um mosteiro de monjas que fornece refúgio a mulheres que anelam levar uma vida de renúncia foi inaugurado em seu nome¹⁰ no centenário de seu nascimento não longe de Dakshineswar, perto de Calcutta. Templos dedicados a ela estão surgindo hoje. Vagarosamente a Mãe está revelando a si mesma mais e mais.

⁹ Discípulo monástico de Sri Ramakrishna (nota do tradutor).

¹⁰ Sri Sarada Math, em Dakshineswar (nota do tradutor).

O CAMINHO ESPIRITUAL E O TREINAMENTO DA MENTE

Swami Paratparananda¹

Junho - 1979

O caminho espiritual não significa crer em alguns dogmas e credos, nem adquirir muito conhecimento livresco, nem tampouco fazer os exercícios físicos que geralmente são considerados como yoga. Com certeza um corpo saudável é imprescindível para percorrer este caminho e não estamos dizendo aqui que não se deva fazer o necessário para este propósito. Mas fazer da saúde e o fortalecimento do corpo uma meta não é o objetivo do caminho espiritual, pois este é o que nos leva a Deus, ao Espírito, com cuja união transcendemos o círculo de nascimento, sofrimento e morte, e nos tornamos imortais. Este é o caminho da abnegação, de privarmos dos pequenos gozos mundanos para desfrutar de uma felicidade indescritível e imensurável. Este é o caminho a que se refere o Senhor Jesus Cristo quando diz, “Entrai pela porta estreita, porque estreita é a porta e o caminho que leva à vida e poucos são os que a acham”. Os Upanishads também descrevem este caminho como “difícil de trilhar e difícil de percorrer, assim com o fio de uma navalha”.

Pode surgir a pergunta: “Si a hatha yoga não nos leva a Deus e o significado da palavra yoga é o que nos une a Ele, então por que leva este nome esse conjunto de exercícios chamados *asanas*?” Antigamente na Índia esse método servia como precursor da raja yoga. Os mestres sempre tinham sob sua supervisão aos discípulos e como o caminho era íngreme, por assim dizer, os preparavam para a tarefa ensinando-lhes a fortalecerem-se fisicamente ao mesmo tempo em que cuidavam para que não se detivessem aí. Mas com o passar do tempo a meta da vida e de todos os caminhos espirituais foi esquecida, dando-se proeminência ao corpo, e a primeira parte do curso de raja yoga desprende-se dele e se desenvolveu como hatha yoga. O ser humano sempre busca comodidade, milagres e gozos palpáveis e para isso quer uma saúde inquebrantável e beleza imperecedoura, o qual crê lograr com esses exercícios físicos. É uma verdadeira lástima que não tome consciência de que tudo o que é criado cresce, se deteriora e finalmente perece. Só o dia que chegue a compreendê-lo bem deixará de ser enganado pelo feitiço dos objetos do mundo, só então recorrerá ao caminho espiritual em seu verdadeiro sentido.

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

Como dissemos em outras ocasiões, o corpo é um mero veículo que o Ser utiliza para chegar à meta, e o troca tantas vezes quanto seja necessário. Conhecemos observando, se não por própria experiência, como as pessoas renovam seus veículos de transporte quando estes se desgastam e se convertem mais em um problema do que em uma ajuda. Isto é o que ocorre com o corpo também, quando por uma ou outra causa chega a ser mais um impedimento que um veículo, o ser o descarta e adquire um novo ainda que sem muita satisfação e muito menos com alegria, pois lhe custa deixar o anterior tendo-se afeiçãoado, melhor dizendo, se identificado com ele e sem saber qual será seu futuro. No entanto é obrigado a afastar-se dele. Há uma estória muito divertida: Certa vez um homem tinha que viajar a um povoado distante. Fez todos os preparativos para a viagem, entre outras coisas comprou um par de sandálias de couro. Mas no momento da viagem pensou: 'Oh, a viagem é tão longa que com certeza gastarei a metade destas sandálias tão belas e que custam muito; é melhor eu ir descalço.' E saiu, mas as levou em um pacote que levava sobre a cabeça. Na metade do caminho seus pés começaram a sangrar. Quando quis calçar as sandálias os pés lhe doeram ainda mais. Pensou: "Que tonto eu fui! Agora cuidar de meus pés me custará mais que as sandálias." Se pensarmos um pouco não estamos numa situação melhor do que que a desse pobre infeliz, pois adquirimos este corpo com um objetivo, chegar a Deus. A viagem é longa, portanto não devemos desperdiçar nossas energias em buscas vãs esquecendo o propósito principal da vida humana, e perder nosso tempo no cuidado deste veículo.

Sri Ramakrishna certa vez contou uma bela estória para ilustrar como Deus cumpre todos nossos desejos, mas a seu devido tempo e como os entende a Sua maneira. Certa vez um homem que regressava a sua casa depois de alguns dias de árduo trabalho, sentiu-se fadigado devido à viagem a pé no sol de verão. Portanto se sentou debaixo de uma árvore e disse a si mesmo, "Que bom seria se eu tivesse um cavalo!" Não havia terminado de pensar quando apareceram dois serventes do rei que o levaram pela força, já que necessitavam de um homem para levar o potrinho que uma égua, pertencente ao rei, havia dado a luz no caminho. Chegando ao lugar onde se encontravam a égua e o potrinho, os serventes colocaram o potrinho sobre os ombros do homem e ordenaram que o levasse ao estábulo do rei. Quando se viu assim, disse a si mesmo, "Oh Rama, Tu entendeste ao contrário o que pedi." O homem queria um cavalo para cavalgar e não para carregar sobre os ombros. Depois de terminar o relato Sri Ramakrishna disse, "Não se deve pedir nada a Deus, pois se consegue o que se pede, mas quando Ele quer dar." Esta estória também pode servir-nos de lição. Adquirimos este corpo para que nos sirva como um veículo para nossa viagem pelo mundo com o objetivo de

chegar ao Senhor. Que Ele não nos faça carregar com ele como no caso da estória, ou seja, não vamos perder esta oportunidade muito valiosa do nascimento como ser humano no cuidado do corpo, confundindo-nos com ele e assim sermos arrastados para este mundo repetidas vezes.

O caminho espiritual depende muito da mente. Declaram os Upanishads, "A mente é a causa da escravidão e da liberação; a mente que se apega aos objetos do mundo, nos prende, enquanto que aquela que está desapegada deles, nos leva à liberação". Temos um instrumento tão poderoso e valioso e no entanto são muito poucos os que se dão conta disso. A maioria se guia pelas atrações do mundo. Sabemos quão inconstante é a mente, ora quer agarrar isto, ora aquilo; em um momento aprecia uma coisa e no momento seguinte se volta com toda a força para outra que se encontra, por assim dizer, em uma direção oposta; ora quer lograr um estado espiritual elevado, ora se submerge na mais grotesca sensualidade; ou também, por algum tempo gosta de um caminho, em seguida busca outro, depois de um tempo, mais outro e assim sucessivamente. Como um macaco, salta de uma ideia a outra ao seu capricho e sem prévia reflexão.

Bem comparou Swami Vivekananda a esta mente volúvel com um macaco enlouquecido. "Havia um macaco, inquieto por natureza, como são todos os macacos. E como se isto não fosse suficiente alguém o fez beber bebida alcóolica, o que o tornou ainda mais inquieto. Em seguida um escorpião o picou. Quando um escorpião pica a um homem, este salta de dor todo um dia; assim o pobre macaco se encontrou em uma condição pior que nunca. Para completar sua desgraça um demônio entrou nele. Que linguagem pode descrever a inquietação deste macaco? A mente humana, continua Swami Vivekananda, é como esse macaco, sempre ativa por natureza; em seguida se embriaga com o vinho do desejo, que aumenta sua turbulência. Depois disso vem a picada do escorpião dos ciúmes pelo êxito dos demais, e ao final entra nela o demônio da presunção e arrogância, que o faz pensar que é alguém de suma importância." Conclui Swami Vivekananda, "Que difícil é controlar uma mente assim!"

No entanto não há outro método para chegar a Deus. Teremos que treinar a mente de tal maneira que possa sentir gosto pela vida mais elevada. Hoje em dia as pessoas não têm paciência, portanto buscam resultados imediatos, mas no caminho espiritual é preciso ajudar a si mesmo. Outros podem indicar o caminho, mas não podem levar-nos à meta. A própria pessoa tem que fazer os esforços devidos para conseguir os resultados que aspira. Nem o dinheiro, nem os filhos, nem os amigos podem ajudá-lo. Além disso, cada um vem ao mundo com suas próprias tendências inatas, resultados das ações das vidas anteriores.

Não há remédios que possam apagar essas tendências da mente. O

processo é lento e se deve trabalhar por si só. A mente, que é geralmente extrovertida, deve ser retirada paulatinamente dos objetos de gozo. O corpo, que serve como veículo, vai continuar exigindo seus prazeres, ainda que se tenha decidido percorrer o caminho espiritual.

Antes de tudo temos que convencer a mente que o caminho espiritual é o único que pode dar-nos paz duradoura unindo-nos ao Ser Supremo, que toda outra coisa do mundo é efêmera, que prender-nos aos seus objetos só traz transtornos, inquietude e sofrimento. A menos que a mente esteja convencida disto, correrá atrás destes objetos e, por conseguinte não poderá dedicar-se por completo a Deus, e surgirão dúvidas sobre Sua realidade.

O homem de hoje em dia fala muito de usar a razão, o raciocínio. Se é que realmente o tem deve usá-lo para discernir entre o que é Real, Eterno e o que é irreal, passageiro e em seguida, seguindo seu raciocínio, desapegar-se do efêmero e apegar-se ao Eterno. Mas o que ocorre é que professamos muito e praticamos pouco ou nada. De que nos serve esta qualidade do raciocínio que não nos pode guiar ao que é bom? É claro que treinada em outras coisas pode dar-nos comodidades materiais, renome, fama, e toda outra coisa deste mundo. Se com isso estamos satisfeitos nunca surgirá em nossa mente esse anelo para ver a Deus e percorrer o caminho espiritual. Sem o desapego ninguém pode avançar pelo caminho espiritual; e isto não quer dizer que todos necessitem renunciar ao mundo externamente. Porém devem fazê-lo internamente, ou seja, não apegar-se aos objetos do mundo.

Pode-se servir a todos, os pais, a esposa, aos filhos, mas não devem abrigar a ideia de que "são meus". Sri Ramakrishna ensina como devem viver as pessoas que vivem em família que querem alcançar a Deus: "Viva no mundo como uma empregada na casa de um homem rico. Ela faz todo o trabalho da casa. Trata ao filhinho de seu patrão como seu e o chama de 'meu Hari'. Aponta a casa do patrão e diz 'aquela é nossa casa', mas no íntimo de seu coração sabe que nem Hari, nem a casa lhe pertencem, que sua casa se encontra em uma aldeia distante. Do mesmo modo sirva a todos, trate a todos com carinho e ao mesmo tempo saiba que nenhum deles lhe pertence. Vossa morada está em Deus." Sem dúvida isto é difícil de levar a cabo, mas não existe outro método para aquele que está envolvido no mundo.

Em seguida vem a prática das disciplinas espirituais tais como domínio sobre os sentidos e paixões, e ao mesmo tempo o aspirante deve retirar-se de toda atividade externa a certas horas determinadas e pensar no Supremo. É muito importante, porque mesmo mil leituras dos livros sagrados e o incessante ouvir os ensinamentos dos grandes mestres não podem levar-nos à vida eterna, mas apenas o que nós mesmos fazemos. Os livros só indicam o caminho e aquele que quer chegar à meta deve

percorrê-lo. É como as lições de música, podem-se ler as partituras, mas se não estudou como tocar os instrumentos não pode executar boa música. Pode-se ler a técnica da natação, mas a menos que entre na água e aprenda a pô-la em prática, este conhecimento não o ajudará a nadar. Do mesmo modo a menos que o aspirante pratique o que aprende dos livros ou dos mestres, não avançará nem um pouco no caminho espiritual. E as práticas devem ser feitas sistematicamente e com regularidade. No começo a mente, que estava acostumada a vagar a seu gosto, não se submeterá facilmente, se rebelará com toda sua força, surgirão pensamentos de todo tipo, às vezes horríveis. Terá assombro de ver que era possível ter tais pensamentos. É necessário deixar que venham à superfície da mente e que a observemos. Swami Vivekananda sugere: “Se diz que conhecimento é força e isto é certo. A menos que se conheça o que a mente está pensando, não poderá ser controlada. Dê a ela rédea solta, mas observe-a. Descobrirá que a cada dia seus caprichos diminuirão e se tornará mais tranquila.” Mas ele adverte que é um trabalho tremendo que não se pode acabar em um dia. Só depois de uma luta contínua e persistente durante anos pode-se ter êxito.

Sri Krishna ensina outro método no Bhagavad Gita²: “Descartando por completo todos os desejos que são como sementes de apegos e controlando os sentidos com a mente, deve-se retirá-la [a mente] paulatinamente de todo outro pensamento com o intelecto firme e bem dirigido e estabelecê-la no Atman³. E a cada vez que esta mente volúvel e instável vá aos objetos sensórios, deve ser contida e trazida sob o domínio do Ser”. Como podemos abandonar os desejos que são causas de nossos sofrimentos? Ensinando a mente como são efêmeros esses objetos de gozo e como é dolorosa a separação depois que nos apegamos a eles. Esta instabilidade da mente não é uma particularidade das pessoas débeis, pois até grandes heróis a sofreram, como vemos pela pergunta de Arjuna⁴: “Oh Krishna, esta yoga que acabas de descrever-me, em que o Atman permanece em equilíbrio, não vejo como pode ser permanente, devido à instabilidade da mente. Pois esta é instável, turbulenta, forte e inflexível. Eu considero tão difícil controlar a mente quanto controlar o vento”. Sri Krishna responde a ele: “Sem dúvida a mente é inconstante e difícil de dominar, mas pode ser controlada pela prática e pelo desapego”. Por isso não precisamos sentir-nos desamparados ou desencorajados, assim como tampouco ficarmos satisfeitos com nossa situação por não sermos os únicos, senão dar-nos conta de quão difícil é a tarefa e preparar-nos para a luta.

² Uma das principais escrituras sagradas do Hinduísmo, onde constam os ensinamentos de Sri Krishna ao seu discípulo Arjuna (nota do tradutor).

³ O Ser Supremo presente em todos os seres (nota do tradutor).

⁴ Feita a Sri Krishna no Bhagavad Gita (nota do tradutor).

Aquele que aspira ter êxito neste caminho deve evitar a companhia de muita gente, pois o contato com diferentes tipos de pessoas distrai e perturba a mente e também obriga a pessoa a falar muito; nem trabalhar ou comer muito. Aquele que trabalha duro todo o dia não pode ter sua mente sob controle, não sente vontade de rezar, só busca diversão. Aquele que come demasiado necessita dormir mais e com isso cresce a letargia e preguiça. A companhia muitas vezes é causa de perturbação, já que surgem temas variados desfavoráveis à vida espiritual; também origina discussões que fazem vacilar a fé do aspirante. Sri Ramakrishna dizia que se deve cercar a árvore quando ainda é jovem e se encontra ao lado do caminho, para que o gado não a destrua. Do mesmo modo uma pessoa que segue um caminho particular se chega a ouvir discussões contrárias a seu modo de pensar é possível que abrigue dúvidas sobre sua fé ou tenha violentos debates, perdendo assim a equanimidade.

As práticas devem ser feitas duas vezes ao dia e as horas recomendadas são ao amanhecer e ao anoitecer. Diz-se que nessas horas, quando a noite acaba e o dia começa e vice-versa, há um estado de calma relativa no ambiente, na natureza. Nosso corpo também tem a tendência de tranquilizar-se nestas horas. Devemos aproveitar essa condição da natureza e começar a praticar. Temos que fazer uma regra não comer até fazer a prática; se aderimos a esta regra a força da fome facilitará romper nossa preguiça. Na Índia se ensina às crianças que não comam nenhum alimento até que terminem seu culto ou oração. A mente que sempre busca uma desculpa para evitar fazer o que não lhe agrada, pode ser dominada só pela disciplina severa durante um tempo, pois depois se acostumará com a nova ideia, a nova regra.

Outra coisa prejudicial é a leitura sem critério ou sem discernimento. O homem não sabe que qualquer coisa que percebe por seus sentidos e absorve pela mente deixa sua marca nela às vezes de forma permanente. Pela leitura sem critério enchemos nossa mente de conceitos equivocados, perversos e prejudiciais que podem custar-nos a vida inteira para apagá-los. Também existem pessoas que com o objetivo de serem conhecedores de muitas coisas leem livros de qualquer tipo. Mas aquele que quer chegar a Deus tem que estar bem alerta para não cair na armadilha da assim chamada erudição e desperdiçar seu tempo e sua saúde espiritual. Não devemos juntar uma carga a mais, um impedimento a mais para a mente já propensa à agitação e confusão, pela leitura sem critério. Porque segundo Patanjali, o grande mestre da Yoga, esta consiste em deter as modificações da mente. Portanto deve-se evitar tudo o que a agita, tudo o que perturba seu equilíbrio, tudo o que a submete a modificações. Swami Vivekananda aconselha que devemos ler apenas livros escritos por pessoas que realizaram a Deus, ou seja, que sentiram Sua presença intimamente e que conquistaram suas paixões e

desejos.

A mente comum não pode estar inativa, passam por ela pensamentos às vezes bons e outras vezes maus. Além disso, está dispersa; reuni-la e dirigi-la a um só objeto, Deus, é a tarefa do aspirante espiritual, uma tarefa longa e dura, pois existem tantas tentações no caminho, os apegos de centenas de vidas, as tendências inatas que os favorecem, os objetos formosos que atraem seus respectivos sentidos e assim por diante. 'Mas - diz o homem - por que devo abandonar estes belos objetos do mundo e sentir-me infeliz? Por que não devo gozar da vida e ao mesmo tempo seguir o caminho espiritual?' O ser humano desde tempo imemorial tem feito o esforço de combinar essa yoga e bhoga, o caminho espiritual e o do gozo, mas até agora não teve êxito. É por isso que Jesus advertiu à seus ouvintes: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou odiará a um e amará ao outro, ou se aproximará de um e menosprezará ao outro, não podeis servir a Deus e a Mamom". Ocorre que as coisas do mundo são tão atraentes que aquele que quer combinar os dois caminhos se perde completamente nele e se esquece de tudo sobre Deus. Estando em meio das atrações é difícil manter-se afastados delas. É por esta razão que Sri Ramakrishna aconselhava a seus discípulos que viviam em família que se retirassem por algum tempo, por um ano, por um mês, ou pelo menos por três dias a um lugar solitário, longe de suas famílias e das preocupações mundanas e pensassem em Deus; e que só fortalecidos assim poderiam levar a vida no mundo sem perder de vista a meta, Deus.

Contudo a maior debilidade humana é depender de outros, pessoas mais avançadas no caminho espiritual, para seu progresso. Swami Vivekananda dissuade aos aspirantes sobre esta tendência nestes termos: "Toda tentativa de controle, se não é voluntária, se não é a própria mente a que controla, não somente é desastroso, senão que é a negação do fim perseguido. A meta de cada alma é liberdade, domínio - liberdade da escravidão à matéria e ao pensamento, domínio sobre a natureza interna e externa. Em vez de conduzir-nos até esta liberdade, toda corrente de vontade alheia, que venha de qualquer forma, quer seja como controle direto dos órgãos, ou seja, como forçando a controlá-los enquanto se está em uma condição mórbida, aumenta um elo a mais na pesada corrente da escravidão já existente produzida pelos pensamentos e superstições passadas. Por tanto, tenham cuidado quando permitem que outro atue sobre vocês". Temos dito que um aspirante deve evitar os debates e a argumentação, porque não nos servem de nada, pelo contrário, perturbam a mente, fazem perder sua equanimidade. No caminho espiritual temos que alcançar estados sutis. O mero falar ou discutir não nos levará a isto. Um dos Upanishads recomenda: "Apenas conheça a Aquele [Ser Supremo] único e abandona por completo toda

outra conversa, pois este é o caminho para a Imortalidade”.

O próximo passo após retirar-se a um lugar solitário é concentrar a mente em um só objeto, em um só aspecto de Deus que lhe agrade. Devemos ser como a ostra que produz pérolas da fábula da Índia. Diz-se que se chover quando a estrela Svati está no ascendente e uma gota desta chuva cair em uma ostra aberta, esta gota se converte em uma pérola. As ostras conhecem sobre isto e, portanto sobem a superfície do oceano quando esta estrela aparece no horizonte e esperam com ansiedade a preciosa gota de água. Quando uma gota desta chuva cai dentro delas, fecham suas conchas e mergulham ao fundo do oceano, para converter com paciência a gota em uma pérola. Devemos ser como essas ostras. Primeiro ouvir, em seguida compreender e depois afastar-nos de todas as distrações, fechando nossa mente à influência externa e dedicar-nos a desenvolver a verdade dentro de nós.

A maioria das pessoas gosta de provar um pouco de cada coisa, não têm firmeza nem constância, seu interesse em coisas espirituais é superficial como um entretenimento intelectual. Estes não alcançarão nada, só podem satisfazer sua curiosidade por um tempo e em seguida buscar outra ideia. Devemos tomar uma ideia e colocá-la em prática até chegar à meta. Só aquele que pode aderir-se a uma só ideia, enlouquecer-se com ela, disse Swami Vivekananda, chega a ver a luz. Esta constância é de suma importância. Sri Ramakrishna descreve como é a tenacidade de um aspirante comum: “É como aquele homem que buscando água começa a cavar um poço, mas se depois de cavar dez côvados⁵ encontra pedra, o abandona e começa a cavar em outro lugar. Se lá encontra areia a uma profundidade de 15 côvados, também o abandona e vai cavar em um terceiro lugar; e se cavando ali vinte côvados não encontra água, também o descarta e em seguida abandona todo o trabalho. Assim é a maioria das pessoas que tentam percorrer o caminho espiritual. Seguem por um tempo uma ideia e quando não conseguem o resultado que esperam, a deixam; vão atrás de outra e assim sucessivamente e ao final ficam frustrados. É necessário constância e firmeza para chegar à meta”.

Vamos resumir: O caminho espiritual é duro de trilhar e difícil de atravessar como o fio de uma navalha. Aquele que quer percorrê-lo tem que ser intrépido e ter muita paciência, constância e firmeza neste propósito. A mente desempenha um papel importante neste caminho, pois pode nos prender ao mundo ou liberar-nos deste círculo de nascimento e morte. Para ter êxito se necessita perseverança e tremenda força de vontade. A mente por natureza é inconstante, temos que retirá-la pouco a pouco de seus gostos mundanos, reuni-la e dirigi-la à Deus. Para isso devemos retirar-nos todos os dias a certas horas determinadas,

⁵ Um côvado é igual a 0,46 metros (nota do tradutor).

preferivelmente ao amanhecer e ao anoitecer, de qualquer outra atividade e pensar no Ser, no Supremo ou Deus, tirando todos os outros pensamentos da mente durante estes momentos. Os que têm a oportunidade devem passar alguns dias em um lugar solitário longe dos familiares e das preocupações mundanas, para que se firme sua devoção.

Que o Senhor nos dê a força e o gosto de percorrer o caminho até Ele sem vacilação nem nos determos a meio caminho.



Tradução para o Português do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Ramakrishna, Swami Vivekananda e da Vedanta.

UM TEMPLO DE DEUS

Swami Paratparananda¹

Maio - 1978

As pessoas em todo o mundo conhecem a ideia de lugares sagrados de adoração, como por exemplo, um templo, uma igreja, uma mesquita, etc. Os homens constroem templos, os adornam com beleza arquitetônica, colocando as imagens da Divindade, nomeando pessoas preparadas para conduzir a adoração, e empregando pessoas para manter limpos seus recintos, pois a limpeza, segundo um refrão inglês, está próxima da santidade ou piedade. A limpeza externa é um fator essencial que contribui para a limpeza interna do coração ou da mente. É sabido que um lugar limpo produz espontaneamente um efeito tranquilizador no homem.

Qual é a ideia que está por trás desses templos? Milhões de pessoas, mesmo apesar da tendência da sociedade materialista atual, visitam igrejas, templos e mesquitas e assistem aos serviços religiosos nesses lugares. Por quê? Porque no homem há uma sede insaciável de conhecer o Desconhecido, conhecer ao Governador de nosso destino, o Princípio Mais Elevado e adorá-Lo. Deus é aquele desconhecido, por qualquer nome que seja chamado. Para a humanidade, geralmente o Princípio Abstrato, está além de sua compreensão. Necessitam de algum símbolo concreto mediante o qual possam adorar a Deus. Por conseguinte, as imagens e símbolos são uma necessidade no campo religioso, pelo menos para a maioria. Para adorar as imagens se constroem os templos. Nos dias pré-históricos, na Índia, não se falava muito de templos. Naquele tempo as pessoas faziam sacrifícios e adoravam ao fogo como representante da Divindade. Mais tarde o sacrifício de animais foi substituído pelo culto às imagens. Se lermos a história da fundação de qualquer templo que tem continuado a exercer sua influência sobre as pessoas, se perceberá que foi algum santo ou sábio espiritual quem santificou aquele lugar por suas austeridades, práticas espirituais, pregação religiosa ou por sua estadia ali. O sábio Nárada, em seus Bhakti Sutras (aforismos sobre devoção) disse: "Eles (os grandes devotos) transmitem a santidade aos lugares de peregrinação". Sua mera visita ou morada nesses lugares cria uma atmosfera elevada que em muitos casos duram milhares de anos. Sri Ramakrishna disse a respeito:

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

“Deus está presente onde as pessoas falam Dele. Pode-se sentir ali a presença de todos os lugares sagrados. É por isso que onde Deus é adorado, naturalmente se pensa Nele”. Conhecemos bem a lei da associação, a qual pode aplicar-se tanto a respeito das ideias como das pessoas ou lugares de adoração. Sri Ramakrishna costumava citar o exemplo de um devoto que a mera vista da árvore babla ficou subjugado pelo êxtase. Associou a árvore com Krishna, seu Ideal, pelo fato de que o machado utilizado no templo de Radhakanta, outro nome de Krishna, estava feito dessa madeira. Para os que não estão acostumados a pensar em Deus tão intensamente, isto pareceria um mito ou fantasia. Mas aquele que vive pensando constantemente em uma forma particular de Deus, pode de vez em quando, recordar ao Senhor mediante episódios apenas um pouco relacionados com Ele. Isto se pode comprovar quando uma pessoa muito querida deixa de existir e algo pertencente a ela aparece diante de nossos olhos; isto nos comove e sentimos de novo a perda dessa pessoa. Do mesmo modo e em um sentido mais agudo, um devoto recorda a Deus. É claro que os exemplos desta classe de devotos são muito poucos. A mente deste devoto deve estar limpa de toda ansiedade e de todo desejo mundano; mas por isso não podemos descartar a ideia de que o homem sinta a presença de Deus ou pelo menos lhe chegue o pensamento do Senhor nos templos. Este é o propósito de construir edifícios destinados a adorar ao Senhor: fazer recordar ao homem que existe um Ser Supremo que controla tudo e que o propósito do nascimento humano é unir-se com Ele.

Além disso, o templo não é em absoluto um lugar onde as pessoas possam reunir-se para fazer negócios nem tampouco deve ser usado para funções sociais. É um lugar para adorar a Deus. A própria ideia de visitar um templo nos faz sentir que devemos ser puros. Na Índia, antes de ir ao templo, as pessoas se banham, vestem roupas lavadas e limpas, e contemplando a Deus, se aproximam Dele. E se neste momento se percebe que os arredores do templo estão sujos e que está descuidado, sua mente se rebela, pois a ideia de santidade que se associa com o templo se desvanece. Se essas regras simples e diretas são esquecidas, o templo se converte em um mercado barulhento ou em um lugar onde as pessoas falam e trocam ideias sobre assuntos mundanos; e como consequência perde a santidade. Recordemos como Jesus expulsou a todos os que vendiam e compravam no templo, dizendo-lhes: “Escrito está, minha casa, casa de oração é, mas vocês a fizeram uma cova de ladrões”. Tampouco se devem usar esses templos como lugares de passatempo, tal como jogar cartas. Certa vez Sri Ramakrishna foi visitar um templo em Calcuta e lá encontrou os sacerdotes do templo jogando cartas; de imediato disse à seus discípulos que o acompanhavam: “Jogar cartas em um templo! Aqui se deve pensar só em Deus.”. Portanto é

necessário manter a pureza e a santidade de um lugar de adoração, com muito esmero.

Essa ideia de imagens e templos deve ser estendida a si mesmo para que possa tirar bom proveito espiritual. Vemos que nos encontramos atados, acorrentados pelas limitações do corpo, os sentidos e a mente, ou seja, as ideias de que somos corpo, sentidos ou mente sempre intervêm quando tentamos elevar-nos; não se pode desfazer-se dessas ideias nem depois de muito esforço. As enfermidades do corpo e os transtornos que perturbam e dominam a mente nos obrigam a pensar em nós como corpo e mente. Só existem dois métodos para vencer estes conceitos, pelo desapego intenso por tudo que é deste mundo e do seguinte e tratar até o corpo, que é tão querido por todos, como uma carga sem objeto, pelo qual se deve ser indiferente. Mas é uma posição muito dura, que só uma pessoa que segue o caminho do conhecimento pode seguir com sinceridade e chegar a ter êxito. Pois é difícil manter esta atitude para aquele que leva uma vida em família, que tem obrigações que cumprir com sua família e outras pessoas no mundo. Ele se sente responsável pelo cuidado de seus filhos e das pessoas que dependem dele, por conseguinte, não pode ter esta atitude de indiferença por eles e muito menos por seu próprio corpo; pois se não o cuida bem é possível que se enferme e não possa cumprir com os deveres que lhe correspondam. **O outro método é considerar ao corpo como um templo de Deus.** Não somente devemos cuidar da estrutura externa, mantendo-a limpa, mas também devemos fazê-lo com o santuário interno, ou seja, devemos ter tanto esmero em preservar o coração e a mente pura e limpa como na conservação do corpo. Senão, como podemos colocar no coração a imagem de Deus?

Mas há um grande perigo em considerar ao corpo como templo de Deus: o de dar-lhe demasiada atenção esquecendo-se do Senhor. Há uma estória dos Upanishads que ilustra quão arriscado é não compreender bem os ensinamentos espirituais. Certa vez o Criador declarou: “Todo ser que busca da devida maneira e chega a conhecer a este Atman, que é sem mancha, sem velhice, nem morte, sem pesar, nem sede e cuja vontade e pensamentos se cumprem, logra todos os mundos e se capacita para satisfazer todos os seus desejos”. Chegando a conhecer sobre esta declaração, diz a estória, o rei dos devas e o rei dos demônios se aproximaram do Criador e lhe pediram que os ensinasse sobre este Atman tão maravilhoso. O criador lhes pediu que ficassem com ele trinta e dois anos como celibatários. Quando terminou este período de treinamento, eles se aproximaram de novo. Então o Criador disse: “Esse Purusha que se vê no olho, esse é o Atman, esse é imortal, sem medo, e esse é Brahman”. Para estarem certos de que o haviam compreendido bem eles lhe perguntaram: “Venerável Senhor, qual deles é ele, o que se

vê na água ou aquele que se vê no espelho?” O Criador respondeu: “Em realidade esse mesmo é percebido em todas essas coisas.” Depois acrescentou: “Olhem a vocês mesmos na água de uma vasilha, e se não compreenderem sobre o Atman, venham e perguntem-me”. Eles se olharam na água. O Criador perguntou: “O que veem?” Responderam: “Venerável Senhor, vemos tudo de nós, até as unhas e os cabelos; um reflexo perfeito.” Durante todos esses anos, como não se barbeavam, lhes havia crescido barba e os cabelos; além disso tampouco usavam as roupas e os adornos reais. O Senhor queria tirar-lhes sua equivocação, mostrando-lhes a mudança que sofre este reflexo, por conseguinte lhes disse: “Barbeiem-se, vistam-se bem e adornem-se; depois vão olhar-se na água da vasilha.” Depois de seguir as instruções do Preceptor, olharam-se na água. “O que veem?”, perguntou o Criador. Disseram: “Bem adornados, bem vestidos e limpos como estamos, assim nos vimos lá”. O Criador então lhes disse: “Esse é o Atman, esse é imortal, é sem medo; esse é Brahman”. Ele se deu conta que a esta altura de sua compreensão, não podia ensinar-lhes mais; e eles bem contentes se foram. Vendo-os o Criador observou: “Estão indo sem ter conhecido, nem realizado ao Atman. Qualquer deles, sejam devas ou demônios, que siga esta doutrina perecerá”. O rei dos demônios, muito contente, se foi e predicou à seus súditos: “Se deve adorar e servir aqui só ao corpo; pois somente adorando-o e servindo-o adquire-se este mundo e o além.” Mas o rei dos devas [seres celestiais] refletiu e achou que o corpo que se refletia na água não podia ser o Atman, já que estava sujeito a mudanças, portanto voltou várias vezes ao preceptor até que chegou a conhecer a verdade do ensinamento. Tenhamos cuidado para não cometer esse erro como o rei dos demônios.

Sri Ramakrishna mediante uma parábola nos ensina como devemos nos aproximar de Deus. “Em certa aldeia vivia um jovem chamado Padmalochan. As pessoas abreviando seu nome o chamavam de “Podo”. Nesta aldeia havia um templo em condições muito más, sem nenhuma imagem de Deus em seu interior. O ashwatta e outras plantas cresciam nas ruínas de suas paredes. Os morcegos viviam lá e o piso se encontrava coberto de seus excrementos e de poeira. As pessoas daquela aldeia haviam parado de visitar ao templo. Um dia, após o crepúsculo, os aldeões ouviram ao som do caracol [utensílio para o ritual que se sopra] que vinha da direção do templo. Pensaram que talvez alguém tivesse instalado uma imagem no santuário e estivesse fazendo o culto vespertino. Um deles abriu a porta sem fazer ruído e viu a Padmalochan parado em um canto soprando o caracol. Não havia colocado imagem alguma. O templo não havia sido limpo, em toda parte havia imundice. Então gritou para Podo: ‘Não colocaste imagem alguma aqui, no santuário, ó insensato. Soprando o caracol está criando simplesmente

mais confusão. Dia e noite onze morcegos gritam aqui sem cessar”.

Continuando Sri Ramakrishna disse: “Não serve para nada o mero fazer ruído, se queres colocar a Divindade no santuário de seu coração, se queres realizar a Deus. Antes de qualquer outra coisa, purificai vossa mente. Deus senta-se no coração puro. Não se pode colocar a imagem sagrada no templo se este estiver coberto do excremento de morcegos. Os onze morcegos são nossos onze órgãos: cinco de ação, cinco de percepção e a mente”. Todos eles exigem sua satisfação a todo o momento. E limpar a mente consiste em esvaziá-la de todos os desejos mundanos.

É verdade que a Divindade mora dentro de todos. Mas enquanto o coração não esteja limpo, não se pode sentir Sua presença ali. Sri Ramakrishna disse: “Uma coisa é saber que existe fogo na lenha e outra completamente diferente obter fogo esfregando dois pedaços de lenha, cozinhar os comestíveis nesse fogo e alimentar-se. Uma coisa é saber que o leite é bom para a saúde e outra completamente diferente é bebê-lo e sentir-se beneficiado por ele.” Do mesmo modo, uma coisa é conhecer intelectualmente que todos somos divinos, mas algo muito diferente sentir esta presença divina em nós. A maioria da humanidade se conhece como brancos, negros ou amarelos, de certa altura, peso e coisas assim. Que significam todas estas descrições senão dados do corpo? No entanto o corpo não é mais do que um veículo para o Ser, para sua viagem através deste mundo; para adquirir as experiências doces e amargas até que desperte para a realidade. O corpo é somente uma estrutura; e assim como um templo no pode ser considerado tal enquanto não tenha uma imagem de Deus dentro, da mesma maneira, até que não se tenha realizado a Deus e sentido Sua presença dentro de si mesmo, seu corpo não é nada além de um conjunto de carne, ossos, sangue e coisas semelhantes.

O amor a Deus pode ser comparado ao sacerdote do templo do coração humano e o discernimento e o desapego são como os cuidadores que mantêm o templo limpo. O amor por Deus, ou devoção, é essencial para progredir na vida espiritual, antes que Deus responda e se revele. Diz-se que o Senhor olha o mais profundo do coração do homem e não ao que diz ou faz. Ele se sente contente com o menor serviço que se preste a Ele com toda a sinceridade.

A sinceridade é a argila com que os tijolos do santuário do templo estão feitos. Quando um homem ora com sinceridade a Deus para que Ele se revele, o Senhor lhe envia todo o necessário para seu progresso espiritual, virá o mestre que lhe possa guiar corretamente e terá todas as coisas que sejam necessárias para estar seguro em seu caminho. Como o Senhor Jesus Cristo disse: “Mas buscai primeiramente o Reino de Deus e Sua justiça e todas estas coisas lhes serão acrescentadas.” Os obstáculos no caminho espiritual de uma pessoa desaparecem sem muito esforço de

sua parte se busca a Deus unicamente, com anelo e sinceridade. O Senhor vem correndo a uma pessoa que não deseja nenhuma outra coisa senão Sua visão, Seu amor, Sua presença e que dependa totalmente Dele. E esta entrega completa salva ao aspirante de muitos perigos. Sri Ramakrishna costumava afirmar: “Um menino que, agarrado na mão de seu pai caminha por uma passagem estreita pode escorregar dentro da vala; mas isso jamais acontecerá se é o pai quem segura ao menino pela mão”. Neste tipo de entrega ou confiança, a oração desempenha um grande papel; mas não as orações que pedem coisas deste mundo, senão aquela que pede apenas amor por Ele e Sua visão. Este tipo de oração limpa a mente de todos os demais desejos. E até que não haja a limpeza do coração, não é possível colocar a imagem sagrada de Deus ali; Ele não entrará em um lugar onde já existem outros habitantes e estes, no caso de ser humano, são os desejos e apegos mundanos.

Certa vez um devoto perguntou a Sri Ramakrishna como se podia desenvolver o amor por Deus. Ele respondeu: “Gradualmente se adquire amor por Deus pela prática de cantar Seu nome e Suas glórias. Não se deve ter vergonha de cantar o santo nome do Senhor, - e acrescentou, - Há um ditado, ‘Não se pode lograr êxito [na vida espiritual] enquanto se tenha essas três coisas: vergonha, ódio e medo’” Estes são exatamente o que impedem nosso progresso espiritual. Temos vergonha de sermos qualificados como religiosos pela sociedade, na época atual, em que a religião é considerada ou como um caminho seguido por pessoas de curto alcance ou imaturas, ou como o ópio dos pobres. Como podem então aqueles que buscam posição social identificar-se abertamente com a religião? Também acontece muitas vezes que as pessoas adictas a uma ou outra seita ou religião chegam a odiar aos que não seguem sua fé; isto também é um impedimento na vida espiritual. E o medo à crítica adversa por associarem-se com as pessoas piedosas, também é comum nesta época. Esta é a posição desconcertante em que muitos se encontram. Mas, assim como a lei da natureza não muda para adaptar-se a uma ou outra pessoa, assim também a lei do desenvolvimento espiritual tampouco pode modificar-se para concordar com os gostos de todos.

Agora vejamos, que quis dizer Sri Ramakrishna ao afirmar, “não se deve sentir vergonha ao cantar o santo nome de Deus”? Por acaso quis dizer que devemos fazer uma demonstração de nossa religiosidade? Não, pois em outras ocasiões repetidas vezes instruiu aos devotos dizendo-lhes: “Devem praticar as disciplinas espirituais em vossa mente, em um canto de sua casa ou em um bosque”. Também aconselhava até mesmo os que vivem em família a retirar-se a um lugar afastado de sua casa e viver isolado praticando tais disciplinas. Mas é uma coisa distinta, quando se trata de cantar em coro, ou em congregações, as glórias de Deus. Sri

Ramakrishna cantava louvores à Mãe² não somente no templo de Kali, senão também diante dos devotos e dançava em nome de Deus. Às vezes insistia em que se unisse ao canto ou dança um ou outro de seus discípulos um pouco tímidos para tirar-lhe esse sentimento de vergonha.

A limpeza do coração chega mediante a oração e a repetição do nome de Deus. Como já dissemos, isto significa não ter desejos mundanos, os quais sempre engendram outras más inclinações tais como egoísmo, vaidade, crueldade, etc. Enquanto estas tendências estejam aí, a devoção ou amor por Deus não achará oportunidade de levantar sua cabeça, por assim dizer. E a menos que se tenha amor por Deus não se capacitará para recordá-Lo constante e ininterrompidamente. Nárada, em seus aforismos sobre bhakti menciona as características da devoção; depois de citar a outros autores sobre este tema, disse: “Mas Nárada considera como devoção a aquele estado em que se consagram todas as atividades ao Senhor e se entrega por completo a Ele, sentindo aguda angústia ao esquecer-Lo”. É essa classe de amor por Deus que converte ao homem em um santo, transformando seu corpo em um templo do Senhor, no verdadeiro sentido da palavra. É claro que não se adquire esse amor assim de repente, devemos trabalhar muito e persistentemente para lográ-lo. É um tesouro valioso que o homem pode ter; pois o que o possui ultrapassa a todos e é adorado nos três mundos, disse Sri Krishna.

Para fortalecer nossa devoção e fazê-la inesgotável é necessário que cultivemos o desapego pelas coisas do mundo e o discernimento entre o Real e o transitório. Porque é impossível agarrar-se a Deus e pensar ou meditar Nele por um tempo longo, se não estivermos convencidos de que só Deus é Real e todas as outras coisas são transitórias e têm a existência de dois dias. O discernimento é imprescindível mesmo para o seguidor do caminho da devoção, pois sem discernimento entre o que é eterno e o que é transitório, como aferrar-se com firmeza ao eterno, ao Senhor? Como se pode evitar tornar-se vítima das tentações no meio das quais está vivendo?

A questão que surge agora é: Que devemos fazer com nossos sentidos turbulentos? Como podemos controlá-los? De que maneira podemos vencê-los?

Um devoto de Deus os dirige a Ele [o Senhor]. Em um poema muito belo um devoto persuade aos seus órgãos assim: “Ó língua, canta o nome e as glórias de Keshava; ó mente, medita em Muraripu; ó mãos, adorem à Shridhara; ó ouvidos, escutem a estória de Achiuta; ó olhos, vejam a Krishna; ó pés, caminhem até a morada de Harí; ó nariz, cheire a folha de tulsi oferecida aos pés de Mukunda; ó cabeça, inclina-te diante Adhókshaya”. Os vários nomes que encontramos aqui são de Vishnú, o

² Divina Mãe do Universo ou Kali (nota do tradutor).

Senhor que a tudo interpenetra; cada um desses nomes projeta diante dos olhos do devoto um quadro de algum episódio ocorrido em uma ou outra Encarnação do Senhor ou descrevendo Sua glória. Contemplando tudo isso, o devoto absorve-se no pensamento de Deus e assim logra concentrar sua mente Nele. Quanto mais possamos contemplar a forma de Deus e Seu jogo divino, tanto mais poderemos elevar-nos deixando para trás o plano mundano. Então os desejos baixos estarão momentaneamente subjugados e se alguém prosseguir em seu caminho com anelo e sem interrupção, poderá debilitá-los e finalmente aniquilá-los por completo.

Talvez surja aqui uma dúvida: Pode ser que este seja o caso de uma mente que de um modo ou de outro se encontrou com o caminho [espiritual], mas o que acontecerá com as pessoas que não têm nenhum gosto pela vida espiritual, aquelas que apesar de submersas nas ocupações mundanas, deveres e gozos, só de vez em quando têm um desejo passageiro de transcendê-los? A estas Sri Ramakrishna recomenda a companhia de homens piedosos. Diz: “A oração e a companhia de homens santos engendram o anelo por Deus nas pessoas mundanas. Mas não é suficiente estar em sua companhia só por um dia. Deve-se buscá-la constantemente, pois a enfermidade tornou-se crônica”. Por que se diz que a companhia dos homens santos é necessária para os que vivem no mundo? Porque as pessoas religiosas não falam de nada exceto de Deus. Sabemos bem como, pensando constantemente em uma coisa ou pessoa, se adquire certo apego por ela. Falando sempre de assuntos mundanos, o homem até sonha com eles e assim vai agravando sua enfermidade mundana dia a dia. Se tiver que livrar-se da febre deve tomar o antídoto e no caso da febre mundana o remédio é a companhia santa. O Bhagavata também exalta a eficácia da companhia de pessoas muito avançadas na espiritualidade, dessa maneira: “Neste mundo, a companhia de pessoas piedosas mesmo por alguns momentos é um tesouro desejável para o homem”. “Pois para o homem que está por afundar nas terríveis águas deste mundo, o sábio, que logrou acalmar suas paixões e que é conhecedor de Brahman, é o maior refúgio, assim como uma barca invulnerável o é para aquele que está para afogar-se”. Nárada expressa sua opinião sobre este tema: “Mas é extremamente difícil lograr a companhia de uma grande alma e ser beneficiado por ela; sua influência é sutil, incompreensível, no entanto infalível no seu efeito”. Se lermos a estória das religiões ou os livros sagrados, encontraremos exemplos de pessoas cujas vidas foram transformadas pelo contato que tiveram com grandes mestres espirituais.

Mas devemos advertir de um fato que conhecemos bem. É sabido que uma faísca pequena não pode acender uma grande pilha de lenha verde ou molhada; mas um fogo ardente e em chamas pode reduzir a

cinzas até a bananeira. Da mesma maneira, chegando a colocar-se em contato com os conhecedores de Brahman, ou sábios que viram a Deus, até um malvado estabelecido pode transformar-se em um santo, enquanto que um homem comum com um pouco de devoção pode perdê-la se associar-se intimamente com uma pessoa viciosa. Portanto os principiantes e aspirantes comuns não apenas devem buscar a companhia de pessoas piedosas senão também ao mesmo tempo evitar a má companhia. Senão todo o benefício que possamos adquirir da primeira será neutralizado pela segunda, e mais ainda, podemos ser arrastados à níveis mais baixos que antes.

Como no caso da companhia, também para escolher o alimento se deve ter cuidado. No Chandogua Upanishad encontramos uma passagem que dá ênfase sobre o alimento. Diz: “Se o alimento é puro, então a mente também se purifica. Em uma mente limpa a memória se estabiliza. Quando a memória se torna firme todos os nós e amarras se desfazem por completo”. Sri Shankaracharia comentando esta passagem afirma: “Tudo o que se reúne [ou é colhido] é chamado alimento, assim por extensão se aplica também ao conhecimento dos objetos como o som, etc., que é colhido pelos sentidos e pela mente. Esse conhecimento é puro quando os contatos dos sentidos com seus objetos não são influenciados pelo apego, aversão ou engano”. O que Sri Shankaracharia quer dar a entender é que a pureza da mente pode ser adquirida unicamente desfazendo-se do apego e aversão aos objetos do mundo. E quando se logra essa pureza da mente, a recordação de Deus se torna constante e conduz à liberação.

Outros comentaristas, no entanto, tomam o sentido literal da palavra alimento: o que se come. Dizem que há três classes de impurezas no alimento, a saber: primeiro, os que são impuros por natureza, segundo, por adulteração e terceiro, devido a sua associação. Prestar um pouco de atenção a estas coisas pode realmente ajudar aos aspirantes. Mas não precisamos ser demasiados escrupulosos sobre isto, esquecendo-se do propósito principal da vida, que é a realização de Deus. Há um canto de uma santa do Rajasthán, Mirabai, o qual ainda que seja dito em uma linguagem sarcástica, indica a verdadeira disciplina que nos leva a Deus. Canta: “Ó homem, é necessário praticar disciplinas espirituais e também cantar as glórias de Deus. É preciso que desenvolvias devoção pelo Senhor e amor por Ele. De que serve a mera purificação externa com os banhos [nas águas de rios sagrados]? Se isso fosse suficiente para ter a visão de Harí (o Senhor) então a lograriam os animais aquáticos que sempre estão submersos na água. Se sustentando-se apenas com frutas e raízes pudesse trazer a visão de Deus, então a teriam os morcegos e macacos. Se mantendo-se com leite apenas pudesse levar a visão do Senhor, então a alcançariam as crias dos mamíferos. Mas Mira [Mirabai]

declara que o Mimado de Nandá [Krishna] não pode ser visto sem o amor puro”. Sri Ramakrishna também falando do alimento dizia, “Bendito é aquele que sente anelo por Deus ainda que coma carne de porco. Mas vergonha daquele cuja mente mora na luxúria e cobiça, ainda que coma alimentos muito puros, tais como verduras fervidas, arroz e manteiga clarificada”. Tudo isto demonstra que mesmo que não seja necessário descartar ou desdenhar as regras comuns sobre a pureza do alimento, colocar uma ênfase demasiada sobre as coisas externas só irá desviar nossa atenção retardando nosso progresso espiritual. A meta principal é amar a Deus por Ele mesmo, lograr Sua visão e sermos benditos. Aquele que chega a ter essa bênção converte seu corpo em um templo de Deus. Sri Ramakrishna costumava afirmar: “Deus está em todos, sem dúvida, mas Sua manifestação é maior no coração de uma grande alma”.

Que Deus, que mora em nosso coração, nos faça sentir Sua presença ali antes que deixemos este corpo!



Tradução para o Português do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Ramakrishna, Vivekananda e da Vedanta.

O QUE É MĀYĀ

Swami Paratparananda¹

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari em Inglês – Novembro de 1963

Aparência e Realidade

Com frequência nos deparamos com este termo, Māyā e muitas vezes vemos que tem sido mal interpretado. Tem sido traduzido como ilusão em Português² e isto fez surgir toda a confusão. Mas para um pensador e observador imparcial isto não deve necessariamente acontecer. Ele vê quase um paralelo entre as teorias científicas de hoje e Māyā.

Vemos, por exemplo, a primeira afirmação da doutrina de Māyā, ou seja: a aparência não é a realidade. Parece real porque algo mais que forma o substrato ou essência é real. Isto é o que a ciência nos diz também. Vamos citar alguns exemplos concretos ao invés de confundir-nos no labirinto das palavras. Quantas mudanças revolucionárias tiveram os conceitos comuns, com relação aos fenômenos básicos! Há mil anos as pessoas aceitavam o mundo como sendo uma superfície plana e quantas ideias estranhas haviam de como ele permanecia em sua posição. Acreditamos nessas coisas agora? Se alguém acreditar nisto, será considerado como vindo da era neolítica, apesar de que a ciência moderna não é tão velha. Foi apenas quando Colombo, que disse que poderia atingir a Índia seguindo ao redor do mundo, se a outra rota não estivesse disponível, quando teve sucesso até certo ponto, foi que houve algum tipo de crença na declaração de que o mundo era redondo.

Dizemos que o sol surge no leste e desaparece o oeste. Mesmo agora esta fraseologia não mudou; mas o sol gira ao redor da terra como parece aos olhos comuns? Não, diz o cientista. É a terra que se move ao redor do sol, como também sobre seu próprio eixo. Esta última rotação produz a noite e o dia, como também o movimento inicialmente citado produz as estações do ano. Outra maravilhosa teoria ou fato, como quer que a chamemos, da ciência é que a nossa Terra está se movendo à uma grande velocidade de 17,5 milhas por minuto. Apesar disso nós não sentimos o impacto de tal velocidade. Para nós parece que a Terra está estacionária.

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

² Do original em Inglês, 'Illusion' (nota do tradutor).

Ainda há muitas outras coisas além dessas que apenas poderosos telescópios e um olho experimentado poderiam descobrir. Por exemplo, foi recentemente descoberto pelos 'astrônomos soviéticos e americanos simultaneamente e independentemente que uma das mais distantes e visíveis galáxias, 3C-273, está mudando seu brilho'.

"O espectro de 3C-273 mostra que está se afastando de nós a uma velocidade de 30.000 milhas por segundo – centenas de vezes mais rápido do que qualquer estrela de nossa própria galáxia poderia possivelmente se mover – daí sua identificação como uma galáxia.

'Até agora radiação variável tinha sido observada somente em estrelas e ninguém jamais suspeitou que também as galáxias pudessem mudar seu brilho.'

'A própria existência de tais superestrelas era considerada como impossível até muito recentemente.'"³

Podemos continuar a apresentar evidências para provar que o que as pessoas acreditavam ingenuamente sobre o mundo no passado, teve que ser descartado e novas crenças, formuladas de acordo com teorias científicas, foram cultivadas. Mas nosso propósito sendo o de mostrar que o mundo não pode ser considerado como aparece mesmo do ponto de vista da ciência, estes poucos exemplos devem ser suficientes. A doutrina de Māyā não exige nada além do que este reconhecimento: a aparência tem uma existência condicional e quando a condição varia a existência também sofre uma mudança, ou seja, não é eternamente real.

Māyā como Ignorância

Antes de tratar da natureza de Māyā veremos como tem sido geralmente interpretada. Māyā é descrita por um dos Upanishads como *prakṛti* e o controlador de Māyā como *Iswara*.⁴ Tem sido também chamada de ignorância. Ignorância nem sempre significa a ausência de sabedoria mundana ou das ciências materiais. Alguém pode ser ignorante de tudo isso, porém consciente de sua verdadeira natureza que é a verdadeira sabedoria. Enquanto que outro pode ter conhecido muitas ciências e ainda assim ser ignorante do que é realmente. Esta última sabedoria leva ao bem estar material e a primeira à liberação espiritual que é a paz eterna.

Aqui encontramos algumas questões intrincadas. De quem é esta ignorância? De onde vem? Como pode o resplandecente Ātman⁵, estar coberto por essa ignorância? Então Māyā é mais poderosa do que o Ātman? Vamos verificar estas questões uma por uma. A ignorância, diz o

³ Citada do Soviet Weekly, 1 de Agosto de 1963. Publicada do 3, Rosary Gardens, London, S.W.7.

⁴ Svetasvatopaniṣad, 4.10.

⁵ O Ser Supremo, ou Brahman (nota do tradutor).

Vedantista, é de dois tipos, uma é a primordial Māyā, através da qual Iswara⁶ projeta o mundo; e a outra que controla o jiva⁷ prendendo-o ao mundo. Portanto, existe Māyā em Iswara, que é o Seu próprio poder e ignorância no Jiva. Por isso esta ignorância é do jiva. Chegamos à segunda questão: De onde vem esta ignorância se o Ātman é a consciência auto resplandecente ou Conhecimento Absoluto? A resposta do Vedantista que apela à razão é que esta ignorância não teve um início. Ou como Swamiji diz, 'a Verdade nunca sonha...a ilusão surge da ilusão apenas.' Nenhuma resposta satisfatória pode ser obtida para esta questão enquanto estejamos no plano de Māyā. Isto é verdade não apenas para Māyā, mas para o mundo também, que de acordo com o Vedantista não é nada além de Māyā. Não se sabe de onde veio este universo e em que é suportado. Esta afirmação pode parecer absurda para muitos, pois tanto tem sido descoberto sobre isto pelos cientistas. Mas esquecemos de que a ciência lida apenas com coisas que já surgiram, de objetos percebidos, ou para dizer de modo breve, objetos ao alcance dos sentidos. Eles não podem dizer o que existia antes da criação, talvez bilhões de anos atrás. Além disso, os cientistas não podem pensar em um tempo quando não havia a criação. Ou seja, eles trabalham no tempo, no espaço e em termos de causalidade. Quando puderem ir além destes somente então poderão chegar a conhecer de onde surgiu esta criação. Swami Vivekananda pertinente e categoricamente afirma, 'nenhuma quantidade de conhecimento do mundo externo poderia solucionar este problema (do mistério do universo).' "Mas, diz o cientista, estamos apenas começando a conhecer um pouco. Espere alguns milhares de anos e teremos a solução." "Não, disse o Vedantista, pois ele já provou acima de toda dúvida que a mente é limitada, e não pode ir além de certos limites – além do tempo, espaço e causalidade. Como nenhum homem pode pular para fora de si mesmo, assim também não pode ir além dos limites que foram colocados para ele pelas leis do tempo e espaço. Cada tentativa de solucionar as leis da causalidade, tempo e espaço, seriam fúteis pois a própria tentativa teria que ser feita pressupondo a existência destes três.' Estes modos de pensamento de acordo com tempo, espaço e causalidade é o que o Vedantista chama de Māyā.

Sri Ramakrishna sobre Māyā

Sri Ramakrishna em seu jeito simples e inimitável descreve Māyā como 'luxúria e cobiça'. Veremos como esta declaração se compara com a interpretação tradicional de Māyā e quanto está de acordo com a vida

⁶ O Supremo Senhor do Universo, Deus Pessoal (nota do tradutor).

⁷ Ser Individual, ser humano (nota do tradutor).

prática. O Vedantista diz que Māyā prende o jiva ao mundo e esta é exatamente a ação da luxúria ou paixão – paixão por poder, por gozo e por riqueza. Que isto é verdade tem sido provado várias vezes. Por isso é que todos os mestres da humanidade ensinaram ao verdadeiro aspirante espiritual a renunciar a estes, se querem a libertação desta escravidão. Analise os motivos por trás de qualquer ação de qualquer indivíduo em qualquer parte do mundo. Existe alguém, - exceto é claro aqueles que foram além do apego mundano - cujo motivo não pode ser classificado sob estas divisões? Se conhecermos o motivo de um indivíduo que mata, rouba ou engana, ou uma nação que viola, invade ou destrói seus vizinhos, certamente descobriremos que o motivo está entre uma dessas categorias. A Religião, contudo, não existe para exercitar nosso poder de gozar, mas de vencer o forte desejo de fazê-lo. Esta simples definição de Sri Ramakrishna é muito apta e ao mesmo tempo elimina completamente as teias da confusão que se juntaram ao redor desta palavra Māyā que parece tão simples para ser verdade. Mas como Swamiji afirma, ‘As Verdades da vida são as mais simples’, mas não podemos compreendê-las na primeira vez devido a sua simplicidade. Porém esta definição não contradiz em nada o significado Vedântico⁸ de Māyā, que é o poder de encobrir o Real e apresentar o irreal como o Real. Pois não é a paixão pelo irreal que arrasta ao homem para o redemoinho do mundo? Isto ficará claro se mencionarmos Sri Ramakrishna novamente onde ele diz, ‘Apego a seus parentes é Māyā’. O mundo inteiro sabe quão poderoso é este apego.

Swami Vivekananda sobre Māyā

Swamiji ilustra ainda mais esta mesma ideia de Sri Ramakrishna quando diz, ‘Māyā é uma simples constatação de fatos tais como são - o que somos e o que vemos ao nosso redor’. Ele não apenas comenta enfaticamente e nos pede para acreditar ou deixar o resto para a nossa imaginação. Ele substantia esta declaração com comentários. Ele toma o tremendo fato da morte e comenta: ‘O mundo inteiro segue em direção à morte; tudo morre. Todo nosso progresso, nossas vaidades, nossas reformas, nossos luxos, nossa riqueza, nosso conhecimento, têm aquele único fim - morte. Isto é tudo o que é certo. Cidades vêm e vão, impérios surgem e decaem, planetas se desfazem em pedaços e viram poeira, para serem absorvidos pelas atmosferas de outros planetas. Isto tem acontecido desde um tempo sem início. A morte é o fim de tudo. A morte é o fim da vida, da beleza, da riqueza, do poder, da virtude também. Santos morrem e pecadores morrem, reis morrem e mendigos morrem. Estão todos indo para a morte, e mesmo assim este tremendo apego à vida existe. De

⁸ Relativo à Filosofia Vedanta (nota do tradutor).

alguma maneira, nós não sabemos por que, nos prendemos a vida; não conseguimos abandoná-la. E isto é Māyā'. Adiante ele assinala como 'a menor quantidade de prosperidade material que desfrutamos está em algum lugar causando a mesma quantidade de miséria'.

Swamiji então continua a descrever energicamente o fato do universo: Como, assim como uma gangorra, alternando entre sofrimento e felicidade, encanta ao homem e o mantém em suas garras. 'Isto, ele diz, é Māyā'. Por um pouquinho de felicidade, se sofre uma carga de sofrimento pacientemente. A natureza nos faz trabalhar como um boi preso a um moinho. Com um punhado de feno pendendo a sua frente e amarrado nele o boi fica tentado e se move sem parar, mas nunca atinge o cobiçado alimento. Assim também nós somos usados para arar os campos da natureza e moer neste moinho e ainda assim pensar que venceremos um dia esta natureza. Isto é Māyā.

Outro argumento errôneo ao qual o homem está sempre inclinado é: que ele está progredindo rumo ao bem, e chegará um dia onde haverá só o bem e nenhum mal. Se fosse assim, porque existe um crescente número de cortes de justiça e um crescente número de ações judiciais? Porque existem tantos esquadrões de polícia, tantos esquadrões anticorrupção e polícia de segurança, homens mendigos, etc.? É este o sinal de diminuição do mal? Não há dúvida, o homem da era moderna comparado com o homem da floresta, consideravelmente melhorou em direção ao bem, como também em seu poder para fazer o bem. Mas pelo dito acima também é claro que na mesma proporção o mal também aumentou. Ainda assim não acreditamos nisso e isto é Māyā.

Este mundo é um lugar de contradições. É na melhor das hipóteses o inferno de Tântalo⁹, e ainda assim não o reconhecemos como tal, pois quando o saibamos, desejaremos deixá-lo. Não podemos adicionar uma gota a mais na felicidade do mundo, sem adicionar sofrimento a ele na mesma proporção. Podem perguntar-nos então aqui se é errado fazer o bem. Ninguém dirá isso. Mas devemos nos lembrar de que todo este ato de fazer o bem é para o sua própria elevação. Devemos fazer o bem, pois este é o modo de evitar o mal; apenas não o façamos com a ideia de que seremos capazes de eliminar o sofrimento deste mundo. Pois, como Swami Vivekananda diz, 'É como reumatismo crônico. Elimine-o das pernas e ele irá para a cabeça'. Nós vimos assim, como a ideia de Māyā de Swamiji, longe de ser contraditória à de seu Mestre, explica-a mais completamente e

⁹ Rei mitológico grego, filho de Zeus. Certa vez, ousando testar a onisciência dos deuses, roubou os manjares divinos e serviu-lhes a carne do próprio filho Pélope num festim. Como castigo foi lançado ao Tártaro, onde, num vale abundante em vegetação e água, foi sentenciado a não poder saciar sua fome e sede, visto que, ao aproximar-se da água esta escoava e ao erguer-se para colher os frutos das árvores, os ramos moviam-se para longe de seu alcance sob a força do vento. A expressão suplício de Tântalo refere-se ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável, a exemplo do ditado popular "Tão perto e, ainda assim, tão longe". (Fonte Wikipedia – nota do tradutor).

por isso em nada está em desacordo com o significado tradicional. Ele apenas eliminou o labirinto sobre este assunto e colocou-o em uma linguagem simples para que mesmo um homem comum, não acostumado com a tradição, possa também compreender e assimilar.

Māyā é Eterna?

Quando o Vedantista diz que Māyā não tem início, significa então, como consequência natural, que não tem um fim? Vedanta não deixa dúvidas sobre isto. Vedanta diz: 'Não, Māyā pode terminar.' Esta posição da Vedanta será clara quando discutirmos a natureza de Māyā. Por agora aceitaremos isso com uma hipótese. Se esta declaração da Vedanta for aceita, então a liberação, que é a meta da vida humana torna-se um fato assegurado. Māyā cessa de ter influência sobre o indivíduo quando ele vê a si mesmo em sua forma verdadeira, que é Sat-Cit-Ananda¹⁰. E este "ver" é a liberação de acordo com qualquer conceito conhecido, apenas um pouco modificado aqui ou ali em conformidade com os temperamentos individuais. E se mantivermos que Māyā sendo sem um início deve também ser interminável? Então não haveria a questão do esforço para a liberação, neste caso a alma individual não poderia ir além de Māyā, que é o critério da liberação.

Como Māyā ou Ignorância cobre o Auto Resplandecente Ātman?

Isto nos leva à terceira questão: Se está dito que o Ātman é o Conhecimento Absoluto, como pode a ignorância obscurecê-lo? Responderemos isto com um exemplo familiar. Considere o sol, que é um corpo luminoso. Ele é obscurecido pela presença de nuvens na atmosfera e de acordo com a densidade das nuvens, o sol é parcialmente visto ou não percebido totalmente. Pode ser que não sejamos capazes de vê-lo por vários dias. Como consideramos isso? As nuvens não são tão vastas como o sol, no entanto elas o cobrem em uma área particular. Pode ser objetado aqui que a comparação é incorreta, pois o sol está muito longe enquanto que as nuvens estão muito próximas comparadas com a distância do sol, o que não é o caso com o Ātman. O Ātman é nosso próprio Ser. Sim, diz o Vedantista, apesar de ele (o Ser) estar muito próximo, parece muito longe estando manchado pelas nuvens do apego às coisas, como o corpo, e outras além do Ātman. Por isso os Upanishads dizem, 'Ele está longe e (ao mesmo tempo) é o mais íntimo; está dentro de tudo e (ao mesmo tempo)

¹⁰ Existência – Consciência - Bem-aventurança Absoluta (nota do tradutor).

fora de tudo.¹¹ Portanto não é uma fantasia, um argumento infundado ou um argumento sem paralelos dizer que a ignorância cobre o Auto Resplandecente Ser. Agora, quando as respostas acima forem completamente compreendidas, será fácil saber o que esperar para a quarta questão. Se Māyā ou ignorância pode terminar, como pode ser mais poderosa do que o Ātman? Nós nos deixamos manchar e estamos chorando, ou como Swamiji diz, 'Nós colocamos nossas mãos diante de nossos olhos e choramos dizendo que está escuro. Retire as mãos e haverá luz; a luz existe sempre para nós, a auto resplandecente natureza da alma humana'.

Māyā como Nome e Forma

Falamos de Māyā como ignorância. O que significa isto é explicado por uma passagem dos Upanishads. 'Todas as formas e nomes são apenas um jogo de palavras, o barro (a substância [que forma a cerâmica]) apenas é real'¹². Nossa ignorância é sobre esta substância. Consideramos o nome e a forma como sendo reais. E isto é o que nos ilude. O Upanishad nos dá três exemplos: do barro, do ouro e do ferro. O Upanishad diz que quaisquer que sejam as formas em que uma substância se transforme e por quaisquer nomes que seja chamada, não têm existência separada da substância. Potes, panelas e vasilhas que são feitas de barro não podem ter existência exceto no e através do barro, a substância. Os colares, anéis e pulseiras de ouro não podem ter existência separada do ouro. 'Jamais podemos ver nome, forma ou causas existirem por si mesmos. Este fenômeno é Māyā', diz Swamiji. Assim como isto é assim no mundo da matéria, também é com o universo - seja homem, animal, sol, lua ou estrelas, tudo é nome e forma enquanto que a verdadeira substância é apenas Uma. Quando os nomes e formas são destruídos o que permanece é apenas aquele Eterno Espírito, Ātman, Brahman. Este nome e forma traz a dualidade e assim cria a ilusão. É a ignorância da substância, da qual o universo é apenas uma visão distorcida, que traz toda a ilusão. Agora a questão é como o Espírito Infinito torna-se finito. Nós tratamos dessa questão antes em um contexto diferente, mas merece repetição aqui. Vedanta diz que esta dualidade é apenas uma aparência, em realidade é Não-Dual¹³. Quando olhamos através de Māyā, através do tempo, espaço e causalidade, o infinito parece ter se tornado finito. E enquanto se permanece neste campo do tempo e espaço não se pode deixar de ver os muitos e iludir-se. Esta é uma constatação de um fato e vemos como é bela

¹¹ Isa Up. 5.

¹² Chandogya, 6.1.4.

¹³ Mandukyakarika, 1.17.

e adequada a definição de Swamiji sobre Māyā, como uma constatação de fatos, tais como são.

Mas para todos os propósitos práticos vemos a natureza agindo. Ela produz o dia e a noite, a folhagem e o deserto, as perturbações na mente do homem e as convulsões nas galáxias. Esta é uma força tremenda e sentimos o impacto dela em todos os dias de nossa vida. Ainda assim, diz o Vedantista, o caminho para a liberação, liberdade, não é com a natureza, mas contra ela. Swamiji observa: ‘Nós não nascemos como ajudantes da natureza, mas para competir com a natureza. Nós somos seus mestres, mas nós mesmos nos amarramos. Por que esta casa está aqui? A natureza não a construiu. A natureza diz, ‘vá e viva na floresta’. O homem diz, ‘eu construirei uma casa e lutarei contra a natureza’ e assim ele faz. Toda a história da humanidade é uma luta contínua contra as assim chamadas leis da natureza e o homem ganha ao final’. Isto é assim mesmo no mundo interno. ‘O homem, continua Swamiji, abre seu caminho para fora da natureza em direção à liberdade’. Esta natureza, que é uma constatação de fatos, tem sido descrita na Vedanta como Māyā. Agora vemos que importa pouco por qual nome é chamada, ignorância, natureza ou Māyā, o poder é o mesmo. Estamos nela; não sabemos como chegamos a ela, mas vivemos nela. Todo nosso pensamento e ações estão em Māyā.

Natureza de Māyā

Qual a natureza desta Māyā que é uma força tão poderosa? E qual é o modo de sair dela? Māyā, também chamada de *avyakta* é o poder do Senhor. É sem início; é constituída dos três *gunas* – *sattva*, *rajas* e *tamas*, e é superior aos efeitos. Pode ser deduzida somente pelos sábios pelo efeito que produz. E é esta Māyā que projeta o mundo, diz Sri Sankara em seu *Vivekachudamani*¹⁴. Continuando ele descreve a sua natureza assim: ‘Não é existente e também não é inexistente; nem tem a característica de ambas¹⁵’. Não é existente, pois pode ser destruída pelo Conhecimento de Brahman, da mesma forma que a corda confundida por uma cobra vista no escuro não é mais existente quando a luz brilha sobre ela e a corda torna-se conhecida. Não é inexistente, pois projeta todas as diferenças e pode ser deduzida pelos efeitos que produz. Não pode ser de ambas as características, pois tal coisa é uma incongruência. Pelo jogo de seus *gunas* Māyā lança um véu, por assim dizer, sobre a Real substância e aparentemente a distorce para parecer como coisas divergentes. Há uma bela parábola de Sri Ramakrishna que explica a natureza de Māyā: “Um dia um sacerdote estava indo ao vilarejo onde morava seu discípulo. Ele

¹⁴ Verso 108.

¹⁵ Verso 109.

não tinha nenhum servente com ele. Vendo a um sapateiro no caminho, ele pediu que o acompanhasse. O sapateiro hesitou pensando que não ficaria bem para ele, mas o sacerdote assegurou que ninguém saberia sobre sua identidade se ficasse em silêncio. O sapateiro concordou. Ao anoitecer, enquanto o sacerdote estava sentado fazendo suas orações na casa do discípulo, outro brahmana¹⁶ chegou e perguntou ao servente do sacerdote para trazer seus sapatos. Fiel ao comando de seu mestre, não respondeu apesar dos pedidos repetidos. No fim, ficando zangado, o brahmana disse com raiva: 'Tonto, por que não fala? Você é um sapateiro?' O sapateiro ouvindo isso começou a tremer de medo e olhando para o sacerdote disse: 'Venerável senhor, fui descoberto. Não ficarei aqui mais.' Assim dizendo saiu correndo do lugar. Da mesma forma, assim que Mâyā é reconhecida, desaparece".

Mâyā é poderosa, sem dúvida, mas pode ser superada, diz o Vedantista, por aqueles que recorrem à Brahman. Sri Krishna disse no Gitā, 'Esta Minha divina Mâyā constituída pelos gunas é muito difícil de transcender. Apenas aqueles que se refugiam em Mim podem fazê-lo'¹⁷. Cristo também disse o mesmo, 'Venham a Mim, vocês que estão sobrecarregados e Eu lhes darei descanso'. Mâyā, portanto, pode ser transcendida apenas realizando o Senhor, ou Brahman, a verdadeira Realidade. Até então o que quer que façamos ou pensemos estaremos ainda em Mâyā e simplesmente negá-la não nos ajudará.

• • •

Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

¹⁶ Pertencente à casta sacerdotal (nota do tradutor).

¹⁷ Bhagavad Gita, 7.14.

DEVOÇÃO: SECUNDÁRIA E SUPREMA

Swami Paratparananda¹

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari em Inglês – Setembro de 1964

A mente dos Indianos é muito analítica e não se detêm por nada até que chegue ao máximo que poderia ser atingido, especialmente é assim no campo da religião. Swami Vivekananda, referindo-se a esta característica do Hindu disse, 'Uma peculiaridade da mente Hindu é que sempre investiga sobre a última possível generalização'. Em outra ocasião ele afirmou, 'Este poder analítico e ousadia de visões poéticas que a impelem a avançar são as duas causas internas na constituição da raça Hindu'. Dotados com esta mente, como os Hindus foram, eles criticamente avaliaram cada fase do progresso humano na vida espiritual. Para eles, portanto, a devoção não era algo único. Era estupidez, pensaram, comparar alguém que tenha atingido o mais elevado da devoção com uma pessoa que tinha começado a trilhar o caminho; um é como o homem maduro e o outro como um bebê com fraldas. Eles viram que vasta diferença havia na devoção dos dois tipos rumo a Divindade. Portanto classificaram a devoção ou Bhakti como *parā* (Suprema) e *gauni* (secundária).

Por que esta diferença mesmo na vida espiritual é uma questão simples. Pois não é como uma diferença que é feita no campo social ou político, seja de acordo com o estágio na vida no qual a pessoa está ou com o partido que pertença. É uma diferença na transformação do ser interno. E temos que lembrar que esta diferença não é imposta pela pessoa que atingiu *parā Bhakti* sobre aquele que está apenas começando sua vida espiritual, que é alguém que está ainda lutando para alcançar a Deus; mas uma distinção que deve ser feita por aqueles que anseiam progredir na vida espiritual. Para eles o homem inferior não pode ser o ideal. Ideais devem ser sempre elevados, de outra forma não podem ser ideais, mas apenas ideias. O que Swami Vivekananda disse com relação aos ideais pode ser lembrado proveitosamente aqui. 'Sem a luta em direção ao Infinito, não pode haver ideal'. E também, 'Se não pudermos seguir o ideal, confessemos nossa fraqueza, mas não vamos degradá-lo,

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

não tentemos rebaixá-lo'. Temos que abordar todos os problemas da vida espiritual tendo isto em mente para não sermos confundidos pelo nosso raciocínio ilógico e sem fundamento.

O QUE É GAUNI BHAKTI?

Gauni Bhakti é devoção preparatória, um estágio na evolução para *parā Bhakti*. É um útil processo pelo qual eleva e direciona a capacidade do amor para Deus. 'É de três tipos, de acordo com as qualidades da mente da pessoa na qual se manifesta; pode ser classificado como *sāttvika*, *rajāsika* e *tamāsika*, ou pode ser dividido como *Arta*, e outros".² Esta é uma divisão de acordo com a tradição Hindu, de permitir a todas as pessoas crescerem de sua própria maneira, conforme sua evolução mental e constituição. O Hinduísmo sente que prescrever um modo uniforme de adoração a Deus para todos, é cegar-se para os fatos da vida e deter, restringir ou distorcer o crescimento do indivíduo.

Neste estágio preparatório o homem tem a ajuda de símbolos, utiliza rituais e coisas semelhantes para adorar a Deus. Repete o nome de Deus certo número de vezes diariamente, canta hinos a Ele, etc. Além disso, de acordo com as qualidades da mente do indivíduo ele pode executar estas coisas de uma maneira ostentosa ou sem qualquer demonstração externa. Sri Ramakrishna em seu modo inimitável dá a descrição destes tipos de devotos assim: 'Bhakti, devoção, tem seu *sattva*. Um devoto que a possui medita em Deus em absoluto segredo, talvez dentro de seu mosquito. Os outros pensam que ele está dormindo. Como demora em se levantar, pensam que talvez não tenham dormido bem durante a noite. Seu amor pelo corpo serve apenas para apaziguar sua fome, e isto apenas com arroz e legumes simples. Não existe nenhum arranjo elaborado para suas refeições, nenhum luxo nas roupas, nenhuma demonstração do mobiliário. Além disso, tal devoto nunca adula ninguém por dinheiro'.

'Um aspirante com *Bhakti rajāsika* põe um *tilak*³ na sua testa e um rosário de sementes sagradas de *rudraksha*, intercaladas com algumas contas de ouro, ao redor de seu pescoço. Em sua adoração usa roupas de seda'.

'Um homem possuidor de *Bhakti tamāsika* tem fé ardente. Tal devoto literalmente arranca a força dons de Deus, como um assaltante cai sobre um homem e lhe toma o dinheiro. "Arrancar! Bater! Matar!" - este é seu caminho, o caminho dos assaltantes'.

Além disso, o *Bhagavad Gita* fala de quatro tipos de pessoas que

² Narada Bhakti Sutras, 56.

³ Marca desenhada indicativa de sua condição religiosa (nota do tradutor).

adoram a Deus. Um é aquele que age movido por um sentimento de sofrimento, outro que deseja conhecer o caminho correto, outro que age movido pelo desejo de adquirir algum ganho e por fim o *Jñani*, o verdadeiro conhecedor de Deus⁴. Mas este último não está na categoria das pessoas que têm devoção *gauni*. Ele é de outra classe, aqueles possuidores de *Mukhya-bhakti*. Seu amor por Deus é apenas por Ele mesmo.

Mas temos que tomar nota de que aquele homem deve tentar elevar-se do tipo inferior para o tipo superior de devoção. A *Bhakti tamásika*, por exemplo, normalmente é utilizada para conseguir alguns poderes ocultos para fazer o mal ou ganhar algo que ocasionará grande dano a outros. Nesta condição *tamásika* o homem não compreende o que é bom e o que é mal para ele mesmo; age movido por sua própria inércia, indolência e indulgência. Todavia, a devoção e a oração com anelo pode levá-lo para o caminho correto e salvá-lo de muito desperdício de precioso trabalho e tempo. Seus maus desejos ficariam reduzidos sob o efeito da oração com anelo e ao final poderiam deixá-lo. Ele pode gradualmente evoluir para o tipo *sátvika*. Assim também com aquele do tipo *rajásika*.

Assim sendo, *sátvika Bhakti* está mais próxima da devoção imaculada, *Mukhya-bhakti*, do que as outras. Após um pouco de prática as primeiras enveredam para a última [*sátvika Bhakti*]. Pois como o *Bhagavata* diz, 'Uma pessoa que está devotada à inação, as executa por causa do Supremo; ou executa qualquer sacrifício apenas por causa do sacrifício (sem qualquer motivo), mesmo ainda não tendo ido além da ideia de diferença é do tipo *sátvika*⁵'. Esta pequena distinção é que a separa do Senhor e é o por isso deve persistir em sua devoção.

COMO RECONHECER ESTE TIPO DE BHAKTI

Nárada diz que esta devoção⁶ é mais facilmente alcançável e reconhecível do que a suprema *Bhakti*⁷, apesar de que a exata natureza da devoção requer precisa análise, definição e descrição. No homem este sentimento de amor está presente como um elemento natural. Não há ninguém tão sem sentimentos que não tenha experimentado amor por algo ou alguém, em alguma época. Este sentimento intrínseco, quando purificado e dirigido a Deus com mais força é chamado *Bhakti*. Por isso se diz que esta devoção é considerada como não muito difícil de adquirir ou

⁴ Bhagavad Gita, IV,16.

⁵ III, 29,10.

⁶ Gauni *Bhakti*, ou devoção secundária (nota do tradutor).

⁷ Narada *Bhakti Sutr*, 58.

reconhecer. Mais provas da posse deste fenômeno de Bhakti é que a paz, que vai além de toda compreensão, estabelece-se em tal pessoa. Ela torna-se calma, não por um tempo apenas, mas o tempo todo. Esta experiência de paz interna forma a firme base de todo edifício espiritual. Atingindo-a se é capaz de compreender argumentos contra a vida divina como mera conversa infantil.

Mesmo assim, deveria haver uma dúvida de como um devoto que é muito ansioso e sempre parece estar preocupado em servir o mundo pode estar em paz, deve ser compreendido que o devoto não considera ao mundo como algo que precisa de sua ajuda, mas como a manifestação do Senhor, seu Deus. Ele compreende que, como uma criatura insignificante, pode ajudar muito pouco ao mundo e que o Senhor que é onipotente e onisciente não necessita de ajuda dos devotos para trazer bem ao mundo. Assim, apesar de engajado em serviço a mente do devoto não é perturbada.

É apenas este tipo de pessoas que são uma força potente na regeneração do mundo. Pela preocupação e ansiedade, muito da energia do homem é desperdiçada, enquanto que aqueles cuja mente é tranquilizada podem trabalhar melhor e efetivamente. Por todas estas características distintas manifestas em uma pessoa pode-se compreender que a devoção está amanhecendo em seu coração.

DE QUE MODO PODEMOS NOS APROXIMAR DO SENHOR?

Como já colocado, o amor não é um elemento estranho que deve ser introduzido na natureza humana. É inerente nela. Na humanidade em geral, contudo, este amor flui em direção a pessoas intimamente relacionadas, tais como pai, mãe, esposa, esposo, filho, amigo ou mestre. Agora, quando este amor é dirigido para Deus, pode não ser muito diferente deste amor natural, somente a direção, este fluxo deve ser alterado. Uma vez uma velha senhora reclamou a Sri Ramakrishna que apesar de que estava ansiosa em fazer suas práticas espirituais, seu amor por seu neto a impedia de fazê-las. Sri Ramakrishna sugeriu um remédio simples. Pediu a ela para considerar aquela criança como o próprio Senhor e pensar que estava servindo a Ele enquanto cuidava da criança.

A declaração de que por qualquer tipo de Bhakti mencionado acima se pode não apenas aproximar-se de Deus, mas realizá-Lo, é amplamente suportado pelas escrituras e provado pelas experiências de santos e sábios. Sri Krishna diz no Gita, 'Qualquer um que se aproxime de Mim, de qualquer maneira, ainda assim Eu o aceito. Por todos os

caminhos, ó Partha⁸, os homem caminham pelo Meu caminho⁹. Lemos que nos tempos antigos as Gopis, as pastoras de Vrindavan, e Yasoda, a mãe adotiva de Sri Krishna, O consideravam e O amavam de diferentes maneiras, sabendo no fundo de seus corações, que Ele era o próprio Senhor encarnado. Na era medieval, Meera, a princesa de Rajaput e Andal, a Brahmin do sul da Índia, consideraram a Deus como seu consorte e o realizaram. Assim também o fez Santa Tereza, São João da Cruz e outros que seguiram diferentes caminhos para atingir a mesma meta. Outros santos de outras épocas também buscaram e realizaram a Ele de vários modos. Quase em nossa própria época uma das discípulas de Sri Ramakrishna que era uma criança quando ficou viúva, e que estava bem velha quando entrou em contato com o Mestre, meditou em Deus toda sua vida como seu querido filho, como o menino Krishna. Com suas práticas ela teve a visão de seu Ideal escolhido. Foi um fenômeno maravilhoso. Por vários meses com seus olhos abertos, seu Gopala¹⁰. Ela O alimentava, O colocava na cama, e Ele brincava com ela, pegava seu rosário e a importunava de inumeráveis maneiras. E isso aconteceu não nos tempos mitológicos, nem nas eras *purânicas*, mas ao final do século passado e começo deste século¹¹. Algumas das discípulas ocidentais de Swami Vivekananda como Sister Nivedita se encontraram com ela e ficaram encantadas com esta simples e iletrada senhora de um vilarejo, que tinha atingido o auge de Bhakti por puro anelo e fé. Sri Ramakrishna mesmo realizou a Deus através de todos estes modos de abordagem, que na literatura Vaishnava são chamados de *santa*, *dasya*, *sakhya*, *vatsalya* e *madhura* e até mais do que estes.

PARĀ BHAKTI

Chegamos agora a Suprema Devoção. É a devoção pura, imaculada por qualquer desejo, sem as manchas de qualquer motivo. É o amor por causa apenas do amor, por causa de Deus que é todo amor. Esta devoção é uni-dirigida. Tais devotos não querem nada mais no mundo exceto a Deus. Suas vidas são para o benefício da humanidade. Aquele que atingiu tal estado de devoção é chamado um *Bhagavata* e um Santo¹². Estão repletos por Deus e podem executar adoração ritualística ou não. 'Ao escutar sobre Mim apenas uma vez, suas mentes se absorvem em Mim, que sou o espírito presente em tudo, como o Ganges que mergulha no oceano. Este é o sinal de Bhakti que vai além dos gunas',¹³diz o

⁸ Seu discípulo, Arjuna (nota do tradutor).

⁹ Bhagavad Gita, IV, 11.

¹⁰ Um dos nomes de Sri Krishna pelo qual também era chamado (nota do tradutor).

¹¹ Este texto foi escrito no ano de 1964 (nota do tradutor).

¹² Bharadvaja Samhita.

¹³ Bhagavata III, 29, 11.

Bhagavata. Novamente ele diz, 'Isto é chamado de cume de Bhakti pelo qual se transcende os três *gunas* e torna-se digno de atingir Meu Ser'.¹⁴Swami Vivekananda, falando sobre este supremo Bhakti declara, 'Quando a alma adquire com sucesso a bem-aventurança deste supremo amor, ela também começa a vê-Lo em tudo. Nosso coração então se tornará uma fonte eterna de amor e quando atingirmos estados ainda superiores deste amor, todas as pequenas diferenças entre as coisas do mundo são completamente perdidas; o homem não é mais visto como homem, mas apenas como Deus... Assim neste estado de Bhakti, adoração é oferecida a todos, a cada vida e a cada ser'. No *Bhagavata* ocorre uma passagem que fala em uma linguagem idêntica: 'Não encontro ninguém superior a aquele em que todas as ações são dedicadas a Mim e cujo corpo, mente e alma estão entregues a Mim; pois tal pessoa atingiu o estado da equanimidade (*samadarsanat*). Ele reverencia mentalmente a todos os seres e respeita e os adora sabendo que o Senhor mesmo entrou nestes seres na forma de *Jiva*'¹⁵

Com este intenso Bhakti o ego do devoto se dissolve. Aceita qualquer coisa que chega a ele, boa ou má aos olhos do mundo, com uma mente equânime. 'Ele cessa de distinguir entre prazer e dor em relação ao seu efeito sobre ele. Ele não sabe o que existe para reclamar da dor e sofrimento e este tipo de paciente resignação à vontade de Deus, que é todo amor, é realmente uma aquisição mais valiosa do que toda a glória de grandes e heroicas ações', são algumas das declarações de Swami Vivekananda, sobre quem Sri Ramakrishna disse, 'Ele é todo Bhakti em seu interior e jñana exteriormente'. Finalmente concluiremos com o que Sri Ramakrishna disse sobre este divino amor: 'Atingindo este amor (que transcende os três *gunas*) o devoto vê tudo repleto de Espírito e Consciência. Para ele, "Krishna é Consciência, e sua Sagrada Morada também é Consciência. Tudo é Consciência". Muito poucas pessoas atingem tal amor. Um devoto assim torna-se como uma criança de cinco anos, que não está sob o controle dos *gunas*'.



Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

¹⁴ Ibid., III, 29, 14.

¹⁵ Ibid., III, 29, 32 & 34.

O NOME DIVINO

Swami Paratparananda¹

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari em Inglês – Janeiro de 1965

Invocar a Deus pelo Seu santo nome é tão antigo quanto a própria religião. No Rig Veda, Agni, a divindade que preside o fogo é invocada profusamente através de hinos. Pois era Agni que deveria levar as oferendas oferecidas ao fogo mortal às divindades superiores. Indra, Varuna e outros são nomes com que nos deparamos ali. Mas Indra do Rig Veda não é a mesma divindade dos Puranas. Indra era considerado como a suprema divindade, tendo soberania sobre todos os mundos. Por causa disso todos os nomes, diz o Rig Veda, são do único e mesmo Deus. Aqueles não são vários deuses, mas o mesmo Deus chamado de diversas formas por diferentes sábios².

‘Nome e forma’ constituem todos os fenômenos do universo. Não se pode pensar em uma forma sem se referir ao seu nome. E de modo contrário, quando se pensa no nome, a forma espontaneamente também vem à mente. Assim, enquanto o homem for consciente destas diferenças de ‘eu’ e ‘você’, mundo e seus objetos, deve recorrer à nomes e formas de Deus também. E devemos lembrar que são muito poucas as pessoas que são capazes de ir além da ideia dos fenômenos. Podem ser capazes de dar esplêndidos discursos sobre Advaita, mas apenas aqueles que atingiram o estado do *nirvikalpa samādhi* podem atuar sem ‘nomes e formas’. Mas seria um absurdo se todos que têm um conhecimento limitado das escrituras pensarem de si mesmos como competentes para trilhar tal caminho.

Portanto, repetir o Nome Divino é um método sadio pelo qual os aspirantes espirituais podem transformar seu ser psicológico de forma benéfica. O homem, pelo princípio da associação de ideias, conecta sua vida e ações. Se por este princípio o homem conectar seu fluxo de pensamentos à Deus e Seus benditos atributos, seria mais fácil se aproximar Dele. Todos os dias, todos os minutos de seu estado de vigília, este homem está engajado nesta busca, mesmo nos sonhos este princípio age. Portanto o que se requer é apenas uma mudança do centro de atração – do mundo para Deus.

Uma posição muito elevada foi dada pelos sábios da antiguidade

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

² R.V., II.iii.22.

ao Nome Divino. Nárada, Vyasa, Shuka, Shandilya, além dos sábios mencionados nos Vedas, são alguns daqueles que deram grande importância à repetição do nome do Senhor. Não é apenas o Hinduísmo que prescreve o nome de Deus como um meio para a realização. O Cristianismo, o Islamismo e outras fés também têm a mesma consideração por ele.

A TRADIÇÃO

Repetir o Nome Divino como um meio para a Realização de Deus é um método muito antigo. Se verificarmos a história religiosa da Índia, ou para este assunto a de qualquer país, encontraremos que este processo é tradicionalmente respeitado e é muito efetivo também. Apenas repetindo o Nome do Senhor as pessoas atingiram ao Supremo. E nossos sábios declararam isto em termos inequívocos com toda firmeza e certeza de suas posições. Tem sido uma prática bem estabelecida e utilizada. Por eras as pessoas têm colocado sua fé nestas palavras dos sábios e conservaram o Nome Divino em seus corações.

Particularmente na Índia, o Nome Divino é repetido ou invocado com toda a solenidade antes de iniciar-se qualquer empreendimento grande ou pequeno, auspicioso ou não. Protegidos pelo Nome, as pessoas sentem segurança em seus esforços. Pessoas se acostumaram tanto e se habituaram a repetir o Nome que mesmo inconscientemente não dão um passo sem pronunciá-lo.

É uma grande fonte de poder, armado com o qual um homem de fé desafia o mundo a causar a ele qualquer mal; mais ainda, desafia até a morte com voz provocativa, 'Ó Morte, onde está teu golpe?'

Canta Ramaprasad, um poeta místico de Bengala, louvando a eficácia do Nome:

*Eu entreguei minha alma aos destemidos pés da Mãe;
Terei medo da Morte ainda?
Ao tufo de cabelo em minha cabeça
Está atado o todo-poderoso Mantra, o Nome da Mãe Kali.
Meu corpo eu vendi no mercado do mundo
E com ele comprei o nome de Sri Durga.
Bem no fundo de meu coração eu plantei o nome de Kali,
A árvore celestial que cumpre todos os desejos;
Quando Yama, o Rei da Morte aparecer,
A ele abrirei meu coração e mostrarei o nome crescendo lá.
De mim eu expulsei meus seis incansáveis inimigos;
Pronto estou para velejar o mar da vida,*

*Gritando, Glória a Durga!*³

O conhecimento religioso da Índia está repleto com canções que descrevem vividamente as glórias do nome de Deus. Um grande número de santos e sábios de todas as partes da Índia podem ser citados em suporte disto. Uma parábola é contada sobre um corvo que preferiu morrer de sede ao invés de perder seu tempo, pois o estava utilizando na repetição do nome de Rama.

A literatura religiosa da Índia está repleta com os nomes de Deus. Existem os *astottaras* e os *sahasranāmas* (os cento e oito nomes de Deus e os mil nomes de Deus), para lembrar aos aspirantes sobre as façanhas daquela forma ou aspecto particular ou Encarnação da Divindade. Existem pessoas que não podem viver ou respirar sem repetir o nome de Deus, sem provar de sua Divina bem-aventurança. Para aqueles que creem e são fiéis sua única ambição na vida é deixarem este mundo com o nome do Senhor em seus lábios. Para isso, se retiram de todas as amarras e preocupações deste mundo e vivem em lugares sagrados como Varanasi durante a parte final de suas vidas.

O nome de Deus é muito eficaz de muitas maneiras. No *Bhāgavata* lemos o episódio de Ajāmila: Ele era um Brahmana por nascimento, mas após viver por longo tempo o modo de vida requerido de acordo com sua posição na vida, seguiu por um mau caminho enfeitado pela luxúria. Naquela condição, ele ficou muito doente. Perdeu a esperança de que viveria. Ele viu os mensageiros da Morte se aproximando. Em sua angústia ele chamou pelo seu mais querido filho que afortunadamente tinha o nome do Senhor, Narayana. Então, apesar de que o nome do Senhor neste caso tinha sido repetido sem o seu verdadeiro sentido [pois significava o seu filho], trouxe a cena os mensageiros de Vishnu⁴ que disputaram com os mensageiros da Morte levar a alma de Ajāmila, pois ele tinha se tornado puro pela repetição do santo nome de Deus. Ajāmila foi poupado desta vez e foi dada a ele uma oportunidade de reformar seu modo de vida e alcançar a morada do Senhor. O homem se livra das amarras do nascimento e morte se recordar ao Senhor no momento de sua morte – é uma garantia dada por Sri Krishna.

O nome do Senhor nunca é em vão. Ele sempre dá seu benigno resultado. É como a pedra filosofal que converte todos os metais inferiores em ouro. É também como a varinha mágica de um mago que executa milagres inacreditáveis. A única diferença é que este último só tem a duração de uns momentos e no caso do nome do Senhor, este deixa uma impressão permanente no devoto. Transforma a vida de um homem para sempre.

³ The Gospel of Sri Ramakrishna, p.245; Sri Ramakrishna Math, Madras-4.

⁴ O Supremo Senhor do Universo ou Narayana (nota do tradutor).

O homem busca refúgio no nome de Deus também quando é confrontado com situações difíceis ou envolvido em crises. Existem inumeráveis histórias para ilustrar este fato. Quando Draupadi estava sendo insultada e humilhada na corte dos Kauravas, foi o nome de Krishna que salvou sua honra. Quando exigiram de Radha, a pastora de Vrindavana, como um teste de sua castidade, que trouxesse água em um jarro com muitos orifícios, foi com o nome do Senhor que terminou esta severa provação de forma mais gloriosa do que nunca. O grande herói do *Rāmāyana*, a quem Tulsidas⁵ chama de “a joia na grande guirlanda do *Rāmāyana*”, Hanuman, cruzou o oceano até Lanka apenas repetindo o nome de Rama. Estas não são histórias fictícias, senão explicações para ilustrar os princípios.

Há uma bela história contada para enfatizar a identidade e a não diferenciação do Senhor e Seu nome. Sri Krishna uma vez estava sendo pesado em joias e ornamentos. Mesmo quando todo o ouro e joias de seu palácio foram colocados no outro prato, o prato da balança onde estava Krishna não se movia. Então Rukmini, a divina consorte de Sri Krishna, colocou no lugar do ouro e joias do outro prato apenas uma folha de *tulsi* com o nome de Sri Krishna escrita nela. E eis que o prato da balança com Sri Krishna subiu e se equilibrou com o prato com a folha de *tulsi* com Seu próprio nome. Tal é realmente a potência do nome do Senhor. Ele se compara apenas com o Senhor, nada mais pode se comparar com ele.

AS INDICAÇÕES DAS ESCRITURAS

Encontramos referências sobre a eficácia do Nome no Rig, Yajur e Sama Vedas, que provam que não é um posterior desenvolvimento na religião. Um *Mantra* diz: ‘Ó Glorioso, onipresente Senhor, não usamos postes de sacrifício, não destruímos a nenhuma vítima, apenas Te adoramos pela mera repetição de Teu nome.’⁶ Os Upanisads menores, o *Rāmāyana*, o *Gita* e o *Mahābhārata*, o *Bhāgavata* e outros Purānas transbordam com hinos e conselhos que indicam aos devotos esta prática de repetir o nome do Senhor. O *Yogaśikhopanisad* define um *mantra* como uma ‘fórmula sagrada’, ‘devido à extensão para reflexão, devido ao seu poder salvador, pois revela a natureza do Senhor e também porque forma a morada do Senhor’, e assim ajuda na Sua realização. ‘Rama estabeleceu por sua conduta e vida o caminho da retidão e o caminho do conhecimento por Seu nome’, diz o *Rāmapūroatāpani Upanisad*⁷. O *Mahābhārata* declara, ‘O aspirante que sempre repete o nome do Senhor, pensa em seu significado e observa os votos de Brahmacharya alcança o

⁵ Um grande devoto de Sri Rama, autor do Sri Ramacharitamansa (nota do tradutor).

⁶ Sama Veda II.2-9-2.

⁷ I.4.

Supremo'. Sri Krishna diz no contexto de seus *vibhūtis*, 'Entre os yajñas, Eu sou o *japa* yajña⁸'. Assim descobrimos que recorrer ao Nome como um dos métodos para a realização de Deus tem sido conhecido desde tempo imemorial.

DE QUE MODO O NOME PODE SER INVOCADO

São muitas as formas bem conhecidas de invocar o nome do Senhor. *Mantra Japa*, ou repetição da fórmula sagrada dada por um Guru competente é a mais auspiciosa e benéfica. Em seguida pode ser citado cantar hinos e canções em louvor do Senhor ou descrevendo Suas façanhas. *Sankirtana*, cantar em coro os nomes do Senhor é também outro método. A adoração formal oferecendo os cinco, dez ou dezesseis artigos ou até a adoração mental (*manasa pūja*) é outro. Aqui podemos lembrar a nós mesmos que a adoração quando feita conscientemente, pensando no significado de todos os mudras e rituais, que para uma pessoa leiga e não iniciada parece sem significado, pode abrir os portas da devoção e conhecimento.

EXEMPLOS E PRECEITOS DAS ENCARNAÇÕES

O mundo tem diante de si os exemplos dos Avataras⁹, seus apóstolos, sábios e santos para demonstrar o que o Nome Divino pode fazer. Sri Chaitanya, uma pessoa de grande lógica em seu tempo até o dia de sua iniciação no nome de Deus, se transformou na primeira menção do Nome pelo Guru. Todas as águas da devoção guardadas internamente fluíram desde então como uma corrente em uma montanha carregando tudo o que a impede ou resiste seu caminho. As súplicas de seus pupilos em sua vida de erudito e professor, de sua mãe em sua vida de família, foram carregadas nesta corrente. A atração de Deus era irresistível para ele; por sua vez a atração por ele também se tornou irresistível para muitos.

Sri Ramakrishna invadiu a cidadela de Deus com nada além do nome da Mãe Kali. Pode-se dizer que todas suas outras *sādhanas*¹⁰ vieram após a primeira visão da Mãe. A Divina Mãe não pode se manter afastada do chamado fervoroso de Seu querido filho. Ele quase forçou a Ela que estivesse em sua presença. Sabemos que Sri Ramakrishna [quando deixou seu corpo], respirou pela última vez repetindo o nome de Kali e entrou em *mahasamādhi*. Na vida da Santa Mãe lemos quão incessantemente ela repetia o Nome, a despeito de seus variados deveres caseiros e pesadas

⁸ Gita 10.25.

⁹ Encarnações de Deus (nota do tradutor).

¹⁰ Práticas Espirituais (nota do tradutor).

responsabilidades de seu ministério espiritual. Ela decidiu fazer uma enorme quantidade de seu *Japa*, mas o fez regularmente até os últimos dias de sua vida. Seu dia começava às três horas da madrugada e recolhia-se para o repouso às onze horas da noite, e mesmo assim a repetição do nome de Deus continuava sem impedimentos.

Nos discípulos das Encarnações também encontramos este hábito presente de forma proeminente. Olhar a vida dos discípulos de Sri Ramakrishna no estágio inicial da organização mostrará amplamente este fato. Durante os intensos sofrimentos da penúria e privação, no Mosteiro de Baranagore, havia neles um constante fluxo de Divina bem-aventurança expressando-se às vezes na forma de *Sankirtan*, canções e danças em êxtase.

Pode ser dito agora por alguns: 'Bem, tudo certo em relação às Encarnações e Seus apóstolos que eram puros desde seu nascimento e que tiveram poderosos Gurus para ajudá-los e guiá-los. Mas e sobre nós, que temos uma carga de tendências inerentes para vencer?' Para isso chamamos a atenção destas pessoas para os preceitos e as garantias dadas pelos homens santos. Devemos seguir seus passos; não há outro caminho. Quando nos desesperamos, observando que não houve progresso em nossa vida espiritual, vamos escutar com atenção as palavras dos Avatars que trazem consolo e infundem confiança. Aqui está Sri Chaitanya nos dizendo: 'O nome de Deus tem muita santidade. Pode não produzir um resultado imediato, mas um dia ele dará fruto. É como uma semente que foi deixada no beiral de um edifício. Depois de muito tempo o edifício desmorona e a semente cai na terra, germina e por fim dá frutos'. Mesmo no caso de vegetação comum devemos esperar pela estação que dá frutos, então como podemos ser impacientes quando o assunto é o supremo fruto da vida?

Sri Chaitanya diz que não é possível nesta era de Kali fazer os sacrifícios sugeridos nos Vedas em sua forma elaborada, nem é possível para todos fazê-los. Para a era de Kali, ele declara que somente o nome de Hari¹¹, sem qualquer dúvida, é o caminho para a liberação.

Sri Ramakrishna confirma que cantando ou repetindo o nome de Deus uma pessoa se livra de toda impureza do corpo e mente; e em uma mente purificada se reflete a imagem de Deus em todo seu esplendor. Uma das canções de outro poeta, que Sri Ramakrishna gostava muito, descreve quais méritos obtém alguém que repete o Nome Divino:

*Por que deverei ir ao Ganga ou Gaya, a Kasi, Kanchi, ou Prabhas,
Enquanto eu puder dar meu último respiro com o nome de Kali em
meus lábios?*

¹¹ Nome do Senhor, Deus (nota do tradutor).

*Que necessidade tem um homem de rituais, que necessidade de
devoções ainda,
Se ele repete o nome da Mãe nas três horas sagradas?
Os rituais podem persegui-lo de perto, mas nunca poderão
ultrapassá-lo.
Caridade, votos, dar dádivas, não apelam à mente de Madan;
Os Pés de Lótus da Bem-aventurada Mãe são toda sua oração e
sacrifício.
Quem poderia ter imaginado o poder que Seu nome possui?
O próprio Siva, o Deus dos Deuses, canta Seus louvores com Suas
cinco bocas!¹²*

Sri Ramakrishna dá o exemplo de um devoto, Krishnakishore, que apesar de ser brahmin¹³ não hesitava em beber água das mãos de uma pessoa considerada de baixa-casta quando ele repetia o nome de Shiva. Outra vez Sri Ramakrishna disse, 'Um homem estava prestes a cruzar o oceano do Ceilão para a Índia. Vibhishana disse a ele: "Amarre isto em um canto de sua roupa e você cruzará o mar com segurança. Você será capaz de andar sobre a água. Mas não examine isto ou afundará". O homem estava caminhando facilmente sobre a água do mar – tal é a força da fé – quando, já tendo andado parte do caminho, pensou, "O que é esta coisa maravilhosa que Vibhishana me deu que me faz andar sobre a água?" Ele desfez o nó em sua roupa e encontrou apenas uma folha com o nome de Rama escrito nele. "Ó, apenas isto?" ele pensou e instantaneamente ele afundou na água'¹⁴.

A parábola de Sri Ramakrishna da mulher leiteira e o Guru maravilhosamente revela o que a fé no Nome fez ao discípulo e como o próprio mestre não pode vencer a dúvida.

A Santa Mãe também em seus ensinamentos nos encoraja a nos devotarmos ao Nome Divino. Na Bíblia também temos algumas passagens glorificando o Nome. Vamos citar algumas delas aqui. 'Em Ti exultem os que amam Teu Nome'¹⁵. 'Dai ao Senhor a glória devida ao Seu Nome'¹⁶. 'Engrandecei ao Senhor comigo, e juntos exaltemos o Seu nome'¹⁷. 'Louvai a Deus com brados de júbilo, todas as terras. Cantai a glória do Seu nome; dai glória ao Seu louvor'¹⁸. 'Assim, eu Te bendirei enquanto viver; em Teu nome levantarei as minhas mãos'¹⁹.

¹² The Gospel of Sri Ramakrishna, p.76.

¹³ Da casta dos sacerdotes (nota do tradutor).

¹⁴ Ibid., p.33.

¹⁵ Salmos, 5.11.

¹⁶ Salmos 29.2

¹⁷ Ib. 34.3

¹⁸ Salmos, 66, 1-2.

¹⁹ Ib. 63.4.

Contudo, a fé real na potência do Nome resulta da própria experiência pessoal. Deixemos por isso para cada leitor a descoberta da verdade desta tese consultando suas próprias experiências na vida. Mesmo um homem comum poderia ter recebido uma resposta do Supremo quando em suas dificuldades O invocou.

COMO REPETIR O NOME - O MODUS OPERANDI

É fácil dizer que não devemos discutir como repetir o Nome Divino. Mas a questão permanece se devemos repetir o Nome para ganhar coisas materiais, com motivos ocultos. Não pode ser negado que tal caminho não é apropriado. Pode levar a prosperidade material. Sem dúvida, pois o Senhor como uma mãe carinhosa dará a nós qualquer coisa pela qual rezarmos pedindo, mas isto nos levará ao redemoinho de inumeráveis nascimentos e mortes. É a religião que vem nos ajudar a sair desta situação. Como a religião é a mais prática de todas as ciências nesta terra, seus praticantes descobrirão rapidamente que a máxima cautela e orientação são requeridas para repetir o Nome de uma forma efetiva.

Quando se canta ou repete o Nome com a devida consideração e da forma correta, disse uma vez Swami Vivekananda, pode-se ter Bhakti e Jnana através dele. Por isso cantamos no *Rāmanāma Sankirtan*, '*dhanyāste krtinah pibanti satatam śrī rāmanāmāmṛtam*', 'Benditas são aquelas pessoas virtuosas que bebem o néctar da imortalidade do nome de Sri Rama'. Tentemos tornar-nos benditos!

Concluindo, temos que imprimir em nossas mentes que pureza de pensamento e sinceridade de propósito são as condições essenciais que se deve conseguir e desenvolver na vida religiosa se quisermos que seja frutífera e eficiente. Deve-se praticar Brahmacharya física e mentalmente. Devem-se evitar lapsos na vida ética e viver uma vida disciplinada. Estas são as *sine qua non* da vida superior e é bem conhecido que nada acontecerá se a *sādhana* for praticada de forma negligente ou superficial. Portanto quando aquela pureza de propósito e sinceridade na *sādhana* for alcançada e quando se tentar em segredo e na solitude²⁰, com devoção e com um único objetivo de repetir o nome de Deus, Sua visão chegará e o devoto ficará absorvido Nele.



Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

²⁰ Solitude [do inglês solitude] é o isolamento ou reclusão voluntária, não significando, propriamente, estado de solidão. (Wikipédia – nota do tradutor).

O QUE É A VEDANTA

Swami Paratparananda¹

27/11/1972

O significado da palavra Vedanta é: “parte final dos Vedas”. Os Vedas são os livros sagrados dos Hindus; a palavra *Veda* em sânscrito significa “A Sabedoria”. Podem-se dividir os Vedas em duas partes, a primeira compreende os hinos que são designados como *Samhita* e os textos sobre os métodos dos rituais e sacrifícios, que se chamam *Bráhmanas*; a segunda parte constitui a filosofia ou Conhecimento, os *Upanishads*. Toda a filosofia Hindu está baseada nos *Upanishads*, que geralmente se designa como Vedanta. Ainda que a palavra Vedanta denote a última parte dos Vedas, nem todos os *Upanishads* se encontram na parte final destes. Alguns se encontram nos *Bráhmanas*, ou parte ritual dos Vedas. Por exemplo, o *Isha Upanishad* forma o capítulo quarenta do *Yayur Veda Samhita*. Há outros *Upanishads* que são independentes, ou seja, não estão incluídos nem nos *Bráhmanas* nem em outras partes dos Vedas, no entanto não existe nenhuma razão para supor que são completamente independentes das outras partes, pois sabemos que muitos textos se perderam. Portanto é muito possível que os *Upanishads* independentes pertenceram a alguns *bráhmanas* que com o passar do tempo deixaram de ser usados, enquanto que os *Upanishads* permaneceram.

Vedanta é ao mesmo tempo uma filosofia e uma religião prática. Na Índia filosofia como mero intelectualismo não tem muita importância; para os hindus a filosofia deve ser prática, que possa ser praticada na vida diária. Deve ser útil para o homem comum para formar sua vida neste mundo e elevar-se ou unir-se com deus. Também a religião para eles não significa meramente crer em alguns dogmas ou credos, senão levar à prática as crenças.

Swami Vivekananda disse: “As primeiras ideias religiosas começam com a de Deus”. Aqui está o universo e é criado por um Ser. Tudo o que se encontra neste universo foi criado por Ele. Junto com essa ideia, em uma etapa posterior, chega a [ideia] da alma - de que existe este corpo e existe também dentro dele algo que não é o corpo. Esta é a ideia mais primitiva que conhecemos da religião. Podemos achar alguns seguidores dela na Índia, mas foi descartada há muito tempo. As religiões

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, *Vedanta Kesari*, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

na Índia começam de um modo particular. Só mediante aguda análise e muita conjectura podemos pensar que aquela etapa existiu nestas religiões. O estado tangível em que as achamos é a etapa seguinte, não a primeira. Na mais antiga etapa a ideia de criação é muito peculiar e é que todo o universo foi criado do zero, segundo a vontade de Deus; que não existia este universo e do nada foi gerado. Na etapa seguinte encontramos que esta conclusão é duvidosa. Como pode ser produzida a existência da inexistência? É o primeiro passo da Vedanta. Se este universo é existente, deve ter sido gerado de algo, porque é fácil ver que nada se cria do nada em nenhuma parte. Se quisermos construir uma casa são necessários materiais que já existam; se vemos um bote podemos concluir que sua matéria prima já existia previamente. Portanto naturalmente a primeira ideia de que este universo foi criado do nada foi rechaçada, mas faltava conhecer o material com que foi criado este mundo. Toda a história da religião, na realidade, é a busca deste material.

“De que foi produzido tudo isto? De quê, Deus criou tudo?” Todas as filosofias, por assim dizer, giram ao redor desta questão. Uma solução é que a natureza, Deus e o ser individual são existências eternas como se fossem três linhas paralelas que correm eternamente, das quais a natureza e a alma [ser individual] compõem o que se chama de dependentes de Deus, que é por sua vez, a Realidade independente. Cada alma, da mesma forma que cada partícula de matéria, depende por completo da vontade de Deus.

Contudo todos os vedantistas têm uma psicologia comum; quaisquer que sejam suas filosofias, sua psicologia é a mesma, a *Sankhia*. Segundo esta, a percepção é causada pela transmissão das vibrações que chegam primeiro aos órgãos externos dos sentidos, daí aos [órgãos] internos, em seguida à mente, daí chegando ao *buddhi* ou intelecto e em seguida ao Atman, ao Ser.

Este Ser é potencialmente divino e eterno. No entanto, achamos três aspectos da Vedanta em sua filosofia segundo seu conceito do Ser, a saber, dualismo, monismo qualificado e monismo puro, ou melhor, não-dualismo, já que em sânscrito *advaita* significa não-diversificação. O primeiro considera que existe distinção perceptível entre a alma, ou ser individual, a natureza e Deus. Isto é, que a alma sempre permanece separada de Deus durante a eternidade, que a alma, ou *jiva*, é pequena, impotente, sempre dependente de Deus. O segundo, ou seja, o monismo qualificado, considera a natureza e a alma como o corpo de Deus; as almas nunca estão separadas de Deus, são partes Dele. Quando se liberam permanecem em Sua presença e gozam da bem-aventurança eterna.

Em troca, o não-dualismo insiste em que *Brahman* ou Deus não é distinto do ser individual, que não existem muitas almas, que é a

ignorância ou *maya* que projeta a multiplicidade que vemos no mundo. Tudo o que existe – segundo eles [os não-dualistas] – é a manifestação de Deus; o ser individual é idêntico à *Brahman*. Para ilustrar como chegamos a considerar o mundo como algo distinto de Deus, dão o exemplo bem conhecido, da serpente sobreposta em uma corda na escuridão. Um homem na escuridão se equivoca e vê uma serpente em uma corda que está no caminho e se espanta; mas depois quando alguém lhe assegura que não há serpentes nesse lugar e levando uma lanterna lhe mostra a corda, compreende que estava iludido. Da mesma forma, sob o feitiço de *maya*, ou ignorância, o ser humano considera todo o manifestado como distinto de Deus, mas quando logra desfazer-se da ignorância percebe que não existiu nada senão Deus todo o tempo; que era sua ignorância sobre a realidade que produziu esta ilusão da multiplicidade. Também dão o exemplo da miragem: um homem sedento em um deserto avista um oásis de árvores com frutas suculentas e um lago de água limpa e se apressa a chegar lá, no entanto quanto mais avança em sua direção o vê cada vez mais distante. E aquele que conhece este fenômeno, depois de um tempo se dá conta disto. E assim que o descobre não se deixa enganar mais. No entanto, enquanto se encontra no deserto o fenômeno volta a aparecer diante dele. Mas todas as vezes que aparece, ele sabe que é uma ilusão e não se torna mais sua vítima. Da mesma forma, aquele que realizou e viu intimamente a Deus, a Realidade, não se deixa levar pelo encanto da multiplicidade. Então, sabe que a Realidade, a Existência, é única. E tudo aparece como real por causa dessa Existência que está por trás de tudo. Este aspecto se chama em sânscrito *Advaita*, ou não-dualismo.

Podemos considerar a todos estes aspectos como etapas progressivas. O homem comum que está consciente de seu corpo e da multiplicidade, que se considera como um indivíduo separado dos demais e, no entanto anela por ver a Deus, não pode seguir o aspecto do não-dualismo. A maioria da humanidade é incapaz de compreender a altíssima filosofia do não-dualismo, porque nela se apresenta a Realidade, a Existência, como Absoluta, Abstrata, sem forma. O homem comum necessita de um Deus Pessoal para fixar sua mente. Para isso não há melhores exemplos que as Encarnações Divinas. Não se pode imaginar um Deus Pessoal mais excelso que aquele que se manifesta como Deus-homem. A mente humana, circunscrita como está por suas debilidades, não pode conceber um ser mais eminente que a Encarnação Divina. Nela se percebem com maior claridade as maiores virtudes e qualidades. A compaixão e o amor sem motivo transbordam de Seu coração para todos os seres vivos; Ela é a personificação da Verdade e de outras magnas qualidades. Por conseguinte, a adoração das Encarnações Divinas é conceituada como igual à de Deus.

Todos os vedantistas estão de acordo sobre três pontos. Creem em Deus, nos Vedas como revelações divinas e nos ciclos. A crença sobre os ciclos é a seguinte: toda matéria em todo o universo é o resultado visível da matéria primária chamada *akasha* e toda força, seja gravitação, atração ou repulsão, ou vida, é a consequência de uma força primária chamada *prana*. O *prana*, atuando sobre o *akasha*, cria ou projeta o universo. Ao começo de um ciclo o *akasha* está imóvel, não-manifestado; em seguida o *prana* atua mais e mais, projetando formas mais e mais densas do *akasha*: as estrelas, as plantas, animais e seres humanos. Depois de um tempo incalculável esta evolução cessa e começa a involução. Tudo se transforma pouco a pouco em formas mais e mais finas, sutis, até que tomam a forma original de *akasha* e *prana*. Em seguida começa um novo ciclo. Há algo que está além de *akasha* e *prana*; estes dois podem transformar-se em um terceiro elemento chamado *mahat*, a Mente Cósmica. Esta não cria o *akasha* e o *prana*, senão que se converte por si mesma neles. Este processo de ciclos segue eternamente, começa com a projeção que chamamos criação, em seguida a dissolução; depois de um período de não-manifestação, começa novamente a projeção.

Vamos falar agora da psicologia *sankhia*. Segundo ela, na percepção, por exemplo, no caso de ver algo, primeiramente existem os instrumentos da visão, os olhos; por trás dos instrumentos está o órgão correspondente ou *indrya* - o nervo ótico e seu centro no cérebro - que não é o instrumento externo, mas sem o qual os olhos não podem ver. Porém se necessita mais para ter a percepção. A mente deve colocar-se em contato e prender-se a este órgão; além disso, é necessário que a sensação chegue ao intelecto ou *buddhi*, a faculdade determinativa da mente. Quando chega a reação de parte do intelecto, junto com ela aparece o mundo externo e o ego, mas o processo ainda não está completo. Todas as ideias na mente devem ser unidas e projetadas sobre algo que permanece sem movimento, ou seja, sobre o que é chamado de Alma, ou Purusha ou o Atman.

Segundo a psicologia *sankhia*, o estado reativo da mente chamado *buddhi* ou intelecto, é o resultado da mudança ou certa manifestação do Mahat ou Mente Cósmica. O Mahat se transforma em pensamentos vibrantes e estes em parte se convertem em órgãos sutis e em parte se transformam nos cinco elementos sutis, a saber: espaço, ar, fogo, água e terra. Devido à combinação destes últimos, é produzido todo o universo. Além do Mahat está o Aviakta, o não-manifesto, onde nem a manifestação da mente está presente. Só existem as causas. Também é chamado de *Prakriti*. Além desta *Prakriti* e eternamente separado dela, está o *Purusha*, a alma dos *sankhias*, que não tem atributos e é onipresente. O *Purusha* não é o ator senão a testemunha.

Os vedantistas rechaçam as ideias *sankhias* sobre a alma e a

natureza. Afirmam desde o começo que esta alma e esta natureza são uma e mesma coisa. Mesmo os dualistas entre os vedantistas admitem que Brahman, ou Deus, não é somente a causa eficiente deste universo senão também a [causa] material. Só dizem isto em palavras, mas não tentam chegar a uma conclusão. Dizem: “Existem três coisas, Deus, a alma e a natureza; a natureza e o ser individual são, por assim dizer, o corpo de Deus e neste sentido se pode dizer que Deus e o universo inteiro são uma e a mesma coisa. Mas esta natureza e estas almas diferentes, ficam separadas umas das outras através da eternidade; só no começo de um ciclo se manifestam e quando o ciclo termina voltam ao seu estado fino ou sutil”.

Os não-dualistas rechaçam esta teoria da alma e constroem sua própria filosofia, sobre os ditos dos Upanishads que em sua maioria estão em seu favor. Disse um dos Upanishads: “Quando se conhece um pedaço de argila também se conhece todos os elementos feitos de argila, como por exemplo, a jarra, o prato, a taça e o pote, já que todas estas coisas não são nada mais que formas da mesma argila. Do mesmo modo, conhecendo Brahman, o Ser Supremo, o Absoluto, o Infinito, se conhece tudo, pois tudo que está manifestado são variações de nomes e formas, a realidade é só Brahman”. Aqui claramente demonstra que o universo não é senão Brahman, Deus. Surgirá a pergunta: Se Deus se converteu em tudo isto, o que algebricamente podemos chamar de X, não implica que o restante de Deus seria Deus menos X? A isto os advaitistas ou não-dualistas respondem: Nada disto; todo o universo é só uma aparência, uma ilusão. Todo este universo e todas as criaturas que nascem e morrem, todo este número infinito de almas que se elevam e decaem, são sonhos; não existe nenhum ser individual. Como pode haver muitos? Tudo é a Realidade Única. Pois, disse um dos Upanishads: “Assim como o sol refletido em distintas partículas de orvalho parece como muitos e cada sol refletido nelas é uma imagem perfeita dele e sendo que, no entanto só existe um sol, desta mesma forma todos os *jivas* ou seres individuais são reflexos do Infinito nas diferentes mentes”. Portanto o ser humano como corpo, mente ou alma é um sonho, sendo que realmente é a Existência, Consciência e Bem-aventurança Absoluta. Esta é a posição do não-dualista. Para nós que não transcendemos a ideia de que somos o corpo, esta posição pareceria incongruente, mais ainda, uma bobagem, mas devemos dizer que aqueles que chegaram a esta conclusão não eram charlatões senão que realizaram o que estavam dizendo. Os *rishis*, videntes que proclamam esta ideia nos Upanishads da muito antiga Índia, e os grandes mestres como Goudapada e Shankaracharya, que vieram depois, experimentaram sua unidade com o Absoluto. Na Índia talvez nunca tenha faltado seres que realizaram este estado de não-dualismo. Para os que ainda duvidam de uma experiência deste tipo

vamos citar o que aconteceu com Swami Vivekananda quando se aproximou de Sri Ramakrishna. Narendra – como se chamava Swami Vivekananda naquela época - não apenas duvidava como também ridicularizava este ensinamento. Quando Sri Ramakrishna queria ensinar-lhe um texto não-dualista² pedindo-lhe que o lesse diante dele, protestava dizendo: “Estes *rishis* devem ser loucos; dizem que tudo é Brahman. Isto é uma blasfêmia, pois não há nenhuma diferença entre tal filosofia e o ateísmo. Não há maior pecado neste mundo que pensar em mim mesmo como idêntico com o Criador. Eu sou Deus! Você é Deus! Estas coisas criadas são Deus! O que pode ser mais absurdo do que isto? Os sábios que escreveram estas coisas devem ter sido insanos”. Sri Ramakrishna se divertia diante desta atitude abertamente áspera de Naren e apenas dizia: “Pode ser que não aceites a opinião destes sábios, mas como podes insultá-los ou limitar a Infinitude de Deus? Continue rezando para o Deus da Verdade e creia em qualquer dos Seus aspectos para que Ele se revele diante de ti”. Mas Narendra não se submeteu facilmente; tudo o que não estava de acordo com a razão ele o considerava como falso e era sua natureza opor-se a toda falsidade.

Como consequência, não deixava escapar nenhuma oportunidade de ridicularizar a filosofia Advaita. Mas o Mestre sabia que o caminho de Narendra era o caminho de Jnana, Conhecimento; por esta razão persistia em falar-lhe desta filosofia. Certo dia [Sri Ramakrishna] tentou fazer-lhe compreender a identidade do ser individual com Brahman, mas sem êxito. Narendra saiu do quarto e aproximando-se de Pratap Chandra Hazra – um cavalheiro que vivia naquela época em Dakshineswar – lhe disse: “Como pode ser isso? Esta jarra é Deus, esta taça é Deus, também nós somos Deus, nada pode ser mais absurdo!” E riu a gargalhadas. Sri Ramakrishna, que estava em seu quarto em um estado semiconsciente, ouvindo as risadas de Naren, saiu com sua roupa embaixo do braço, como um menino e disse sorrindo: “Olá! Do que estão falando?” E tocou a Narendra e entrou em *samadhi*, ou êxtase espiritual. O efeito do toque, Naren o descreveu assim: “O toque mágico do Mestre naquele dia, imediatamente produziu uma maravilhosa mudança em minha mente. Espantado, via que realmente não havia nada no universo, senão Deus; vi muito claramente, mas fiquei em silêncio para ver se a ideia durava. Mas a impressão não diminuiu com o passar do dia. Voltei para casa, mas ali também tudo o que via parecia Brahman. Sentei-me para comer e vi que todas as coisas – a comida, o prato, a pessoa que me servia e até eu mesmo – não era nada além Daquele. Comi uma ou duas porções de comida e permaneci mudo; fiquei surpreso pelas palavras de minha mãe que dizia: ‘Por que está aí sentado imóvel? Termina tua comida.’ Comecei

² Ashtavakra Samhita, também conhecido como Ashtavakra Gita (nota do tradutor).

a comer, mas todo o tempo, enquanto comia, estava deitado ou ia a Universidade, tinha a mesma experiência e sentia constantemente um tipo de estado letárgico. Enquanto caminhava pelas ruas percebia a passagem das carruagens mas não me sentia inclinado a afastar-me de seu caminho. Sentia que os carros e eu mesmo éramos de uma mesma matéria; não tinha sensação em meus membros, tanto que acreditava que estavam paralisados. Não sentia gosto pela comida, ou melhor, sentia como se alguém estivesse comendo por mim. As vezes me deitava durante a comida e depois de algum tempo me levantava de novo para continuar a comer. O resultado foi que em alguns dias comia demasiado mas isso não me fez mal. Minha mãe se assustou e disse que devia haver algo errado com minha saúde. Ela temia que eu não vivesse muito tempo. Quando esse estado mudou um pouco, o mundo começou a parecer-me um sonho. Enquanto caminhava pela praça da cidade batia minha cabeça contra as grades para comprovar se eram reais ou apenas um sonho. Este estado continuou por alguns dias. Quando me normalizei de novo me dei conta que devo ter tido um vislumbre do estado de Advaita; então me ocorreu que as palavras das escrituras sagradas não eram falsas. Desde então não pude mais negar as conclusões da filosofia Advaita”.

Uma teoria muito convincente sobre a disparidade que encontramos no mundo é a que afirma a Vedanta. É a [teoria] do Karma, que expressa que todos os seres humanos estão colhendo o que semearam, ou seja, sua condição neste mundo é o resultado de suas ações nas vidas anteriores. É ele quem fabricou seu nascimento e vida feliz ou infeliz. Somos responsáveis pelo que somos, ninguém é culpado de nosso infortúnio, mas nós mesmos. Mas não devemos confundir esta teoria com o fatalismo. Há uma ideia muito alentadora nesta teoria: se chegamos a padecer nesta vida de sofrimentos e morte como consequência de nossas ações, poderemos elevar-nos e liberar-nos mediante estes mesmos meios, ou seja, por nossos atos e pensamentos bons. A teoria do Karma é como a da ação e reação, o resultado da ação persegue ao homem até que este resultado termine. Todos os atos geram resultados bons e maus. E para desfrutar dos atos meritórios, aquele que os executa com motivo pessoal vai aos ‘céus’ – dizem as escrituras sagradas hindus. Mas nesse caso, os ‘céus’ significam apenas um lugar de gozo e quando termina o mérito dos atos, ele tem que voltar a esta terra segundo seu desejo e os deméritos das ações anteriores. Além disso, dizem: ‘Só os atos dos seres humanos produzem resultados bons ou maus, mas não os [atos] dos animais, nem os [atos] dos *devas*, ou seres celestiais. Eles só colhem o que semearam’. Portanto aquele que quer liberar-se deve desapegar-se de todos os objetos mundanos, de todos os desejos.

Uma declaração maravilhosa da Vedanta se encontra no Rig Veda, que é o mais antigo de todos. Diz: “A Existência é Única, os sábios A

chamam por distintos nomes”. Ou seja, Deus é Único ainda que as raças e as seitas de diferentes religiões O chamem pelos nomes que lhes agradem. Este é um fato que Sri Ramakrishna provou em sua vida. Praticou não somente as distintas disciplinas das seitas do Hinduísmo, senão também as do Islã e Cristianismo. E chegou a ter a Realização final de todas elas. Depois disse: “As várias opiniões são vários caminhos para chegar à mesma Realidade”. Portanto a Vedanta não menospreza nenhuma religião, e mais, aceita a todas como verdadeiras. Tampouco quer converter a nenhum ser humano que segue uma religião, senão que o ajuda a confirmar sua fé em sua própria religião e a tirar dúvidas que prevaleçam em sua mente. É por isso que a Vedanta não tem disputas com nenhuma religião. Desde os tempos remotos a Índia deu refúgio a todos os perseguidos. Os persas – seguidores de Zoroastro – fugiram de seu país para preservar sua religião e foram recebidos com os braços abertos na Índia. Tudo o que restou de sua religião se encontra apenas na Índia. Poderíamos citar mais exemplos, mas o que dissemos é suficiente para demonstrar quão profundamente o povo hindu absorveu esta ideia de que a Existência é Única e os que os sábios A chamam por diferentes nomes.

Também podemos encontrar a base fundamental da moral no não-dualismo, ao afirmar que não existem muitas almas, todo ser vivente é Brahman. Por isso aquele que odeia o próximo, odeia a si mesmo. Se não fosse por isso, por que deveríamos andar pelo caminho reto? Ou seja, por que não roubar ou enganar as pessoas para nossa própria felicidade? Seria por medo da sociedade ou da justiça? Nesse caso quando o homem se sentisse forte ou bastante astuto, cometeria atos viciosos para apoderar-se dos bens alheios. Mas a moral baseada na consciência de que todos somos um não lhe permitirá fazer nenhum dano ou enganar a seus semelhantes.

Dissemos que a Vedanta aceita a todas as religiões como verdadeiras. Devemos notar que a palavra ‘aceitação’ não significa tolerância; a palavra tolerância implica algo de menosprezo ou tratar de um mal que deve suportar como inevitável. Esta não é a atitude da Vedanta. Realmente crê que todos os caminhos, quaisquer que sejam, conduzem à Realidade, à Deus, e devem ser aceitos como verdadeiros.

A Vedanta diz: “O Ser, o Atman, é imortal; não nasce, nem morre, nunca houve um tempo em que não existisse, nem haverá um tempo em que não existirá. É eterno, não morre quando o corpo deixa de existir”. Sri Krishna também afirma o mesmo no *Bhagavad Gita*. Vamos examinar esta declaração. Vemos que tudo que é criado perece. Não há nada neste mundo que exista para sempre; inclusive os planetas, a terra, o sol, todos um dia irão desaparecer. Se a alma ou o Ser foi criado, então é lógico deduzir que perecerá. Mas todas as religiões insistem em que o Ser

continua existindo depois da morte do corpo. Esta crença também é inerente no ser humano. Quando isto é desta forma, é ilógico concluir que [o Ser] foi criado em algum tempo. Tampouco podemos sustentar que existam tantas almas como seres vivos – como dizem os *sankhias* – porque eles mesmos declaram que o Purusha, o Ser, é onipresente e eterno. O vedantista pergunta: “Como podem existir duas ou mais entidades eternas e onipresentes? Se isto fosse correto, uma vai limitar a onipresença de outras. Ou a onipresença de uma se estenderá sobre outras. Isto é absurdo; portanto não podemos dizer que haja mais de uma entidade onipresente e esta é a Realidade, a Existência Absoluta ou Deus”. Por este raciocínio também chegamos a mesma conclusão que a do não-dualista, que o universo, com seus seres vivos, é idêntico à Brahman.

Até agora falamos da filosofia Vedanta. Agora diremos quais são as práticas que a Vedanta sugere para alcançar a perfeição, a liberação, à Deus. A Vedanta não exige que fuçamos do mundo, que deixemos de cumprir com nossas obrigações e deveres. No entanto necessitamos mudar o modo de percepção das coisas. Os sábios que proclamaram esta filosofia Vedanta se aprofundaram na mente humana e chegaram à conclusão de que todos não têm a mesma aptidão, as mesmas tendências e inclinações. Sabiam que assim como os seres humanos são distintos em sua aparência física, da mesma forma cada qual tem uma disposição diferente dos demais, portanto deram liberdade a cada um para seguir suas próprias inclinações e desenvolver-se de acordo com sua disposição. É um fato bem conhecido de que quando se impede o desenvolvimento natural de uma pessoa, ainda que seja com boas intenções, o progresso desta se restringe e às vezes seu caráter se transforma em algo complexo. Sri Krishna definitivamente proíbe interferir no desenvolvimento natural do homem, quando diz: “Não se deve confundir o intelecto dos ignorantes que estão apegados às ações e aos rituais. Um sábio deve animá-los apresentando-se como exemplo da atividade”. Sri Ramakrishna explica – por dizer assim – este mesmo ensinamento da seguinte maneira. Diz: “A mãe prepara pratos diferentes para seus filhos, segundo o poder de digestão de cada um; para um dá peixe frito, para outro peixe cozido e para aquele que tem um estomago delicado, lhe dá apenas uma sopa de peixe. Do mesmo modo o *guru*, ou mestre espiritual, que conhece as tendências inerentes de seus discípulos, prescreve diferentes práticas para cada um segundo sua capacidade”. Vemos aqui que a tarefa de seguir um caminho não deve ser algo pesado, nem deve transtornar a aptidão do aspirante.

Portanto, a direção de um mestre perfeito que conheça todos os caminhos e também possa se aprofundar na mente do discípulo é necessário. Normalmente o ser humano não conhece bem suas próprias

inclinações; é atraído pelo intelectualismo e se considera apto para seguir o caminho do não-dualismo. Mas para aqueles que vivem em família, que são a maioria da humanidade, isto é perigoso. Até que não se renuncie a todos os gozos do mundo e a todos os desejos nos céus [após a morte], não se é apto para seguir este caminho. A renúncia total, interna e externa, é um requisito imprescindível deste caminho.

A atitude da devoção é a melhor nesta época em que o ser humano não pode superar a identificação com seu corpo. Neste caminho não é necessário arrancar os ternos sentimentos humanos, senão dirigi-los à Deus. Pode-se estabelecer qualquer das relações com Deus, a saber, a de um servidor ao seu amo ou patrão, a de um menino à sua mãe ou pai, a de um amigo, etc. O essencial é amar a Deus com todo o coração, rogar-lhe constante e ininterruptamente que se revele em nosso coração. Devemos destacar aqui que a renúncia, pelo menos a [renúncia] interna, é indispensável neste caminho também. A menos que se afaste dos apegos e das coisas mundanas, será impossível fixar a mente em Deus. A constante recordação de Deus é o melhor modo de dirigir a mente a Ele. Mas não se pode adquirir isto em alguns poucos dias, é uma tarefa de toda a vida. Por conseguinte, o aspirante deve designar certo tempo de sua vida diária, especialmente durante as horas da madrugada e do anoitecer, à oração e levar a cabo esta prática sem falta todos os dias. Aquele que anela ver a Deus sentirá o impulso para fazer estas práticas sem que ninguém lhe diga. Também é certo que à medida que se avança nas práticas sentirá esse anelo mais e mais. Até lá se deve continuar rezando como se fosse um dever. No início das práticas quase todos se sentiram assim, mas não se deve desesperar. Chegará um momento em que omitir a prática será como a falta do alimento. Este é o amanhecer do anelo por ver a Deus.

O terceiro caminho é o da ação. Ninguém pode evitar atuar. Fazendo bem aos demais a mente se limpa, mas nessa ação não deve haver nenhum motivo pessoal, não se deve desejar recompensa de nenhuma índole, nem ter desejo pela fama. Só é possível atuar assim quando se tem a total convicção de que tudo que está manifestado é Deus, que está servindo unicamente a Deus em todas essas formas. No entanto, esta convicção não se adquire pelo mero desejo de tê-la, é necessário imprimir na mente esta ideia uma e outra vez quando ela se equivocar e se orgulhar por haver realizado atos meritórios.

O controle psíquico é o quarto caminho. Neste caso o aspirante deve ser puro mentalmente desde o princípio. Aqui as práticas são duras, quase impossíveis de praticar nesta época. Portanto devemos ter muito cuidado antes de praticar as disciplinas que este caminho sugere.

Dissemos que cada ser humano tem que desenvolver-se segundo sua disposição natural. Em todos existem, em maior ou menor grau, as

inclinações para a devoção, a ação, o conhecimento e o controle psíquico. Segundo a sua preponderância na mente do aspirante, ele deve escolher o caminho adequado. O melhor modo é uma mescla de todos os caminhos, ou seja, efetuar boas ações, como ajudar aos demais sem interesse pessoal, orar, meditar em Deus, recordá-Lo sempre e tendo a convicção de que este mundo é Sua manifestação ou Deus mesmo.

Vamos recapitular. A filosofia Vedanta é ampla; todos podem servir-se dela sem que necessitem mudar sua própria religião. Segundo ela o ser é potencialmente divino, os desejos são os que cobrem sua divindade, esta é a ignorância. Os desejos obrigam ao ser humano a aferrar-se às coisas mundanas, tais como elas aparecem. O que o conhecedor de Brahman ou Deus adquire é ver ao universo em sua real perspectiva, não como se apresenta. A aparência é enganadora, enquanto que a Realidade detrás dela é Deus mesmo. Realizando-O, o ser humano se torna perfeito, se libera para sempre. Esta é, de forma breve, a essência da Vedanta.



Este texto foi traduzido do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

A MENSAGEM DO BHAGAVAD GITA PARA O MUNDO ATUAL

Swami Paratparananda¹

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari – Outubro de 1965

I

Possivelmente a única escritura que satisfaz as necessidades de todas as pessoas virtuosas e religiosas em quaisquer circunstâncias é o *Bhagavad Gita*². É claro que os Vedas e os Upanishads são as principais fontes de toda a fé Hindu e por isso não podem ser desconsiderados. Mas o *Gita* é a sua própria essência em um só lugar. O *Gita* mostra a você como viver no mundo sem ser manchado por ele. Encoraja a todos a seguirem seus deveres tradicionais, as ocupações em que cada um é colocado, seguindo as quais, ele diz, atingirão o Supremo³. Este é o fundamento do *varnāshrama dharma*. Mostra como todos eram considerados membros úteis da grande família humana. O *Gita* tem uma mensagem para cada classe e para cada seção da sociedade humana. Ele jamais diz a alguém para rebaixar-se ou sofrer humilhação. Sri Krishna, o mestre, diz várias vezes a Arjuna e através dele a todos que estão enfrentando sua batalha nesta vida, ‘erga-se e lute’ pela causa da retidão. “Se você cair”, ele diz, “você atingirá o céu e se você vencer desfrutará na terra; por isso levante-se firmemente determinado a lutar”⁴.

O *Gita* tem uma mensagem para todos, para que sejam honestos, abnegados e adquiram qualidades divinas. Sua mensagem ao aspirante espiritual foi tratada de várias formas em todo o *Gita*; e ao longo do tempo vários comentários – que retratam sua mensagem para os vários tipos de aspirantes, nas diversas denominações da religião Hindu – foram escritos e apresentados. Tem uma mensagem para os governantes, para que sejam intrépidos, que governem com justiça e sejam firmes com os inimigos. Esta mensagem de intrepidez está nos Upanishads. Apesar de que este sistema não é novo para o *Gita*, em sua reiteração o *Gita* é muito explícito, e muito significativo. Não há uma moderação neste assunto, nenhum tratamento superficial. Não teme a ninguém ao dizer o que tem

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

² O “Canto do Senhor”, escritura sagrada baseada em um diálogo contendo os ensinamentos de Sri Krishna para seu discípulo Arjuna (nota do tradutor).

³ Gita, 18.46.

⁴ Gita, 2.37.

intenção de ensinar. Krishna severamente repreende seu mais bem-amado amigo e parente, Arjuna, pela mansidão e fraqueza mostrada por este último. Ele diz, “Não ceda à indignidade, ó filho de Prtha, isto é impróprio para você (um homem de coragem). Abandonando esta fraqueza de coração, levante-se!”⁵ Aqui temos a mensagem para o guerreiro, ou melhor, para todos. Swami Vivekananda disse que esta é a mensagem do *Gita*, não fraquejar, não ser intimidado pela força bruta. Estas e outras palavras que saíram dos lábios de Sri Krishna pouco a pouco elevaram o coração sem vigor de Arjuna, como um solo seco atingido pelas gotas de chuva. As pesadas nuvens da paixão foram afastadas e a consciência retornou, até que por fim livre da dúvida se tornou ansioso para cumprir seu papel⁶, nestas circunstâncias.

Têm existido pessoas que zombam e descrentes que rebaixam ou desacreditam na mensagem das escrituras. É fácil difamar a religião, os esforços espirituais e as escrituras, quando o homem está em situação de abundância de bens materiais e a felicidade prevalece. Mas quando os tempos difíceis chegam e se é pressionado de todos os lados, são estas palavras de sabedoria prática, de calmo recolhimento, de vigor e encorajamento que lhe suportarão. O *Gita* é tal escritura. Ele não terminou seu tempo. Durará por toda a eternidade. Apesar de ter sido dada milhares de anos atrás, sua mensagem não se tornou obsoleta e nem desinteressante. Por outro lado, todas as vezes que nos defrontamos com um novo problema, o *Gita* tem uma solução para isto, se apenas quisermos procurá-la nele, trazendo à nossa atenção sua vitalidade e utilidade. Por isso é necessário para cada Hindu⁷ e para todas as pessoas que desejam viver vidas verdadeiras, estudar e absorver o modo apropriado de conduta que é indicado para a posição e lugar que ocupam. Pois uma vida sem propósito, sem dignidade, de acordo com o sistema moral dos Arianos⁸, não é uma vida verdadeira.

O mundo atual está parado a beira de um precipício e é necessário enorme coragem para enfrentar a crise e decidir de que maneira lidar com a situação. Novamente aqui o *Gita* vem em nosso socorro. Sri Krishna, com seu próprio exemplo coloca diante de nós um ideal que mostra como um problema, uma situação difícil pode ser enfrentada. No meio de grupos em guerra, a figura serena e inabalável de Sri Krishna segurando as rédeas dos cavalos de Arjuna traz claramente a ideia de como o homem deve viver no mundo, desapegado, como a folha de lótus na água⁹, como ele mesmo diz. Em um belo hino à Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda também traz diante de nossa mente a majestade e grandeza

⁵ Gita, 2.3.

⁶ Gita, 18.73.

⁷ O Swami escreveu este artigo na Índia, antes de vir ao Ocidente em 1968 (nota do tradutor).

⁸ Antigo povo dos tempos Védicos da Índia (nota do tradutor).

⁹ Gita, 5.10.

deste quadro de Sri Krishna. Ele canta: “Aquele que suprimiu o ruído, terrível como no momento da destruição, que se levantava da batalha (em Kurukshetra), que destruiu a terrível, mas natural noite da ignorância (de Arjuna) e que rugiu o *Gita* doce e pacificador; aquela Alma ilustre nasceu agora como Sri Ramakrishna”. Apesar de que o *Gita* é doce e pacificador, cada palavra dele nos traz a mensagem de coragem e força de um rugido de leão. Não podemos nos atrever a ignorar seu chamado para que nos levantemos e nos despertemos. Mas adiante, Sri Krishna diz a Arjuna: “Abandonando o apego aos frutos das ações, e sempre satisfeito, sem depender de nada, apesar de engajado na ação, tal pessoa não atua”¹⁰. Neste pequeno verso tem um significado que pode auxiliar todos os seres durante toda a sua vida. O ponto que Sri Krishna enfatiza aqui mostra que é covardia fugir do dever, de uma ação correta, de uma causa nobre. O homem, enquanto viver deve executar algum tipo de ação, não pode viver ociosamente e um dia deve morrer. Swami Vivekananda costumava dizer, “Você deve morrer um dia, mas tenha um grande ideal pelo qual morrer, é melhor morrer com um grande ideal na vida”. Esta ideia está contida na declaração acima de Sri Krishna. Em outro lugar ele diz, “Você tem direito ao trabalho [ou ação] apenas, e não aos seus frutos. Que os frutos da ação não sejam o motivo por trás de suas ações, e nem seja apegado à inação”¹¹. É um herói aquele que no meio de tensões e exigências, pode levantar-se e enfrentá-las corajosamente sem se importar com o que lhe suceda ou com os frutos [resultados] de suas ações. Mas isso requer muita prática e tremenda força de vontade. Temos que cultivá-los.

Diz um ditado sânscrito, ‘a terra é para os heróis desfrutarem’, e em cada dia de nossa vida chegamos a experimentar isto. Os fracos e adoentados são pisados em toda parte. Erga-se por seus direitos, este é o chamado desta época. Isto é o que o *Gita* também ensina. Mas ele também ensina que não prejudiquemos o direito de outros. A retidão tem sido o sistema moral do *Gita* e da Índia através de sua história. Swami Vivekananda diz que a Índia nunca tentou conquistar qualquer país. Ela nunca subjugou qualquer nação, não por fraqueza para fazê-lo, mas por reconhecer o direito do homem de viver de sua maneira em seu próprio país. Por outro lado, a Índia foi várias vezes pisada e conquistada por várias raças. Mas ergueu-se novamente mostrando aos conquistadores que eles não seriam capazes de destruir sua infinita vitalidade e a afirmação de seu direito de forma persistentemente nova. Isto foi possível devido à fé que os Hindus tinham em suas escrituras, na eternidade da alma, na necessidade de espiritualidade em um mundo de pensamento mundano, devido a sua firme convicção de que o Hinduísmo, a religião

¹⁰ Gita, 4.20.

¹¹ Gita, 2.47.

eterna, o *Sanatana Dharma* viverá e também porque a Índia tem uma mensagem, não apenas para seu próprio povo, mas também para as pessoas do mundo inteiro – de que na estrutura deste mundo a Índia tem um papel proeminente a desempenhar como um ressuscitador dos valores superiores. Swami Vivekananda observa que a Índia mais do que uma vez contribuiu com sua espiritualidade e sua filosofia para a regeneração do mundo e tem ainda que desempenhar seu papel no mundo nesta capacidade. Portanto é essencial que a Índia mantenha sua bandeira de espiritualidade tremulando e fazer isso mantendo sua cultura e individualidade intacta e sólida.

II

A tradição diz que o *Gita* foi ensinado à Arjuna em um campo de batalha. Alguns dizem que isto é uma alegoria e que se refere à eterna luta que está na mente do homem entre as aspirações corretas e os desejos maus ou incorretos. O que quer que seja, o *Gita* tem uma palavra de consolação, de encorajamento, e com relação ao dever de cada um de nós, aonde quer que estejamos situados.

Qual é a mensagem do *Gita* para o mundo atual – um mundo de ciência e tecnologia, de racionalização e análise lógica? Aqui temos que ser claros em nossas mentes. Não adianta fechar nossos olhos à verdade invisível e não experimentada, em nome destas palavras altissonantes. Uma grande parte da vida de um homem permanece escondida dele, e normalmente a ciência não reconhece este fato. Está satisfeita com a experiência dos fenômenos e com as reações físicas. Mas o homem é mais do que isso. O homem não é apenas uma entidade física, ele tem um ser psicológico, um ser espiritual nele. Este fato deve ser reconhecido e a menos que isso for feito não podemos obter qualquer significado para a vida. Se o homem deve viver como qualquer outro ser das espécies animais então por que foi dotado de forma especial com a faculdade do pensamento mais do que os outros animais? Seria para explorar todos os outros seres vivos? Isto não faz sentido. O homem tem um propósito mais elevado, valores mais elevados para cultivar, coisas mais nobres e mais elevadas para conhecer e para afirmar em sua própria vida. Por isso foi dotado com o poder do discernimento, do raciocínio. É possível usar este poder de modo construtivo ou destrutivo. A mera moralidade não é tudo o que significa por valores mais elevados. Moralidade sem uma base espiritual é como uma casa sem alicerce. Não poderá suportar a análise do raciocínio: Por que devemos ser morais? Se valores espirituais não forem levados em consideração, você não poderá responder esta questão satisfatoriamente. Nenhuma quantidade de leis poderá tornar um homem bom, apesar de que poderá superficialmente comportar-se bem. Deve

haver algum princípio que ele luta para conseguir. Deve haver um ideal, uma meta para alcançar, sem a qual aquele homem não é nada.

É doloroso ver que em alguns lugares uma interpretação totalmente errada é feita sobre o que é um estado secular. Concebem como um estado consistindo de pessoas sem religião. Querem acreditar que a religião prejudica as pessoas. Eles temem que a religião, se ensinada aos seus filhos, pode destruir seus planos, seus projetos. Em nome da educação, querem liberdade irrestrita para se comportar como lhes agrade, como se a educação significasse um passaporte para a indulgência e liberalidade sem controles. Esta pode ser a prática em algum lugar, a despeito de todo esforço contra isto, mas se a Índia tentar adotar ou imitar tal comportamento, o futuro do país se tornará árido e desolado, não importando todo o progresso que possa obter em outras direções. Autocontrole e sacrifício são duas qualidades essenciais que o povo de um país com uma vasta população como a Índia deve inculcar se deseja manter a moralidade e a harmonia na sua própria terra. Isto é o que Swami Vivekananda reiterava quando observou: “Os ideais nacionais da Índia são Renúncia e Serviço. Fortaleça-a nestes canais e o resto acontecerá por si só”. A renúncia externa junto com a renúncia interna pode não ser possível para todos, mas todos podem praticar a renúncia interna, o controle sobre os sentidos, em uma pequena ou grande medida. E se alguém não pode praticá-la, isto não dá a ele o direito de rebaixar o ideal ou condená-lo. É inútil tentar acusar a religião por tudo que está doente na sociedade. Pelo contrário, é a força espiritual que ainda sustém a sociedade.

Existe suficiente indisciplina no mundo estudantil para que alguém possa pleitear por mais liberalidade. Uma vida disciplinada, que não está sobrecarregada por desnecessários dogmas ou rigor, seria uma característica bem-vinda em todas as escolas e colégios e não algo para ser caluniado ou para envergonhar-se. Se apenas lembrarmos que os estudantes de hoje serão os protetores de nossa cultura e os futuros líderes da Índia, será óbvio para todos com pelo menos um pouco de compreensão, quanto eles devem ser instruídos no controle dos sentidos e capacitá-los para a formação de um temperamento de sacrifício. Por falta deste espírito de sacrifício, em uma medida suficiente, e o espantoso desejo predominante para ganhos pessoais, é que a Índia teve que sofrer repetidas humilhações nas mãos das hordas estrangeiras no passado e até hoje sofre de muitos padecimentos. Vamos lembrar-nos disto e aprender a viver uma vida disciplinada e ajudar as gerações mais jovens a fazê-lo. O exemplo é melhor que o preceito. Isto é o que Sri Krishna diz à Arjuna, “Em qualquer maneira que os grandes homens atuem, daquela maneira o homem comum age também”¹². Ele queria que Arjuna fosse um modelo.

¹² Gita, 3.21.

De outra maneira, não teria importância se Arjuna lutasse a batalha ou abandonasse o reino e se retirasse para a floresta. Sri Krishna traria a vitória aos Pandavas mesmo sem Arjuna. Mas isso teria sido um mau exemplo para sempre. Por isso ele infundiu em Arjuna o espírito para discriminar entre o certo e o errado e a permanecer firme pela causa justa sem importar-se com os resultados.

O equilíbrio mental é outra qualidade que o *Gita* recomenda e que ensina a obter. Não ser influenciado pela alegria ou pela tristeza, felicidade ou sofrimento, não ser intimidado pela calamidade, mas enfrentar tudo que vem ao seu caminho com uma mente imperturbada. A determinação de fazer o que é correto é uma habilidade importante, não apenas na vida espiritual, mas também em todos os campos da vida. Um homem se zanga por uma má ação feita por outro, mas em sua raiva pode esquecer-se das nobres características pelas quais ele mesmo está lutando. “Aquele que não se exulta (no ganho) nem odeia, aquele que não se aflige (no sofrimento ou adversidade), nem deseja alguma coisa e renuncia a todo bem e mal e é devotado a Deus, é querido por Mim¹³”, diz Sri Krishna. Como já foi dito, estas virtudes colocam-nos em boa posição em todas as situações. Depender do Senhor, trabalhar como Seu instrumento, deixando todos os resultados das ações em Suas mãos, pode ser feito apenas por aquele que tem a mente limpa assim como a integridade de motivo. Ele pode levantar-se contra o mundo todo, se necessário, sem mesmo um tremor no coração. Pois o mundo é um lugar estranho onde a justiça e a retidão são barganhadas para servir às necessidades das pessoas. Enquanto for conveniente ter você do lado dele [de alguém que abandona a justiça e a retidão] está tudo bem, mas no momento que você levantar-se pela justiça e se isto machucar o disfarce de amigo de qualquer modo insignificante, aquela amizade desaparece. Mas as pessoas esquecem que a verdade sempre triunfará, talvez as pessoas atingidas tenham que sofrer muito, mas ao final a verdade triunfará, mesmo nas assuntos seculares.

O *Gita* tem sido a consolação de milhões de aspirantes [espirituais]; tem sido também a força de muitos, que apesar de que não exclusivamente entregues ao caminho espiritual, lutam por uma boa causa. Busquemos a orientação do *Gita* em todos os nossos afazeres e estejamos no caminho correto para que assim, no dia de nossa partida deste mundo, possamos deixá-lo sem remorso e com a satisfação de termos cumprido nossa tarefa.



Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

¹³ Gita, 12.17.

A RECORDAÇÃO DE DEUS

Swami Paratparananda¹

8/8/1972

Um dos métodos mais eficazes para liberar-se das armadilhas deste mundo, ou alcançar a liberação, consiste na prática da constante presença de Deus; assim dizem os santos de todas as religiões em todos os tempos. Geralmente o homem só está consciente do mundo físico, ou seja, aquele que pode perceber pelos cinco sentidos. Seu conceito de mundo na época atual é apenas de uma entidade material. Não o vê nem mesmo como uma criação de Deus. Mas não há dúvida de que é movido e se sente atraído pela constante mudança do panorama do mundo. Por exemplo, o formoso pôr do sol refletido sobre um lago ou mar, as maravilhosas cores e extensão do arco íris, a refrescante luz da lua em uma noite silenciosa, cada um desses quadros talvez o arrebate. O doce murmúrio de um arroio ou o cantar dos pássaros tranquiliza seus nervos e às vezes até o leva ao êxtase; no entanto todos estes elementos somente podem tocar a parte superficial de sua pessoa, ou seja, seus sentidos e, em certo grau, sua mente. Pode recordar estes momentos durante toda sua vida como de alegria inexpressável e sem inibição.

No entanto tudo isto não o capacita para penetrar em sua personalidade se não pode tocar seu ser. A sensibilidade dessa pessoa pela natureza é somente passageira, pois no momento seguinte pode ser que cometa um ato brutal ou perverso e sem nenhuma delicadeza de consciência, se não crê em um propósito elevado da vida, em um destino nobre do homem, em um ser que more em todos e perceba tudo. Não obstante não se descarta a influência da natureza sobre a vida espiritual. Vamos narrar um acontecimento na vida de Sri Ramakrishna que ilustra isso.

Quando era um menino de sete anos, livre como o ar, estava atravessando certo dia um campo em sua aldeia natal, viu passar voando um bando de garças brancas, destacando-se sobre um fundo de nuvens escuras na vasta extensão do céu na aldeia. Ele entrou em êxtase e caiu ao solo, perdendo assim toda a consciência externa.

Mas infelizmente o homem normalmente não tenta olhar além das aparências, além do mundo fenomenal. É por isso que seus frutos

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

também são deste mundo, pois como disse o Katha Upanishad: “Não se pode alcançar Aquilo que está além, o Eterno, recorrendo ao efêmero”. Também é a experiência de todos no mundo de que se colhe o que se planta. Se se pensa todo o tempo no material, nos últimos momentos da vida também se pensará em coisas mundanas; e isto o fará nascer várias vezes aqui no mundo. Devemos destacar que a vida humana tem um propósito mais elevado, que é ver a Deus e assim poder liberar-se. Sri Krishna disse no Bhagavad Gita: “Pensando em qualquer pensamento, quando se descarta seu corpo, Ó Arjuna, o alcança, já que em toda sua vida pensou nisto. Portanto, recordes sempre a Mim e lute. Entregues assim, tua mente e intelecto, chegarás a Mim. Não cabe dúvida nisto”.

Então que devemos fazer? Devemos renunciar a tudo? Isto não é possível para todos. Sri Ramakrishna sugere aos que vivem com sua família a renunciar mentalmente e agarrar os pés de Deus com ambas as mãos quando não estiverem ocupados em suas tarefas e deveres. E quando se encontrem trabalhando, aderir-se a Ele com uma mão ao menos. Que significa isso? Que devemos recordar a Deus com todo o coração e alma quando nos encontremos livres de nossas ocupações e mesmo quando estivermos cumprindo com nossos deveres, pensar Nele com uma parte de nossa mente.

É claro que isto de nenhuma maneira é uma prática fácil, no entanto não há outra saída deste mundo de pesares e atribulações para o ser que se encontra envolvido no mundo. Para a maioria da humanidade Deus é uma palavra e nada mais, porque não O viram.

Como podemos aproximar-nos de Deus, a Quem não percebemos? Vamos responder com as palavras de um discípulo de Sri Ramakrishna, Swami Adbhutananda, quem no sentido mundano era considerado um analfabeto, pois nem sequer podia ler ou escrever as letras e no entanto tinha as mais elevadas realizações. Certa vez dois jovens ocidentais se aproximaram dele e fizeram esta mesma pergunta. Ele respondeu: “Suponhamos que vocês busquem empregos, que farão? Enviarão súplicas ao gerente ou diretor das empresas, sem conhecê-lo, não é assim? Então, onde está a dificuldade em que vocês possam fazer o mesmo com Deus?” Esta resposta simples calou as orgulhosas jovens e as fez admitir sua lógica. Se considerarmos ao Senhor como próprio não haverá dificuldades ou dúvidas a respeito destas coisas.

A dificuldade está em pensar que estamos longe Dele. Deus não é um estranho, nem está longe de nós. Para aquele que considera o universo como a criação de Deus, todos são filhos de Deus e o filho tem seu direito à herança da imortalidade e bem-aventurança eterna. Só temos que reclamá-la ou sermos maiores de idade para recebê-la. Senão, como um bondoso pai, Ele não nos entregará, temendo que a desperdicemos.

Só vendo-O pode-se exigir Dele o que se quer. Ele está sempre disposto a dar-nos tudo que pedimos, mas devemos ter cuidado em não pedir coisas fugazes que nos envolvam neste mundo; devemos orar como Nárada. Certa vez o Senhor apareceu diante dele e lhe disse: “Estou muito satisfeito contigo. Peça-Me um dom”. O sábio respondeu: “Ó Senhor! Estou contente com Tua visão, não quero nada mais”. Mas o Senhor insistiu: “Peça-Me outra coisa”. Então Nárada disse: “Bendiga-me para que tenha amor puro por Ti e não seja enfeitiçado por Tua encantadora Maya (ilusão) do mundo”.

As pessoas falam em renunciar a tudo ao final de sua vida como se isto fosse tão fácil como descartar a uma roupa usada. Os apegos às coisas aumentam à medida que as acumulam, sem que se dê conta disso, até que penetrem na medula dos ossos, por assim dizer. Portanto abandonar todas essas atrações e posses ao entardecer da vida será igual a quebrar-se os ossos ou afogar-se pela falta de ar. Mesmo quando o homem está no vigor de sua juventude suas ideias giram ao redor de seu tesouro, então, será possível abandonar este apego quando se envelhece? O que acontece com uma pessoa que se apega às suas posses e parentes está descrito de forma gráfica por Sri Ramakrishna. Disse: “Essa pessoa, inclusive no leito de sua morte, pede aos que o rodeiam que não acendam tantas luzes e gastem inutilmente”. Este homem ainda está pensando em economizar, mas não sabe que não pode levar a riqueza consigo quando morrer.

Que ninguém se engane especulando que poderá dedicar a última parte de sua vida à contemplação de Deus. Devemos prestar atenção ao que dizem os sábios quando exortam: “Apliquem-se com empenho ao que é auspicioso, pois na realidade quem saberá quando a morte nos levará a sua morada”? Se algo é certo neste mundo é a morte, ninguém pode evitá-la. Quase a metade dos poucos anos da vida que nos são proporcionados passamos dormindo ou na atenção do corpo; a quarta parte ou mais passamos ganhando o necessário para viver. Também devemos descontar os primeiros vinte anos que se passam na infância e em preparar-se para enfrentar o mundo. Vemos assim que só uma pequena fração resta ao homem para ser utilizada como ele quer.

Não pode haver duas opiniões sobre a duração da vida. Mesmo cem anos que talvez seja o limite do que o homem pode viver de forma sã, são insuficientes para cumprir todas as ambições e desejos no mundo. Que a vida é curta é aceitável até para os agnósticos e ateus. O homem é livre para utilizar devidamente ou não, estes poucos anos para ir além da transmigração, para afastar-se deste círculo de nascimentos e mortes. Também, se acreditamos nas escrituras, que são a autoridade com relação a tudo que se relaciona com o que está além da compreensão do homem

comum, devemos aceitar que aqueles cujas ações são parecidas com às dos animais nesta vida, irão nascer possivelmente como bestas na próxima. Disse o Prashna Upanishad: “Como resultados das boas ações se vai para as esferas mais elevadas; e com as ações más, se nasce como ser inferior. E como resultados destes dois tipos de ações combinadas é que se obtém o nascimento humano”.

Também é razoável presumir que uma pessoa se transforme naquilo que pensa constantemente. Se há desejos em um homem que não pode satisfazer no corpo humano, é natural que adquira um corpo adequado, depois da morte, para gozar destes desejos.

Portanto, tendo este corpo humano, não devemos abrigar desejos que nos obriguem a cair deste estado. É por isso que Sri Shankara no princípio do Viveka Chudamoni² louva com palavras elogiosas a vida humana, dizendo: “Rara é esta vida humana, muito mais precioso é nascer com boas tendências, ainda mais apreciável é a inclinação pela reta conduta enunciada pelas escrituras, mais elevado ainda é ter a faculdade do discernimento entre o Ser e o não-Ser e em seguida experimentar a unidade com Brahman que é a liberação. Não se consegue esta liberação senão mediante os méritos adquiridos durante milhões de vidas anteriores”. Hoje em dia não podemos apreciar o valor da vida humana porque milhares morrem em acidentes e guerras. Assim se considera ao ser humano como qualquer inseto desprezível, mas se examinarmos esta declaração citada, ficaremos assombrados em ver quão precioso é.

Havendo nascido neste mundo imperfeito, devemos descartar de um modo ou de outro as limitações que encontramos em todas as partes e em todos os caminhos. Livrar-nos delas de uma vez por todas é chamado em sânscrito mukti ou liberação.

Mediante esta discussão vimos como o homem chegou a prender-se ao mundo. Também nela encontramos a saída disso. Se nos enredamos contemplando as coisas efêmeras, é lógico deduzir que pela contemplação de Deus ou do Supremo, do eternamente puro, consciente e livre, podemos inculcar em nós mesmos todas estas qualidades em certo grau, pouco a pouco, até que ao final o encanto do fenomenal se desvaneça e comecemos a ver a Aquele Ser, que tudo permeia, em toda parte.

Sem dúvida é difícil alcançar a meta, mas nem por isso deve-se descuidar totalmente de seguir o caminho ou desanimar-se. Sri Krishna

² “A Joia Suprema do Discernimento”, uma das obras mais conhecidas de Sri Shankaracharya (nota do tradutor).

disse que mesmo um pequeno ato de retidão nos salva de uma grande catástrofe. Para o homem que aspira ter a visão de Deus, tudo o que o afasta Dele é uma catástrofe. Pode salvar-se das tentações perigosas se aderir-se firmemente às suas práticas diárias em horas fixas. Há uma estória que ilustra este ensinamento de Sri Krishna. Em certa aldeia vivia um piedoso e elegante devoto a quem toda a comunidade respeitava; mas uma mulher se sentiu atraída por ele e com a intenção de seduzi-lo o convidou a sua casa. O devoto, que não tinha nenhuma ideia do que ela pensava, aceitou o convite. Ele falou sobre assuntos espirituais até o entardecer e depois se recordando que era a hora de sua prática, despediu-se dela.

Isto se repetiu vários dias até que a mulher, vendo que não podia desviá-lo, abandonou sua intenção e dedicou sua vida a religião.

Todas as pessoas não estão dotadas igualmente com os dons de saúde, força e intelecto. Portanto cada um tem que escolher e seguir o caminho segundo sua capacidade, pois há vários caminhos que conduzem a Deus, como por exemplo, o da ação, o da devoção, o do conhecimento e o do controle físico-mental. Nem todos estão capacitados para seguir o caminho do conhecimento ainda que os intelectuais sejam atraídos por ele. Este caminho não se constitui de mero intelectualismo, se bem que se necessita de um intelecto bem firme e agudo. Consiste de muitas práticas duras; o praticante tem que começar com a negação do universo em seu estado aparente e até negar a realidade objetiva de seu corpo. Só os que são capazes de fazer isto devem escolher este caminho. Nesta época, o caminho da devoção é aconselhado por Sri Ramakrishna para a maioria e uma prática comum para todos estes caminhos é a recordação de Deus.

Como se pode praticar esta recordação? Em todos os momentos de nossas vidas fazemos algo, imaginamos algo ou planejamos algo. Não é possível para nós viver sem atividade, seja física ou mental, nem por um momento, mesmo aquele mais preguiçoso estará sonhando com fortunas ou prazeres infinitos. A inatividade é uma impossibilidade neste mundo, salvo para alguns poucos, que se pode contar com os dedos das mãos. Quando Arjuna se propôs a renunciar a tudo e retirar-se da batalha, Sri Krishna o advertiu: “Tua própria existência estará em perigo se não trabalhares”. Observamos assim que o trabalho não é uma desculpa para não pensar em Deus. Sri Krishna sugere o método para recordar a Deus quando diz: “Qualquer coisa que faças, que comas, o que sacrificas, o que dás, o que executas como austeridade, ó Arjuna, ofereça tudo a Mim”.

Aqui temos a instrução perfeita, só necessitamos colocá-la em prática. Como podemos fazê-lo? Nesta época de demasiada pressa, o

homem esquece muitas coisas, incluindo as mais importantes e assim corre o risco de provocar desavenças na família e entre os amigos. Se isto acontece com os que ele considera como seus, como podemos esperar que recorde a Deus? Para sair desta situação, primeiro devemos deixar de apressar-nos, pois a demasiada pressa não conduz à perfeição, em nenhuma ação, pois a pressa agita a mente e a mente agitada não pode pensar corretamente em tudo. Se observarmos a vida deste homem descobriremos que é muito desordenada; se levanta a qualquer hora, pois esteve desperto até noite muito avançada e mesmo assim não se sente repousado. Mas suas obrigações o obrigam a apressar-se. Não encontra tempo para recordar todas as coisas que deve fazer e muito menos a Deus. Esta situação deve mudar. Aquele que deseja levar uma vida espiritual deve ordenar sua vida cotidiana. Ao despertar, ainda estando na cama, deve saudar a Deus mentalmente e após atender as necessidades físicas, passar um bom tempo na contemplação do Senhor. Antes de tomar o desjejum deve oferecê-lo ao Senhor ainda que seja mentalmente; antes de começar qualquer trabalho deve recordá-Lo e invocar sua benção e quando terminar oferecer a Ele e assim em todas as atividades deve sentir a presença de Deus.

Por outro lado, se o homem recorda a Deus somente quando está em apuros ou precisa de algo, não se pode chamá-lo um amante de Deus. A recordação constante é imprescindível, para aquele que anela vê-Lo. Deve-se recordá-Lo em todos os atos, mesmo quando está comendo, porque essa é a hora em que as pessoas costumam esquecê-Lo devido à atração da comida ou outras circunstâncias. Um poeta e devoto cantou: “Ó minha mente, contempla a Divina Mãe de qualquer modo que queiras. Recorde-A em todos os seus atos. Considera o que comes como uma oferenda a Ela”. Também diz o Senhor no Gita: “Eu moro em todos os seres como o fogo que queima o alimento ou poder de digestão”. Aqui temos uma sugestão para a contemplação: o que comemos deve ser considerado como uma oferenda ao Senhor. Esta é a atitude que devemos tentar cultivar.

O poeta continua: “Quando estás ocupado em tuas tarefas, considera que estás passeando ao redor da Divina Mãe, quando te deites, pense que estás prosternando-se diante Dela”. Quando se dá ou presenteia algo a alguém deve considerar como uma oferenda a Deus. Normalmente a atitude de uma pessoa que faz caridade é a de um superior a alguém inferior, mas não são todos filhos de Deus? Como pode ser alguém superior a outro? Esta atitude só aumenta a vaidade e de nenhum modo é favorável à vida devocional, pois até que se logre ter a equanimidade e ver a igualdade em todo o manifestado, não se pode

alcançar a Deus. A atitude correta deve ser a de adoração mesmo quando se dá esmolas a um mendigo. Swami Vivekananda disse, “Deus deu ao homem a oportunidade de fazer caridade e assim servi-Lo”. Todo serviço que prestamos a humanidade deve ser realizado com esta atitude. Se o homem recorda isso, não esquece a Deus em nenhum momento.

Isto o tira de seu egocentrismo, o que o faz sempre pensar em sua própria comodidade e felicidade.

Este mundo é a criação de Deus, portanto tudo o que existe nele deve trazer a nossa mente o pensamento do Senhor; em lugar disso estamos enfeitiçados e presos pela emoção gerada pelo mundo e esquecemos a seu Criador. Esta é a causa de perdermos a capacidade de controlar nossa mente. Ela tenta afastar-nos de nosso ser real, de Deus. Por que faz isso? “Porque – diz um dos Upanishads – a mente foi criada com os sentidos com a tendência de extroversão”. Os órgãos dos sentidos apresentam ante a mente os objetos fascinantes, e se esta [a mente] não está dominada pela faculdade do discernimento, cai vítima de imagens agradáveis e inevitavelmente esquece a Deus. Além disso, se nossas orações têm motivos pessoais, há o perigo de esquecê-Lo totalmente quando não obtemos os objetos desejados. A recordação de Deus se estabelece firmemente somente quando nasce o amor por Ele em nosso coração, mas não devemos esperar que ele nasça, pois o amor germina só quando o terreno estiver preparado, ou seja, quando nos desligamos de outros pensamentos e objetos. Não devemos aspirar à perfeição repentina por qualquer método de aproximação à Deus. É uma luta de toda a vida; portanto não devemos diminuir nossos esforços. É como nadar contra a corrente: no momento em que cessamos nossos esforços, seremos levados rio abaixo, antes que nos demos conta disso ou que recuperemos nosso fôlego. Sri Ramakrishna dá o exemplo do barqueiro para ilustrar como se deve lutar para ver a Deus. Disse, “Enquanto o bote se encontra nas curvas do rio e o vento sopra contra ele, o barqueiro rema e está alerta, e se mantém afastado dos bancos de areia e rochas ocultas; mas assim que alcança a corrente principal pode deixar de remar, solta as velas ao vento favorável e senta-se para fumar”. A corrente principal significa estar completamente imbuído do pensamento de Deus. O vento favorável é Sua graça, remar significa fazer esforços, os bancos de areia e as rochas ocultas são os perigos ocasionados pela fascinação pelas coisas do mundo. Soltar as velas é a submissão à vontade de Deus. Quando a graça de Deus e a absorção total em Seu pensamento estão combinadas, nada neste mundo pode perturbar ao devoto; pode estar certo de alcançar a meta.

Sobre até quando é necessário esforçar-se, Sri Ramakrishna cita

outro exemplo. Disse: “Um ourives em seu trabalho de fundir utiliza os foles, sopra através de um tubo e abana, para gerar o calor adequado. Mas assim que consegue terminar seu trabalho, descansa quanto pode”. Similarmente, devemos aproveitar toda oportunidade que se apresente para pensar em Deus até que O vejamos e tenhamos comunhão com Ele intimamente. Vamos citar alguns incidentes da vida de Sri Chaitanya, uma Encarnação Divina. Certa vez passava por um bosque quando de repente recordou-se do pequeno bosque de Vrindaban e entrou em êxtase; também, vendo ao mar o tomou pelo rio Jamuná, a cujas margens Sri Krishna passou sua infância espargindo felicidade por toda a aldeia; recordou a Sri Krishna e caiu em suas águas. Para o devoto, tudo traz a sua mente alguma manifestação de Deus e assim, se recorda Dele.

Patanjali disse que o progresso na vida espiritual de uma pessoa está na devida proporção da força com que luta. Existem aqueles que dizem que nada acontece senão ao seu devido tempo e não fazem nenhuma prática; estas pessoas não poderão lograr nada, disse Sri Ramakrishna. As pessoas mostram esta atitude só no que diz respeito ao Espírito. Já vimos alguém que deixou de esforçar-se para ganhar a vida dizendo que comerá ao seu devido tempo? Não, porque sente que o alimento é indispensável para a sobrevivência do corpo e que o corpo é seu; e mais ainda, que ele é o corpo. Quando tenhamos esse mesmo sentimento para com o Espírito, só então o anelo para ver a Deus será indomável e não nos importará o que aconteça com o corpo. A única ideia proeminente em nosso coração será a de Deus.

Pode surgir uma dúvida: muitos praticaram árduas disciplinas, durante longo tempo antes de lograr um vislumbre de Deus. É possível então ver a Deus apenas pela prática de Sua presença ou Sua constante recordação? Sim, existiram santos que alcançaram a Deus simplesmente mediante a recordação de Deus, mas sua recordação era genuína. Para expressar nas palavras de Sri Ramakrishna: “Não havia fraude na câmara de seu coração”, ou seja, não falavam uma coisa enquanto pensavam em outra. Sua submissão a Ele era total, sem nenhuma reserva.

Pareceria que esta prática é insignificante, que não vale a pena. Mas se aprofundarmos descobriremos que não é tão fácil como parece. Ocupado nos deveres do mundo, o homem esquece a Deus por completo. E ainda se repete Seu nome, só se movem seus lábios, mas no coração não sente nada; lá se adora alguma outra coisa. Há uma estória que ilustra esse ponto. Certa vez Nárada, que sentia orgulho de ser um grande devoto do Senhor, foi à Sua morada. O Senhor, percebendo os pensamentos mais íntimos de Nárada, quis mostrar-lhe o que significa ser

um verdadeiro devoto e lhe disse: “Meu filho, tu me farás um grande favor se for a tal lugar onde um querido devoto meu vive e trouxer notícias suas. Trate de conhecê-lo, pois ele está verdadeiramente dedicado a Mim”. Nárada foi aonde o Senhor lhe disse e encontrou a um camponês que se levantava muito de madrugada, pronunciava o nome do Senhor só uma vez e levando seu arado, arava seus campos todo o dia. A noite voltava e antes de deitar-se pronunciava o nome de Deus outra vez mais. Essa era toda sua prática espiritual. Nárada, observando-o durante muitos dias, disse a si mesmo: “Como pode ser este homem rústico um amante de Deus? Eu o vejo sempre ocupado em deveres mundanos e não possui nenhum sinal de homem piedoso”. Voltou à morada do Senhor e expressou o que pensava desse novo conhecido. Ao ouvir isso o Senhor lhe disse: “Ó Nárada, pegue essa taça de azeite, e dê um passeio pelos caminhos da cidade e volte com ela, mas tenha cuidado para que não caia nenhuma gota de azeite”. Nárada obedeceu ao pé da letra a ordem do Senhor e quando voltou o Senhor lhe perguntou: “Bem, meu filho, quantas vezes recordas-Te à Mim no transcurso de teu passeio pela cidade?” Respondeu Nárada: “Nem uma só vez, Senhor. Como poderia fazê-lo quando todo tempo tinha que observar essa taça cheia até a borda com azeite? Então o Senhor respondeu: “Esta taça de azeite distraiu tanto tua mente que tu, que se considera um grande devoto Meu, esqueceste completamente de Mim!” Mas olhe para o camponês, que ainda que levando a carga pesada de uma família, se recorda de Mim duas vezes todos os dias”. O sábio ficou envergonhado e desapareceu o orgulho de sua mente. Pois não se julga nossa devoção pelo que expressamos, mas pelo modo em que levamos nossa vida. Se não existe conformidade entre o que dizemos e o que fazemos, as práticas que realizamos não poderão dar os resultados desejados.

Quando se sente o coração cheio de amor por Deus, o homem fala e atua com amor por todos. A verdadeira recordação de Deus transforma ao homem em um deus. Sua mera proximidade faz sentir aos que o rodeiam, a presença do Altíssimo. Mas esta constante recordação de Deus se estabelece firmemente após um longo período de prática e nasce do verdadeiro amor por Deus. No entanto, este é um método que está aberto para todos: o avançado e o principiante, o rico e o pobre. Sri Ramakrishna menciona alguns signos de uma pessoa que realizou Deus. Diz: “Seu anelo pelo Senhor se manifesta no discernimento, desapego, compaixão para com todos os seres vivos, serviço aos homens piedosos, alegria em sua companhia, cantar o nome e as glórias de Deus, aderir-se à verdade e coisas similares. Quando se veem esses signos de anelo em um aspirante, se pode dizer sem equivocar-se que para ele a visão de Deus não está longe”. E ilustra assim: “O estado da casa de um servente lhe

dirá sem dúvida se o patrão decidiu visitá-la. Primeiro limpam o lixo e as ervas daninhas ao redor da casa; depois se limpam a fuligem e os desperdícios; então se limpam os quartos, o quintal, os pisos e outros lugares; ao final o próprio patrão envia várias coisas para a casa, tais como almofadas, sofás, etc. Quando se vê a chegada destes objetos se pode concluir que o patrão virá breve”. Limpar a casa por fora e por dentro significa levar uma vida moral e correta, e pensar em coisas elevadas, apagando por completo todas as paixões da mente; equipar a casa com almofadas, sofás e outros móveis significa encher a mente com as boas qualidades já mencionadas.

Que Deus nos outorgue força e a vontade para praticar Sua recordação em todas as circunstâncias.



Este texto foi traduzido do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

O PAPEL DA MORTE¹

Swami Paratparananda²

I

Uma criança vem ao mundo distribuindo felicidade, por assim dizer, para todos seus próximos e amados. Sim, até a mãe que sofre dor extrema para trazê-lo ao mundo fica contente e esquece todas suas dores ao olhar para ele. Mas a própria criança nasce com um choro. A criança torna-se um adolescente e então um homem, executa ações boas ou más, envelhece e ao final se despede deste mundo quer queira quer não, mergulhando seus parentes próximos em sofrimento. Esta é a existência do homem. Mas como o homem faz sua saída do mundo? Tentaremos explicar isto aqui. A maior parte das pessoas o faz contra sua vontade, lutando para escapar, mas incapaz de livrar-se das garras da morte. Com suas mentes pairando sobre a riqueza que adquiriram, sobre seus filhos queridos que o cercam e por fim sobre seus próprios corpos que apesar de destrutíveis foram bem cuidados, mesmo estando desgastados. É com um aperto no coração que deixam o corpo, é insuportável, mas ao mesmo tempo inevitável. Este é o modo que a maioria das pessoas parte deste mundo – com lamentos e gemidos. As dores da morte são terríveis.

Não acreditemos nem por um momento se alguém disser que todos estes que dizem adeus desta maneira são agnósticos, ateus ou céticos, pois mesmos os assim chamados crentes não partem de maneira melhor. Pois estes não praticaram o que seus lábios disseram e seus corações não responderam. Não têm fé em suas próprias crenças, nenhuma confiança no Deus que professam. Por isso eles também partem deste mundo da mesma maneira. A morte é um processo inevitável³ desta criação. Esta é a única coisa certa neste universo; florestas se transformam em cidades e cidades se transformam em dunas desérticas; onde existem montanhas pode haver lagos no futuro. Portanto existe incerteza sobre tudo, mas a morte é certa para cada ser que nasce⁴. Tudo é momentâneo. Você teve seus bisavós e também estes os tiveram; onde todos estão agora? Se foram, se foram para o ventre da morte.

Que os mais sofisticados não pensem que uma visão pessimista da

¹ Editorial da revista *Vedanta Kesari* – Junho de 1964, página 163.

² Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, *Vedanta Kesari*, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

³ Bhagavad Gita, II, 27.

⁴ Ibid.

vida está sendo apresentada aqui. Não há intenção nisto de enfraquecer o homem. Esta a mais realista visão de todos os realismos. Por que não seríamos realistas e cegaríamos nossos olhos para este fato incontestável? Pois a morte não consome tudo? A resposta é sim. Que isto não seja esquecido. O papel da morte é, portanto, fazer o homem consciente de seu destino: que por mais elevada sua posição na sociedade, por mais ajuda da tecnologia e medicina que tenha, seu fim está em um caixão ou em um punhado de cinzas. Então iremos lamentar em nossa vida e viver enlutados? Não, este não é o propósito da vida, nem o da morte. Este processo de nascimento e morte será repetido até que conheçamos a Deus, vejamos a Deus, O realizemos nesta mesma vida. Uma referência a esta ideia é encontrada em um dos Upanisads que comenta: “Se você O conhecer aqui, terá a verdade, terá tudo. Do contrário será uma grande perda – um final. Conhecendo a Ele (Brahman) como presente em todos os seres os sábios, deixando seus corpos mortais, atingiram a Imortalidade.”⁵

A passagem acima implica em quatro coisas claramente: (1) que existe vida após a morte, (2) que existe um modo de vida em que a vida do homem pode ser frutífera aqui e abençoada após a morte, (3) que toda vida vivida de outra forma é um desperdício colossal, (4) que o caminho para a Imortalidade está em ver a divindade manifesta em todos os seres.

II

Se a morte espreita o mundo e pensarmos sobre isto, como teremos coragem de viver uma vida, gloriosa ou não? Esta pergunta também foi respondida na passagem acima citada. Vejamos como. Temos aqui [nesta passagem] duas palavras, *mṛtyu* (morte) e *amṛta* (imortal). Após a morte [a pessoa] torna-se imortal. Isto não é uma contradição? Aparentemente é. Mas o que é aquilo que morre? Podemos dizer que é o corpo? Não. O corpo está lá apesar de que o espírito se afastou. O que mantinha o corpo se movimentando? O espírito. Portanto a morte é uma separação deste corpo material de algo que nós, homens comuns, somos normalmente ignorantes, mas que aqueles que O sentiram e experimentaram chamam de Espírito, o Ātman, Jiva ou Ser. E conhecendo este Ātman tornam-se imortais, eles dizem. Qual o significado disto? Eram mortais então? Não, mas em palavras comuns não podemos descrevê-lo de outra forma. Pois o homem vê o corpo e acha que é uma massa de carne e ossos. Muito poucos podem transcender esta ideia. É impossível para muitos até pensar que pode haver alguma existência além do corpo. Esta ideia até os assusta. Para estes se diz que este Ātman torna-se imortal. Assim,

⁵ Kena Up., II, 5.

sabendo que nem tudo termina aqui, o homem pode ter coragem de trabalhar para o além, ou imortalidade.

Nos tempos antigos este fenômeno da morte deve ter feito o homem começar a pensar no 'o que acontece após', como notamos na estória de Nachiketa no *Kathopanishad*. Até hoje é um grande enigma para uma grande parte da humanidade. O homem não se atreve a espiar além do mundo dos sentidos. Pois lá é escuro para ele. Ele não tem o equipamento nem os instrumentos para explorar suas profundidades. Não consegue conhecer nada.

O que está além é um mistério que a morte mesma guarda em sua posse. Aqueles que são capazes de arrancar este segredo dela partirão daqui sorrindo; eles aceitarão a dissolução física com a mesma equanimidade que aceitaram a vida. Pois desmascararam a morte. É a máscara que está assustando ao homem. As crianças têm medo quando alguém as assusta colocando máscaras sinistras. Mas algumas espertas entre elas descobrirão que é a mãe que veio assustá-las e estando certas disto, abraçam a ela sorrindo. Da mesma forma, assim que o homem conhecer a verdadeira natureza da morte e ver a face da Realidade sem máscaras, ele não mais terá medo. Pois descobrirá que o real em si mesmo e a Realidade por trás do universo são idênticos ou verá que é a bem-amada Mãe que existe além do alcance dos sentidos. Então compreende que ao partir deste mundo não perderá nada, mas ganhará a eterna companhia da Divina Mãe ou do Senhor. Sendo assim, como pode a morte assustá-lo? Existem exemplos de pessoas que se despediram deste mundo com a visão de seu Ideal escolhido, dizendo, 'Estou indo, Mãe, estou indo', provavelmente em resposta ao aceno da Mãe. Isto não deve ser confundido, contudo, com o delírio de um cérebro febril, pois foram vistos estando em total controle de suas faculdades enquanto partiam deste mundo. Após exclamar estas palavras, com um sorriso em seus lábios eles partiam sem qualquer esforço, sem qualquer arrependimento. Sri Krishna diz no *Gita*, 'Aquele que ao final de sua vida deixa seu corpo recordando a Mim apenas, sem dúvida alcança minha verdadeira natureza.'⁶

Não há uma única passagem nas escrituras Hindus que fale ou indique a morte como algo a ser temido. Aqui, na *sloka* (verso) do *Gita* citado acima, por exemplo, temos as palavras, *kalevaram muktoā*, abandonando o corpo e *prayāti*, vai. Estas expressões mostram que não há extinção do indivíduo (o *Ātman*) pela sua separação do corpo. Esta é a ideia que é ensinada - de uma viagem - uma bela ideia, cheia de significado. Quem não conhece sobre viagens nestes dias? Todos viajam de acordo com seus meios e gostos. Alguém vai a um lugar sagrado,

⁶ Gita, 8.5.

outro para ver belas paisagens, um terceiro viaja a negócios, e um quarto é arrastado pela corrente da escravidão de um lado a outro do mundo, etc. Da mesma forma, o homem de acordo com seus desejos, de acordo com seus gostos e inclinações e com a carga de mérito e demérito sobre suas costas viaja, isto é, transmigra de um corpo a outro, de um lugar de gozo a outro, ou de forma direta volta ao Senhor, de quem veio, para viver em comunhão com Ele. Quando a morte é vista nesta perspectiva, pode o homem ter medo dela? Sem dúvida é bom e grandioso desprezar a vida e enfrentar a morte sorrindo por uma boa causa, tornar-se um mártir. Mas é muito melhor e mais grandioso partir conhecendo a Realidade – um estado que elimina a roda de nascimento e morte para sempre para essa pessoa.

Como a realização de Deus ou a Realidade liberta ao homem do medo da morte? Como já dito, este fenômeno da morte une o devoto com seu Ideal escolhido, o bem-amado Senhor, ‘por medo de quem o fogo queima e o sol brilha e dá calor; por medo de quem, Indra, Vayu e até a Morte, o quinto, cumprem suas tarefas obedientemente’⁷. Se é o próprio Senhor que dirige a Morte, por que o devoto deveria ter medo dela? Pois quando a morte chega é pela vontade de Deus. Visto pelo ponto de vista do *Advaita* [Vedanta], também é o mesmo, pois ‘após realizar a unidade de tudo, onde poderá haver afeto ou sofrimento’⁸. Neste estado não há mais ir ou voltar. Sri Ramakrishna discute este ponto de forma muito penetrante. Ele coloca as questões: Quais são os deveres do homem? O que lhe acompanhará após a morte, no além? Ele mesmo responde assim:

“Verdade. Quando um homem morre após atingir o Conhecimento, não tem que ir a outro plano de existência; ele não nasce de novo. Mas enquanto não atingir o Conhecimento, deve-se voltar para a vida nesta terra, não pode escapar disto. Para esta pessoa existe um além. Um homem é liberado após realizar a Deus. Para ele não existe mais a volta a esta terra. Se grãos de arroz cozido são plantados, não germinarão. Assim também, se um homem é cozido pelo fogo do Conhecimento, não pode levar uma vida mundana, pois não tem nenhum apego por ‘mulher e ouro’. O que você ganhará plantando grãos de arroz cozido?... Aquele que realizou a Deus obteve o fruto da Imortalidade – não um fruto comum como cabaça e abóbora. Ele está livre do renascimento. Ele não nasce em nenhum lugar – na terra, no mundo solar ou no mundo lunar.”⁹

Esta declaração de Sri Ramakrishna é amplamente suportada pelo Śruti e Smṛti. Yājñavalkya foi questionado por Ārthabhāga: ‘Quando este homem liberado morre, seus órgãos o deixam ou não?’ Yājñavalkya

⁷ Katha Up. 6.3.

⁸ Isha Up. 7.

⁹ The Gospel of Sri Ramakrishna, 1947, p. 640, Pub. Sri Ramakrishna Math, Madras Índia.

responde, 'Não, eles se absorvem nele apenas. O corpo incha e neste estado morre.'¹⁰

Na discussão anterior Yājñavalkya estabelece que a morte é devorada por outra morte - a morte da realização; e dá o exemplo do fogo e da água. Como o fogo consome tudo e até este fogo torna-se alimento [é consumido] da água, portanto a própria morte torna-se o alimento da auto realização. O *Gita* também diz: 'Aqui mesmo a transmigração é vencida por aqueles cuja mente está estabelecida na equanimidade; pois Brahman é perfeito e imaculado; por isso se estabelecem em Brahman.'¹¹

III

Quando dizemos que as escrituras Hindus não descrevem a morte como algo a ser temido, podemos supor que elas encorajam a morte pelo suicídio? Não existe nenhuma base para tal suposição. O suicídio é cometido geralmente por pessoas frustradas ou covardes que não se atrevem a enfrentar as calamidades ou então por pessoas que perderam seu equilíbrio mental, pelo menos por um momento. Mas podem existir alguns poucos casos onde algumas almas realizadas terminaram suas existências físicas deliberadamente; mas tais exemplos são muito raros e não podem ser chamados de suicídio. Sri Ramakrishna tinha esta opinião.

Aqui é necessário dizer que meramente imaginar que se realizou a Deus, ou por ter tido alguns sonhos ou visões passageiras com relação a Deus, não capacita ninguém a terminar sua vida nesta terra. As marcas da realização de Deus são muito claras para não serem notadas. Para realizar a Deus deve-se estar livre dos desejos, como na analogia de Sri Ramakrishna do barco - 'todos os parafusos e porcas de um barco que está passando sobre uma mina magnética se soltam e o barco afunda', da mesma forma, quando uma pessoa realiza o Supremo, seus desejos são completamente destruídos, os gozos mundanos ou celestiais não o atraem, todas suas dúvidas ou vacilações terminam; os frutos de todas as suas ações, boas ou más, são aniquilados.¹² Aqui está um teste da abnegação de um homem. Geralmente as pessoas desejam os frutos de suas boas ações. Se um homem pode sinceramente abandonar seu desejo de gozar os frutos de seus atos meritórios - até mesmo o desejo de ganhar nome e fama - então ele atingiu a perfeição. Em outras palavras, somente um homem que realizou a Deus, que sente a Deus em cada respiração, pode ser tão desapegado. Esta pessoa pode largar seu corpo se sentir a atração de Deus demasiado intensa para resistir ou então reter seu corpo

¹⁰ Br. Up. 3.2.11. Traduzido por Swami Madhavananda.

¹¹ Gita, 5.19.

¹² Mundaka Up. 2.2.8.

enquanto seu *prārabdha karma* durar.

IV

A morte é um instrumento no arsenal da natureza para prevenir o homem de prender-se demasiado nos assuntos do mundo. Se nós considerarmos seu papel de um modo mais materialista, a morte é um grande apaziguador do sofrimento e da doença. As doenças assaltam o homem não importa qual seja sua idade, de acordo com os méritos de suas ações feitas no passado ou na vida atual; com a idade o poder de resistência cai e as doenças assumem magnitude assustadora. Ainda assim, o homem dedicado à vida exterior, não sente que seus desejos diminuam. Sri Sankara em uma gráfica descrição no seu poema *Mohamudgara* declara: 'Com a pele enrugada, com a face coberta de manchas, desdentado, o homem velho cambaleia com seu bastão e mesmo assim sua inútil massa de desejos não o abandona'¹³. Este é o destino do homem que se ilude no mundo que criou ao seu redor. Sri Ramakrishna cita o exemplo do bicho da seda que constrói um casulo ao redor de si e sofre para morrer nele. Se ele se importar, pode quebrar e sair dele e voar livre em sua bela forma. Mas tal é seu apego à casa que construiu que prefere permanecer e conseqüentemente morrer lá! O homem não age melhor que isso. Ele está satisfeito em desfrutar dos seus ciúmes mesquinhos, com suas aquisições moralmente questionáveis e com sua esposa e filhos, a quem considera seus mais queridos e próximos. Mas o que acontece quando morre? Sankara pateticamente descreve assim: 'Enquanto houver respiração no corpo, eles [sua família] perguntarão pelo seu bem-estar, mas quando o último respiro deixar o corpo, sua própria esposa terá medo daquela carcaça.'¹⁴

Contudo, é pela *maya* [ilusão] que o homem é enganado para acreditar que tudo está bem com ele. Sri Ramakrishna declara que mesmo o Senhor preso na *maya* não gosta de sair dela. Ele dá o exemplo da mítica Encarnação do Senhor Vishnu como uma porca. Por um longo tempo após ter sido cumprido o propósito pelo qual Ele assumiu aquele corpo, o Senhor não retornou a Sua morada. Os deuses [seres celestiais] ficaram perturbados e mensageiros foram enviados, mas o Senhor não deu ouvidos a eles. Por fim os devas com Shiva à frente foram a Ele e o encontraram dando de mamar aos seus pequenos. Disseram-lhe que deveria retornar a Sua morada e Ele respondeu que estava muito feliz ali e não queria deixar seus filhotes. Com isso, conta a estória que Shiva com Seu tridente destruiu o corpo de porca do Senhor e Ele com uma grande gargalhada retornou a Sua morada. A estória pode ser um mito, mas dá

¹³ Mohamudgara, 15.

¹⁴ Ibid, 6.

uma grande lição. A condição do homem é quase idêntica. O homem também, esquecendo sua própria natureza, brinca nas poças de lama deste mundo, chora e geme e algumas vezes ri para em seguida chorar novamente. Mas quando chega a conhecer sua verdadeira natureza, renuncia a todas as coisas passageiras e busca o Eterno. E até que atinja o Eterno, até que cesse de ver, por assim dizer, muitas coisas aqui, terá que enfrentar a morte repetidas vezes, diz o *Kathopanisad*¹⁵. A este respeito também o papel da morte é notável. Se uma morte apenas é insuportável, não deveria então o homem tentar vencer esta ronda de nascimentos e mortes?

Qual é o caminho? Para o ser humano comum o caminho da retidão, *dharmā*, foi aconselhado pelas escrituras. Quando tiver sido praticado corretamente o homem torna-se preparado para seguir adiante. Sem uma base moral, não poderá haver um edifício espiritual, grande ou pequeno. 'Aquele que não deixou a maldade, aquele que não atingiu a equanimidade, que não controlou seus sentidos e com uma mente instável, não pode aspirar alcançar este conhecimento (do Ātman).¹⁶ Este é o veredito dos sábios de todas as épocas e climas e aquele que quiser cruzar este oceano de nascimento e morte deve praticar equanimidade, moralidade, castidade e controle dos sentidos. Não há outro caminho. 'Nem pelo *karma*, nem gerando filhos, nem pela riqueza, mas apenas pela renúncia (de todos os desejos) alguns alcançaram a imortalidade (foram além dos limites da morte)¹⁷, declara o *Upanisad* categoricamente.



Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

¹⁵ Katha Up. 4.10.

¹⁶ Ibid., 2.24

¹⁷ Kaivalyopanisad, 1.3.

ALGUNS PRECEITOS DA SANTA MÃE

Swami Paratparananda¹

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari em Inglês - Dezembro de 1962

A Santa Mãe não é uma personalidade desconhecida hoje; seu nome cruzou os limites geográficos da Índia e atravessou os oceanos. Sua personalidade já influenciou muitas vidas e continua a fazê-lo. Sua mensagem está se espalhando e derramando bênçãos e consolo em muitas almas ressecadas pelo ardente deserto deste mundo. Sua tarefa de salvar a humanidade começou, podemos dizer, ainda durante o período da vida de Sri Ramakrishna. Sri Ramakrishna pediu a ela que o ajudasse em sua missão de salvar a humanidade, que estava esquecida de sua verdadeira natureza e submergindo-se no atoleiro deste mundo. Após o falecimento do Mestre, a magnitude de seu trabalho aumentou e os limites de sua esfera de ação alargaram-se. A responsabilidade da reparação do mundo caiu sobre ela. E isto ela fez silenciosamente. Apesar de evitar toda publicidade e preferir o isolamento, não pode confinar-se totalmente por muito tempo. Quando seria possível esconder um fogo sob um arbusto? Quando seria possível restringir a doce brisa das montanhas de levar seu efeito tranquilizador para todos? No início as pessoas vinham a ela como em um gotejar, mas breve este fluxo aumentou em força e tornou-se uma corrente. Mesmo residindo em sua aldeia natal em Jayarambati, que não era facilmente acessível naquela época, ela não podia restringir a corrente de devotos. Lá também as pessoas iam até ela. Mais tarde em sua vida, ansiava por um pouco de descanso, porém isto não lhe foi concedido. Na doença e nas adversidades também, tinha que cumprir as exigências de seus discípulos. Esta extensa influência da Mãe atrai as pessoas para conhecer mais sobre sua personalidade. O intenso efeito de seus ensinamentos nos faz pensar em olhar, nos aprofundar e penetrar naquelas palavras de néctar.

Tomaremos alguns de seus preceitos e tentaremos compreender seu significado, à luz de sua vida; pois não há nenhum outro comentário mais claro em sua perspectiva e mais preciso em sua definição, sobre as palavras de um grande mestre espiritual, do que sua própria vida. Os preceitos são corroborados, substanciados e exemplificados em suas vidas. Esta é a principal diferença entre alguém que apenas dá palestras e

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna a Argentina em 1968.

um mestre: o que apenas dá palestras, mas nunca as pratica enquanto que o mestre pratica e fala da plenitude de seu coração, não por causa da palestra, mas por compaixão pelos aspirantes. Eles (os mestres) nunca fazem propaganda de sua grandeza. Agem como humildes servidores da humanidade apesar de ter o respeito de todos. Suas vidas os tornam grandes não apenas seus preceitos. Preceitos existem aos milhões, livros temos em abundância, instrutores em profusão, porém como uma chama que acende outra luz, assim é a vida que influencia, molda e transforma outra vida.

A Santa Mãe não deu palestras, não deu discursos. Mas o que chegou a nós como seus preceitos, tem sido uma coleção dos diários de discípulos, instruções dadas por ela a aqueles que eram buscadores genuínos, e terão um direto impacto na vida dos aspirantes visto que poderão se encontrar em idênticas posições. E ainda assim está embutido neles uma profundidade de pensamento que deslumbrará a imaginação do mais ferrenho intelectual.

Como Obter a Paz Mental

Vamos tomar primeiro sua última exortação. Ela disse, 'Se você quer paz mental, não procure as falhas dos outros. Em vez disso veja suas próprias falhas. Aprenda a fazer seu o mundo inteiro. Ninguém é um estranho, minha filha; este mundo inteiro é seu!' Quantas vezes não lemos isto! Quantas vezes não falamos disto aos outros! Mas compreendemos totalmente as implicações deste ensinamento? Nestas poucas palavras está um grande esboço que pode desfraldar as velas de nosso barco da vida, regular sua direção e ao final levar-nos em segurança ao porto do descanso. Esta exortação parece ser tão simples, mas tentemos colocá-la em prática, então compreenderemos como é difícil fazê-lo! É um trabalho para toda uma vida. Mais ainda, pode requerer várias vidas.

Agora, o que nos faz ver as falhas dos outros? Antes de tudo, o **ciúme**. A maioria das pessoas não pode suportar a afluência de outros. Não suportam ver alguém levantar sua cabeça e ombros acima deles mesmos em qualquer esfera da vida, seja na erudição, riqueza, atividade ou outras. Tentam derrubá-lo para seu nível e para fazer isto tentam furar as armaduras dos outros, espalhando até falsos rumores. O homem cede a qualquer meio para trazer o descrédito para um vizinho que está crescendo aos olhos das pessoas.

Em segundo lugar é a **vaidade** que nos impele a procurar as falhas dos outros. Temos tantas vaidades. Vaidade de saúde, riqueza, erudição, pureza, religiosidade, e um montão de outras. Alguém que possua qualquer uma destas possivelmente desprezará outra alma menos

afortunada. Ele precisa buscar uma falha [nos outros], senão como se elevará na estima das pessoas? Mas aquele que é realmente puro e piedoso nunca despreza ninguém. Apenas o vaidoso tenta crescer com as falhas de outros.

Em terceiro lugar o **ódio** e o **rancor** desempenham um grande papel em buscar as falhas nos outros, ódio por algo errado que foi feito ou imaginado que tenha sido feito e o desejo natural de vingança. Por fim existe o hábito de buscar as falhas que, se não eliminadas logo no início, crescerão como uma grande figueira da Índia, impossível de ser destruído em seguida. Portanto quando se buscar falhas e defeitos nos outros se deve compreender que existe um ou outro destes defeitos em si mesmo. A Mãe dizia: "Olhe suas próprias falhas". Ela queria dizer mais do que isso. No momento que nossa mente pensa no defeito de outra pessoa, deixamos nossa mente aberta para sua influência. Inconscientemente pensamos de forma constante sobre aquele assunto e a mente se obscurece com aquela ideia. Vamos ilustrar isso com uma parábola de Sri Ramakrishna: "Havia um Sannyasin, um homem santo, que se sentava sob uma árvore e ensinava as pessoas. Ele bebia leite e comia apenas frutas e praticava 'pranayamas'² todo o tempo e se considerava muito santo. No mesmo vilarejo morava uma mulher impura. Todos os dias o Sannyasin ia até ela e a repreendia dizendo que seus maus hábitos a levariam ao inferno. A mulher incapaz de mudar seu método de vida que era seu único meio de sobrevivência, ficava muito impressionada e comovida pelo horrível futuro mostrado pelo Sannyasin. Ela chorava e orava ao Senhor, implorando a Ele que a perdoasse, pois ela mesma era incapaz de mudar. O tempo passou e tanto ela quanto o Sannyasin morreram. Os anjos vieram e a carregaram ao céu enquanto que os demônios buscaram a alma do Sannyasin. 'O que é isso?', ele exclamou, 'Eu não vivi a mais santa das vidas e ensinei a santidade a todos? Por que eu deveria ser levado ao inferno enquanto esta mulher má é levada ao céu? 'Porque', disseram os demônios, 'enquanto ela era forçada a cometer más ações, a mente dela estava sempre fixa no Senhor e ela buscou liberação, que agora chegou. Mas você, pelo contrário, enquanto executava apenas atos santos, tinha sua mente sempre fixa nas maldades dos outros. Você via apenas o pecado, e pensava apenas no pecado, portanto agora você terá que ir ao lugar onde só existe o pecado''³. Existe uma tendência hoje em dia de considerar estes contos e parábolas como sem seriedade e como meras histórias fantasiosas. Mas se nós assim o fizermos, sem compreender a intenção moral que elas contêm, faremos com grande risco ao nosso bem-estar espiritual.

Os psicólogos são da opinião que a maioria de nossas impressões são coloridas pelas impurezas de nossas próprias mentes. Em sua

2 Exercícios respiratórios (nota do Tradutor).

3 Complete Works of Swami Vivekananda, Vol. VIII, páginas 17-18.

linguagem, elas tendem a ser subjetivas. Em grande parte isto parece ser correto. Uma estória é contada de que uma vez Duryodhana decidiu encontrar um homem virtuoso; viajando por toda a terra conhecida naqueles tempos não conseguiu encontrar nenhum homem bom. Dharmaraja, por outro lado, buscou encontrar uma pessoa malvada, mas retornou muito desapontado. Aquele que é virtuoso vê a virtude em toda parte e aquele que é malvado vê a maldade em toda parte.

Há um ângulo psicológico também, em que podemos ver este ensinamento. Patanjali, o grande psicólogo Indiano, diz que yoga (o caminho da união com Deus) significa restringir todas as modificações da substância mental⁴. Em outras palavras significa estabilizar a mente como a chama de uma vela em um lugar sem vento, acalmar a mente como as águas de um lago imóvel. Todos os mestres concordam sobre este ponto: a menos que a mente seja acalmada não poderá haver uma visão clara da Realidade Última. O próprio fato de nosso nascimento implica que viemos esgotar alguns dos efeitos de nossas ações nas encarnações passadas. E estas ações sendo boas de alguma forma, nascemos como seres humanos. Portanto todos os esforços devem ser dirigidos a acalmar a mente e atingir a meta. Se, por outro lado, estivermos em todos os momentos conscientes, convulsionando nossas mentes pensando nos defeitos dos outros, quando a mente será controlada? Pelo contrário, aumentaremos as nossas más tendências e semearmos para o futuro um maior envolvimento neste mundo.

Há dois lados neste ensinamento: o proibitivo e o mandatório. “Ver nossas próprias falhas” leva-nos a corrigir-nos. Isto não deve ser interpretado que deveremos pensar constantemente sobre nossos pecados. A Santa Mãe e Sri Ramakrishna eram fortemente contrários a tal atitude negativa. Costumavam dizer que aquele que pensa constantemente que é um pecador, verdadeiramente torna-se um pecador. A atitude que eles encorajavam era: “Eu cometi muitos pecados, mas não os cometerei mais. Que o Senhor me ajude a aperfeiçoar-me”. Esta é uma abordagem positiva na vida.

Além disso, o perdão e a paciência têm mais valor do que todas as acusações. Os grandes seres sempre perdoaram mesmo os maiores pecadores. Jesus não hesitou em aceitar os cuidados amorosos de uma mulher caída que se arrependeu. Ele a abençoou e a absolveu de seus pecados⁵. Buddha não teve nenhum escrúpulo em se alimentar na casa de uma cortesã quando foi convidado com amor, adoração e fé. A vida da Santa Mãe também dá seu testemunho com vários incidentes. Uma vez em Dakshineswar, enquanto levava a comida a Sri Ramakrishna, uma mulher de caráter impuro, pediu a Santa Mãe para ter o privilégio de levar sua comida naquele dia. A Mãe, apesar de saber sobre o caráter da

4 Yoga Sutras, 1.2.

5 Cf. São Lucas 7.37-50.

senhora, entregou a ela o prato de comida. Mas, um pouco depois, indo ao quarto do Mestre, o encontrou sentado diante do prato incapaz de comer algo dele. A Mãe compreendeu a causa, mas apelou para que ele comece algo da comida naquele dia. Nisto Sri Ramakrishna pediu a Mãe que desse sua palavra de que não mandaria sua comida através de outra pessoa no futuro. Ela respondeu, “Não, eu não posso prometer isso, pois se alguém pede algo para mim, eu sinto que devo dar. Mas tentarei ao máximo no futuro trazer sua comida eu mesma”.

Numa outra vez Golap-Ma, uma senhora devota⁶, estava chamando a atenção de uma empregada. Quando a Santa Mãe perguntou a ela a razão disto, ela [Golap-Ma] disse aborrecida, ‘O que vai adiantar eu dizer a você, Mãe? Você não consegue ver os defeitos dos outros.’ E qual foi a resposta da Mãe? ‘Bem, Golap, não há escassez de pessoas que veem as falhas dos outros. O mundo não vai parar se eu for diferente’. Assim era a Santa Mãe. Qualquer um era seu próprio filho e como uma mãe, ela não podia ver os defeitos de seus filhos. Mais ainda, para uma mãe mesmo as falhas de seus filhos são seus ornamentos. E estes grandes seres podiam transmutar estas falhas em méritos. Swami Vivekananda em um hino a Sri Ramakrishna cantou, ‘Ó Senhor, dissipador da ilusão, Teu nome, puro e auspicioso, converte o pecado em pureza’. Isso foi mera poesia? Ele observou o Mestre intimamente por mais de cinco anos e viu por si mesmo muitas vidas sendo assim convertidas. Mais tarde, mesmo após o falecimento do Mestre, viu que o próprio nome do Mestre fazia este trabalho de conversão; maravilhado com este fenômeno ele então espontaneamente compôs este verso.

Uma questão agora pode ser colocada: como então as pessoas poderão saber de seus defeitos se os mesmos não forem mostrados a eles, visto que a maioria das pessoas está sob a impressão de que o que estão fazendo é correto? Esta questão pode ser respondida se duas condições forem satisfeitas. Antes de tudo devemos obter a luz para nós mesmos antes de levá-la aos outros, como Sri Ramakrishna costumava dizer. Em segundo lugar, devemos perguntar-nos se realmente, do fundo de nossos corações, desejamos o bem-estar do objeto da nossa crítica. Nós o amamos? Se a resposta for afirmativa para essas perguntas, somente então precisaremos ter o trabalho de apontar os defeitos dos outros. De outra forma, como já declarado, apenas aumentaremos nossa carga de karma, adicionaremos mais ao nosso fardo. Devemos anotar que a Santa Mãe não foi a única em estipular esta proibição [não ver as falhas dos outros]. Cristo disse: ‘Por que vês tu o cisco no olho de teu irmão e não reparas na trave que está no teu olho?’⁷. Swami Vivekananda foi categórico quando disse, ‘você não pode reformar pela condenação’. Sri Ramakrishna saudava mesmo as mulheres nas ruas como imagens da

6 Golap-Ma, foi uma discípula direta de Sri Ramakrishna e companheira constante da Santa Mãe (nota do tradutor).

7 São Lucas, 6.41.

Divina Mãe. Muitos destes exemplos encontraremos ao estudarmos as vidas de outros grandes mestres também.

Como então livrar-nos desta doença de procurar falhas nos outros? Remova as causas, diz o médico, e a doença desaparecerá. Todas estas causas, como o ciúme, raiva e vaidade devem ser eliminadas de nossas mentes. Estes maus pensamentos devem ser neutralizados somente cultivando os bons pensamentos opostos tais como amor, simpatia e humildade⁸, diz Patanjali. Quando o ciúme surgir na mente impeça-o com o amor, o que a Santa Mãe quis dizer com 'aprenda a fazer seu ao mundo inteiro'. Estas ideias de ciúme, raiva e outras estão lá porque pensamos em nós mesmos como separados uns dos outros. Sempre que houver dualidade surgirão as ideias de ver, etc.⁹, diz o Brhadaranyakopanisad. E em outro lugar o mesmo Upanisad diz, 'Enquanto vemos um segundo [uma segunda coisa] haverá medo'¹⁰. A menos que tentemos encontrar a unidade, 'aprenda a fazer seu ao mundo inteiro', estas diferenças estarão na mente. Existem dois modos de atingir a unidade ou nos unirmos. Primeiro é em reconhecer e sentir que somos uma grande família, da qual Deus é o pai. Em segundo lugar é realizar ou, pelo menos, estarmos convencidos firmemente de que somos faíscas da mesma divindade, ou melhor ainda, aceitar que é o Ser Divino apenas que se manifesta nas muitas formas. Todos os nossos Upanisads nos ajudam a alcançar tal convicção, tal conhecimento. O Katha Upanisad descreve: 'Como o único fogo entrando no mundo brilha em tantas formas, assim também este Um, o Espírito que mora em todos os seres, reside nos corações de todos e ainda assim está fora de todos eles'¹¹. É apenas Brahman que se tornou tudo. Quando este conhecimento é colocado em prática nós estamos 'aprendendo a fazer nosso ao mundo inteiro'. E quando alcançarmos a perfeição neste conhecimento, 'quando se vê todos os seres em si mesmo e vê a si mesmo em todos os seres, então não se sente aversão por nada'¹². Esse é o ponto máximo da realização espiritual e apenas isto nos trará a paz eterna. Esta é a meta e nesta realização apenas se cumprirá as palavras da Santa Mãe 'ninguém é estranho, meu filho, este mundo inteiro é seu'.

A Religião e as Aflições do Mundo

A Santa Mãe disse a um discípulo: 'Não é um fato que você não terá que enfrentar perigos. Dificuldades sempre vêm, mas não duram para sempre. Elas passam como a água sob uma ponte'. Esta é possivelmente uma resposta para o problema que o homem enfrenta. O

8 Yoga Sutras, 2.33.

9 2.4.14.

10 1.4.2.

11 5-9.

12 Isa Upanisad. 6.

enigma de como livrar-nos dos perigos e dificuldades: perigos tais como a velhice, a doença e a morte, dificuldades tais como pobreza, sofrimentos, etc.

O homem tenta todos os outros métodos para vencê-los e então pensa que Deus poderia ajudá-lo. Vemos um grande número de pessoas em templos, sinagogas e igrejas. Nem todos que vão a estes lugares querem ou buscam a Deus. A maioria deles quer de tudo, mas não a Deus. Alguns querem riqueza, outros querem a cura de suas doenças, e outros querem outras coisas. Muito poucos querem verdadeiramente a Deus apenas por Ele. Sri Krishna analisou muito habilmente estes tipos de devotos no Gita: 'Quatro tipos de pessoas Me adoram: o aflito, o buscador, aquele com desejos e o sábio. Todos estes são boas pessoas. Mas apenas o sábio verdadeiramente Me ama. Ele é Meu próprio ser'.¹³ Lembrar a Deus de qualquer modo é bom. Mas não se deve pensar que ao tornar-se religioso, por acreditar-se em Deus, todas as dificuldades serão removidas e será uma suave jornada e que levará uma vida feliz. De modo nenhum. Pois o que é a vida? É existência. E existência pode ser sentida apenas em um corpo. O corpo é algo material, uma combinação dos cinco elementos, espaço, ar, água, fogo e terra. Sendo uma combinação o corpo está sujeito às mudanças como crescimento, decadência e morte. Todas estas mudanças não são agradáveis. Além disso, as mesmas sensações podem ser agradáveis hoje e muito dolorosas amanhã. Tomemos alguns exemplos comuns: Em um dia quente um banho frio será muito bem-vindo, mas o mesmo banho frio em uma noite fria de inverno será muito indesejável. Um bom prato de comida, quando o corpo está em uma condição saudável é benéfico ao seu crescimento, mas quando o corpo encontrar-se doente o mesmo prato será como veneno. E assim também com todos os nossos gozos e sofrimentos. Eles têm origem e desaparecem e duram somente por uma pequena duração de tempo. Temos por isso que suportá-los, diz Sri Krishna¹⁴. Isto é o que a Santa Mãe reitera quando diz, 'eles não duram para sempre'. Isto vem provar que enquanto o corpo durar deve sofrer dor e prazer. São como a sombra do corpo. Portanto uma eterna vida feliz é uma contradição em termos como fogo frio ou gelo quente. Pode ser uma imagem maravilhosa em um conto de fadas, mas na degradada realidade isto não tem lugar. Este fato a Santa Mãe quer que conheçamos completa e corretamente.

Qual é então a utilidade de seguir a religião se ela não é capaz de nos levar através do oceano do sofrimento? A resposta é que a religião não pode dar a você qualquer alívio temporário. Para isso existem outros métodos, na doença existem os remédios que curam, na pobreza há o homem caridoso para ajudar. Deve-se seguir a religião quando se busca o término de todos os sofrimentos do mundo. Ele [o buscador] não espera

13 Gita, 7.16 & 7.18.

14 Gita 2.14.

que ao seguir a religião será liberado de todos os desconfortos do corpo. Para ele o corpo permanece apenas como o instrumento para cruzar para a outra margem deste samsara¹⁵. Ele chega a conhecer seu próprio Ser, o Atman, e assim como a ponte, deixa que os sofrimentos e os prazeres passem por debaixo dele, mas sem que isto o derrube. Sri Ramakrishna cita os irmãos Pandava como exemplares de verdadeiros aspirantes espirituais permanecendo impassíveis e sem desanimar, a despeito de todas as calamidades. Ele descreve, 'Eles não perderam sua Divina consciência nem mesmo uma vez. Onde você achará homens como eles, providos de tanto conhecimento e devoção?' A Santa Mãe também insiste em chamar a atenção para o fato de que a religião não é o portal para os gozos físicos nem é o ópio dos intelectuais; é necessário trabalho duro, mas o fruto é verdadeiro e sólido como nenhum outro.

Nada externamente muda em um homem santo, ele parece sofrer das doenças corpóreas como qualquer pessoa comum, mas com a diferença de que este último se aflige pelo corpo e seus sofrimentos, enquanto que o homem santo é indiferente a eles. Além disso, o homem santo não teme a morte. Para ele, mesmo a mais terrível calamidade é uma mensageira do Bem-amado. Ramaprasad, um grande poeta devoto de Bengala, realizando Deus como a Divina Mãe cantou:

*'Eu entreguei minha alma aos destemidos
Pés da Mãe,
Ainda irei ter medo da Morte?'*

E na última linha da mesma canção ele diz, '*Preparado estou repetindo "Glória a Durga" para a última jornada da vida*'. Realizando a Deus se vai além da dor e do prazer que em realidade são apenas do corpo; a consciência do corpo é superada.

Realização de Deus, a Meta da Vida

'Realizar a Deus e permanecer imerso em Sua contemplação é a meta da vida humana', disse a Santa Mãe quando perguntada sobre qual era a meta da vida. Para muitos Deus é uma entidade desconhecida, enquanto o mundo é muito tangível, muito real. A mente é atraída a este mundo facilmente e de forma natural. Como dirigir esta mente do mundo conhecido para Deus que é desconhecido? E por que devemos fazê-lo? Porque conhecendo o mundo nós permanecemos no mundo, porém conhecendo a Deus, realizando-O deixaremos para trás este mundo. Além disso, o mundo conhecido é enganador e destrutivo. Observe ao

¹⁵ A vida neste mundo material (nota do tradutor).

mundo, o menino de hoje se torna o jovem de amanhã e que lindas ideias da vida ele cria com sua ardente imaginação juvenil! Tudo é brilhante e tudo é glorioso diante dele. Ele estende ambas as mãos para alcançar estas coisas encantadoras. Mas antes que perceba, antes de saciar-se, antes de satisfazer suas ambições, sua juventude passa, a caída do sol da juventude já atingiu sua vida. Logo a escuridão da decrepitude e a velhice o atingirão. Ele clama por luz, mas de onde a conseguirá? Ele extraviou-se do caminho da luz e preferiu a escuridão. Breve ouvirá a áspera gargalhada da morte se aproximando. Com isso o homem treme como uma folha ao vento. Ele pensa: Isso é tudo? O que ganhei? Isto é o fim de todos os meus planos? Para onde foram todos aqueles que considerava como meus? Aqui eles estavam até agora. Sim, a vida passa como um piscar de olhos; o período da vida do homem comparado com o tempo infinito é como uma gota no oceano. Tudo que o homem considera como seu deve deixar para trás ao chamado da morte. Com sucesso o mundo assim encanta, ilude, engana e destrói o homem. Nachiketa, apesar de ser apenas um menino, viu através do jogo deste mundo e não seria capturado em sua rede. Portanto, corajosamente ele disse a Yama, 'Ó senhor da morte, estas coisas que me ofereces, como donzelas divinas, carruagens, vida longa e riqueza são de valor questionável. Além disso, elas esgotam a energia dos sentidos. Mesmo a mais longa vida que você pode oferecer não é nada comparada com a eternidade do tempo. Portanto fique com estas coisas para você'¹⁶. Nachiketa depois acrescenta, 'Diga-me o que acontece ao homem após a morte - o assunto sobre o qual há muita controvérsia, mas que é imperativo conhecer. Fora este conhecimento secreto, Nachiketa não deseja nada mais'¹⁷. Aqui está o discernimento que a Santa Mãe pedia aos seus discípulos que praticassem para que pudessem realizar a Deus.

Japa e Concentração Mental

Uma vez uma atendente estava lendo para a Santa Mãe algumas das cartas escritas pelos discípulos. Muitas continham queixas de que eles não conseguiam concentrar a mente. Após algum tempo ela disse em um tom enérgico, 'A mente será controlada ao repetir-se o Nome de Deus quinze ou vinte mil vezes por dia. Isto é verdadeiro. Eu mesma experimentei isso. Que eles pratiquem primeiro; se fracassarem que se queixem. Deve-se praticar Japa com alguma devoção, mas isto não é feito. Eles não fazem nada, apenas se queixam, dizendo, 'Por que não tenho sucesso?'' Muitos dos buscadores religiosos abandonam a religião e se tornam agnósticos quando descobrem que um pequeno esforço não os ajuda a realizar a Deus. A Realização está a uma grande distância, mas se

16 Kathopanisad, 1.26.

17 Kathopanisad, 1.29.

nós conseguirmos apenas um pouco de gosto real pelo Nome de Deus, seremos abençoados. Mas também é verdade que o amanhecer do dia da visão de Deus não estará longe quando o homem tiver cultivado um intenso amor por Deus. Mesmo para conseguir este gosto, a concentração mental é obrigatória. E não há nenhum outro modo para chegar a isto além da intensa prática. As palavras da Santa Mãe a este respeito soam com a voz de autoridade, pois ela mesma passou quase toda sua vida em regulares e contínuas práticas espirituais. A vida religiosa, portanto, não é um escapismo como citado em alguns lugares, nem indicada para os fracos. Nisto se lembra de outra exortação da Santa Mãe, 'A juventude é a época em que deve fazer intensos esforços para a realização de Deus!' O chamado chega a nós como aqueles dos antigos Rishis¹⁸. Prestemos atenção a esta voz e façamos nossas vidas nobres.



18 Sábios dos tempos védicos da Índia (nota do tradutor).